



**Não faça acordos com o Dragão**



**ROBERT N. CHARRETTE**

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*E a Fuga Parecia uma Corrida de Montanha Russa Quando o piloto fez uma série de manobras com o avião, a fim de evitar que seus perseguidores abrissem fogo, Hanae grudou-se a ele. Ele sentiu o tremor dela e percebeu que ela suava frio. Ela o apertou com mais força. Ele olhou para baixo para ver aonde ela dirigia o olhar perdido na escuridão.*

*- O que é isso?*

*- Não sei - ela respondeu. - Acho que vi... Lá! Está lá de novo.*

*A princípio ele viu apenas escuridão e as luzes do metro-plexo. Depois, Sam viu a criatura lançar um curto vômito de chama. A luz traseira refletiu-se no animal, colocando em relevo seu focinho escamoso e o dente de marfim afiado como um punhal. Sam já não podia mais negar - havia um dragão nos céus de Seattle.*

A Paul, pelo companheirismo no longo e tumultuado caminho de Hawkmoon ao Sexto Mundo.

Explorando Novos Reinos da Ficção Científica/Aventura de Fantasia Shadowrun

**Volume 1: Não Faça Acordos com o Dragão** - Robert N. Charrette  
- No ano 2050, o poder da magia voltou à terra. Elfos, Magos e Dragões letais encontram espaço onde a tecnologia e a carne humana fundiram-se em predadores urbanos mortais.

**Volume 2: Escolha seus Inimigos com Cuidado** - Robert N. Charrette - Quando Sam procura a irmã, percebe que somente quando ele aceitar seu destino como xamã poderá ter o poder de que precisa para o que espera por ele no confronto final...

**Volume 3: Encontre sua Própria Verdade** - Robert N. Charrette - Inconscientemente, um jovem xamã libera o mal há muito aprisionado no reino da magia.

Agradecimentos Como sempre, os primeiros agradecimentos vão para Liz, pelo esforço permanente além e acima de tudo. Agradecimentos adicionais aos engravatados e à polícia estética da FASA, pelo rotineiro trabalho de criar e solucionar problemas. Todos nós sobrevivemos a ela mais uma vez. Obrigado também a Nix Smith pelo empréstimo de Castellano. E, é claro, obrigado ao grupo original de shadowrunning, sem o qual, etc, etc.

# Segredos do Poder

## Volume I



NÃO FAÇA ACORDOS  
COM O DRAGÃO

Robert N. Charrette

Tradução de Luiz Orlando Lemos

Do original em inglês: Never deal with a dragon Copyright C FASA, 1990 [ISBN original: 0-451-45078-7]

© 1995, Ediouro S.A.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Capa Original (Esse ebook conta com uma capa exclusiva): Tira Linhas Studio Revisão Técnica: Luiz Antônio Mendonça Copidesque: Luis Felipe de Lima Revisão Tipográfica: Andréa Campos Bivar CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Charrette, Robert N. C435s Shadowrun: não faça acordos com o dragão/Robert N. Charrette; tradução Luiz Orlando Lemos. - Rio de Janeiro; Ediouro, 1995.

(Segredos do poder, 1)

Tradução de: Never deal with a dragon ISBN 85-00-92550-7 1. Literatura juvenil. I. Lemos, Luiz Orlando II. Título. III. Título: Não faça acordos com o dragão. IV. Série.

CDD-028.5 808.899282 CDU-087.5 95-0969 82-93 Ediouro S.A.

# PRÓLOGO

## A caminho das sombras

2050

O suave ruído da onda lentamente dissolveu-se no murmúrio de vozes e no som pesado do sistema de ar condicionado. O forte cheiro de sal transformou-se num desagradável odor de desinfetante. A volta ao mundo desperto trouxe consigo a consciência da dor no crânio de Sam. Seu cérebro sentia-se lotado, forçando-se contra seus limites como um balão cheio de gás sob a água.

As vozes calaram-se quando ele deu um gemido. Quem quer que estivesse lá fora no mundo além de suas pálpebras fechadas pareceu aguardar outro sinal, alguma indicação de que ele realmente estava acordado. Mas Sam não estava pronto ainda para se adaptar. A luz era muito dolorosa através da fina pele que recobria suas pupilas. Ele não sentia o menor desejo de abrir os olhos.

- Verner-san - disse uma voz. O tom era de chamado, mas nele havia um toque de comando.

Ele se esforçou para abrir os olhos, mas fechou-os novamente quando a luz fluorescente chegou a seu cérebro. Seu tremor e seus gemidos involuntários provocaram uma resposta imediata de um de seus visitantes. As luzes foram reduzidas, encorajando Sam a se aventurar numa segunda tentativa. Com os olhos semicerrados, ele observou os quatro visitantes.

De pé junto à porta, a mão ainda no comutador de luz, estava uma mulher com trajas brancos. A médica de Sam. Seu bondoso sorriso não deixou dúvidas de que estava satisfeita com o trabalho executado. As outras três pessoas na sala eram homens. Dois deles Sam reconheceu de imediato. O terceiro era aparentemente um guarda-costas.

Sentado ao lado de sua cama estava a impressionante figura de Inazo Aneki, chefe do expansionista império empresarial Renraku. A presença do velho homem foi tão surpreendente para Sam quanto a óbvia preocupação em seu rosto vincado. Sam não passava de um simples funcionário não categorizado da Renraku e ainda teria de dar alguma contribuição significativa à empresa. Sua operação de implante não fora uma coisa fora do comum pelos padrões do século vinte e um. Era verdade que o diretor apoiara a entrada de Sam na empresa, e alguns diziam que ele via Sam com alguma benevolência. Contudo, o velho homem e seu suposto protegido jamais tiveram um contato pessoal desde o breve encontro de apresentação.

Nada mais surpreendente do que encontrar Aneki-sama ali na sala de recuperação. De pé atrás de Aneki estava Hohiro Sato, vice-presidente de operações e atual assistente executivo do diretor. De certo modo, a presença do esmerado Sato era até mais surpreendente. O dirigente de rosto magro tinha reputação de indiferença aos problemas de qualquer subordinado, a menos que afetassem os lucros da empresa. Nos seus raros encontros com Sato, Sam sempre saía impressionado com a maneira-distante e a delicadeza superficial do homem.

Por que estavam todos ali?

- Estamos satisfeitos em vê-lo acordado, Verner-san -Sato disse, de modo firme. Desmentindo as palavras, seus olhos de íris douradas penetravam em Sam com o desprezo pelos não-japoneses que Sato raramente demonstrava diante de seus superiores. Se sua voz tinha qualquer tipo de emoção, certamente não era de prazer. Sato obviamente não estava ao lado da cama de Sam por vontade própria. Estava ali, como forçava o protocolo, no papel de intermediário de Aneki com alguém de uma posição social inferior.

- Esperamos com ansiedade seu retorno ao mundo desperto.

- Domo arigato. - A voz seca de Sam arranhou o agradecimento formal. Sua tentativa de levantar-se e de curvar-se foi cortada por uma negativa da doutora com a cabeça e por Aneki, que levantou a mão para deter o gesto do outro.

- Não mereço toda esta atenção dos senhores.

- Aneki-sama é o melhor juiz disto, Vemer-san. A doutora garantiu a ele que seu implante da conexão de dados se deu sem problemas e que foi um êxito, mas ele deseja ver com seus próprios olhos.

À menção da nova adição, Sam esticou a mão para tocar os curativos. Sua cabeça não registrou o toque, mas seus dedos puderam sentir um volume duro em sua têmpora direita. Ele sabia, pela entrevista pré-operatória, o que era aquilo: uma conexão de aço-cromo projetada para aceitar uma tomada-padrão de interface de computador. A colocação da conexão teve por objetivo aumentar sua eficiência na manipulação de arquivos de computador e no acessamento de dados. Sam teria preferido continuar operando através do teclado de um terminal, mas a empresa determinara que a operação fosse feita em alguém no posto e na posição em que ele se encontrava.

- Acho que logo estarei pronto para voltar ao trabalho -ele murmurou.

- Uma semana ou mais de repouso seria recomendável, Verner-san - disse a médica, de modo gentil. - A princípio, familiarização com intensidade limitada.

- Sábio conselho - cortou Sato. - A Renraku investiu muito para permitir um retorno ao trabalho fora de hora. Mas tudo dará certo. Você teria pouco tempo para reassumir suas pesquisas com os detalhes relativos à sua mudança.

Mudança? Sam não entendeu aquilo. Ele não pensava em mudar-se.

Ignorando o olhar interrogativo de Sam, Sato não perdia tempo. - Talvez seja uma lástima que você não possa voltar ao trabalho imediatamente, mas o tempo é perfeito. Sua transferência para o projeto da arqui-sede em Seattle...

- Transferência?

O rosto de Sato irritou-se momentaneamente com a interrupção de Sam.

- Sim, é verdade. Quero me apressar em lhe afirmar que Aneki-sama não deseja que isto pareça um rebaixamento. Ele continua a tê-lo na mais

elevada estima. Contudo, ele acredita que seu talento específico servirá melhor à empresa em Seattle.

"A empresa tomou a liberdade de transferir seu contrato de aluguel do apartamento. Todos os seus pertences, menos aqueles de que você precisará para o restante de sua permanência no hospital e para a viagem, foram empacotados para embarque." Sato assentiu como se estivesse sendo lembrado das coisas por uma secretária. "E seu cachorro já começou a viagem. Parecia em excelente estado de saúde e deve passar sem problemas pelos canis de quarentena locais."

"Como prova do pesar de Aneki-sama pela transferência súbita, a Renraku Corporation vai absorver todas as despesas de viagem e de instalação. Suas passagens para o vôo suborbi-tal da JSA para a América do Norte estão à sua espera com seus objetos pessoais. Você parte assim que a doutora atestar que está suficientemente recuperado."

Sam estava aturdido. Como pôde acontecer isto? Quando ele entrou no hospital dois dias atrás, era uma estrela ascendente na equipe de operações da Renraku Central. E aqueles boatos de que Aneki era o protetor da carreira de Sam? Ele parecia se sentir garantido de que grandes coisas lhe aconteceriam dentro da companhia. Agora, o estavam enviando para a operação da empresa na América do Norte. Mesmo sendo a transferência para o relativamente prestigiado projeto da arqui-sede, ele estava sendo afastado do escritório central, o coração da empresa, longe de Tóquio, local de sua escolha. Estava claro que ele caíra....não, fora chutado... da rodovia principal. O que ete fizera?

Teria ofendido Aneki-sama? Um olhar dissimulado no rosto do diretor demonstrava apenas simpatia e preocupação.

Teria se confrontado com um rival ou ofendido um superior? Numa rápida revisão mental de suas recentes atividades e projetos, ele descartou esta possibilidade. Ele fora cortês com todos, geralmente além do que era esperado. Este era seu modo de tentar compensar o fato de não ser um japonês nativo. Em todo o tempo em que estivera no Japão, Sam jamais encontrara qualquer coisa além da costumeira desconfiança e antipatia que os nativos dispensavam a qualquer um que não fosse japonês. Com toda a certeza seu comportamento não estava errado.

Nem seu trabalho poderia ter dado motivo para o que Sam só podia encarar como um rebaixamento, apesar da negativa de Sato. Ele normalmente trabalhava horas a fio, completando suas atribuições com perfeição e no tempo certo.

Então o que ele fizera?

Ele buscou um indício no rosto de Sato. Se a expressão do homem sugeria alguma coisa era impaciência e enfado. Sam suspeitou de que Sato não tinha qualquer interesse pessoal em Samuel Verner e devia considerar esta visita uma interrupção em outro assunto importante.

- Talvez o diretor... - Sam começou de modo hesitante. - Se ele tivesse a gentileza de me dizer que erro eu cometi, eu poderia corrigi-lo.

- Seu pedido é impertinente.

Aneki parecia visivelmente pouco à vontade. Então, levantou-se antes que Sam ou Sato pudessem dizer mais alguma coisa. Ele esboçou uma inclinação para Sam e dirigiu-se para a porta, sem dar atenção ao meneio de cabeça de Sam em resposta ao cumprimento, o máximo que ele conseguia fazer deitado naquela cama, e também ao meneio formal da médica.

- Aproveite seu descanso - disse Sato ao seguir o guarda-costas em direção à porta. Ele também ignorou a doutora. Quando o vice-presidente chegou à porta, parou e voltou-se rapidamente para Sam.

- Pêssimas por sua recente perda.

- Perda? - Sam estava mais confuso do que nunca.

- O lamentável incidente com sua irmã, é claro. - A expressão de Sato era da mais fingida inocência.

- Janice? O que aconteceu com a minha irmã?

Sato voltou-se sem dizer outra palavra, mas não antes de Sam perceber o sorriso perverso que iluminava o rosto do homem, quando ele pensou que ninguém poderia então vê-lo. Quando Sato se enfiou pelo corredor, as perguntas repetidas de Sam ecoaram em vão atrás dele.

Sam tentou levantar-se, tencionando segui-lo e obter uma resposta, mas uma onda de tonteira o atingiu no instante em que colocou o pé no chão. Com a cabeça girando, ele caiu nos braços da médica. Lutando com o

peso dele, a mulher o colocou de volta na cama e insistiu para que ficasse quieto. Sam deixou que ela arrumasse a roupa de cama antes de segurá-la pelo braço.

A doutora foi severa com a imprudência dele.

- Você está esgotado, Verner-san. Precisa descansar tranquilamente ou colocará em risco as delicadas conexões de seus circuitos neurais.

- Danem-se os circuitos! Quero saber o que está acontecendo.

- Impertinência e coerção física não são métodos recomendados para uma indagação polida.

Sam sabia que ela estava com a razão, mas ele se preocupava com a irmã. Ela era tudo que lhe restara desde que seus pais e irmãos tinham morrido na terrível noite de julho de 2039.

Ele abriu as mãos e as abaixou lentamente. Tremia em consequência do esforço para se controlar.

- Por favor, desculpe meu comportamento inadequado.

A médica massageou seu próprio braço por um instante e alisou a manga de sua imaculada roupa branca.

- Estados emocionais fortes podem gerar comportamento descontrolado, Verner-saw. Um comportamento assim perto das pessoas erradas ou na hora errada pode ser desastroso. Compreende isto?

- Sim, doutora. Eu entendo.

- Muito bem. Você tinha uma pergunta.

- A senhora me faria esta gentileza? - ele aguardou o gesto afirmativo dela. - Doutora, a senhora faz alguma idéia do que Sato-sama quis dizer sobre minha irmã?

- Lamentavelmente, sim.

Ela pareceu relutante em continuar, mas Sam tinha de saber. Apesar de ser algo ruim.

- Conte-me, doutora - ele a encorajava. - Por favor. A médica lhe dirigiu um longo, firme olhar.

- Há dois dias sua irmã começou o kowaru. Achamos melhor não informá-lo antes da operação.

- Meu Deus, não.

Todo o horror da informação estampou-se no rosto de Sam. - Kowaru... a Mutação, como os japoneses tão polidamente a chamavam. Metamorfose era a palavra que os demais usavam para o processo que distorcia e reestruturava os órgãos e ossos de uma pessoa normal, transformando-a numa das subespécies metaumanas, conhecidas como orks e trolls.  s vezes, a infelizmente vítima era envolvida em algo pior ainda.

- Como pôde acontecer? Ela tem dezessete anos. Se ela fosse mudar, isto teria acontecido antes. Ela estava segura.

- Voc e   um especialista em kowaru, Vemer-san? Talvez devesse ajudar os cientistas do Instituto Imperial de Pesquisa -o rosto da médica estava fechado. - Nossos melhores pesquisadores ainda não dominam o mistério do kowaru.

- Isto já acontece há trinta anos - Sam protestou.

- Nem tanto. Mas têm sido décadas de frustra o para aqueles que buscam a cura. Sabemos muito pouco até agora.

- Quando o caso da muta o somática apareceu pela primeira vez, afetou cerca de dez por cento da popula o mundial, mas no meio daquele caos poucos tiveram oportunidade de estudar o fen meno. Agora podemos fazer observa es, mas já que o kowaru tomou-se menos comum, temos menos oportunidade de estudá-lo.

- Aprendemos um pouco com cada caso estudado, mas ainda tateamos no limbo da ignorância. Há muitas varia es. O máximo que podemos fazer   identificar os que podem mudar. E mesmo assim depois de demorados testes genéticos.

- Testes aos quais Janice e eu nunca fomos submetidos.

- Mesmo se voc es tivessem se submetido, os resultados não são completamente confiáveis. Famílias de passado comum ainda produzem crianças que podem sofrer o kowaru.

- Então não há esperança.

- Ainda estamos estudando as mudanças biológicas nas novas estranhas raças de homens que o kawaru lançou no mundo. Sua reprodução e a continuada ocorrência da mutação continuam sendo um quebra-cabeças para nossos melhores cérebros. Como é que alguns dos Transformados se reproduzem fielmente, perpetuando quaisquer formas que tenham assumido, enquanto outros produzem crianças que são seres humanos perfeitamente normais? Outros ainda tiveram filhos que parecem seres humanos normais mas que sofreram o kawaru mais tarde na vida, quando se metamorfosearam em algo diferente. Mesmo o melhor teste genético não pode prever quem será afetado ou no que vai se transformar.

- Deve ser magia, então - sussurrou Sam.

Uma das mais remotas lembranças de Sam era a do rosto de um homem surgindo no tríduo da família para falar, com convicção e emoção, sobre um novo mundo, um mundo despertado. O homem disse que a magia e os seres mágicos tinham despertado novamente no mundo para desafiar a tecnologia - não pela supremacia, mas pela própria sobrevivência da Terra. O homem pediu que as pessoas abandonassem sua tecnologia e voltassem à terra e vivessem com simplicidade.

Mas o pai de Sam jamais aceitara o modo como a chegada da magia mudara o ordenado mundo científico além de qualquer coisa reconhecível. Ele educara seu filho do modo tradicional, evitando qualquer contato com o mundo Transformado. Mesmo em suas idas aos zôos, a família evitara as exposições de paranormais que mostravam grifos, fênixes e outras criaturas que eram tidas apenas como mitológicas.

- Magia? - zombou a médica numa perfeita imitação do tom do pai dele. - Pode de fato haver magia solta no mundo, mas somente algum tolo com a mente fraca acredita nisto como a explicação de qualquer mistério. Os registros de sua empresa indicam que você não é um simplório que acredita que palavras mágicas tenham poderes e que as energias místicas possam conseguir tudo. Os chamados magos que infestam nossas estruturas empresariais têm seus limites. Podem manipular energias de um modo que parece contrariar as leis físicas que aprendemos no século passado, mas suas supostas bruxarias devem ter limites e serão compreendidas algum dia.

- O progresso foi lento. Perdemos muitos dados valiosos quando as instalações de pesquisa foram destruídas no caos que se seguiu à primeira

explosão maciça de karwaru. Como cientistas dedicados podiam lidar com o sobrenatural e o inesperado, quando toda a ordem em torno deles estava sucumbindo, sendo devorada em ódio, medo e nojo que envolveram o mundo enquanto homens, mulheres e até crianças se deformavam?

- Aqueles dias de caos ficaram para trás agora. No tempo certo entenderemos o kawaru, talvez possamos mesmo evitá-lo ou revertê-lo. Mas agiremos cientificamente. O efêmero da magia não oferece qualquer esperança.

A médica estava manifestando crenças que Sam escutara a vida toda, mas as palavras tinham um tom vazio. Ele se sentia vazio, sacudido pelo desespero do que acontecera com sua irmã. Seu pai tentara proteger a família contra o golpe da Metamorfose, mas agora ela se abatera sobre eles com uma violência que desestruturou as suas vidas. Qualquer que fosse a força que movia a duendificação, isto levara sua própria irmã. Como fora possível? Sam lutava para abafar um grito de angústia.

- Como ela está, doutora? Ela ficará bem?

A médica tocou no ombro dele, num gesto de simpatia. - É difícil ter certeza, Vemer-san. Ela está passando por uma Metamorfose demorada. Os sinais vitais dela estão fortes, mas o processo ainda parece longe de acabar.

- Quero vê-la.

- Não seria aconselhável. Ela está em coma e não se sentiria bem com sua presença.

- Não me importo. Mesmo assim quero vê-la.

- Não depende de mim, Vemer-san. O Conselho Genético Imperial permite que apenas a equipe médica de atendimento entre na enfermaria de Kawaru. Seria perigoso se um paciente de repente completasse a Metamorfose e ficasse louco.

- Mas a senhora poderia me fazer entrar escondido, não? - ele pediu.  
- Eu poderia usar uma roupa de enfermeiro... fingir que sou estudante de Medicina.

- Talvez. Mas, se descobrissem, seria um desastre. Para você. Para mim. Até para a sua irmã. É quase certo que significaria a revogação do fundo de relocação dela, se ela sobreviver. A integração dela com a nova

vida já será muito difícil. E você com toda a certeza perderia qualquer posição que conquistou em sua empresa.

- Não me importo comigo. Ela vai precisar de mim.

- Ela vai precisar que você trabalhe e traga um salário. Você a ajuda mais obedecendo aos seus superiores. Não há coisa alguma que possa fazer aqui no hospital.

- A senhora não entende...

- Não, Vemer-iart, você está errado - a médica sacudiu a cabeça lentamente, seus olhos, dois pontos de tristeza. - Eu compreendo muito bem.

A imagem da médica oscilou diante dele enquanto ela falava. Por um instante Sam pensou que fossem lágrimas por sua irmã que dificultassem sua visão, mas percebeu que a médica devia ter mexido na cama para injetar-lhe um tranquilizante.

Seu primeiro sonho do oceano voltou, e ele foi puxado por uma corrente irresistível para uma escuridão bocejante, onde sorridentes trolls e duendes chegavam-se até ele. Lutando como podia contra aquilo, ele continuava simplesmente a descer cada vez mais. Uma nova fadiga subiu por seus membros e fluiu até seu cérebro. A visão de monstros desaparecera quando ele acordou deixando apenas um círculo brilhante de dor a apertar suas têmporas. Depois, aquilo também desapareceu engolido pelo esquecimento.

A escuridão cobriu a terra por algumas horas, quando o elfo saiu sob o céu para se aliviar. A floresta estava cheia de sons suaves, sua vida imperturbável pela presença do elfo solitário. Uma leve brisa serpenteava por entre os grandes troncos escuros das árvores, sacudindo suas folhas num suave murmúrio. A mesma corrente de ar brincava com os fios de seu cabelo branco e acariciava sua pele, fazendo o elfo sorrir com prazer.

Embora ele não chamasse esta floresta de sua casa, como faziam muitos de sua espécie, ele sempre sentia seu poderoso atrativo. Havia grande paz entre os vultos gigantes de madeira, paz até entre os jogos noturnos de sobrevivência que se desenrolavam em volta dele. Às vezes ele desejava mesmo permanecer aqui, mas não era sempre que isto acontecia. Seu trabalho era importante e era algo que dificilmente poderia fazer aqui.

O elfo olhou para o céu, deleitando-se com a infinidade de estrelas que apareciam entre as nuvens para enviar sua luminosidade sobre ele. Eram tantas, brilhando no frio do espaço com promessas atormentantes com seu tesouro de sabedoria universal. Um dia, prometeu a elas, chegaremos até vocês.

Um leve movimento chamou a atenção do elfo. Uma estrela cadente, pensou ele. Mudando o alvo de sua atenção, o elfo viu que não fora uma estrela cadente, mas um avião movendo-se no céu, mais rápido do que os próprios objetos celestiais. Tempo em movimento.

Tempo.

O pensamento quebrou seu transe de comunhão e o trouxe de volta ao mundo real, onde os segundos passavam inexoravelmente, fazendo correr a vida da floresta. Uma rápida verificação da posição das estrelas disse que os outros já estariam quase no lugar, à sua espera. Ele voltou ao seu refugio e ajoelhou-se junto à pequena e baixa mesa.

O elfo colocou o plugue de aço cirúrgico na conexão existente em sua cabeça e seus dedos passearam sobre o teclado de seu cyberdeck Fuchi, lançando-o na Matriz. Sua visão mudou-se para aquele fascinante mundo eletrônico de espaço análogo, onde as funções cibernéticas assumiram uma realidade quase palpável. Ele percorreu os caminhos de elétron do espaço virtual até a ligação com o satélite e de volta à teia regional de telecomunicações de Seattle. Em segundos, estava a caminho do encontro com seus companheiros dentro da aqui-sede da Renraku.

As luzes do aeroporto internacional de Seattle-Tacoma desapareceram atrás do avião, para aparecerem depois diante dele. O aparelho estava fazendo círculos. Sam imaginava por quê, mas desligou-se de suas preocupações, certo de que a piloto informaria aos passageiros sobre qualquer problema. Sua própria vida parecia estar girando, trazendo-o de volta ao país que ele deixara voluntariamente para estudar na Universidade de Tóquio. Ele rodava e rodava, querendo pegar a própria cauda, mas não chegando a parte alguma.

Três horas atrás ele recebera a última de uma série de negativas ao longo da semana em suas tentativas de saber qual o estado de saúde de sua irmã. Eles não lhe diriam nem exatamente onde ela estava sendo tratada.

Ele perdera a paciência quando seus acompanhantes da Renraku começaram a afastá-lo do telecomunicador e a empurrá-lo pelo corredor em direção ao avião espacial da JSA que estava à espera. Foi apenas o medo de que, uma vez longe do Japão, ele perdesse todo o contato com Janice, que permitiu que ele desse vazão à sua raiva. Seus acompanhantes, membros da famosa força de segurança Samurais Vermelhos, não se abalaram com sua agitação e o depositaram no avião.

Duas horas depois, Sam estava em terra, no seu destino, sendo saudado por uma funcionária da Renraku com casaco de couro sintético franjado, boné de piloto meio tombado e botas pontudas de lantejoulas. A roupa não era menos chocante do que o modo familiar de falar da mulher e suas piadas grosseiras. Primeiro ela encaminhou Sam para a burocracia de checagem da alfândega e da segurança de Seattle, e depois o levou a um comutador boeing federado com o logotipo da Renraku gravado. A mulher lhe garantiu que o avião de asas inclináveis os levaria à arqui-sede da forma mais rápida. Quando Sam entrou e sentou-se na luxuosa cabine de passageiros, sua acompanhante desapareceu pela porta dianteira da cabine. Pouco depois, o avião levantou do chão. A decolagem foi acompanhada pelo comentário da comandante sobre pequenos problemas no procedimento do controle inferior.

Sam decidiu pela vigésima - ou era a quadragésima? -vez que havia pouca coisa que pudesse fazer no momento. Para distrair-se, voltou sua atenção para os demais passageiros, todos com destino à arqui-sede da Renraku.

Sentada no bar estava Alice Crenshaw. Ela sentara perto dele na viagem do Japão, mas falara pouco, o que foi muito bom para o estado de espírito de Sam. O que Crenshaw disse foi que ela também estava sendo transferida para o projeto da arqui-sede. E estava igualmente infeliz com isto, insultando a comissária de bordo que polidamente lhe perguntara o motivo da transferência.

Crenshaw entrara no comutador pouco depois de Sam, sem dizer qualquer coisa aos demais que já se encontravam no avião de transferência

do tipo aeronave de pouso e decolagem vertical (APDV), e desprezando a tentativa amistosa deles de puxar conversa. Em vez disto, ela se ocupou quase que imediatamente com um copo de uísque com água.

Conversando calmamente num largo sofá estava um casal que se apresentara a Sam como Jiro e Betty Tanaka. Ele era nissei, segunda geração de japoneses nascida nas Américas, e ela era do Estado Livre da Califórnia. Sam invejou as esperanças e temores tão simples do funcionário e de sua esposa. Para o jovem Jiro, a indicação para trabalhar como especialista em computador na arqui-sede Renraku seria realmente um progresso em sua carreira.

O único passageiro restante era um tal de sr. Toragama. Deixado de lado pela distração de Sam e pelo desdém de Crenshaw, ele mergulhara nas preocupações da média gerência, alternadamente digitando e estudando a tela de seu laptop.

Sam voltou a cabeça para olhar pela janela novamente. O comutador tinha deixado seu padrão de vôo e estava se movendo por Seattle em direção ao brilho das luzes que marcavam o coração do metroplexo.

Lá, destacando-se ao longe, estava a arqui-sede Renraku, sua presença maciça reduzindo os prédios de escritórios do bairro administrativo central, que ficava perto. Mesmo com algumas partes ainda em construção, a arqui-sede já englobava vários quarteirões da cidade. Além dela, à distância, Sam viu o neon brilhante da pirâmide da Aztecnológica proclamando a arrogância dos proprietários aztlanos da empresa.

O comutador inclinou-se, deslizando rapidamente pela face sul inclinada da arqui-sede. Reflexos de diamante das luzes de aterrissagem do aparelho cintilaram das laterais dos coletores solares, cobrindo a superfície das águas escuras quando o avião passava sobre Sound. Embora o ruído fosse abafado pelo excelente sistema de isolamento acústico da cabine, a vibração da mudança do modo de vôo da horizontal para a vertical penetrou na cabine. O aparelho perdeu um pouco de altitude enquanto movia-se sobre as docas e armazéns de propriedade da Renraku, contornando o lado voltado para a água da Renraku. O APDV inclinou-se em direção a uma das muitas pistas de pouso.

Sam via as luzes de aterrissagem ficarem cada vez mais próximas, mas a pista parecia deserta. Nenhuma cerimônia oficial de recepção os aguardava, nem mesmo a apressada equipe de terra. Quando se aproximavam do pouso, o avião deu uma súbita guinada antes de se dirigir lentamente para a pista.

Da cabine da comandante não veio qualquer informação enquanto os passageiros esperavam. Os Tanaka apontavam vistas um ao outro, observando o Sound pela janela. O sr. Torogama guardou seu computador ao som do gelo tilintando no copo, enquanto Crenshaw servia-se de um último drinque. Sem querer se mover, Sam ficou observando as hélices ainda girando. Um ruído forte ressoou na cabine quando o fecho externo da porta foi acionado.

- Já era hora - resmungou Crenshaw.

A porta se abriu e a escada ficou na posição. O nível de barulho dentro da cabine subitamente aumentou quando o ruído dos motores do comutador cessou. Os odores invadiram a cabine também, o cheiro do mar misturando-se aos odores fortes de combustível de aviação e de metal e plástico aquecidos.

Então, toda a calma desapareceu numa tempestade de disparos e fogo de armas automáticas. Crenshaw tinha deixado o copo e começava a vestir seu casaco, mas interrompeu a ação quando uma figura massiva penetrou pela porta e rolou até os pés dela. Corpulento, com músculos e armadura, o invasor era um ork. As luzes da cabine fizeram cintilar seus longos e salientes dentes amarelos e olhos injetados de sangue, mas o aço azulado de seu rifle automático HK227 brilhava com fria perfeição.

- Quem se mexer morre - disse o ork num rosnado, falando de modo quase incompreensível.

Suas palavras eram truncadas, porém a boca de seu rifle falava claramente. Crenshaw retirou a mão do casaco, mas ninguém se moveu. Betty Tanaka começou a soluçar baixinho e Jiro, tremendo de medo, não fez coisa alguma para confortá-la.

Satisfeito por tê-los intimidado, o ork moveu-se cautelosamente pelo avião. Uma rápida passada de lado o colocou junto à porta fechada do compartimento da comandante. Seu movimento abriu espaço na porta da

cabine, e mais dois invasores rapidamente se colocaram ali. Um deles, com guarda-pó de couro com franjas, era uma mulher. O outro, vestido com farrapos de sobras de roupas militares, era um ameríndio. Sam mal teve tempo de registrar tudo aquilo antes que um grito sinistro enchesse o ar.

Gelado por um medo irracional, Sam olhou horrorizado para a forma robusta que estava na porta da cabine. O gigantesco animal, com focinho de cão, empurrou o ameríndio para ir cair com um rosnado bem aos pés da mulher invasora.

Os dentes amarelos tentaram mordê-la, agarrando as franjas do braço esquerdo de seu casaco. Ela empurrou aquele braço na boca do monstro, dando então um soco na mandíbula do animal. O animal foi para trás, procurando livrar-se do ataque, mas a mão livre da mulher moveu-se para agarrar a argola cheia de tachões que havia em torno do pescoço dele. O cão ergueu-se em suas patas traseiras, levantando a mulher do chão.

De súbito, o animal arqueou violentamente quando um brilho amarelo cintilante percorreu seu pescoço, a luz revelando o logotipo da Renraku gravado na coleira. Afastando-se de sua antagonista, a fera caiu contra o anteparo com um uivo de dor, depois voltou-se e se mordeu como se tentasse livrar-se da agonia. O animal uivou novamente, mas agora não era o som arrepiante que paralisara Sam e os demais. Restavam apenas dor e o medo sem compreensão do próprio animal. Ele desmoronou no chão e gemeu outra vez enquanto morria. O fedor de pêlo queimado era forte demais.

A mulher tinha se livrado da fera com magia? Sam não podia ter certeza, já que nunca vira um mago em ação, mas não conseguia pensar em outra explicação.

De olhos fundos e ofegante, a mulher falou suavemente, como se fosse para si.

- Droga de cão-demônio. Por que não lutam primeiro?

Ouviu-se novamente o ruído do lado de fora do avião, tomando a cabine subitamente envolvida pela morte. A mulher se jogou no chão e o homem esquivou-se para trás de um anteparo do comutador. Os funcionários da Renraku foram mais lentos para se moverem. Betty Tanaka contraiu-se e caiu para trás quando as balas penetraram nela. Jiro rodopiou,

o sangue jorrando de seu ombro, e se chocou com Torogama antes que os dois caíssem no chão. Sam se jogou atrás de sua poltrona enquanto as balas penetravam no estofamento e nas esquadrias de alumínio acima de sua cabeça. Crenshaw, fora da linha de fogo, ficou parada e olhava para o ork, que também estava de pé, a salvo dos disparos por uma dobra no anteparo.

O invasor deu um salto de repente e agarrou a maçaneta da porta, fechando-a. Pela velocidade quase super-humana do movimento do homem, Sam percebeu que tinha de ser equipamento bioeletrônico acelerando seus reflexos.

Quando a mulher se levantou do chão, seu guarda-pó abriu-se, revelando um corpo atlético coberto com pouco mais do que coldres e amuletos. Ela xingou baixinho quando um de seus pés se prendeu na bainha. Sam olhou para a arma que ela portava. Embora jamais tivesse visto uma antes, achou que este objeto ornado e com decoração intrincada tinha de ser uma espada mágica. Pela primeira vez na vida ele ficou na presença de uma maga. A idéia fez brotar um suor frio em sua frente.

Este era um grupo muito perigoso se algum de seus membros pudesse executar magia de verdade.

- Onde está o piloto? - a mulher perguntou ao ork.

O homem grandalhão e feio inclinou a cabeça em direção à porta da frente.

- Tá escondido lá.

- Vá pegá-lo. Aqueles capangas sanguinários da Raku não vão esperar pra sempre antes de trazerem a artilharia pra nos pegarem aqui. Temos de sair desta montanha sintética agora.

O ork apontou para os fundos da cabine com a arma.

- Não podemos deixar que eles fiquem aqui atrás da gente.

- Vamos tomar conta deles.

- Vamos detoná-los agora - o ork articulou em torno de suas presas.

- Não temos tempo a perder. Pegue a comandante.

O ork resmungou, mas a mulher, que parecia ser a chefe do grupo, não se moveu. Desistindo, o ork endireitou a arma e abriu a porta. Quando não aconteceu coisa alguma, ele se enfiou pelo vão da porta. Seu corpanzil bloqueou a visão, mas Sam conseguiu ouvir a voz fraca do computador do avião, que repetia "Favor confirmar se quer os motores desligados".

A mulher percorreu os olhos pela carnificina deixada pelos disparos que se seguiram à sua entrada no computador. O fedor de morte se espalhava pesadamente na cabine. Betty Tanaka jazia esparramada sobre o assento, o sangue dela empapando as almofadas e espalhado na parede e na janela que ficava atrás. Sentado no chão ao lado dela, esquecido de seu próprio ferimento, Jiro segurava a mão da esposa morta e chorava. O sr. Torogama era um objeto inerte no corredor principal.

- Ninguém vai se machucar. Voltem a seus lugares e se instalem - a mulher disse calmamente. Quando ninguém se moveu, ela repetiu as palavras em japonês nítido.

Sam ficou surpreso. Eles já não tinham se ferido?

- E mantenham as mãos à vista - acrescentou o homem, num japonês arrastado. Ele enfatizou o que disse com um rápido movimento da sua metralhadora Ingram na mão esquerda.

- Podemos usar esses engravatados como refém ou escudo - sugeriu o ork com um sorriso diabólico, enquanto colocava o corpo em cima do sr. Torogama.

A única resposta de Sally foi um olhar de desdém.

- E o elfo? - perguntou o ameríndio. - Ele pode nos tirar daqui por controle remoto?

- Não sei - disse ela. Retirando uma caixa preta do bolso, ela abriu a tela e puxou um fio, ligando-o numa tomada do painel de intercomunicação. Digitou um código.

- Às suas ordens - disse uma voz através do alto-falante crepitante. - Onde estão? Seu sinal está chegando fraco.

- Estamos presos num APDV, com um bando de funcionários da Raku. A comandante morreu e a porcaria só funciona com fusor. Você pode acionar o piloto automático e nos tirar daqui?

- Gostaria que fosse outra coisa, doce lady, mas o que me pede não posso fazer. Sou um tec, não um fusor. Não tenho a fiação para controlar o avião.

- Sugiro que você encontre um meio de transporte alternativo. E depressa. Os tecnautas deles estão começando a se mover e minha posição fica mais difícil a cada milésimo de segundo. Consegui isolar as tentativas de comunicação dos que estavam perseguindo você, mas temo que logo a segurança central vai sacar o ponto fraco na cobertura deles. Até mesmo esta nossa ligação é um perigo.

- Deve haver alguma coisa que você possa fazer, figurão - insistiu o ameríndio.

- Gomo vocês tiveram de abandonar a rota de fuga planejada, há muito pouco a fazer. - a voz fraca do elfo fez uma pausa. - Talvez algum dos passageiros seja um fusor.

De repente Sam sentiu a atenção do grupo voltar-se para ele, todos os olhos em sua conexão de dados.

- Qual o seu nome, rapaz?

- Samuel Verner.

- Bem, Verner, você é um fusor? - o ameríndio perguntou. Ele deveria mentir? Se mentisse, a maga poderia ler sua mente e saber? Talvez ele pudesse fingir ter problemas com o avião. Se ele pudesse atrasar estes bandidos o suficiente, talvez a segurança da Renraku pudesse agarrá-los. Mas certamente haveria uma luta. Duas pessoas já tinham morrido simples- A que ele tinha na mão direita permaneceu imóvel e apontada para Crenshaw.

- Tamos estrepados. - berrou o ork da cabine de comando. - A garota estava com uma janela aberta e levou um tiro. Está pronta pro frigorífico.

A mulher trocou um olhar com o homem, que assentiu e moveu-se para se juntar ao ork. Quando passou por trás dela, ela enfiou a mão por baixo do guarda-pó e apanhou num col-dre uma escopeta.

Sam tentou observar Crenshaw. A nítida atenção que os invasores estavam dispensando a ela de repente se encaixava com a deferência que os Samurais Vermelhos tinham demonstrado em Tóquio. Ela provavelmente

era uma funcionária especial da empresa, o que os jornais chamam de um homem da empresa. Sam ficou imaginando se ela tentaria alguma coisa, apesar da desvantagem. A maga parecia exausta, esvaída de usar a poderosa bruxaria que matou o cão-demônio. Isto certamente reduziria suas reações a ponto de dar à veterana Crenshaw uma oportunidade. A escopeta do invasor apontada parecia ser uma ameaça suficiente para deter Crenshaw, contudo. Ela obedecia às ordens, encontrou um lugar relativamente livre de sangue e instalou-se ali.

Sam sentiu-se traído. De todos eles, Crenshaw deveria ter tomado a dianteira. Ela fora treinada para lidar com bandidos como estes. Por que ela não protegera seus colegas, em vez de se esconder diante do perigo? O que mais poderiam esperar que ele fizesse? Resignadamente ele afastou Jiro do corpo da esposa e o colocou numa poltrona, mas o homem parecia não ouvir as palavras de Sam que tentavam acalmá-lo.

Sam estava se instalando na poltrona quando o ameríndio gritou da cabine. - Estamos com problemas sérios, Sally. Esta porcaria só pode ser controlada com fusosconectores.

- Eu disse que devíamos trazer Rabo - o ork lamentou-se. - Ele podia nos tirar dessa enrascada.

- Rabo não está aqui - cortou Sally. - O cérebro eletrônico do APDV jamais conseguirá nos fazer passar pelas patrulhas.

Os dois invasores voltaram à cabine, arrastando o corpo inerte da comandante.

Sam puxou o fio do painel de controle. Ele não fizera os exercícios de familiarização de acesso limitado com a conexão de dados que a médica recomendara no dia seguinte ao da operação. Estava com medo. Ele ouvira contar como um fusor funde-se com sua máquina, tornando-se um cérebro a dirigir o corpo do veículo. Ouvira também que alguns não conseguiam suportar a transição, perdendo as mentes em comunhão com a máquina sem alma.

Esta máquina fora construída especificamente para operação com fusor, um monumento à arrogância tão comum entre os pilotos de máquinas poderosas. Ninguém sem uma conexão de dados poderia fazer mais do que

pedir um destino e um horário de partida do piloto automático. Longe de ser uma fórmula para uma fuga apressada.

Estes bandidos queriam que Sam ligasse o terminal e assumisse as funções de tomada de decisões do piloto automático. Sem os implantes especiais de controle do veículo que ligariam o córtex de um piloto às operações da máquina, ele poderia fazer pouco mais do que tomar decisões sobre direção, altitudes de vôo e quando decolar ou aterrissar. Sem ele na linha, o comutador se comunicaria com o tráfego aéreo de Seattle, seguindo algumas instruções do controlador e restringindo-se a rotas de vôo bem definidas e a manobras e a velocidades com baixo risco. Os invasores queriam que ele tornasse a fuga mais fácil e pouco se importavam sobre o quanto isto poderia lhe custar.

Sam compreendia que esta ligação lhe permitiria apenas acesso a uma seleção limitada de controles, mas mesmo assim representava um risco perigoso. Sentindo que o homem que estava ao lado dele ficava impaciente, ele decidiu que não fazer a ligação se tornaria em breve um risco maior.

Quando Sam enfiou o plugue na conexão de dados de sua têmpera, a dor explodiu em todo o seu crânio, mas desapareceu rapidamente. Como uma pós-imagem, a informação de mostradores e controles apareceu em sua mente, projetada em seu nervo ótico por um computador do avião. Ele podia mover a cabeça e "ver" porções diferentes do painel de controle imaginário. Focalizando o painel de ajuda Sam chegava até ele e mentalmente "apertava" o botão. O computador o alimentava com instruções sobre operações básicas do avião. A voz da mente por estarem no caminho. Sam sacudiu a cabeça lentamente.

- É uma conexão de dados. Sou um pesquisador.
- Já pilotou alguma coisa? ; ;
- Planador. Eu tinha um planador Mitsubishi.
- Ótimo - gemeu o ork. - Um piloto de brinquedo. Eu prefiro confiar num cérebro de macaco.

Pelo intercomunicador, ouviu-se a voz do elfo.

- Ah, grande monte de carnes, o garoto pode não ser um fusor, mas tem certa experiência em voar. O contato dele poderia adicionar a

aleatoriedade necessária ao repertório de manobras do piloto automático que, sem isto, é limitado. Mesmo que ele não seja piloto, pode dar a vocês uma boa vantagem.

- Está certo - foi o ameríndio quem falou. - Podemos ter uma chance se o elfo redirecionar a artilharia antiaérea deles e enviar mais patrulhas ao vetor errado.

Sally pareceu preocupada por uma fração de segundos.

- Bem, Squivo, você pode fazer isso?

O intercomunicador soltou um estalido leve enquanto o elfo considerava o plano.

- Não será fácil, já que eles estão em alerta., mas devo me esforçar para fazer como você deseja, doce lady.

- Então é hora de voar - ela anunciou. - Muito bem, Vemer. Para a frente.

Sam olhou para seus companheiros da Renraku em busca de apoio. Os olhos de Jiro estavam fixos no corpo da esposa, e o rosto de Crenshaw estava totalmente indecifrável. Quanto aos mortos, não tinham opinião a dar. Ele soltou o cinto de segurança e levantou.

A cabine de comando cheirava tanto a sangue e a fezes quanto o compartimento de passageiros. Tentando ignorar o sangue que manchava a cadeira do piloto, Sam sentou-se ali. O ameríndio colocou-se na cadeira do co-piloto.

- Em alguns lugares me chamam Cria Fantasma - disse ele. - Posso não ser um piloto, mas sei alguma coisa sobre esta droga. Tente alguma coisa e estaremos contando apenas com o piloto automático. Wakarimasu-ka?

- Entendo.

- Ótimo. Ligue e vamos embora.

máquina em sua cabeça era fria e distante, ao contrário das tonalidades que assumia nos alto-falantes. A estranha natureza de sua comunicação com o comutador irritava-o, e a parte traseira de seu crânio começou a doer.

Balas batiam contra o vidro blindado da cabine de comando num ritmo acelerado, enquanto o ameríndio dizia com insistência: - Vamos sair daqui!

Sam pegou o comando. Se era real ou uma simulação de computador ele não sabia mais. Ordenou que os motores revertissem. As lâminas de contra-rotação dos dois motores do comutador giraram com mais força, criando rapidamente força de subida para deixar a pista. Com o piloto automático fazendo o verdadeiro vôo, Sam comandou o comutador em direção ao céu, no meio da noite.

- Pra onde? - ele perguntou ao Cria Fantasma.

- Para o norte sobre a plex. Por enquanto. Sam obedeceu.

Eles estavam voando havia cinco minutos quando Sam entendeu que os mísseis antiaéreos que eles estavam esperando não viriam afinal. O elfo evidentemente tinha palavra. No radar Sam não podia encontrar coisa alguma que se parecesse a uma perseguição. Ele estava igualmente surpreso com a falta de desafios dos controladores de tráfego aéreo do metroplexo de Seattle. O tecnauta elfo devia ter inserido um plano de vôo nos computadores dos controladores, escondendo o APDV sequestrado no meio do tráfego aéreo normal.

Eles estavam passando por um bairro residencial de subúrbio, quando Cria Fantasma ordenou a Sam que apagasse as luzes de vôo e mudasse o curso em direção á favela Redmond, aquela desolada periurbe de barracos e prédios abandonados. O piloto automático tentou reacender as lâmpadas, mas Sam o dominou.

Enquanto eles passavam por sobre o bairro, as luzes dos apartamentos e casas dos funcionários da empresa tornavam-se cada vez mais escassas, substituídas pelo neon cintilante e pelo brilho das telas tridimensionais de publicidade perto do extremo de Redmond. Fora da zona comercial as luzes eram poucas.

Sam observava o ameríndio perscrutando a escuridão lá embaixo. Imaginava se seu captor tinha visão ampliada. A maioria dos aventureiros e valentões que se chamavam samurais urbanos tinha. Este Cria Fantasma era certamente um destes.

- Mais baixo - Fantasma ordenou Quando Sam acionou o comutador para obedecer, o piloto automático reclamou: "Altitude tornando-se perigosamente baixa. Pretende aterrissar?"

- Cala a boca.

Sam acionou a chave para silenciar a voz da cabine.

- Estamos aterrissando?

- Ainda não. Siga para nordeste.

Sam acertou a direção do avião, dizendo ao piloto automático que a aterrissagem não estava iminente e que a altitude era intencional.

Voaram por mais dez minutos, fazendo as mais diversas mudanças de curso, algumas para evitar bater nos prédios e outras para satisfazer algum capricho desconhecido de Cria Fantasma. Quando o samurai finalmente deu a ordem para pousar, Sam ficou feliz em poder acionar o procedimento automático de aterrissagem. Os longos minutos de desvio de objetos no escuro o desgastaram a tal ponto que, mesmo se ele estivesse familiarizado com o avião, não gostaria de ter de pousá-lo manualmente.

- Droga! Apague as luzes - o samurai disse quando o piloto automático acendeu as luzes de pouso.

Espantado pela veemência do homem, Sam obedeceu, desligando quase que ao mesmo tempo as reclamações do comutador sobre segurança e regulamentações da FAA. O APDV aterrissou de modo irregular, num campo de cascalho, perto de uma fileira de casas de madeira. O samurai arrancou o plugue da cabeça de Sam e mandou que ele saísse depressa da cadeira do piloto. Sam ia desligar os motores.

- Deixa ligado.

Sam deu de ombros e se dirigiu para a cabine de passageiros. Os demais já tinham saltado, deixando o lugar vazio, a não ser pelos mortos.

- Por que vocês não podem nos deixar em paz? - ele ouviu Jiro dizer.

A resposta veio do ork.

- Vamos chamar tudo isto de um pouco de segurança.

Os funcionários da Renraku foram empurrados para dentro de uma das casas assim que o comutador decolou novamente. Da soleira sem porta Sam observou o APDV subir na vertical até ficar bem acima das casas e então retomar o modo de vôo horizontal. O comutador subiu, sua figura escura apagando o brilho das poucas estrelas que brilhavam entre as nuvens. Um navio fantasma pilotado por fantasmas.

O samurai se materializou na soleira, primeiro uma silhueta antes de entrar. Uma vez a salvo na escuridão, ele disse: -O APDV está a caminho do mar.

- Acha que ele ficou em terra muito tempo? - Sally perguntou.

- Logo vamos saber isso - ele respondeu.

No silêncio que se seguiu, Sam pôde ouvir o ork recarregando sua HK227. Os outros dois seguiram o exemplo dele e depois o silêncio se abateu novamente.

Menos de um minuto se passou e o ork reclamou.

- Não podemos levar esse bando pela rua.

- Cog está mandando um carro.

- Vamos ter de esperar? Droga! Se os distintivos ou os samurais da Raku estiverem atrás de nós, somos um alvo fácil aqui.

- Não podemos levar nossos convidados com segurança sem um carro - Sally insistiu.

- Mas quem precisa deles? Estamos de volta ao nosso pedaço. Eles agora são peso morto. - A leve ênfase do ork na palavra morto deixou bem claro o que ele considerava como solução adequada para os prisioneiros da Renraku.

- Acho que você menospreza o valor deles.

- Fizemos o trabalho pelo qual fomos pagos. E conseguimos os disquetes que o Fantasma apanhou. Isso é tudo. Você está procurando muitos créditos extras.

- Tenho contas a pagar.

- Não vou pagar suas contas com a minha vida.

- Tá a fim de pular fora agora? Então me dê o seu cartão-moeda e eu lhe darei a sua parte - disse Sally, estendendo a mão. - É claro que você só vai receber dez por cento por sair antes de estar tudo reunido.

Sam podia sentir a tensão aumentar enquanto a maga e o ork se encaravam. Finalmente o ork desviou o olhar. Ele deu de ombros, murmurando:

- Trabalho é trabalho. Sally sorriu.

- Não se preocupe, Kham. Vai tudo acabar bem.

O ork dirigiu a ela um olhar sombrio, como se já tivesse ouvido aquilo antes, depois desapareceu, resmungando, no interior escuro da casa.

Enquanto esperavam, Sam cuidou do ferimento de Jiro da melhor maneira possível ali, rasgando um pedaço de sua própria camisa para fazer um curativo. O funcionário parecia aturdido com a perda da esposa e não dizia coisa alguma enquanto Sam cuidava dele. Tendo feito o que podia, Sam sentou-se de pernas cruzadas no chão sujo, seus pensamentos tão escuros quanto aquele quarto.

Fantasma apareceu novamente na porta, assustando Sam, que não vira o ameríndio partir.

- O carro chegou.

Sally acenou para a porta com sua pistola.

- Vamos.

O carro era uma camionete Toyota Elite com o regulador de visibilidade das janelas acionado para escuro. A janela do motorista estava abaixada, e um jovem coreano de cara larga sorria com os dentes falhos, numa atitude amistosa. Ele acionou um controle, e a porta traseira se abriu.

Os funcionários da Renraku entraram por ali e sentaram nos bancos de pelúcia, couro sintético e veludo, enquanto Sally e o ork se acomodavam nos bancos escamoteáveis que ficavam defronte a seus prisioneiros. Cria Fantasma pulou no banco da frente, ao lado do motorista.

Assim que as portas se fecharam, o motorista disse alguma coisa numa gíria de rua e de que Sam entendeu apenas o nome Cog. Sally assentiu e acionou o sistema de áudio. A voz que surgiu era rica e sonora.

- O chamado do seu amigo me pegou na hora certa, sra. Tsung. Fui chamado inevitavelmente fora da cidade, mas fico feliz em poder prestar este servicinho antes de partir. O motorista é um dos meus homens de sempre. Pode confiar na discrição dele.

A mensagem não passou disto, mas Sally parecia satisfeita com seu conteúdo. Pelo menos os ruídos que ela fez para o motorista pareciam agradáveis.

O painel de privacidade foi levantado, cortando a visão que Sam tinha da rua, á frente, e pelo espelho retrovisor do motorista. As janelas escurecidas os afastavam do mundo e os mantinham em silêncio enquanto o veículo seguia sua rota tortuosa pela favela. Somente uma vez algo de fora se abateu sobre eles, uma forte pancada na lateral traseira do lado direito do carro. Os captores mantiveram-se imperturbáveis.

Cerca de uma hora depois, talvez, o carro reduziu a marcha e o painel de privacidade baixou, revelando um beco cheio de lixo, iluminado de modo intermitente pelos raios violetas de um anúncio em neon que ficava fora de visão mas estava colocado numa transversal bem à frente.

As portas se abriram dos dois lados, mas o carro não parou.

- Pra fora - ordenou Sally.

Estavam sendo libertados? Sam mal conseguia acreditar nisso. Crenshaw estava fora do carro num minuto, enquanto Sam lutava para se livrar do abraço do estofamento macio. O pé do ork o ajudou nesta tarefa, jogando-o de cabeça num monte de lixo. Sam levantou a tempo de ver Sally sair graciosamente do carro, e cinco figuras sombrias entrarem no veículo. As portas se fecharam antes mesmo que o Toyota chegasse à saída do beco. O carro dobrou à esquerda, para longe do anúncio em neon, e foi embora.

Então seus captores não os estavam libertando, afinal de contas. Na verdade o número deles crescera. Pelo menos uns doze jovens, homens e mulheres, estavam no beco com eles. Sob a luz bruxuleante ele pôde ver que muitos usavam roupas com franjas e contas, e todos tinham penas nas faixas que tinham na cabeça. O menor do bando tinha a forma alta dos samurais urbano. Um raio de neon colocou suas feições em silhueta, revelando um perfil de falcão como o do homem a quem ele se dirigia.

- Olá, Fantasma Que Caminha Por Dentro. Bem-vindo ao lar.

Ele sabia que deveria estar com fome, mas não conseguia sentir isso. A visão dos biscoitos de krill e bolos de soja que os captores tinham deixado na noite anterior só reviravam seu estômago. A bolsa de água, porém, estava quase vazia. Água ele tinha de beber, mesmo que fosse esta coisa quente com gosto de poluição.

O dia passara num atordoamento abrasador. Os captores os tinham deixado num quarto com uma única porta e com as janelas fechadas com folhas de duraplástico opaco. Um ponto de luz penetrava onde um dos painéis perdera um dos cantos. As tentativas de Sam de olhar por ali foram recompensadas com uma visão limitada de tijolos recobertos por pichações de rua. Ele reconheceu no padrão geral dos insultos os slogans de proteção, mas achou os símbolos da gangue irreconhecíveis. Já era o suficiente para confirmar sua suspeita de que o local pertencia a um grupo de ameríndios.

Jiro gemeu, acordado novamente. O homem estivera intercalando períodos de sono agitado e de vigília por horas a fio.

- O que está acontecendo? - ele perguntou meio sonolento ainda. - Não compreendo.

- Já estive em situações piores.

- Como poderia isto aqui ser pior? - Jiro lamentou-se. - Betty está morta.

- Você poderia estar morto - rebateu Crenshaw.

- Talvez assim fosse melhor.

- Não fale desse jeito, Jiro - disse Sam.

- Que diferença faz? - disse Jiro, sem ouvir. - Seremos mortos por esses... esses... terroristas.

- Terroristas! - Crenshaw zombou. - Menino, você não conhece o significado desta palavra. Estes palhaços são uma variedade de jardim de shadowrurmurs. O melhor cartão deles é aquela bruxa de rua, mas eles ainda são principiantes escondendo-se das luzes do mundo empresarial e limpando tudo o que encontram pela frente. São ratos humanos.

- Mesmo que não sejam terroristas, eles se escondem da lei - Jiro disse de modo fraco. - Como vão nos libertar, já que vimos os rostos deles e

ouvimos seus nomes?

- Isso não importa muito - Crenshaw disse, dando de ombros. - Os nomes são apenas nomes de guerra, e os rostos podem ser mudados facilmente. Estes runners não têm registros nos bancos de dados, então vão procurar o quê? Eles vão nos libertar se nos comportarmos. Temos apenas que esperar.

- Esperar? O único fim é a morte - disse Jiro, com uma voz monocórdia. Deitou-se novamente e em pouco tempo dormia de novo. Sam ficou pensando como ele conseguia fazer aquilo. Crenshaw apanhou um bolinho de soja do prato que estava no chão.

- Você devia comer, menino.

- Não tenho fome.

- Você é quem perde.

Crenshaw colocou o bolinho na boca e devorou alguns biscoitos de krill antes de esvaziar o saco de água. Sam estava espantado com o egoísmo dela. De repente ele teve vontade de estar em algum outro lugar. Qualquer lugar. Contanto que estivesse longe da sufocante presença de seus colegas.

Ele se levantou e começou a caminhar. Crenshaw o observou por um instante, mas logo perdeu o interesse e fechou os olhos. Pouco depois começava a roncar.

Sam mais do que nunca desejava fugir.

Sem esperança, ele tentou a porta e ficou surpreso ao vê-la abrir com o seu toque. Cautelosamente ele a abriu. A outra sala estava tão vazia e desguarnecida quanto o quarto. Sally estava deitada, adormecida, ao longo da parede interna. A porta para o saguão estava aberta, e ele viu dois dos guerreiros da gangue montando guarda. Estavam conversando tranquilamente numa linguagem que ele não compreendia.

Esta sala tinha janelas para o mundo exterior. Desesperado por ar fresco, Sam foi abrir uma delas, além da qual uma escada de incêndio formava uma convidativa varanda. Ele estava pulando a esquadria da janela quando percebeu Fantasma de pé na grade de ferro, curvado sobre a parede.

- Não estava pensando em fugir, estava?

Sam gaguejou uma resposta negativa, surpreso de perceber que ele não pensara em fugir. Embora quisesse se afastar de seus colegas da Renraku, não pensara em abandoná-los.

- Só queria tomar um pouco de ar.

- Seja bem-vindo a tomar o ar que passa por aqui. - O samurai parecia pensativo, ali recostado sobre a parede olhando a fileira de casas arrombadas lambidas agora pelo pôr-do-sol. Fantasma não disse mais nada até Sam estar ao lado dele. - Você é mesmo um sujeito estranho.

- O que você quer dizer?

- Bem, numa coisa você não estava mentindo sobre tentar fugir.

- Eu não poderia deixar os outros.

- So ka - Fantasma disse, assentindo em tom de compreensão. - Posso entender a lealdade aos seus amigos.

- Não são meus amigos - Sam disse num repente. Diante da sobancelha levantada do samurai, ele acrescentou: -Somos todos Renraku.

-So ka. A ligação à tribo é mais forte ainda.

"Este pessoal aqui jamais seria chamado tribo por aqueles etnólogos fantasiosos que molharam as calças sobre os sonhadores de-volta-à-terra lá além da plex. Aqueles almofadinhas chamariam minha família de gangue. Mas nem por isso eles deixam de ser uma família, uma tribo que toma conta de si.

"Não somos como os vermelhos que vivem em Salish-Shidhe. Aqueles sonhadores não conseguem ver que a vida no mundo atualmente significa vida na cidade. Os vermelhos têm de levar a sério o concreto como fizeram com o cavalo, ou desapareceremos da terra por completo.

"Desde que os brancos chegaram, alguns de nós lutam contra eles, alguns os receberam bem. Não fez muita diferença no final. Perdemos o controle da terra e acabamos na miséria, no desespero e na pobreza. E então eles nos jogaram nos campos, onde tentaram arrancar nossas almas."

Sam podia ver a dor no rosto do homem. Fantasma era muito jovem para ter estado naqueles campos da morte, que foram a tentativa do

presidente Jarman como solução final para o problema dos índios, mas ele parecia sentir a angústia como se fosse dele.

- Quando o Coiote Uivante desceu das montanhas com sua Grande Dança do Espírito, ele certamente fez uma surpresa aos brancos. Fez o Homem entender que os vermelhos não iriam assumir nada mais. Quebrou a tecnologia deles com sua magia, foi o que ele fez. Mas aquilo foi naquela época. Os brancos agora têm magia também, mas alguns do meu povo não querem aceitar isso.

"Os homens velhos que chefiaram a Dança não entendem o que ela fez por nós. Não baniu os brancos, como anunciado, ou o homem preto, ou o homem amarelo. Eles ainda estão aqui. E também suas cidades e suas obras - enfraquecidas, talvez, e repelidas pela magia e pelo poder dos Despertados -mas longe de estarem derrotadas. O que a Dança fez de fato foi nos dar tempo para respirar. Ela nos deu uma oportunidade de vencer os outros em seus próprios jogos.

"Não vai ser fácil. Vai ser uma guerra de verdade, mas meu povo está pronto para este desafio. Vamos mostrar a eles. E no final, venceremos. Mas para vencer temos de sobreviver e sobreviver significa neoiene, dinheiro. Vocês não vão ficar com a grana, o Homem não ouve. Há muito dinheiro solto esperando que os shadowrunners o liberem."

Fantasma ficou em silêncio, aparentemente exausto pela longa série de palavras. Sam não sabia o que motivara o homem a falar tanto, mas o discurso lhe deu a esperança de que estes não fossem bandidos sanguinários que em breve os matariam de repente. Ele começou a pensar que seria possível que ele pudesse sair desta vivo.

As próximas palavras de Fantasma o espantaram mais ainda do que suas confidencias.

- Por que estou conversando com você? - e o ameríndio riu alto.

- Não sei. Talvez precisasse de alguém que o ouvisse.

- Não preciso de droga nenhuma de um assalariado -Fantasma disse de modo grosseiro. Olhando para o céu escuro pela última vez, ele ordenou que Sam voltasse para dentro.

A súbita mudança de temperamento do samurai deixou Sam novamente inseguro sobre o que ele poderia esperar entre estes shadowrunners. Nada do que eles diziam era exatamente como Sam entendia ser. Fazia sentido num minuto para se tornar totalmente estranho logo a seguir. Eles pareciam viver em outro mundo. Confuso, ele voltou a ficar sentado.

Um elfo chegou enquanto ele estava na varanda. Ele se sentou de pernas cruzadas num canto, sua atenção voltada para um leitor de dados sobre seu colo. Pelas conexões em sua têmpora direita, Sam supôs tratar-se do tecnauta que estivera comandando a operação de camuflagem da Matriz na noite passada.

Sally ainda continuava deitada sobre a espuma que era a única mobília da sala, mas ela estava acordada. Parecia descansada agora, sem as profundas olheiras que ostentava. Fantasma empurrou Sam para sair do caminho e entrou por uma porta que ficava escondida por uma cortina que Sam imaginara ser apenas um aplique decorativo da parede. O samurai voltou com uma bandeja de tofu e de café de soja fumegante, que ele entregou a Sally. Ela lhe agradeceu com um sorriso triste.

- Estou muito velha pra isso, Fantasma. Parecia uma antiga história entre eles.

- Beba sua soja - Fantasma esperou, enquanto ela sorvia metade da xícara. - Você ainda não nos contou qual o seu plano para a Raku.

- Calma, sr. Massabruta - o elfo ordenou de seu canto. -A doce Lady Tsung precisa de um pouco de repouso antes de continuar com este negócio sórdido. Vocês, samurais urbanos, são todos iguais: sem sensibilidade, sem compreensão das pessoas delicadas ou noção de tempo.

"Tudo o que vocês desejam fazer é flexionar os seus músculos. Assim que vocês nos impressionam com seus bioeletrônicos, ficam só o suficiente para apanhar o dinheiro sujo antes de voltarem correndo para suas tocas.

Agulhas finas e brilhantes saíam por baixo das unhas da mão direita de Fantasma. Sam achou que o elfo estava forçando os limites da tolerância do ameríndio, abusando de sua hospitalidade. Sally colocou a mão nas costas do samurai, sem que o elfo visse. As agulhas desapareceram.

- Calma, Squivo - disse ela. - Fantasma não está forçando. É preciso tomar uma decisão.

O elfo demonstrou seu aborrecimento com a oposição da outra. Satisfeito, Fantasma foi até a janela e ficou olhando para fora enquanto Sally colocava sua bandeja de lado e sentava-se mais apertada. - Mas o que há no disquete que apanhamos?

- Na verdade muita coisa, Número Um - qualquer sombra de aborrecimento desaparecera da voz dele e fora substituída por um frio profissionalismo. - Cronogramas de produção. Alguns arquivos pessoais. Um bom roubo, que teria um considerável valor nas ruas se a ação não tivesse terminado de modo tão ruidoso. Assim sendo, teremos de esperar até que as coisas se acalmem antes que possamos expor tudo com segurança.

- Quer dizer que perdeu muito o valor?

- Claro.

- Bem, pelo menos seremos pagos pela fábrica.

Sam estava confuso. Ele compreendeu que os dados roubados pelos outros teriam menos valor no mercado das ruas se esperassem para vender, mas ele pensara que os outros fossem simples ladrões.

- Que fábrica?

Fantasma começou a falar, mas calou a boca quando Sally falou.

- Fizemos uma pequena doação ao escritório de pesquisa de sistemas de computador. Uma lata de aerossol disfarçado como spray de limpeza. Vai espalhar um vírus chamado Vigid com seu solvente. Em poucas horas, um monte de escravos assalariados da Renraku estará indo para casa doente. Os próximos dias serão desagradáveis para eles e pior ainda para a administração da Renraku, com o consequente atraso na programação de produção. Enquanto eles fazem a limpeza, nosso cliente, Atreus Applications, dá o bote na concorrência. Isso vai permitir que eles cheguem à Matriz com um novo pacote de software uma semana antes da Renraku.

"Este foi de fato o trabalho. A Atreus queria que nós apanhássemos alguns protótipos para disfarçar a natureza da operação. Apanhamos os disquetes como um benefício extra.

Tudo isto parecia fácil de compreender - fazendo concessões à natureza basicamente desonesta dos shadowrunners. Mas algo incomodava Sam. Algo sobre o sistema de transmissão do bioagente demolidor. Ele repetiu as palavras de Sally mentalmente. Por que não apenas espalhar o agente? Os runners podiam ter tomado um antídoto antes. Por que misturá-lo a um fluido de limpeza? Somente para retardar a implementação? Uma cápsula com tempo programado para entrar em ação agiria de modo eficiente. Por que fluido de limpeza, ou isso era absolutamente importante? Lá no fundo de seu cérebro, uma sinopse cintilou e uma memória foi despertada.

- Desculpe - disse ele, de modo hesitante. - Mas o solvente no fluido. Era à base de acetona?

- Quem sabe? - disse Sally. - O que isso importa?

Sam respirou fundo. - Se era, acho que o Vigid não fará o que vocês esperam que ele faça.

- Ah - disse o elfo com um sorriso de escárnio - vejam como a mercadoria demonstra um extensivo conhecimento em biotecnologia. Ainda podemos ter um belo lucro.

- Não sou um biotecnólogo - disse Sam, deixando transparecer seu aborrecimento. - Sou apenas um pesquisador. Mas tenho uma boa memória. Certa vez li um artigo sobre o Vigid. Um pesquisador do governo do UCAS fez uma experiência. Ele se contaminou quando um assistente derramou acetona enquanto limpava um tubo de ensaio. A acetona interagiu com a capa de proteína do vírus, arrancando partes dela e fazendo com que o núcleo do material genético sofresse uma mutação para uma forma isomérica.

- Então este é um vírus diferente - disse o elfo, com sua fala arrastada.

- É um vírus mortal. Aquele assistente de laboratório morreu. Num teste de reprodução, de trinta a quarenta por cento dos ratos expostos ao vírus isomérico morreram.

O olhar de Sally tornou-se assustador enquanto Sam falava. Ela colocou sua xícara de café no chão, de um modo lento e deliberado.

- Não fomos contratados para um trabalho sujo.
- Na verdade, o pagamento foi muito baixo - concordou o elfo.
- Dane-se o pagamento! - Fantasma esbravejou, as agulhas brilhando em suas unhas. - Alguém nos enganou.

Sally assentiu lentamente.

- Acho que temos que conversar com alguém sobre nossos recentes empregadores antes de irmos encontrá-los.

Sam não estava certo por que os runners o tinham levado, mas não achou conveniente perguntar. Eles se reencontraram com o ork chamado Kham, que pareceu ultrajado com a possibilidade de uma armação. Teve de ser dissuadido a não levar consigo armamento pesado para o encontro com o intermediário.

A caminhada até o local do encontro foi através de um local que Sam só vira em tríteo. As ruas apinhadas, cheias de espeluncas, sujeira e prostitutas. Os grileiros mantinham seus becos e cubículos miseráveis com segurança das gangues e rapazes com lâminas ficavam atrás de sua carga bem valiosa. Os famintos e os que estavam à cata de emoções se misturavam no brilho estonteante do neon e das telas públicas de tríteo.

O barulho e a multidão se enredavam em volta deles, abrindo-se e fechando à medida que eles passavam. Mesmo os samurais urbanos de aspecto mais duro e os orks valentões pareciam desaparecer do caminho deles sem causar problemas. Talvez a maga tivesse algo a ver com isso, ou talvez fosse apenas fruto da imaginação de Sam.

Pararam diante de uma loja abandonada numa área menos congestionada. Pela janela despedaçada, o pouco que Sam podia ver do chão do prédio era tão sujo e manchado quanto a calçada. Mesmo de fora o cheiro de urina e lixo era muito forte. Ninguém na calçada deu a menor atenção quando o grupo entrou no prédio.

Três homens esperavam lá dentro. Eram todos altos e esguios. Músculos rígidos surgiam por toda parte em que as roupas mostrassem pele. Todos estavam ostensivamente armados. Samurais urbanos, Sam achava, mas não viu qualquer dos óbvios equipamentos bioeletrônicos que aquele grupo usava. Ou eles eram tão bons que não precisavam de

aperfeiçoamentos, ou então suas modificações eram muito sutis. De um modo ou de outro, tinham de ser perigosos.

O louro da esquerda tinha um grande cão a seu lado, pelo menos meio-lobo em sua linhagem. O animal rosnou baixinho quando Sam e os runners entraram. Enquanto os demais trocaram cumprimentos com os homens, Sam abaixou-se e estendeu a mão para o animal. Cautelosamente, sua atitude manifestando suspeita, o cão avançou para cheirar a mão dele.

- Freya morde - advertiu um dos homens do intermediário.

- Tenho certeza disso - respondeu Sam. O animal deu uma lambida na ponta dos dedos de Sam. Ele sorriu, estendendo lentamente a outra mão para acariciar o pelo da cabeça de Freya. - É linda. Onde a conseguiu?

- Uma noite me seguiu até em casa - o guarda disse sarcasticamente.

O som de um homem limpando a garganta fez Sam voltar-se. Os runners já estavam se defrontando com os recém-chegados. Mais dois samurais esguios ladeavam um homem maior.

Ele era escuro, mesmo sem o benefício da iluminação da rua. Seu terno muito bem cortado não combinava com as ruínas, mas ele parecia completamente à vontade. O homem, obviamente o intermediário que eles vieram encontrar, deu um passo à frente.

- Fazendo novos amigos?

Sam achou que o intermediário de voz irritante estivesse falando com ele, mas Sally respondeu:

- Sempre. Você sabe, sou uma garota gregária.

Se o intermediário achou graça, seu rosto cheio de marcas de varíola não demonstrou. Ele simplesmente voltou seus olhos frios para a maga.

- Fico feliz por você ter podido perder tempo com um encontro - disse ela. - Tenho certeza de que farei com que valha a pena, Castellano.

Castellano deu de ombros.

- Por que eu? Cog é seu contato preferido.

- Cog não está disponível.

O rosto do intermediário permaneceu imutável.

- Sou a segunda melhor escolha - disse ele, fazendo da pergunta uma afirmação.

Sally respondeu com um sorriso.

- Digamos apenas que achei que você era a melhor escolha esta noite.

- Precisa de um especialista?

- Neste momento o que nos interessa mesmo é informação.

- Um alvo?

- Um contratador.

Castillano esfregou as mãos de modo pensativo. Se seu rosto tivesse demonstrado qualquer interesse, Sam poderia imaginar que ele era um mercador sentindo o cheiro de uma venda fácil. O intermediário abriu a boca lentamente e percorreu o lábio inferior com a ponta da língua.

- Este tipo de informação é muito procurado atualmente. Os shadowrunners trocaram olhares. - Há alguma coisa da qual não fomos informados?

- Talvez - Castillano respondeu, ambíguo.

- Bota isso na conta.

O intermediário assentiu.

- Sam Sorriso e Johnny Chega Tarde.

Sally virou a cabeça para o lado, a expressão um tanto preocupada.

- Notícias sobre o tiroteio no Bar After Ours não são uma mercadoria. Os jornais estão cheios delas.

- Os jornais não mencionam o rifle.

- Que rifle? - Sally perguntou com um súbito interesse.

- Arisaka KZ-977. Modelo com mira telescópica. Sem silenciador. A Segurança Lonestar o apanhou na rua, defronte ao prédio onde seus conhecidos foram mortos.

- Eles não usam nada grande - Fantasma interveio.

- Sim - concordou o ork. - Johnny nunca gostou de muito barulho. Um verdadeiro filhote de rato.

Castillano olhou para o ork.

- Qual o problema, Castillano?

- O sr. James Yoshimura morreu de um único tiro na cabeça quando ele saía do After Ours. Dois dirigentes da Lonestar viram Yoshimura sair e escutaram o tiro. Viram Sam e Johnny. Um dos runners entrou em pânico e disparou contra os tiras. Os tiras responderam ao fogo. O rifle caiu. Os runners morreram.

"A balística da Lonestar disse que a arma coincidia com a bala fatal. A trajetória coloca os atiradores na proximidade dos runners. O rifle resistiu melhor à queda do que Sam Sorriso."

- Nenhuma outra testemunha?

- Nenhuma - Castillano confirmou.

- Tiras sujos - concluiu Fantasma. - Sam e Johnny eram caixeiros viajantes e espertalhões. Não faziam trabalho sujo.

- Talvez. A Lonestar tem registros limpos. Aparentemente incorruptíveis. Apenas rápidos no gatilho.

- Então Sam e Johnny foram enganados.

- Eu jamais disse isto. As investigações sobre o assunto não são confiáveis.

- Parece ter sido uma péssima semana para os shadowrunners. Se não foi, pelo menos Sam e Johnny eram bons sujeitos - declarou Fantasma.

- O que exatamente vocês desejam?

- Vamos começar por um produto chamado Vigid.

- Um agente antimotim. Um incapacitante de ação fulminante com fortes efeitos similares aos de um vírus de estômago. Inoculado via aerossol. Quanto você quer?

- Já temos mais do que o suficiente - disse o ork de modo ríspido.

- Queremos saber o que pode acontecer se a substância sofresse um banho de acetona.

Se Castellano ficou surpreso ou curioso com a pergunta, não o demonstrou. Caminhou pela sala, evitando os escombros como que por instinto. De cima de um balcão ele levantou o que parecia uma pilha bolorenta de lixo para revelar uma abertura para o telecomunicador. Ele apanhou um computador de bolso e o ligou ali. Após alguns minutos de mexer nas teclas, ele anunciou: - Isto vai levar um minuto só. Onde querem verificar?

- Verifique Chemistry Today, da UCAS, edição de dezembro de 2048 - disse Sam. - Não há tempo para você copiar.

O intermediário entrou numa busca de documento.

- Wilkins e Chung?

- É isso - Sam confirmou, assentindo igualmente para os runners.

Castillano acariciava o bigode enquanto estudava a tela.

- Parece que o Vigid reage muito mal à acetona. Fica muito tóxico.

- Agora acreditam em mim? - Sam perguntou aos runners.

O elfo, ainda silencioso, respondeu-lhe:

- Você deu a referência, sr. Empresa. O documento poderia ser uma falsificação.

- Improvável - disse Castellano. Até Sam ficara espantado com a incomum postura do intermediário. - Ele não deu o mês correto.

- Vamos admitir que a droga realmente muda. Quem faz isso, Castellano?

- A Genomics tem a patente. Contrato exclusivo de fabricação para a Seretech.

- Seretech! - o Fantasma disse.

- Miserável fogo do inferno! - gritou o ork. Sally e Squivo apenas se mostraram preocupados.

- O que significa isto? - Sam perguntou.

- Tivemos alguns desentendimentos com eles no passado - Sally disse com suavidade.

- Então você acha que eles podem estar por trás disso? Que eles deliberadamente enganaram vocês?

- Sem dúvida - disse o elfo. - Eles devem ter usado a Atreus como disfarce para diminuir nossa suspeita. Certamente eles deram um jeito de fazer com que a segurança da Renraku descobrisse nossa missão.

- Mas só depois de nós termos colocado o brinquedinho sujo deles - Sally acrescentou em tom severo.

- Em que ajudaria a eles que vocês fossem pegos?

- Eles não gostam de nós, sr. Terninho - o ork disse com raiva. - É motivo suficiente para qualquer um.

- Eles não precisavam nos detonar - Fantasma explicou. -Qualquer um de nós que fosse pego não saberia que foram eles que nos contrataram, de modo que não haveria vínculo com a Seretech. Nós também não sabíamos de fato o que aquele vírus faria, de modo que não teríamos dito nada. Uma simples invasão, e o roubo daqueles protótipos teria sido muito fácil de se executar. Tentativa de roubo, arrombamento e invasão. Coisa leve. Até as pessoas começarem a morrer. Por isso é que seríamos acusados e eles com certeza pensaram que iríamos dedurar a Atreus e levá-la com a gente.

Sally continuou.

- A Seretech estaria numa boa e de bolsos cheios. Teriam atingido seus rivais na Renraku e nos levado junto. Qualquer um de nós que os samurais da Renraku não pegassem, estaria sendo acusado de assassinato em massa, porque ninguém acreditaria que não sabíamos que tipo de coisa estávamos colocando. A Seretech mataria dois coelhos com um único tiro. Talvez até três, se eles conseguissem um acerto com a Atreus. Mais uma vez as megaempresas ficam por cima.

- Então o que acontece agora?

- Assumimos nossas perdas e saímos de cena - Sally disse, dando um suspiro. - Mau negócio, essa Seretech.

Sam estava estupefocado - E as pessoas na Renraku? São inocentes. Vocês não podem simplesmente deixar que elas morram.

- Não podemos? - disse Fantasma.

Sentindo o insulto, Sam voltou-se para olhar Sally, apontando um dedo acusador.

- Pensei que vocês não fizessem trabalho sujo barato. Bela honra flexível vocês têm. As coisas ficam difíceis e vocês se curvam. Devem se orgulhar de ser o bode expiatório de alguém. O que acontecerá com a reputação de vocês quando a rua souber como vocês se deixaram usar?

- Chega. Ninguém vai saber - o ork murmurou.

- Ele vai saber! - Sam gritou, apontando para Castellano. Ele abriu os braços para apontar para os guardas. - Eles também sabem.

- É, Lady Tsung - disse o elfo com calma -, talvez possamos voltar e retirar as latas.

- Tarde demais - disse Sally. - Eles já usaram algumas delas.

- Vocês poderiam dizer à Renraku o que está acontecendo - Sam sugeriu.

- Não acreditariam. Mesmo que acreditassem, viriam atrás de nós, imaginando que tínhamos algo a ver com isso. Estariam certos, é claro, e quando as pessoas começarem a morrer vai virar uma guerra sangrenta. É melhor ficarmos quietos.

- Espere! - Sam gritou. - Castellano, deixe eu ver o seu computador.

O intermediário simplesmente olhou para ele, mantendo uma mão egoísta sobre o teclado. Sally suspirou.

- Fique de olho. Castellano entregou o teclado.

Sam digitou, lamentando a lentidão. Ele sentiu um toque muito leve em seu ombro. Voltou-se e viu o elfo oferecendo um neuroterminal.

- Assim é mais rápido.

Sam olhou para o instrumento que o elfo carregava escondido sob o casaco. Exceto por suas teclas especiais de função e a cinta para transporte, parecia um teclado comum de computador. Ele o pegou com cautela.

Não seria a mesma coisa que plugar os terminais do Computador Boeing Federado. Este era uma verdadeira porta aberta para a Matriz. Ali não haveria o isolamento do piloto automático em relação às surpreendentes glórias do espaço virtual.

- A conexão está aqui.

Sam levantou a tampa do painel e retirou o plugue, do telecomunicador. Com uma rápida mudança de plugues o neuroterminal do elfo tomou o lugar do computador de Castellano. Ele apanhou o cabo de dados que ligaria sua conexão ao neuroterminal. Quase mudou de idéia, mas sentiu coragem ao se lembrar dos inocentes da arqui-sede que sofreriam se ninguém tentasse ajudar. Colocou a tomada, enrijecendo o corpo em antecipação à dor esperada.

Ela veio, chamejando por todo o cérebro mais depressa do que antes e deixando um mal-estar quando passou. Sam centrou sua mente na tarefa que tinha pela frente. Deixando de lado os brilhos e os caminhos de dados que pulsavam em torno dele no espaço virtual, ele se concentrou no prédio da Renraku. Usando as senhas de sua companhia, ele abriu uma entrada no banco de dados principal.

Brilhantes filas de estrelas se agrupavam em colunas e fileiras cerradas em torno dele. Cada ponto de luz era um arquivo de dados, sua tonalidade refletindo a categoria do arquivo. Sam alimentou o neuroterminal com as palavras-chave e executou a função de busca. Seu ponto de vista mudava com estonteante rapidez ao longo das fileiras. Ele parava por um instante em cada arquivo sugerido pelo neuroterminal, descartando informação inútil enquanto prosseguia na busca.

No que pareceram apenas uns poucos minutos, ele encontrou. Copiou o arquivo e voltou ao ponto por onde entrara na Matriz.

- Ha um contra-agente - ele anunciou ao círculo de rostos preocupados enquanto retirava o cabo de sua têmpera.

- Onde o conseguimos?

- Este é o problema. Não está sendo fabricado. Só existe na máquina.

Houve um silêncio na sala. Sam podia sentir a decisão dos runners de corrigir um erro com uma fuga. Castellano pigarreou.

- Sei que a Biotech tem um laboratório. Instalações totalmente computadorizadas. Posso conseguir uma apresentação. A comissão de praxe.

Sam sentiu um sangue novo. Olhou para Sally, que permanecia com as mãos juntas diante do peito. A tensão em seus músculos dos braços era evidente, já que suas mãos tremiam um pouco. Pela primeira vez Sam percebeu que a bruxa não tinha a última junta do dedo mínimo da mão direita. Ela aliviou a tensão expirando o ar com força. - Vamos fazer isso.

\*\*\*

- Muito bonito você participar - disse Crenshaw com uma polidez de escárnio quando Sam entrou na sala abafada. Ele fechou a porta, vedando a luz acinzentada de pouco antes do despertar que vinha da outra sala.

- Estava tentando ajudar a companhia.

- Sugando para esses criminosos. Tentando ajudar você mesmo, isso sim - Crenshaw queixou-se. - Você pensa que é melhor do que nós? Que eles vão tratar você melhor porque você bajulou eles?

- Você acha que eu estava tentando fazer um acordo para mim? - Sam parecia incrédulo.

Crenshaw deu um risinho que significava que era exatamente isto o que ela estava pensando.

- Só porque este é o modo como você age não significa que todos procedam do mesmo jeito. Outras pessoas realmente se interessam pelas demais.

- É, e eu sou o diabo.

- Você está errada, Crenshaw. Espero poder salvar algumas vidas.

- Começando pela sua.

- Não. Começando com alguns de nossos colegas da arqui-sede. - Sam contou-lhe como o grupo de Sally fora enganado e a decisão deles de fazer alguma coisa. - Vou com eles quando conseguirem o contra-agente.

- Querendo bancar o herói?

Esta idéia nem passara pela cabeça de Sam.

- Eles precisam da minha ajuda.

- Os heróis morrem, menino. Esses palhaços já entraram lá uma vez. Não precisam de você.

Sam achou que ela estava certa, mas certamente a segurança da Renraku tinha encontrado e já tinha fechado a entrada que os runners usaram da última vez.

- Talvez eu só queira me certificar de que eles realmente vão fazer isso.

Crenshaw não pareceu convencida. - Vamos acabar com a farsa, menino. Vamos fingir que você me convenceu de seu nobre coração. Os sentimentos não valem nada quando o tiroteio começa. Você não foi treinado para esta coisa, você bem sabe.

- Não me importa - Sam estava surpreso pela convicção da sua própria voz. - Tem de ser feito.

- Crenshaw-san está certa - sussurrou Jiro do canto onde ele estava encolhido. Sam nem percebera que o homem estava acordado. - Deixe isso de lado. Você vai comprometer sua posição na companhia.

- Então ela o contaminou, Tanaka-san. - Sam sacudiu a cabeça de modo pesaroso. - Não estou preocupado com minha posição na companhia. Eles vão entender que minha lealdade me força a fazer esta escolha. Tenho de evitar que os shadowrunners abusem de sua estada na arqui-sede.

Crenshaw sorriu de modo afetado e Tanaka deixou sua cabeça pender, novamente apático. Sam viu que seus argumentos não convenceriam os dois. Tudo bem. Sua curta ida ao espaço virtual e a falta de dormir o deixaram exausto. Precisava descansar. A ida à arqui-sede aconteceria na noite seguinte e, sem dúvida alguma, seria perigosa. Ele precisava estar alerta. Sam deitou ali mesmo onde estava, esticando-se na madeira dura. Em pouco tempo estava adormecido.

Sam acordou com uma mão em seu ombro. Uma luz vermelha inundava o quarto. A claridade iluminou o rosto de Fantasma quando ele se

abaixou e ficou bem perto.

- Hora de partir, cara pálida.

Sam sentou-se, ainda sonolento, sacudindo a cabeça para espantar o sono. Por um instante ficou confuso, mas o odor logo o situou. Uma rápida olhada disse-lhe que ele e o ameríndio eram as duas únicas pessoas no quarto.

- Onde estão os outros?

- Achamos melhor levá-los para um lugar mais seguro até voltarmos.

Sam assentiu enquanto Fantasma caminhava pelo quarto. Talvez o homem falasse a verdade. Ou talvez os runners estivessem mantendo os demais reféns para que ele se comportasse bem. Ele não queria imaginar que tinham matado seus companheiros para se livrarem da necessidade de tomar conta deles, mas esta possibilidade o atormentava também. A voz cínica de Crenshaw ecoava em sua mente. Ele poderia realmente confiar nestas pessoas?

Sam caminhou pelas velhas madeiras. Na sala externa encontrou Sally, Fantasma e o ork cheios de equipamento e checando suas armas.

- Onde está Squivo? Sally lhe deu um sorriso.

- Não se preocupe. Ele está num lugar onde pode se ligar à Matriz sem ser perturbado. Ficaré fazendo disparos no espaço virtual como da última vez.

- Os outros estão com ele?

- Não vamos ser muito curiosos - ela advertiu.

Colocando um facão dentro de sua bota, Fantasma apanhou um embrulho no chão e o arremessou. Sam ficou desconcertado e deixou o embrulho cair, surpreso com o peso. O embrulho em papel preto estava certamente escondendo algum objeto grande. Ele bateu aquilo, revelando o leve brilho de metal. Sam o desembalou.

- Uma pistola de fragmentação - Fantasma informou. - Pode usá-la?

Sam olhou para a arma de brilho maligno. - Não.

- Ótimo - murmurou o ork. - Ele vai acabar com nossa retaguarda, Sally.

- Se ele fizer isso, vai conosco - ela respondeu. - Entende isso, Verner?

Ele entendeu. Tudo muito bem. Ele tentou dizer isso, mas as palavras não saíam de sua boca. Ao invés disto, ele assentiu.

- E não se esqueça - o ork acrescentou. - Estarei de olho em você.

Sob aquele olhar vigilante, Sam colocou com todo o cuidado a pistola no chão e a cobriu como estava antes. Depois de fechar bem, colocou o cinto e o coldre, que ele esquecera com a excitação de descobrir a arma.

- Puxa, olhem - disse o ork em tom de escárnio. - Um shadowrunner tão feroz que estou com medo.

- Chega, Kham - Sally ordenou. - Verner fará tudo direito se você facilitar as coisas.

Ela colocou o cinto de armas na cintura e, com um girar do guarda-pó de franjas, voltou-se para a janela. Sam começou a segui-la mas deteve-se quando uma mão segurou o braço dele. Ele virou o pescoço e encontrou o sorriso de zombaria do Fantasma. Um empurrão em suas costelas dirigiu seu olhar para a arma que o ameríndio estava segurando. Sam engoliu em seco. Ele não queria aquilo, mas se eles confiavam em lhe entregar a arma, ele provavelmente confiaria na crença deles de que aquilo era necessário. Ele apanhou a arma, colocando o peso a que não estava acostumado no coldre.

A escada de incêndio rangeu e balançou sob o peso conjunto dos shadowrunners. Sam temeu que ela se soltasse da parede de tijolos e lançasse todos eles no beco. Para surpresa dele, a frágil escada ainda estava em pé quando chegaram lá embaixo.

Três motocicletas aguardavam no beco. Duas delas eram polidas Yamahas Rapier, com o cromo e o plástico novinhos. A terceira era um veículo pesadão, cujo nome - Harley Scorpion - aparecia na placa. A máquina era toda motor, ferro e misteriosas presilhas e ligações.

- Você vai comigo - disse o ork ao subir na grande Scorpion.

Sam subiu atrás do odoroso metahumano. Não havia coisa alguma em que segurar, a não ser no próprio ork, uma decisão que Sam acabara de tomar quando Kham arrancou com a motocicleta. Sam quase tombou quando ele fez a curva. O ronco das Rapiers logo juntou-se ao gemido da Scorpion e eles atravessaram o cruzamento em forma de vê das ruas da favela Redmond.

A passagem pelas ruas mostrou a Sam a mesma face de Seattle que ele vira em sua caminhada para encontrar o intermediário, pelo menos até que deixassem o deserto urbano da favela. Uma vez nos bairros mais civilizados, as multidões de rua diminuía e o ruído e a luminosidade reduziam-se. Apesar disto, os runners não pareciam deslocados. Ainda havia outros motoqueiros com longos casacos de couro. Os tipos de aparência dura que enchiam as ruas da favela misturavam-se a pessoas mais comuns, assalariados, famílias e trabalhadores comuns em busca de lazer.

Seattle era uma cidade de fronteira, isolada dentre as terras selvagens do conselho do Salish-Shidhe. Era um posto avançado da União de Estados Canadenses Americanos no meio de uma terra estrangeira, um entreposto de comércio dentro do mundo do Pacífico. Como tal, podia ser um lugar de confusões, como nos velhos tempos do oeste selvagem, Sam definiu, quando um homem ou mulher geralmente carregavam a lei no coldre.

Mesmo assim, as empresas se preocupavam com qualquer coisa que pudesse afetar seriamente os negócios e por isso havia autoridades de paz. Tiras particulares e patrulhas da Lonestar mantinham o armamento pesado das ruas e protegiam seus chefes. O que as pessoas fizessem entre si não preocupava as empresas, mas somente o que elas pudessem fazer contra as empresas e seu pessoal.

Sam considerou este equilíbrio de selvageria e civilização estranho após a paz ordenada de Tóquio, que era muito maior. A novidade tinha uma vitalidade que a capital japonesa, com toda sua cultura, sofisticação e história, deixava a desejar. Talvez ele estivesse começando a gostar de Seattle.

Quanto mais eles se aproximavam do bairro comercial central, mais civilizado tornava-se o tráfego da cidade. Carros elétricos e o transporte público tornaram-se pontos comuns, enquanto os motoqueiros tornavam-se

raros em relação aos carros de patrulha com o logotipo da Lonestar. O número de pessoas na rua mudava em favor dos trabalhadores de empresa, mas o elemento excêntrico nunca desaparecia. O diferente e o estranho estavam no limiar da consciência de Sam de um modo que ele jamais sentira nas ruas de Tóquio. Ele achava isto estimulante.

Bem no centro de Seattle, eles viraram na Alaskan Way e se dirigiram para o sul. À frente, rareando os prédios das proximidades, surgia a arqui-sede. Destacando-se na face norte da estrutura, que estava escura em sua maioria, o nome da Renraku escrito em azul em inglês e japonês complementava o brilho dourado do logotipo da companhia.

Sam já considerara aqueles símbolos confortantes, um símbolo de casa. Eles pareciam gigantescos e inatingíveis, flutuando acima de Seattle. E ameaçadores. Ele imaginou o círculo que supostamente era a fonte das ondas de comunicação como uma base de radar, suas ondas em forma de arco como uma energia onividente em busca daqueles que pudessem provocar danos à companhia. A excitação dele desapareceu, levada por um medo obsessivo. Apesar da rua cheia de gente, ele se sentia nu e exposto. Os Samurais Vermelhos certamente estavam observando a aproximação deles.

Se estavam, não tiveram qualquer reação. Os runners desviaram-se do tráfego por uma rua lateral, passando por becos entre os armazéns das docas. Diminuíram a marcha à medida que se aproximaram das docas de carregamento de seu destino, Kinebec Transport, mas as grandes portas metálicas permaneceram sem se mover.

- A droga do elfo esqueceu a hora novamente - murmurou Kham, sua voz quase que engolida pelo barulho do motor de sua moto. - Provavelmente saiu para mascar dente-de-leão.

Fantasma apontou um círculo em torno do quarteirão, arrancando um xingamento do ork. - Vamos chamar atenção.

- Não há jeito pra isso - Sally gritou em meio ao barulho da moto.

Na segunda passagem, a terceira das seis portas abriu-se quando eles contornaram o canto. Os runners dirigiram suas motos para dentro e desligaram o motor. A grande porta desceu, engolindo os ecos e os protegendo da rua.

Fantasma os levou sem titubear pelo prédio escuro até um painel de manutenção. Um trabalho rápido com uma ferramenta multiuso retirou o painel, permitindo que eles ingressassem no nível inferior ao longo de uma escada de degraus enferrujados até a viga de sustentação. Cerca de cem metros depois ele os levou para cima por uma outra escada. O prédio em que entraram cheirava a mar. Sam podia ouvir o leve rumor de água contra os pilares.

- Pronto, cara pálida. Estamos na doca número um do lado oeste, bem diante da clínica do Fred Ligeiro. É por sua conta agora.

Sam não sabia onde era a clínica de Fred Ligeiro, mas reconheceu a localização da doca nos mapas da arqui-sede que ele já vira. Ele conduziu os runners até a rua e até a doca em direção à arqui-sede. A cerca de trinta metros da estrada em circunferência que corria ao longo das paredes da estrutura, ele indicou o portão num lugar da construção. Antes que Fantasma pudesse usar sua ferramenta, Kham empurrou o portão de fios, rompendo a corrente fina e jogando o cadeado no chão.

- Estamos com pressa, não estamos? - disse ele em defesa desta falta de sutileza.

Conduzindo-os pela maquinaria paralisada, Sam os levou para o térreo do esqueleto da estrutura. Em poucos minutos de busca ele encontrou o que procurava.

- Este é o eixo do tampão das tubulações do trocador de calor que correm sob a arqui-sede. Temos de conseguir nos mover ao longo delas para entrar através de uma estação de manutenção inacabada.

- É melhor que você esteja certo, cara. Isto não parece uma operação confortável.

Sam também esperava estar certo. Seu plano de entrar desta forma baseava-se numa programação de construção de três semanas. Este documento previa que a estação estivesse concluída e segura no momento. Ele estava contando com o fato de que praticamente tudo no projeto da arqui-sede estava atrasado. Se os operários tivessem sido, ao contrário do esperado, eficientes, eles não teriam acesso por ali.

Rastejar estava sendo uma "operação", como o ork previra. Duas vezes o volumoso metaumano tentara forçar a passagem nas junções sem se

livrar do seu equipamento.

Duas horas depois e muito suados, eles abriram caminho pelo túnel cheio de vapor em direção à estação. Fracas luzes de trabalho orilharam por uma passagem sem barreira.

Sam enxugou a testa com a mão imunda. Pelo menos agora ele não tinha de se preocupar com o que os runners iriam fazer com ele se o caminho estivesse bloqueado. Como previsto pelo plano, eles localizaram o terminal da estação. Sem colocar qualquer plugue em sua conexão, Sam a ligou e acessou o código que diria a Squivo que eles tinham conseguido entrar nas cercanias da arqui-sede Quase ao mesmo tempo o elfo respondeu pelo alto-falante do terminal.

- Estão atrasados.

A mexida de cabeça de Sally impediu qualquer resposta.

- Estamos todos preparados para a etapa seguinte?

- Certamente, minha lady. Os mercenários que estão nos pontos de checagem ao longo da sua rota foram instruídos a esperar uma equipe de substituição. Há cartões de acesso temporário esperando vocês na recepção do nível alfa, mas vocês precisarão de todos os seus talentos especiais para apanhá-los. Infelizmente, não tenho os códigos necessários para ativá-los e não tive tempo de fazer falsificações. É de fato um sistema notável o que eles têm aqui.

- Deixe a admiração pra depois, elfo - Fantasma cortou. - O que vamos fazer com estes códigos?

- Não precisa ficar irritado, sr. Lâmina. Acho que pode haver uma solução. Se o nobre sr. Empresa entrar com seu próprio código, posso copiá-lo em todos os cartões. Acho que posso esconder as múltiplas entradas sob a forma de um problema no sistema.

Os runners olharam esperançosos para Sam. A boca dele estava seca. Se a Renraku tivesse desativado seu código de acesso quando ele desapareceu, o plano estava fadado ao fracasso. Na pior das hipóteses, dispararia os alarmes. De qualquer forma, ele estaria comprometendo seu acordo de confidencialidade com a empresa. Como se ele já não tivesse feito isto levando estas pessoas até ali.

- Squivo?

- Sim, sr. Empresa - Se eu colocar o meu código você pode lê-lo ou vai copiar às cegas?

- Você tem tão pouca fé assim? Não sou Squivo, mago da Matriz? Com tudo que me for dado, eu posso lidar da maneira que quiser.

Não, Sam pensou, estou demonstrando bastante fé. Suas penas simplesmente parecem se agitar quando você blefa sobre o quanto é bom.

- Não vai guardar uma cópia para usar em outra ação?

- Sr. Empresa, você me ofende. Claro que não. A oportunidade foi que me incitou a esta passagem. Um tecnauta com a minha habilidade abre o que quiser, quando quiser.

- Que bom ouvir isto, Squivo - Sam respondeu. Provavelmente significa que você não pode fazer isso. Vou colocá-lo.

Enquanto Sam digitava seu código na estação de dados, Kham puxou Sally de lado. Eles voltaram com quatro pares de macacões de trabalho da Renraku e capacetes que apanharam no compartimento de suprimentos. Quando os runners começaram a vestir a roupa, Sam ficou parado, segurando o macacão e o capacete que Sally lhe entregara.

- Isto não vai funcionar, vocês sabem - ele disse a eles. - Sally e eu podemos passar, mas vocês dois obviamente não são da Renraku.

- Mas a Raku não dá oportunidade igual de emprego? - o ork perguntou.

- Não, se puder evitar.

- Vista esta droga, cara pálida. Sally cuidará disso. Sem outra opção, Sam obedeceu.

- O que você quer dizer com Sally cuidará disso? - ele perguntou, fechando o traje branco sobre o preto que haviam lhe dado.

- Um feitiço de ilusão - disse ela. - Os guardas verão o que eles devem ver.

- Se você pode fazer isso, por que se preocupar com os macacões?

- Assim é mais fácil. Quanto menos eu tiver de transformar para que eles vejam o que eu quero que vejam, fica mais fácil fazê-los ver.

- Se você podia fazer isso, por que simplesmente não entramos pela porta da frente?

- Saco! - disse ela. - Agora fique quieto um instante para eu me concentrar.

Ela fechou os olhos e colocou a mão esquerda no punho da espada mágica onde ela saía pelo corte do bolso. A mão direita fez uma série de gestos enquanto ela a movia para a frente e para trás diante de si. Sam viu, ou pensou ver, uma leve luz se corporificar por um instante, seguindo o curso de seus passos mágicos.

Era muito estranho. Ele se voltou a tempo de captar uma expressão de nervosismo no rosto de Fantasma. Alguma coisa estaria saindo errado? Ele se virou para o ork e o viu olhando fascinado para Sally. O rosto feio dele mostrava uma mistura de espanto e de desejo. O cotovelo do ork bateu no peito de Sam.

- Adoro quando ela faz isto - ele sussurrou.

Os olhos de Sally se abriram, e o feitiço desapareceu. Ela os encaminhou para apanhar as caixas de ferramentas e esconder suas armas. Uma vez feito isto, subiram num veículo e foram até os elevadores.

O guarda no nível alfa os recebeu sem curiosidade. Estendendo os cartões de acesso, ele mal olhou para este pequeno grupo. Sam pensou que estava tudo correndo bem, porque Kham colocou o polegar no nariz e sacudiu os dedos diante do guarda enquanto esticava a pata para receber o cartão que supostamente era dele. De modo inacreditável, o guarda não reagiu.

Assim que estavam seguramente dentro de outro elevador a caminho de níveis mais elevados, Sam debruçou-se e cochichou no ouvido de Sally.

- As brincadeiras de Kham não tinham nada a ver com o comportamento de um operário. Por que o guarda não reagiu?

Ela deu um leve sorriso.

- Estou acostumada com Kham. Trabalho muito duro nesta parte do feitiço.

Quando o elevador fez uma parada, eles saltaram. Estava praticamente vazio. As poucas pessoas que caminhavam por ali àquela hora da noite não lhes deram muita importância, como se fossem operários de verdade. Da mesma forma, Sam pensou, que ele próprio sempre ignorava as turmas de operários. E ficou imaginando se o feitiço de Sally seria necessário realmente ali. Logo chegaram a outra estação de guardas, e Sam ficou feliz pela eficácia do feitiço quando Kham esticou aquela língua muito vermelha na direção de uma mulher atrás do balcão. Ela lhes desejou apenas boa sorte de um modo desinteressado, antes de voltar sua atenção à tela que estava um pouco abaixo dos seus olhos.

Três elevadores e mais dois postos de guarda à frente e eles chegaram ao escritório de Pesquisa de Sistemas de Computação. Passaram pelo guarda existente ali sem maiores problemas do que antes. Uma vez lá dentro, uma rápida checagem com o elfo deu um sinal de que estava tudo tranquilo.

- Foi muito fácil - declarou o Fantasma. Ele retirou suas Ingram de dentro da caixa de ferramentas, enfiando uma no cinto e mantendo a outra pronta em sua mão. Kham e Sally pegaram suas próprias armas. Eles pareciam confiar na intuição do samurai mais prontamente do que na informação do elfo sobre as condições de segurança.

- Primeiro a segurança, cara-pálida - disse o ameríndio quando percebeu que Sam não fizera qualquer movimento para apanhar a arma que eles haviam lhe dado. - Você não terá tempo de voltar para pegá-la se ficarmos enrascados.

De modo relutante, Sam apanhou a arma de aço.

- Vamos ser rápidos - disse Sally, passando os vasilhames do contra-agente que o biotécnico de Castellano fornecera. - Espalhem isso. Não sabemos onde nem o quanto dessa droga foi usado. Vou limpar tudo que tenha sido deixado dos brinquedos sujos da Seretech fora do armário.

Eles se dividiram.

Sam estava começando a lançar o produto na terceira sala, uma grande área de trabalho dos projetistas de sistema, quando Sally juntou-se a

eles.

- Pegamos todos - disse ela, antes de começar a espalhar o contra-agente no outro extremo da sala.

Um minuto depois, apareceu um guarda vestido de vermelho. O homem devia estar fazendo uma inspeção não programada ou devia estar de passagem. Não parecia ter pressa e isso encorajou Sam. Depois de tantos êxitos, ele estava quase à vontade com a perfeição da magia de Sally. Com Sally ali com eles, pouca coisa poderia sair errada. O feitiço evitaria que eles fossem descobertos.

Quando o guarda passou por ele, Sam levantou a mão segurando a arma e acenou. O homem respondeu o cumprimento e seguiu em seu caminho. O guarda já estava passando pela porta quando parou e voltou-se, os olhos arregalados.

- Cuidado, senhora - gritou o guarda para Sally enquanto apanhava sua arma. - Invasor armado!

- N... Não - Sam gaguejou, levantando sua arma de aço. O guarda o ignorou, esvaziando seu coldre e assumindo uma postura de disparo.

O dedo de Sam apertou o gatilho da arma de aço. A arma se sacudiu enquanto liberava uma contínua torrente de dardos de plástico. Agulhas bem agrupadas e viajando a uma velocidade um pouco abaixo da subsônica penetraram no peito e no ombro direito do guarda. Ele caiu para trás, um sangue brilhoso escorrendo por sua boca, esparramando-se imóvel. A arma dele bateu no chão, seu aro de metal com uma clara nota que parecia obscenamente pura na desordem ensanguentada.

A própria arma de Sam caiu no chão com um ruído estridente.

O som do disparo de Sam fez com que o Fantasma e Kham viessem correndo.

- Que droga! O que aconteceu? - o ork latiu.

- O guarda deve ter pego uma falha no feitiço - Sally respondeu.

Sam estava aturdido, revendo os últimos momentos repetidas vezes. Ele via o guarda virar-se, uma expressão de confusão em seu rosto. Sem

medo. Sem preocupação. Apenas assombro. Então, os olhos castanhos se arregalaram, detendo-se na pistola de fragmentação.

- Ele parecia ver a arma.

Sally soltou uma série de sílabas que soavam como um xingamento e bateu com o pé.

- Ele devia ter visto isto como uma ferramenta. O objetivo não foi enfocado direito. Já que a pistola de fragmentação não era algo a que você estivesse acostumado, o feitiço não poderia cobri-la também.

- Agora está feito, Sally - disse o Fantasma num tom apaziguador, enquanto se dirigia para ver o corpo.

- Eu atirei nele - disse Sam. - Ele se sentia entorpecido.

- Não se preocupe, cara - disse Kham. - A empresa jamais saberá quem fez isso.

- Mas ele está morto - Sam protestou.

- Não - o Fantasma discordou. - Mas morrerá, sem cuidados. Se ele for atendido enquanto estivermos aqui, nós é que estaremos mortos.

- Vamos acabar isso e sair - a voz de Sally estava fraca. Voltaram ao trabalho, deixando Sam olhar sua vítima.

O guarda caído parecia jovem, não muito mais velho do que Sam. Uma vida terminada precocemente porque um feitiço não funcionara como deveria funcionar e porque um tolo e assustado Sam entrara em pânico. Não parecia direito.

Este guarda não era um caçador de emoções das ruas. Não era nem mesmo um dos samurais vermelhos sem rosto, embrutecidos pela dura realidade da vida. Era apenas um garoto fazendo seu trabalho. Tinha até tentado proteger Sally, pensando que ela pertencesse à empresa e que apenas Sam fosse um invasor. Que tola ironia.

Por que Sam apanhara uma arma com os runners? Parecera improvável que ele precisasse dela. Ele precisara dela? Tenha ou não precisado, ele a usou. O resultado estava estendido a seus pés.

Como puderam as boas intenções terem feito com que ele agisse assim?

Algum infinito tempo depois, Sam percebeu que o Fantasma estava falando com ele. Ele piscou, ao perceber que não mais se encontrava no Centro de Pesquisa de Sistemas de Computação. De algum modo os runners o tinham colocado no bagageiro do carro no subnível F. O elfo devia ter arranjado um veículo para tirá-los dali.

- Vamos, cara-pálida. Me escuta - o Fantasma estava dizendo. - O elfo fez um chamado de emergência para o guarda. Vão cuidar dele. Está satisfeito?

- Satisfeito? - a voz de Sam parecia distante, como se outra pessoa estivesse falando. - Preciso saber se ele ficará bom.

- Não dá.

- Vocês podem ir. Vou voltar e saber. Vocês já fizeram o que tinham de fazer por sua reputação. Não precisam mais de mim. Vão. Deixem eu ficar aqui.

- Não vamos deixar você atrás para levantar a tropa -Kham rosnou.

- Não Vou - Sam protestou.

- Você está certo - o ork disse, apontando sua HK227 diretamente para a barriga de Sam. - Porque você vai com a gente.

Sam olhou para Sally e para o Fantasma, mas seus olhos estavam frios. O Fantasma arrancou a pistola de fragmentação, que de algum modo voltara para o coldre de Sam. Sam pendeu a cabeça e se deixou levar.

Quando o furgão que eles tinham liberado entrou na Westem Avenue, Sam ouviu o ruído de sirene vindo do céu. Ele retorceu a cabeça e conseguiu ver por um instante uma ambulância aérea do DocWagon voando em torno da arqui- sede, dirigindo-se para uma das pistas de pouso. Ele ficou imaginando se daria tempo para fazer alguma coisa.

Fragmentos de sensações e de imagens chegavam até ele através do espanto em que se refugiara. Um prédio mal iluminado e uma pilha de macacões brancos sujos desaparecendo num incinerador. Lampejos de luz e

sombra. O fedor do ork. O ruído de uma sirene. O vento batendo em seu rosto e a vibração de um motor potente sob seu assento.

De repente, ele percebeu que o vento e a pulsação do motor pararam. Ele estava sentado atrás de Kham, o ronco da Scorpion emudecera agora, passando a um ruído em marcha lenta. Estavam em alguma parte da favela.

- Você vai descer aqui, Verner.

Sam pulou da moto e ficou no meio dos três shadowrunners montados. Olhou para Sally.

- E os demais? Vão libertá-los agora? Foi o Fantasma quem respondeu.

- Há cerca de meia hora que estão livres. Devem estar chegando à arqui-sede agora se não tiveram medo de pegar o ônibus da Terceira Avenida, na Orktown.

- E quanto a você, Verner? - Sally perguntou com delicadeza. - Vai segui-los de volta à Renraku?

- Claro - Sam respondeu automaticamente. - Trabalho para a empresa.

Kham conteve uma gargalhada. Sally cortou-o com o rosto fechado e voltou seus olhos para Sam.

- Deve ser uma decisão tola.

- Não acho. Tenho confiança em que eles entenderão.

- É seu funeral - o ork gritou, acelerando sua moto e perdendo-se na noite.

- Boa sorte - Sally disse ao ligar sua Rapier e tomou a mesma direção do ork.

- Você é muito leal, cara pálida. Espero que eles mereçam isso. - O Fantasma jogou a pistola de fragmentação para Sam. - Você pode precisar disto para voltar para casa, mas sugiro que você encontre um belo compactador de lixo antes de cruzar com algum distintivo.

A Rapier do ameríndio fez um barulho agudo quando os pneus deslizaram no asfalto, e então saiu á toda, seguindo os ecos das outras.

Sam estava sozinho na rua, exceto por um cachorro sarnento catando restos no meio do lixo e dos ratos. Deixando a arma entre seus pés, ele sentou-se no meio-fio.

Olhou para a arma por um longo tempo antes de perceber que ele tinha companhia. O cão abandonara sua busca para se sentar ao lado dele. O animal também olhou para a arma.

- Você também não sabe o que fazer?

O cão ganiu e tentou lambe o rosto de Sam.

- Não tenho comida pra você.

A cauda do animal bateu na calçada, desfazendo o engano. Sam levantou-se e o cão fez o mesmo. Ele correu alguns metros pela rua e então parou.

- Devo correr pela rua com você? O cão levantou a cabeça.

- Não. Não esta noite. A vida nas sombras não parece feita pra mim.

Sam virou-se na direção que achou que o levaria de volta ás partes mais amistosas de Seattle. O brilho no céu indicou que ele fizera a escolha certa. Tinha dado cerca de dez passos somente quando o cão correu até o lado dele.

- Vem comigo? O cão latiu.

- Bem, amigo - Sam disse, quando o cão começou a caminhar ao lado dele. - Lealdade não é uma virtude fácil. Mas suponho que não assusta você. Você será fiel à sua natureza, afinal de contas.

Homem e cão caminharam em silêncio. Atrás deles, gotas de chuva começaram a cair sobre uma arma abandonada caída nas sombras.

# PARTE 1

## Custa mais que um salário, cara

### 1

2051.

Samuel Verner nunca acreditara nas histórias sobre fantasmas na Máquina.

Embora as narrativas fossem bizarras, havia sempre uma explicação razoável. Algumas histórias eram pura fantasia, enquanto outras eram mistificação de invasores mirins ou mentiras completas de incompetentes buscando esconder seus erros. Não havia prova de uma consciência desencarnada na Matriz.

Agora, sob o céu eletrônico da Matriz na arqui-sede Renraku, ele começou a conjecturar.

Um ícone-persona entrou no arquivo setorial onde a própria projeção de Sam estava trabalhando. O centro do ícone era o padrão do tecnauta Renraku, a imagem cromada de um assalariado. O logotipo da Raku em neon azul no lado esquerdo do peito, ombros e costas do casaco da figura. O cromo refletia os números e letras em movimento que eram a representação visual do arquivo setorial. Fortes linhas vermelhas marcavam a superfície do ícone como ferimentos graves, rudes sombras do contorno luminoso que cercava a forma humanóide.

Aquele simulacro de arame era uma caricatura de um palhaço kabuki. Qualquer aficionado por aquela forma de teatro lascivo japonês

reconheceria esta figura patética, que provocava risos dentre aqueles que resistiam aos intermináveis processos da vítima do palhaço. Sam estava acostumado com a imagem do kabuki, e estava familiarizado também com ela aqui na Matriz. O palhaço oco e seu núcleo corporativo era o ícone-persona adotado de Jiro Tanaka.

Mas Jiro morreria havia pelo menos três horas.

Antes de começar seu trabalho do dia, Sam fizera uma incursão não autorizada ao banco de dados do hospital da arqui-sede. O arquivo de Jiro estava fechado, mas ainda não selado. Dentro do arquivo, o registro do paciente indicava que a atividade cerebral cessara às 06:03. Sam ficou triste, mas não surpreso; o jovem tecnauta da empresa piorara vertiginosamente desde sua queda acidental na calçada do setor comercial. A queda de dois andares, lançando-o no concreto da calçada, quebrara ossos e provocara ruptura em órgãos. O prognóstico do médico fora pessimista, falando em possível dano cerebral e numa aparente falta de vontade de viver.

Agora, contudo, o ícone-persona de Jiro estava ativo na Matriz, abrindo caminho entre o labirinto de dados. Movia-se lentamente, de modo hesitante, como um espírito recém-libertado ajustando-se a uma nova forma e a novas capacidades. Os fantasmas faziam pouco sentido no mundo real; não tinham ocupação no mundo análogo da Matriz. A alucinação consensual usada pelos operadores para manipular o imenso fluxo de dados nas incríveis velocidades do computador não constituía um mundo real. Não tinha como enganar e prender almas.

Alguns dos tecs trapaceiros que infestavam as redes de dados argumentavam que a alma de um tec podia ser deixada presa na Matriz quando algumas contramedidas assassinas fritavam seu cérebro. Sam vira documentação científica o bastante para saber que tais boatos eram fantasias. O ícone-persona era apenas um cursor, um indicador que mostrava para onde a atenção do operador estava voltada num sistema de computador. Não tinha existência, mesmo que outro operador na mesma parte do sistema pudesse percebê-la. O ícone não tinha uma realidade objetiva. Simplesmente indicava onde o tecnauta estava envolvido, um análogo para suas atividades dentre as linhas de dados, chips óticos e arquitetura de computador que era a Matriz. Não havia espaço para espíritos

no mundo eletrônico. As almas eram a província de Deus e, quando o corpo morria, seguia para o julgamento que Ele faria. Nenhuma máquina poderia retê-la.

Deveria haver outra explicação. O programa de Sam continuou a rodar enquanto ele pensava no assunto. Enquanto seu próprio ícone permanecia estacionado entre os alfanuméricos que surgiam em confusão, quase transparentes, porque seu terminal estava envolvido numa busca "através do fluxo", o ícone de Jiro passou por ele. Não deu o menor sinal de reparar em sua presença, a menor indicação de reconhecimento. Sam sentiu ao mesmo tempo desapontamento e alívio. Mesmo um fantasma de Jiro, não passaria sem cumprimentar. Quem quer que estivesse usando o ícone de Jiro, era um estranho.

Os dedos de Sam digitaram rapidamente o teclado de seu terminal. O programa "através do fluxo" foi desativado e ele acionou o programa que chamara cola-nele. Quando o terminal carregou o programa, seu ícone ficou opaco, reduzindo-se no ícone padrão de assalariado Renraku. Sam levantou-se e ficou atrás do ícone de Jiro, seguindo o tecnauta passo a passo. Finalmente o ícone de Sam foi parar em outra posição, "tele-movendo-se" com a força do cola-nele para se manter fora da linha de visão de Jiro e, conseqüentemente, fora da percepção do operador.

A telecinesia era uma função do programa que Sam não compreendia. Ele sabia por que ela operava, só não sabia como. Mas ele era um usuário, não um programador. Não precisava saber. Aquela capacidade mostrara-se útil naqueles primeiros meses após o incidente do sequestro e isto era o suficiente para Sam.

A morte da esposa de Jiro afetara o jovem tecnauta radicalmente. Seu comportamento tornara-se errático, deixando-o mal-humorado e solitário, quando ele era antes aberto e sociável. A Renraku Corporation reagira à mudança, interessada no bem-estar dos funcionários. Quando Sam relatou o acréscimo que o jovem tecnauta fizera a seu ícone da Matriz, o psiquiatra da empresa concordou que monitorá-lo era uma precaução razoável. O médico autorizara os especialistas da empresa em software a preparar e colocar um programa de vigia que permitisse que outro tecnauta seguisse Jiro enquanto ele se movimentava pela Matriz. As modificações de hardware e o software de vigia colocados no ciberterminal da estação de

trabalho de Jiro permitiam que o observador ficasse invisível aos sentidos do ícone dele.

Sam persuadira o psiquiatra de que ele era uma boa escolha para vigia. Afinal de contas, Sam era uma das poucas pessoas na arqui-sede que sabia alguma coisa sobre Jiro. O doutor concordou que Sam teria boas chances de anotar anomalias no comportamento de Jiro, possivelmente captando sutis referências a eventos passados. Na verdade, o médico concordara tão prontamente que Sam suspeitou que ele possa ter agido assim porque o plano fosse uma boa terapia para o próprio Sam. Sam não se importava. Suas experiências nas mãos dos shadowrunners que sequestraram o avião criaram um vínculo entre todos eles. Sam não podia abandonar Jiro, especialmente depois de ver como o amigo facilmente absorveu a atitude niilista de Alice Crenshaw, outra sobrevivente do sequestro.

O ícone de Jiro saiu do arquivo setorial e mais para dentro do sistema de computador, esbarrando em Sam com uma súbita mudança de perspectiva. Ele não estava mais acostumado ao movimento forçado do cola-nele. Já se passaram meses desde que o psiquiatra certificara Jiro como estável e, assim, suspendera a autorização do cola-nele.

Sam repeliu a desorientação, centrando-se na tarefa que tinha pela frente. Se não fora Jiro, então alguém entrara ilegalmente no sistema Renraku. Nenhum usuário legítimo poderia operar com a programação da persona de outro; não teria os códigos ou não teria como saber as senhas para acessar o software. Sam tinha na empresa a função de evitar o uso incorreto do sistema?

O ícone percorreu as linhas de transmissão de dados, passando ao largo de alguns nós e através de outros. Finalmente, eles passaram imagens de samurais em neon vermelho. Estas figuras de guardas eram sentinelas da Matriz Renraku, o software que acionava contramedidas às invasões, ou o que a gíria dos tecnautas conhecia como gelo. Os guardiões eram versões da Matriz das forças de segurança de elite dos Samurais Vermelhos da Renraku, embora os ícones parecessem mais antigos guerreiros japoneses do que guardas de verdade em suas armaduras neofeudais. Como Sam esperava, nenhum dos samurais se moveu para fazer oposição a eles. Os

códigos de acesso colocados em seus ícones atestavam a legítima presença deles.

Quem quer que estivesse manipulando o ícone de Jiro, contava com esta proteção.

Em algumas das áreas pelas quais eles passaram, a imagem da Matriz era obscurecida, a definição das linhas nos constructos abaixo do padrão. No início, nos poucos nódulos onde os fenômenos eram óbvios, o ícone de Jiro parava, aparentemente interessado no efeito. Este era outro indício de que o tecnauta era alguém de fora, pois todos os tecnautas da Renraku eram familiarizados com as áreas obscuras que se tornaram cada vez mais comuns ao longo das linhas de transmissão de dados da arquitetura Renraku. Os fenômenos de ofuscamento de imagem eram aleatórios em termos de duração e de localização, parecendo não afetar o desempenho do computador. Nenhum dos deckers conhecia a origem das perturbações, e seus relatos não tinham fornecido nada além de uma diretriz para continuar percorrendo todos os encontros com o fenômeno.

O tecnauta perdeu tempo em diversos arquivos de dados, mas em nenhuma vez Sam observou a calma e a vibração que ele associava à baixa de arquivo na memória de uma persona. Se quem estivesse controlando o ícone de Jiro não fosse roubar qualquer dado significativo, o que desejava então? Seria ele então apenas um "brincalhão" utilizando o terminal de Jiro para se divertir na Matriz?

O tecnauta moveu-se.

Finalmente o ícone de Jiro deteve-se diante da barreira cintilante que os tecnautas da empresa tinham apelidado de Parede. Parede era uma extensão sem forma, com raios de estática tons de cinza, contrastando por completo com o brilho azul que se espalhava por toda a arquitetura Renraku. Este era um território proibido, mesmo aos tecs Renraku. O ícone de Jiro permaneceu um longo momento diante da barreira, como se a estivesse contemplando.

Seria este o objetivo do tecnauta? Um assalto à Parede? Sam desativou o cola-nele no momento em que o ícone de Jiro avançou, fundindo-se com a Parede e desaparecendo de sua percepção. Antes que Sam pudesse acionar o código de alerta, o ícone reapareceu, surgindo de

novo na Parede. A forma de palhaço cintilou, sibilando e crepitando, enquanto o ícone irrompia e deslizava ao longo da superfície invisível que era o "chão" da Matriz.

Ao mesmo tempo, a Parede extrudou um samurai que era um pedaço de sua origem, uma ameaçadora forma de estática. Os mutáveis tons da superfície enevoavam e ocultavam o detalhe na imagem do ícone de samurai. Ele se libertou da Parede, retirando uma katana de sua faixa, ao mesmo tempo em que avançava para o ícone de Jiro. A lâmina da espada produzia estrépitos com lampejos, enquanto o samurai a brandia no alto.

O ícone de Jiro fugiu do primeiro ataque, deixando para trás uma imagem própria de fantasma. Enquanto o fantasma lutava para se levantar, o samurai atacou, sua katana avançando pelo pescoço do oponente, decapitando-o. A cabeça mal tinha se separado do corpo do fantasma antes que ambos desaparecessem.

Virando sua cabeça para o lado, o ícone do samurai voltou-se para o verdadeiro ícone de Jiro. Embora a farsa tivesse dado apenas uma fração de segundo para o tecnauta, foi o suficiente para que ele acionasse um programa ofensivo. O ícone interno segurava uma pistola de aparência mortal, enquanto a capa do kabuki acrescentava um mosquete crepitante à imagem padrão da Matriz Renraku do programa de ataque. Assalariados de cromo e palhaços de arame levantaram suas armas, disparando enquanto o samurai carregava.

A pistola rugiu no disparo automático. O mosquete redesenhado, como seu protótipo jamais poderia, disparou novamente e mais uma vez. Numa espécie louca de câmera lenta, Sam viu as balas atingirem a crepitante armadura estática do samurai. Não houve dano perceptível.

Alcançando seu oponente, o ícone samurai agigantou-se sobre o tecnauta. A katana lançou-se acima da cabeça com armadura e equilibrou-se por um instante antes de descer. A espada desceu através do esboço de palhaço, mas não conseguiu tocar a forma interna de cromo, já que o ícone de Jiro lançou-se para o lado. A imagem externa de arame desapareceu com um estampido. O samurai deu outro passo à frente, contorcendo seu corpo para converter o momento de seu gesto em outro ataque. O golpe acertou o ícone de Jiro quando ele tentava se levantar, jogando-o para trás. A superfície de cromo do ícone de Jiro escureceu onde a espada tocara.

Quando a katana deslizou, o restante do abatido ícone de Jiro levantou um braço num inútil gesto de defesa. A espada desceu, cortando o braço levantado, em direção ao peito cromado do ícone.

O ícone de Jiro desapareceu instantaneamente. O samurai permaneceu completamente parado depois do golpe mortal e, então, mudou para uma posição em garde. Acima de sua cabeça, a brilhante espada sibilou maldosamente.

Sam permaneceu parado quando o samurai cinza e preto voltou-se em sua direção. O que ele acabara de testemunhar não fora um jogo de computador, nem um exercício de treinamento, nem tampouco um passatempo. Sua imagem pode ser virtual, mas seus efeitos foram bem reais. O tecnauta que controlava o ícone de Jiro estava agora provavelmente morto, uma casca sem mente, as funções superiores de seu cérebro destruídas pelo ataque mortal do samurai controlado por computador. Sam temeu a inspeção do samurai quando as órbitas escuras dos olhos da armadura deslocaram-se para a sua posição, mas o ícone-guarda simplesmente embainhou a espada. Com uma atitude de desdém, o samurai voltou para a Parede e imergiu na estática bruxuleante. A figura fundiu-se com a Parede, desaparecendo como se jamais tivesse existido.

Sozinho no plano fora da Parede, Sam analisou suas opções. Se ele relatasse o incidente a seus superiores, ele teria de confessar que seguiu o ícone de Jiro ao invés de reportar imediatamente. Isto significaria também revelar que ele observara a posse e uso pela Renraku de gelo negro ilegal.

A cabeça de Sam doía e seus dedos estavam frios sobre o teclado. Ele olhou para a Parede, vendo pela metade imagens de destruição na superfície volátil. Ele não podia fazer coisa alguma aqui. Ao invés de refazer o caminho até o arquivo de dados onde estivera pesquisando, ele decidiu desligar.

Seu ícone desapareceu da Matriz quando sua consciência voltou ao cubículo onde seu corpo estava sentado curvado sobre o terminal. Com um suspiro ele puxou a tomada da conexão de dados em sua têmpora esquerda. Esfregou o rosto com as duas mãos, tentando acabar com a torturante dor de cabeça que sempre acompanhava suas incursões à Matriz. Geralmente a massagem substituía a dor por um cansaço absoluto, mas hoje sua cabeça continuava a latejar.

Gelo negro.

Era aquilo o que protegia a Parede, as contramedidas assassinas tencionavam destruir o equipamento de um tecnauta e, se possível, levar a vida dele. A presença de um software mortal assim significava que a Renraku valorizava tanto o que estava atrás da Parede, que os chefões da empresa não tinham o menor pesar em enviar impulsos elétricos mortais através das linhas para fritar o cérebro de qualquer um que conseguisse ter acesso ilegalmente a seu sistema gelo assassino. Este era um sistema ilegal, mas seu uso jamais era relatado às autoridades, porque era sempre dirigido contra invasão criminosa. O mundo empresarial do século vinte e um baseava-se no velho adágio de que os mortos não falam jamais. Mas agora Sam vira o gelo assassino em ação e sobrevivera para falar.

Ele jamais teria acreditado que a Renraku chegaria a algo tão baixo, exibindo total descaso pela vida humana. Como Aneki-sama permitia isto? Sam suspeitava de que o astuto velho não estava a par do que seus subordinados estavam fazendo aqui na arqui-sede, e achou que era dever seu informar ao diretor-sama sobre este terrível acontecimento. Mas como conseguir fazer isto? Ele achava que o último olhar do samurai significou que os que se encontravam por trás do gelo negro sabiam que Sam testemunhara sua vilania. Se tentasse revelar o que vira hoje, na pior das hipóteses, eles usariam o poder que têm para cercar ou alterar o depoimento dele. Se Sam tentasse ir a público com a informação, mesmo se apenas dentro da estrutura empresarial da Renraku, estaria fazendo inimigos. Poderosos e mortais inimigos.

## 2

Rostos sujos, maldosos a cercavam, olhando de soslaio. Vozes rudes chamavam o nome dela e a ridicularizavam. Os rostos estavam rindo, mostrando os dentes pontiagudos, insultando-a. Ela passara sua vida toda tentando não ser parte do mundo deles, odiando o desamparo deles. Desamparo - o que ela odiava mais do que aqueles rostos.

Eles eram a escória. Os mesmos pelo mundo afora, os desesperançados e os perdidos amontoando-se nas sombras dos grandes metroplexos. Eram gente de rua, prostitutas, trapaceiros e vagabundos. Eram criminosos mirins, proxenetas, homossexuais e prostitutas. Alguns da escória achavam que eram melhores do que o resto, insatisfeitos que se chamavam shadowrunners, e brincavam de ser nobres idealistas. Como se um nome fantasioso pudesse mudar o que eles eram - ladrões, terroristas de meia-tigela e parasitas do corpo empresarial.

Às vezes a escória se saía bem, pegava alguém antes que este pudesse se livrar, com pele intacta o suficiente, e chegar até o médico da empresa para ser refeito. Mas a vingança era possível se a pessoa esperasse pela sua chance e trabalhasse como um tigre na hora da emboscada. Era assim que um profissional cuidava do caso. Mais cedo ou mais tarde, os indesejáveis sempre cometiam um erro e um profissional colocaria a mão neles. Isto pelo menos é o que ela teria feito se algum traidor choroso não a tivesse entregado, não a tivesse drogado e vendido a integridade de seu corpo pela sua própria integridade.

No escuro, o brilho dos corpos suados, grudentos, aumentava seu ódio. Sala suja, fétida. Mãos encardidas, apalpadoras. Um sorriso de dentes estragados sob olhos espelhados. Bocas babadas. Dor.

Ela odiava traidores. Pervertidos de mente fraca que vendiam a herança e os colegas da companhia em proveito próprio e vendiam seus colegas para seu próprio bem-estar. Ela odiava os repugnantes que deixavam os outros fazerem o trabalho sujo por temerem sujar suas mãos. Pior que isso, ela odiava os que faziam isso, aqueles que iam rastejando de volta a seu casulo na empresa como se nada tivesse acontecido. Como se não tivessem traído alguém.

Um a um, os rostos mudavam, suas feições flutuando e fundindo-se até que cada rosto tivesse um único conjunto de feições. Um rosto largo, sujo, com olhos espelhados que pertenciam a um animal da sarjeta. Escória de rua. Uma máscara assexual. Ela jamais esqueceria aquele rosto.

A fisionomia olhando de soslaio estilhaçou como uma máscara de vidro, os cacos se espalhando para revelar outro rosto por baixo, decepcionante em sua normalidade. Cabelos louros cortados bem baixinhos, ao estilo de um funcionário, uma conexão de dados de aço-cromo na

têmpora esquerda. Queixo quadrado. Nariz reto. Olhos castanho-avermelhados. Ela também conhecia aquele rosto. Conhecia tão bem quanto o dela próprio, conhecia cada ruga e cada mancha. Plácido, com o aspecto estúpido de um cão, crente e inocente, era o rosto de um traidor, zombando dela e do seu desamparo.

Ela o odiava.

Blam!

O Ruger Super Warhawk em sua mão direita rugiu, detonando balas de 1 lmm num rosto zombeteiro. Acabou-se a conexão de dados.

Blam! Blam!

Acabaram-se os olhos vermelhos. Acabou-se o sorriso com dentes de pérolas.

Blam! Blam! Blam!

Rostos estilhaçados sob as balas dela, o traidor mandado para o esquecimento. Reparação pela vergonha que ela sofreu.

Não há mais traidor. Não há mais vergonha. Se fosse tão fácil apagá-lo e apagar as memórias no mundo real como era imaginar a cara dele nos alvos de tiro.

- Belo tiro, A. C.

Crenshaw girou, fazendo mira sem pensar quando a ligação da arma jogou dados através da base de indução em sua mão. A ponta do cano encostou de todo no rosto de quem falara. Ele perdeu a cor quando ela aumentou a pressão sobre o gatilho.

Ouviu-se então um minúsculo estalido.

Ela sorriu do terror estampado no rosto dele. A ligação lhe informara que a arma estava descarregada, mas ele não precisava saber disso. Que ele pensasse que ela é um pouco selvagem. Isso não afetaria a reputação dela. Ela era mais lenta que a maioria dos operadores especiais da Renraku, e seu equipamento bioeletrônico era pelo menos de uma geração atrás. Se o medo lhe desse uma margem de superioridade, ela a pegaria. Qualquer margem era melhor do que nenhuma. Não se importava se pensassem que ela era

louca; as pessoas lá de cima sabiam que fazia o seu trabalho. Eram estas pessoas que contavam e somente a opinião delas interessava.

- Droga, Crenshaw! O que você está fazendo?

- Qualquer pessoa que me segue se arrepende, Saunders. Não esqueça isso, porque da próxima vez a arma não estará vazia.

Saunders deu um passo para trás, o rosto tenso e os olhos arregalados. Crenshaw retirou o silenciador e saiu da linha de tiro. Quando passou pelo balcão do armeiro, jogou a arma para ele, sem se incomodar se ele a segurou. A caminho do vestiário, apanhou uma toalha.

- Você está perdida! Você sabe disso, Crenshaw - Saunders gritou atrás dela. - Totalmente errada.

Ela pôde captar toda a bravata forçada na voz dele. Ela sorriu.

### 3

Um toque do nariz frio de Kiniru era geralmente o bastante para acordar Sam, mas hoje o animal teve de usar o recurso de colocar uma de suas grandes patas sobre o estômago dele. A súbita pressão forçou todo o ar dos pulmões de Sam numa explosão. Ele se sentou, arfante.

Kiniru, um sorriso canino em seu focinho normalmente sóbrio, sentou-se e ficou olhando para ele de modo ansioso. Uma olhada na tela da parede, que ele sempre deixava posicionada de modo a ter uma visão do exterior, mostrou-lhe as nuvens carregadas trazendo a ameaça de chuva do Pacífico. Aquela escuridão logo acabaria com o sol da manhã, tornando o dia indicado para um funeral. Sam mexeu no controle e o tríteo foi acionado. Enquanto o Enquiríng Eye, de Heraldo Fong, contava a história de algum assassinato taumatúrgico, Sam jogou as cobertas, sacudindo a cabeça de espanto pelo fato de o diretor de programação da arqui-sede veicular uma porcaria histórica a uma hora dessas. Quando Sam olhou para o lado da cama, Kiniru levantou-se e pulou. Ela se dirigiu para a porta e olhou para trás, na expectativa.

- Calma. Tenho de vestir alguma coisa. Kiniru latiu de impaciência.
- Vá conversar com Inu. Ele sabe ficar quieto.

Em vez de obedecer e ir se juntar ao outro cão de Sam, Kiniru sentou-se, o rabo balançando, encostada na porta. Sem dar atenção à impaciência dela, Sam desligou Fong no meio de uma pregação contra os magos sem licença, a fim de usar a tela para o computador do quarto. Não havia qualquer mensagem á espera, de modo que começou a fazer uma série de indagações sobre sua permanente preocupação com o paradeiro e as condições de sua irmã. A tela piscou, mostrando a situação de seus programas enquanto ele se vestia. O mesmo de ontem - nada. Sam ignorou o símbolo do sistema de monitoramento do seu apartamento piscando na tela do computador. Ele sabia o que queria, mas ainda não estava pronto para deixar enviar a mensagem que preparara para Sato-sama. Ela talvez tenha se tornado irrelevante; Sato devia estar chegando à arqui-sede dentro de poucos dias.

Kiniru grudou-se às pernas dele.

- Está bem. Vamos.

Inu estava exatamente onde Sam esperava, sentado calmamente perto da porta. O mestiço rajado de preto e branco latiu como saudação e se levantou. Quando Sam abriu a porta, os animais passaram por ele correndo, jogando o dono para o lado. Sam observou os dois correndo pelo corredor em direção à área aberta que havia no final. O parque do Nível 82 era grande o suficiente para que Kiniru desse uma boa corrida. Como os demais moradores conheciam os cães e gostavam deles, nunca reclamaram por eles correrem soltos. Inu parou dentro do corredor para olhar de modo reprovador para Sam.

- Vai, Inu. Estou aqui.

Inu esperou até Sam fazer um movimento de enxotar com as mãos, antes de sair ao sol, para se juntar a Kiniru e a algumas crianças do mesmo Nível num jogo de pega-pega. Sam gostaria de ser tão despreocupado quanto o ex-cão abandonado. Fora Inu que seguira Sam de volta à arqui-sede naquela noite, há um ano, conquistando um espaço no mundo de Sam como se fosse algo ligado ao destino. Enquanto Kiniru era de raça pura, esta

criatura das ruas era quase selvagem, mas tinha se adaptado à vida na arquise-de como se tivesse sido criado ali.

Às vezes Sam conjecturava se aquilo não era apenas uma aparência, a versão canina de sua resignação. Quando Sam voltou à Renraku, depois do sequestro, ele esperava que a empresa o tratasse como um degradado. Ao invés disso, ele e Jiro foram enviados para avaliação para assegurar que o sequestro não os desequilibrara. Nenhuma acusação de erro. Verdadeiramente, nenhuma única menção aos fatos. Estupefato, Sam contou com o apoio da empresa para retornar à sua vida no trabalho, esperando sempre ser denunciado pelo guarda contra quem ele disparara. A censura nunca veio. Era como se nada jamais tivesse acontecido.

Mas isto não significava que Sam tinha esquecido. Inu estava sempre ali para lembrá-lo. Às vezes ele acordava no meio da noite, o rosto do guarda paralisado em sua lembrança e a voz acusadora dizendo repetidamente: "Eu era Mark Claybourne. Você tirou minha vida." Surpreso e assustado quando Claybourne penetrou na magia de Sally Tsung, Sam entrou em pânico. Ele disparou contra o jovem guarda, mas tencionava apenas feri-lo. Foi a agitação de Sam e sua falta de prática com armas de fogo que deixou Claybourne tão horivelmente ferido, que a moderna ciência médica teve de ser acionada para salvar a vida do guarda. Quando os médicos não conseguiram restaurar por completo a função nervosa, Claybourne cometeu suicídio. Claybourne pode ter tirado sua própria vida, mas Sam ficou com a culpa.

Foi somente depois da volta de Sam à arquise-de que ele descobriu a identidade e a sorte do guarda. Não fora um trabalho fácil. Alguém selara os registros médicos de Claybourne como se de fato quisesse esconder a ação de Sam. Depois que Sam obteve a informação, Claybourne tomou residência em seus sonhos, um fantasma em sua mente. Incapaz de resolver a situação, Sam lutava diariamente com a culpa, rezando para pedir perdão e compreensão, e prometendo que suas mãos jamais fariam mal a qualquer outra pessoa.

E quanto aos shadowrunners, cujos esquemas tanto o tinham confundido? Eles sentiam algum remorso? Eles ligavam para o fato de terem feito de Sam um assassino? Provavelmente não. Como Inu, eram quase selvagens, seu modo de vida completamente diferente do mundo de

Sam, ordenado dentro da empresa. Ele achava que o bando ainda estava lá fora, em algum lugar, planejando seus contratos e agindo nas sombras. Eles provavelmente nem se lembrariam mais dele.

Sam foi apenas um jogo para eles, passando rapidamente em suas vidas nas sombras. Eles eram runners e ele era um homem de empresa, um estranho para o mundo das ruas.

Renraku, uma das empresas que fazia o mundo andar, cuidara dele e de sua irmã depois que seus pais morreram. Tendo sido criado pensando na empresa como lar e como família, a lealdade de Sam era extremada. Os acontecimentos do ano passado, contudo, o tinham deixado em estado de choque. Agora aconteceu outro violento golpe para a imagem da empresa que ele chamava família. O que ele vira na Matriz há dois dias levantara questões dolorosas sobre ética e responsabilidade. Questões para as quais ele não tinha a mais vaga resposta. Mas estava ficando cada vez mais difícil fazer a Renraku encaixar-se em suas antigas crenças.

Quando tocou o alarme para ele levantar, Sam deixou as coisas do momento empurrarem estes pensamentos perturbadores para o fundo de sua mente. Logo Hanae estaria aqui, e ele ainda não comera nem tomara banho. Resolveu entrar. Ele estava jogando fora as embalagens vazias do café da manhã quando a porta tocou.

- Quem é, por favor? - ele perguntou pelo intercomunicador, ao mesmo tempo em que apertava o botão para enviar seu lixo para o reciclador da arqui-sede.

- Puxa, como estamos formais hoje. Está certo. Hanae Norwood, senhor. Será que lembra de mim? Nós nos conhecemos nos festejos do Dia da Independência do ano passado.

Sam abriu a porta para a sorridente Hanae. Os cabelos pretos em forma de capacete realçavam suas formosas feições eurásianas, mas o cinza sem vida de seu traje estava totalmente deslocado. Embora adequado para um funeral, nada tinha a ver com as cores alegres de que ela tanto gostava. Ficando na ponta dos pés, ela beijou Sam no rosto quando entrou.

- Teria sido muito mais fácil se eu tivesse ficado aqui ontem à noite.

- Eu queria ficar sozinho.

- Não fique tão preocupado. Eu compreendo - ela o tranquilizou, como se captasse a sua preocupação. - Trouxe uma para você colocar no braço.

Murmurando seu agradecimento, ele pegou a faixa preta que ela lhe estendeu. Era igual à dela. Sabendo que provavelmente ele esqueceria a faixa, Hanae se encarregou disso para evitar que ele cometesse uma gafe na etiqueta da empresa. Como uma boa companheira, ela entendia de todos aqueles pequenos detalhes que pareciam tão sem sentido mas que valiam pontos na escada da empresa. Leal, atenciosa, ambiciosa e não menos charmosa e bonita, ela era tudo que um assalariado poderia desejar numa mulher. Sam devia formalizar o relacionamento deles, mas algo dentro dele resistia.

Hanae o seguiu até o quarto para retocar a maquiagem, enquanto ele acabava de se arrumar. O espelho ficava perto da mesa do computador. Tarde demais ele percebeu que não tinha limpado a tela. Sam pôde observá-la lendo o que estava na tela enquanto calçava os sapatos.

- Ainda não mandou a carta para Sato-sama?

- Agora não. Não quero falar sobre isso.

- Você deveria - ela insistiu com suavidade.

- Para quê? Se é que Sato lembra de mim, vai lembrar de nosso último encontro no hospital, em Tóquio. Ele deixou bem claro que sentia em perder tempo comigo, mesmo que Aneki-sama achasse que valia a pena. Sato não gosta de gaijin e muito menos de alguém que ameace sua posição tirando a atenção de Aneki-sama.

Hanae pareceu confusa.

- Mas você não o estava ameaçando.

- Aneki-sama estava observando minha carreira. Isto é ameaça bastante para alguém feito Sato.

- Você está exagerando. Sato-sama é um homem esperto. Não poderia ser diferente para ser assistente especial de Aneki-sama. Ele sabe que um simples pesquisador jamais poderia ser uma ameaça para um homem da sua posição. Você deve ter interpretado mal a intenção de Sato-sama.

- Interpretado mal? Ele pareceu muito satisfeito em me ver exilado na arqui-sede. Todos sabem que as únicas pessoas que têm algum futuro real na Renraku são as que trabalham no escritório central no Japão. O projeto arqui-sede pode ser importante, mas é algo secundário. Você de fato não entende, não é? - Uma raiva conhecida fez Sam falar asperamente com ela. - Eu vi a cara de Sato quando ele me falou sobre o que aconteceu a Janice. Ele sentiu prazer em me dar a má notícia.

- Isso é maldoso.

- Ele foi maldoso. E mais, foi cruel. Não que ele se importasse com o que aconteceu com a minha irmã. Ele estava feliz com o que isso significava para mim. Se Janice morresse ou vivesse, ela tinha mostrado que a família Verner é o que eles chamam contaminada. Como se não ser japonês já não fosse contaminação suficiente para alguém como ele. Como tudo no Japão, o kwaru afeta mais do que a pessoa que é transformada. Toda uma família pode ser destruída. O sangue metaumano de minha irmã é o suficiente para impedir que eu cresça na empresa.

- Mas eles não o cortaram - Hanae observou como se aquilo encerrasse a questão.

- Não faz sentido, não é? Eu sempre fiquei pensando por quê. Fiquei sabendo de muitos outros que foram demitidos nas mesmas circunstâncias.

- Talvez tenha sido a influência de Aneki-sama. Ele era o seu protetor e não o abandonaria. Então talvez ele tenha enviado você aqui para treinamento.

O otimismo dela nunca conseguia alegrá-lo, talvez menos ainda quando o ajudava a continuar acreditando em sua antiga vida. - Talvez ele não tenha me abandonado. Mas mesmo o chefe de uma grande empresa multinacional tem de se curvar à imensa força das convenções sociais no Japão. Este exílio para Seattle talvez tenha sido o melhor que ele pôde fazer, talvez uma expressão de pesar pelas circunstâncias infelizes.

Hanae sorriu.

- Aneki-sama é um bom homem.

- Qualquer que tenha sido a intenção, a Renraku está me mantendo afastado de Janice no momento em que ela mais precisa de mim. Eles

impediram todas as minhas tentativas de vê-la.

- É difícil acreditar que Aneki-jama possa permitir uma coisa dessas.

As novas dúvidas de Sam fizeram com que ele ficasse pensando, mas sua outra parte ainda queria acreditar que Aneki era mesmo um bom homem, que eram outros que estavam corrompendo a Renraku.

- O responsável por isso deve ser outro - ela concluiu.

- Como Sato, por exemplo?

- Acho que não - Hanae disse com firmeza. - Aneki-sama jamais deixaria uma sujeira dessas chegar tão perto dele.

Novamente Sam quis acreditar, mas ele próprio ouvira a maldade com que Sato fizera o anúncio, e quem estava mais perto de Anéki-sama do que Sato? Sato poderia ser o vilão ou não. Sam não tinha qualquer outra prova além da natureza desagradável do homem. Sem saber a quem culpar, Sam ficava mais furioso e mais frustrado.

- Quem quer que seja o responsável, estou preso aqui em Seattle, confinado na arqui-sede por "questões de segurança". Que piada! Não deixaram que eu chegasse nem perto de nenhum dado importante desde que eu cheguei. Eles me mantêm ocupado em pesquisas simplórias. Fiz meu trabalho e tenho sido um bom pesquisador, mas ainda não sei o que aconteceu a Janice.

- Talvez você devesse contratar alguém - ela sugeriu.

- Com o quê? Os preços da arqui-sede são ultrajantes. Com meu baixo salário não teria crédito suficiente para contratar um detetive, mesmo que eles me deixassem entrar em contato com um.

- Então você deve agir por dentro da empresa.

- O que você acha que eu tentei fazer no ano passado? - disse Sam, de modo alterado. - Isso não fez bem algum. Janice tomou-se ninguém para a Renraku. Sei que eles concederam a ela os benefícios costumeiros de relocação e dinheiro para recomeçar a vida, mas isto é tudo o que eu sei. O governo imperial japonês é escrupuloso quanto a isso. Eles desprezam os metaumanos, mas se importam com sua imagem global como um governo passional. Passional! Os metaumanos são os novos bunrakumin do Japão;

uma nova classe de párias, fadados à miséria, à pobreza e aos trabalhos sujos que as classes mais altas desdenham. Até os bunrakumin olham com desprezo para os metaumanos. É isso o que Janice vive agora.

Hanae desanimou com a intensidade dele, o terror estampado nos olhos. Tendo se criado totalmente dentro do ambiente empresarial, ela ainda acreditava na empresa e no grande espírito zaibatsu. Ela ainda era mais protegida do que Sam fora no momento em que seu ingresso no mundo dos runners mostrou a ele que nada era como parecia ser. Hanae realmente não compreendia o que Sam estava tentando lhe dizer.

Não havia como continuar com este assunto. Os próprios sentimentos de Sam estavam confusos; ele não precisava confundi-la mais. Dando de ombros depois de colocar o paletó, ele disse de modo pouco convincente:

- Estamos atrasados.

Hanae assentiu timidamente e segurou a mão que lhe era estendida.

- Podemos conversar depois, se você quiser. Ele lembrou que Hanae só queria ajudar.

- Certo. Depois.

## 4

As portas externas do hangar abriram-se lentamente, seus motores elétricos rangendo em protesto pelo trabalho a que não estavam acostumados. De pé, do outro lado, estava o dragão, suas escamas douradas brilhando maravilhosamente na luz da manhã. Quando as portas se abriram de todo, o animal dobrou suas grandes e membranosas asas contra seu corpo; elas eram muito largas para permitir que ele passasse mesmo por esta abertura planejada para aviões. Encolhendo o pescoço, o dragão abaixou a cabeça em forma de cunha o suficiente para que os grandes chifres passassem pelo lintel.

Katherine Hart estava bastante impressionada, como sempre, com o tamanho do monstro. Os dragões ocidentais eram os maiores dracomortos, dando-lhes um grande ar de poder maior do que o de seus parentes mais esguios. Ela fez um meneio formal de cumprimento quando o grande animal avançou para a sombra do hangar. O corpo maciçamente musculoso do dragão moveu-se sinuosamente por ela sem a reconhecer. Ele desceu a rampa em direção a um túnel escuro.

Estava visivelmente mal-humorado.

A única coisa boa era que o aborrecimento do dragão não tinha a ver com ela. Chegara em tempo, como acertado. Quando as portas externas se fecharam, deixando-os numa suave escuridão, Hart se voltou para segui-lo. Sem ser tocado pelo sol ou por uma luz artificial, o túnel em que entraram era mais escuro ainda. Dentro daquela escuridão, um leve silvo acompanhava o ruído das chaminés de fumaça. A temperatura e a umidade aumentaram, e o cheiro de ferrugem sobrepôs-se ao odor antisséptico do corredor, enquanto o antiquado sistema de controle de temperatura lutava para fazer seu serviço.

Bom, Hart pensou. Talvez isto melhore o humor do velho lagarto. Isso fazia pouco com o humor dela. Hart detestava o ar pegajoso que o dragão parecia preferir, mas estava querendo aguentar aquilo e os efeitos em sua indumentária se o monstro a seu lado ficasse menos irritadiço.

Com a primeira passada no piso, ela viu que suas esperanças de melhorar o humor dele eram poucas. O dragão ficaria aborrecido pelo frio, pelo ladrilho liso, não gostando da desconfortável rigidez e da tração fraca. Por que os encarregados das instalações físicas não podiam preparar melhor as coisas para a visita do dragão? Suas garras estava fazendo sulcos na superfície cuidadosamente polida. Talvez a pessoa responsável aprendesse a lição com a destruição do piso pelo dragão e o substituísse por algo mais ao agrado da fera. Deveriam ter pelo menos colocado areia no corredor.

A cauda da fera batia para a frente e para trás num ritmo inconsciente que revelava seu mal-estar. Os espinhos de sua cauda poderiam estripar qualquer um em instantes. Embora a sua posição logo atrás do traseiro da fera lhe permitisse demonstrar uma deferência adequada, deixava-a muito perto daquelas farpas. Hart esperava que o

grande lagarto não ficasse muito aborrecido a ponto de esquecer que ela estava ali.

Enquanto eles se dirigiam para a fraca luz à frente, Hart quase tropeçou numa das barbelas de meio metro, mas o medo da cauda chicoteante manteve-a no seu lugar. O dragão sem dúvida alguma ficaria aflito se ele acidentalmente a matasse. Afinal de contas, os serviços para os quais ela fora paga ainda não tinham sido executados. Sincero ou não, porém, o pesar do dragão não lhe adiantaria coisa alguma se ela estivesse morta.

Lampejos de luz chegavam até eles das profundezas do corredor, os tons azul-esverdeados cintilando de modo destacado sobre as escamas douradas da companhia dela. Ele eruc-tou de raiva, detendo as chamas antes que um pouco de fumaça escapasse por sua mandíbula. Hart respirou de alívio; se a fera soltasse uma língua de fogo, acabaria com o sistema de esguichos do prédio. Na verdade, um banho dos esguichos só aumentaria a raiva dele. A dela também. Do jeito em que estava, o cabelo de Hart precisaria de um reparo.

Embora aborrecido, o dragão não demonstrava preocupação com a natureza da luz. Ela presumia, por isso mesmo, que não deveria ser mais do que efeito colateral das atividades no final do corredor ou algum tipo de raio de sondagem. De um modo ou de outro, o dragão parecia considerar aquilo inofensivo. Pelo menos inofensivo para ele, Hart corrigiu depressa. Apesar de ele querer os seus serviços ela não podia ter certeza de que o dragão a preveniria contra qualquer risco que afetasse somente a ela. Seria típico de um dragão levá-la para uma situação de perigo como um teste para a sua capacidade.

Nada os ameaçava enquanto eles atravessavam o corredor em direção a duas portas abertas. Além do arco, a passagem era bloqueada por uma barreira de grande força. Hart sacudiu a cabeça pela estupidez dos proprietários. Estavam loucos, querendo irritar o dragão? Deveriam ter aberto o círculo enquanto ele se aproximava, ao invés de fazê-lo esperar. Este dragão detestava ficar à espera dos que ele considerava inferior.

A dupla parou por um longo minuto antes que o brilho verde claro desaparecesse, voltando ao centro do corredor como o ácido corroendo o papel. Dentro dos limites protegidos pelo círculo havia um conjunto interno

de portas. Estas se abriram antes mesmo que a barreira mágica tivesse se alargado o suficiente para dar passagem à massa do dragão. Um humano os aguardava, curvando-se e murmurando desculpas e boas-vindas.

O homem vestia um jaleco de laboratório verde claro bordado com desenhos estilizados. Um pesado disco de prata pendia de uma corrente colocada em torno do pescoço dele, já que estava curvado. Hart reconheceu as marcas como símbolos cabalísticos dos verdadeiros, e não runas de proteção usadas pelos supersticiosos. Os símbolos eram muito parecidos com os que ela usava, mas com sutis variações cuja análise poderia lhe dar um indício da orientação mágica daquela pessoa. Era óbvio, pela disposição e pela profusão das marcas, que o usuário era um mago e membro de uma ordem hermética. Ela não conhecia aquele grupo em especial, mas sabia o suficiente sobre ordens mágicas dos humanos para dizer que este mago era um membro inferior desta organização.

- Saudações, senhor dragão - o humano disse numa voz mais alta. - Estamos honrados com sua presença hoje.

O dragão não se dignou a responder.

Hart captou uma vibração de emoção da fera, confirmando que o monstro era tão irascível quanto ela temia. Ela permaneceu de fora da passagem em arco enquanto o dragão continuava, passando pelo homem com sua grande figura dourada. Quando a cauda do dragão resvalou para perto dela, ela se afastou para o lado rapidamente, e os espinhos afiados deixaram de bater no seu joelho por centímetros. O mago, mantendo a saudação, estava distraído quanto ao perigo. Estúpido. Fique sempre de olho no dragão.

A ponta da cauda da fera mal tinha passado da porta quando Hart viu a ondulação começar nos potentes músculos da cauda. Espinhos de marfim arqueavam-se quando a cauda do dragão se lançou na direção do bruxo. O homem gritou de surpresa e de dor quando as farpas passaram abrindo cortes em sua coxa esquerda e na barriga. O ímpeto do golpe levantou o homem do chão e o jogou para o lado, contra a parede. Ele caiu no chão, gemendo.

Talvez você não seja tão lerdo da próxima vez.

As palavras do dragão não foram sonoras, mas Hart sabia que o bruxo as ouvira tão bem quanto ela própria. A fala do dragão era um jogo de mente e mágica, algo muito mais do que a voz, algo menos do que telepatia. As criaturas ainda tinham de conhecer uma linguagem antes de "falar" esta linguagem. Suas palavras tinham uma entonação consistentemente plana, mas possuíam sobretons emocionais de uma forma que a fala humana não podia ter. O conteúdo emocional que elas exibiam não precisava de linguagem. O aborrecimento do dragão teria se feito comunicar mesmo para alguém que não falasse o idioma do lugar.

O monstro prosseguiu em direção à câmara, indiferente aos respingos de sangue que caíam dos espinhos de sua cauda e aos lamentos vindos de sua vítima.

Hart aproximou-se do mago caído. Um breve olhar foi o suficiente para dizer a ela que os ferimentos do homem estavam além da sua capacidade. Ela se curvou e colocou a mão na testa do homem, que estava aos gritos. Tirando vantagem da dor que ele sentia, ela se sobrepôs à vontade dele e o colocou sentado e o fez dormir. Um feito bem pequeno.

Atrás dela, ouviu passos de gente correndo. Ao olhar sobre o ombro, confirmou que os ajudantes do bruxo estavam chegando em socorro dele. Uma mulher apanhou um estojo de primeiros socorros do recipiente que havia na parede e quase esbarrou num homem de cabelos brancos com o mais elaborado casaco que Hart já vira dentre eles. A pressa da mulher em preparar ajuda mundana não mereceu de seu superior qualquer pensamento gentil, a julgar pelo olhar que ele lhe enviou. Hart tinha de concordar; devia ter sido perfeitamente óbvio que o bruxo caído não precisaria de nada mais que um coagulante e um spray selante para salvar-se.

Hart retrocedeu para deixar que os recém-chegados cuidassem do seu companheiro. Percebendo que sua faixa estava manchada onde encostara no sangue do bruxo, ela considerou por um instante seu valor como material para rituais, mas não viu um valor significativo. Aquele mago era muito estúpido para tornar isto necessário. Ela desfez o nó que prendia a faixa em torno de sua cintura e deixou a faixa flutuar até o chão. Mil neoienes de despesas. Velho Lagarto. Este era realmente de seda e um Scaratelli para jogar fora.

Tirando o lenço estragado da cabeça, Hart inspecionou a câmara. Era grande, um grande útero na barriga da terra. O teto era escondido, mesmo de seus olhos, em escuridão e bruma. As luzes montadas nas vigas expostas da estrutura lançavam sobre o chão cones de luz mal definidos. Hart parou no nível mais alto, uma plataforma com rampas geminadas levando em direções opostas. Ela mal conseguia discernir outras plataformas envolvendo as paredes em vários níveis abaixo dela. As paredes formavam uma grande câmara, cada nível indo de forma espiralada na direção do chão apinhado deste aposento cuidadosamente guardado.

No centro, um grande tonel feito de alguma substância transparente ficava sobre uma plataforma de máquinas e monitores. Técnicos ficavam numa espécie de poço em torno do cilindro, monitorando consoles e ajustando mostradores. A cor das roupas deles era apagada pelo brilho iridescente que emanava do tonel. Eles não davam qualquer atenção aos movimentos da figura escura que agitava o líquido lácteo dentro do receptáculo.

Ainda observando a atividade abaixo, Hart desceu a rampa que o dragão tomara. Ela alcançou o monstro na plataforma que oferecia uma área larga, com cascalho e uma visão direta do teatro. Quando ela se aproximou, o dragão instalou sua maciça figura na superfície áspera e arqueou o pescoço até que sua cabeça repousasse na cerca em torno do perímetro de pouso.

Na câmara abaixo, magos e técnicos alvoroçavam-se, executando atividades que exalavam odores misturados de orgânicos malcheirosos, o ozônio da tecnologia, e o cheiro forte de trabalhos de magia que chegavam até o visitante. Este ambiente devia ser mais ao gosto dele, Hart decidiu, enquanto observava a fera se acomodar no cascalho.

- Isto é mais satisfatório - o dragão disse sem ser indagado. Hart e seu empregador observaram sem interrupção, até que ela percebeu alguém se aproximando. Era o mago-mestre que chegara ao lado do homem ferido assim que Hart saiu para se encontrar com seu empregador. O mago parou a uma distância de alguns metros para compor o rosto numa expressão agradável antes de seguir para onde ele imaginou que o dragão pudesse vê-lo. De onde ela se inclinara sobre a cernelha do monstro, Hart mais sentiu

do que ouviu o suave resfolegar que ela reconhecia como um sinal de que o dragão estava se divertindo.

Hart sabia que o animal podia ver que o bruxo estava esperando. O dragão deixou que ele ficasse esperando lá por alguns minutos, um período suficiente para estabelecer o domínio, depois inclinou a cabeça para demonstrar sua atenção.

O humano sorriu.

- O senhor chegou na hora certa, senhor dragão. Está quase pronto.

- Vai funcionar como o desejado, doutor Wilson?

- Certamente. Os dois últimos protótipos funcionaram bem dentro dos parâmetros. Os fatores de mutabilidade estavam todos dentro da previsão, e não houve queda de estabilidade. Não temos motivo para acreditar que o processo está fracassado.

-Ainda bem que não.

Wilson engoliu em seco, seu medo aparente para Hart. Ela não tinha dúvidas de que o dragão sentira isto também. Ele com certeza podia até sentir o cheiro disto.

- Não quis faltar com o respeito, senhor dragão. É que, apenas como mago e cientista, espero que todos os processos novos tenham alguns problemas. Isto é natural. Este projeto correu com muita tranquilidade sob sua chefia. Tenho certeza de que o produto vai satisfazê-lo.

O dragão flexionou um pouco as asas, sem dar atenção às observações de Wilson.

- Mostre-me.

- Como quiser, senhor dragão. - Wilson umedeceu os lábios com a língua rosada que mal aparecia sob o bigode. -Com sua permissão, vai levar uns minutinhos.

O dragão permaneceu calado. Wilson voltou-se rapidamente e desapareceu na escuridão de um túnel lateral. Pouco depois ele reapareceu, saindo de um corredor em direção ao chão da câmara para trocar algumas palavras com um grupo de seus auxiliares.

Hart queria ter uma visão mais de perto da operação. Pegando sua bolsa, ela apanhou os óculos. Tocou uma vez na armação para ajustar o controle e aumentar a visão e, depois, colocou-os no lugar. O que ela vira era fascinante, embora ela compreendesse muito pouco das obscuras fórmulas herméticas, muito menos das fórmulas químicas. Ela gostaria de ter uma cópia para poder estudar com calma.

Os consoles distraíram a atenção dela quando foram desligados aos primeiros acordes do canto taumatúrgico que começou a chegar do grupo de magos reunido abaixo. Ela procurou o chão da concha. Todos os técnicos comuns, com exceção de uma mulher, tinham desaparecido. Esta estava amarrando uma mangueira a uma caixa com rodas. A outra ponta da mangueira estava presa ao tonel. A técnica dirigiu-se a um painel que ficava por perto, e mexeu em alguns botões. Uma verde bÍlis misturou-se em torvelinho ao fluido do tonel até ficar parecendo jade derretido. À medida que mais e mais substância entrava, a forma no tonel diminuía seu movimento, até ficar paralisada. Aparentemente satisfeita, a técnica fechou o painel e desocupou o chão.

Logo que ela ficou fora de vista, os magos levantaram suas vozes, fortalecendo o canto de magia. Os quatro que tinham se juntado ao mestre afastaram-se em grupos de dois para ocuparem lugares nos lados opostos da estação do recipiente. A canção deles atingiu novamente maior volume quando Wilson se dirigiu para o tanque. As duplas de magos se dividiram, ficando um de cada dupla enquanto os outros caminharam um quarto do caminho em torno da circunferência. Os pontos cardeais ocupados, eles ergueram seu canto, quase um grito, antes de baixarem a um tom suave, monótono.

Dentro do círculo hermético, Wilson executou uma série de intrincados movimentos de mão. Os gestos descritos pelos seus braços tornaram-se contritos, até que somente mãos e dedos moviam-se. Depois, tudo se deteve também. Um segundo mais tarde. Wilson deu um passo atrás. Um gesto casual de sua mão direita puxou para baixo uns fios que estavam na escuridão do teto. Uma flácida aranha tecendo sua teia, as pontas mergulhadas no líquido que já fora translúcido para serpentear em volta da forma oscilante. Wilson levantou a mão e a teia levantou-se em movimento simpático.

A figura que emergiu do tanque era humanóide. Embora estivesse nua, Hart não conseguiu discernir características sexuais primárias ou secundárias. Agora que não era mais uma sombra, ela podia ver que sua pele era tão branca leitosa quanto fora o fluido quando ela chegara. A pele era macia e sem rugas, mal perturbada pela forma dos músculos. Parecia de certa forma indefinida.

Em torno da concha, telas de computador levantavam-se para a nova vida, mostrando colunas e fileiras de números, assim como fórmulas e ilustrações diagnosticas. Hart não tinha qualquer interesse em números ou em imagens. A forma vacilante, ao mesmo tempo atraente e repulsiva, absorveu toda a sua atenção. A força da fascinação da qual ela fora tomada, jogou no sopro dos purificadores de ar seu frio profissionalismo tradicional.

- Extraordinário, não é?

Hart estava surpresa. Ela não percebera a saída de Wilson do chão da câmara, somente sua volta à plataforma.

- Nunca vi nada igual.

- Ninguém viu. E faz parte do que torna isto tão valioso.

- Dirija sua atenção para os dados de reação, Hart.

Ela ficou aborrecida pelo fato de o monstro usar o nome dela diante do mago, mas obedeceu. Observando a tela que mostrava os dados físicos, ela assoviou. A figura iria sair-se bem num atleta olímpico, mas nenhum participante jamais tinha conquistado tantas áreas.

- Soberbo - ela concluiu.

O Dragão resfolegou sua satisfação.

- Muito bom.

O mago curvou-se em agradecimento. O rosto dele era uma composição cuidadosamente feita do servidor satisfeito e do sábio agradecido, mas Hart podia ver além da máscara subserviente o alívio que era a verdadeira emoção do homem.

O dragão levantou-se, esticando o pescoço de uma forma que irradiava satisfação. Quando eles deixaram para trás a câmara de nascimento, e as barreiras astrais e mundanas foram restauradas, o dragão

falou. -Acredito que esteja na hora de o sr. Drake começar a operação Vira-Casaca.

Hart pôde sentir a expectativa do monstro.

## 5

- Viemos do pó deste planeta e ao planeta devolvemos nossos corpos, reciclando-nos eternamente. Contudo, enquanto nosso lixo mundano retorna à unidade com a Terra, nossos espíritos pairam à frente para atender a nossas missões. Vamos considerar agora às obras dos homens, especialmente aquelas do nosso irmão Jiro.

O sacerdote parou de falar e, depois de alguns "améns" dispersos, o silêncio caiu sobre a pequena capela. O local não estava cheio. Além de Sam, Hanae e do sacerdote, somente mais dez pessoas compareceram. Jiro não fizera muitos amigos no ano em que passara na arqui-sede. A maioria dos que foram ali era de conhecimento de trabalho. De sua família somente um tio comparecera.

As únicas flores eram de um único galho de cerejeira, suas flores de crescimento forçado murchavam rapidamente. O perfume delas estava sufocado pelo cheiro de terra.

Sam contemplou o caixão de papelão. Era papel barato, biodegradável, dentro do credo conservacionista. O papel ainda era relativamente barato no Noroeste. Ele lera que os crentes de outras regiões usavam sacos de pano ou não se importavam em cobrir o corpo com coisa alguma.

O sacerdote ajeitou seu hábito de algodão para atrair a atenção dos presentes.

- Irmãos e irmãs, ainda estamos aqui, vivos neste mundo vivo. Nosso irmão Jiro mudou-se neste ciclo sem fim. Rezemos para que ele tenha atingido a unidade com o grande espírito de vida. Agora entregamos seus restos, não para serem colocados na terra, mas para uma adequada e gloriosa dispersão. O que nosso irmão foi, enriquecerá todos nós.

Enquanto o sacerdote falava, o caixão deslizava para a parede interna da capela, desaparecendo na escuridão. Depois que ele se foi, Sam pôde ver as finas linhas sujas que ficaram sobre a plataforma movida a motor elétrico que estava transportando o caixão. Em alguma parte da escuridão, funcionários iriam retirar a caixa e colocá-la num transportador em direção à operação de reciclagem. Algumas partes ainda utilizáveis seriam remetidas para os bancos de armazenamento. Os restos seriam mandados para servirem de componentes. Os conservacionistas levavam a sério a reciclagem.

- A família me pediu para anunciar um almoço no Hsien's Comidas Naturais, no Nível 144. Os que quiserem fazer uma contribuição memorial, encontrarão cartões com uma lista das instituições preferidas numa estante na entrada da capela. Vocês podem, logicamente, contribuir diretamente para a Igreja da Terra Global, Inc. Todos os donativos são dedutíveis. Obrigado por terem vindo.

O sacerdote inclinou-se e, depois, desapareceu na escuridão da parte traseira da capela. Quando Sam e Hanae viraram-se para irem embora, após um minuto de reflexão, Sam ficou espantado ao ver Alice Crenshaw de pé junto à porta. Ele jamais poderia esperar que a mulher linha dura da segurança aparecesse ali. Ela sempre fez questão de mostrar que era durona.

Resolvendo que queria conversar com Crenshaw, Sam apontou para Hanae na direção da funcionária da segurança. Antes que eles tivessem dado dois passos, contudo, um homem magro com uma conexão de dados em sua têmpora direita barrou o caminho deles. A conexão e seu botton na lapela o identificavam como tecnauta da Renraku.

- É, coisa estranha - o homem começou sem qualquer preâmbulo. - A gente continua a descobrir coisas sobre as pessoas mesmo depois que elas morrem. Não sabia que Jiro era um conservacionista. Você sabia?

- Não - Sam respondeu, preocupado com a ousadia do homem.

- Hei, homem, você deveria - ele insistiu. - Você era seu melhor camarada. Warner, não é isso?

- Vemer. Não posso dizer se eu era seu melhor amigo. Éramos amigos. Jiro nunca deixou ninguém se aproximar dele depois da morte da esposa.

- É. Pensei que você conhecesse ele melhor do que nós lá dos Dados. - Os olhos do homem percorriam toda a capela. - Você está certo sobre ele não ter muitos amigos. Eu pensei que viessem mais pessoas do escritório, mesmo sendo ele um solitário. Espírito zaibatsu e aquelas coisas todas. Mas acho que se você quiser levantar aquele espírito custa mais que um salário, cara. Você entende?

- A companhia não faz qualquer exigência com relação a práticas religiosas aqui na América - Sam observou, mantendo sua voz cuidadosamente neutra. Ele achou que esta era a melhor forma de fazer o homem parar com o interrogatório e deixá-lo cuidar de sua vida.

- Aqui na... ah, homem, isso é verdade, você veio do Japão mais ou menos na mesma época, não foi? - O homem não esperava pela resposta. - Acho que deve ser muito diferente por lá. Não há Injuns senhores absolutos sobre pessoas bem educadas. Ouvi dizer que eles nem falam nos metas. Deixam que eles fiquem em reservas ou coisa assim.

- Eu não saberia - Sam disse entre dentes. Sua indiferença tinha desaparecido. - Eu não saía muito.

- Já ouviu falar naquela ilha, Yomi, acho que é isso, pra onde eles mandam todos os orks e trolls?

Sam controlou sua raiva. Este homem sem dúvida alguma era insensível. Discutir com ele não adiantaria, e além disto Sam não queria fazer uma cena na capela. - Eu era um shai-kujin. Como um bom assalariado, nunca fui além da propriedade da Renraku, exceto em negócios da empresa. A empresa tem pouco a ver com os chamados Despertados, de modo que não vi muitos deles.

- Não entendo o que você me diz! Tinha uma amiga que era uma mecânica muito boa mesmo. Casey, uma garota muito legal, mesmo sendo uma anã. Conseguiu emprego na Renraku através da EEO. Não tinha nem seis meses de emprego quando foi chutada com acusações de negligência. Não podia ser sério, claro. Eu conhecia Casey. Homem, ela cuidava de máquinas como se elas fossem crianças. Ouvi que ela foi pra Mitsuhama. Eles são japas também, mas pegam mais leve nessa coisa de superioridade asiática, você sabe.

Sam viu Crenshaw saindo da capela.

- Olha... ah...

- Addison - o homem ajudou, de modo atencioso. - Billy Addison.

- Addison-san, foi um prazer conversar com você, mas tenho realmente que ir agora.

Sam pegou o braço de Hanae e tentou passar por Addison. O tecnauta colocou a mão bem diante do peito de Sam.

- Espere um minuto, homem. Olha, na verdade eu queria lhe perguntar algo. Eu... bem... nós lá dos Dados tivemos a gentileza de pensar numa coisa. Veja bem, soubemos que você e Jiro eram amigos e... bem...

- Bem, e daí?

Addison mexeu-se nervosamente. Olhou ao redor para ver se havia alguém por perto o suficiente para ouvir. Quando viu que a capela estava vazia, seu rosto relaxou um pouco.

- Há...há um boato correndo por aí de que Jiro estava acionando quando caiu.

- Acionando? - Hanae perguntou.

- É, você sabe, usando MQR.

Hanae colocou a mão na boca, espantada. MQR significava Mais Que Real. Os chips MQR eram tidos como sendo simulações de diversão que alguém colocava na cabeça através de uma conexão de dados ou de um receptáculo especial de dados. Eles permitiam que alguém "revivesse" uma experiência como se estivesse de fato fazendo aquilo. Mas as experiências eram mais do que reais. Ao contrário das diversões comuns do sensorama, todas as impressões sensoriais de MQR eram elevadas eletronicamente, levando a pessoa a domínios além de qualquer experiência de uma pessoa normal. As impressões ampliadas eram tidas como inacreditavelmente emocionantes, mais sensuais do que qualquer outra coisa que a vida real tivesse a oferecer. Sam não sabia se isto era verdade, mas sabia que MQR era altamente viciante. Os usuários geralmente se perdiam no mundo do chip, abandonando o mundo real até que morressem de negligência ou que o mundo real invadissem fatalmente no que eles percebiam.

Sam de repente percebeu que um usuário poderia, perdido em sua falsa realidade, tropeçar numa cerca e cair para a morte. Teria acontecido isto a Jiro? Com a proximidade do aniversário de Betty, Jiro tomara-se cada vez mais deprimido. Era verdade que ele usara alguns chips logo depois de seu retorno à Renraku, mas foi afastado das coisas pesadas. Seu médico tinha até aprovado, prescrevendo certos chips e chamando a isso terapia de reingresso.

Isto trazia nova luz ao assunto. Sam certamente não queria discutir isto com Addison, nem queria tratar da questão com Hanae por perto.

- Isto não é assunto nosso. Além do mais, que diferença faz agora?

- Bem, para Jiro nenhuma. Mas ficamos pensando sobre a reputação do departamento, você sabe, se começar a circular por aí que ele estava usando chips e certas partes começassem a fazer investigações. Você sabe que Kansayaku Sato está chegando? Você sabe, o "lenhador"? - Ao dizer isso o homem arqueou as sobrancelhas numa expressão conspirativa. - Bem, você sabe. Ficamos preocupados.

Preocupação Sam podia entender, especialmente se alguém do grupo de Addison precisasse manter algo escondido. Qualquer que fosse o problema ao qual Addison aludiu, possivelmente não poderia representar um perigo material para a Renraku. Se fosse, Addison ou quem quer que estivesse envolvido já estaria correndo.

A menção do MQR pode significar que alguém do departamento fosse viciado nesses chips. Muitos tecnautas usavam chips para recreação, mas a maioria conhecia o suficiente para ficar longe do MQR. A implicação de que um tec estivesse envolvido no perigoso passatempo poderia lhe valer uma marca preta em seus registros, o que afetaria seu programa de promoção. Justificadamente. Nenhuma empresa legítima gostaria de confiar seus segredos da Matriz a alguém que fosse um viciado. Havia muitos casos de tecs chantageados roubando arquivos, ou enlouquecidos runners da Matriz destruindo sistemas quando seus delírios cruzavam a já alucinante realidade da Matriz. Um tecnauta que usasse chips provavelmente seria destituído e excluído.

Então novamente talvez o usuário de chip já tivesse pago o preço. Se Addison ou algum de seus amigos tinham fornecido o chip a Jiro, e se

ele caíra enquanto estava sob a influência daquilo, a acusação seria, pelo menos de assassinato. Sam não conseguia lembrar de qualquer menção de chips de MQR no arquivo de Jiro no hospital, mas isto não queria dizer muito. Se alguém conseguira arranjar tal chip para Jiro, esta mesma pessoa pode facilmente ter estado lá quando ele caiu e então retirado o chip antes que os médicos chegassem. Tal pessoa temeria uma investigação que pudesse revelar sua cumplicidade.

Estaria alguém do departamento conduzindo o ícone de Jiro quando Sam o encontrou na Matriz, na semana passada? O departamento de dados teria tido conhecimento sobre os ferimentos de Jiro e teria tido acesso físico ao neuroterminal de Jiro. Seria impossível esconder um tecnauta com o cérebro frito, mas uma boa equipe de apoio pode ter sido hábil para desligar o controlador do ícone antes que o gelo negro o pegasse. Usar o teclado de outra pessoa era passível de punição com expulsão da empresa, além de multas pesadas, mas nem sempre isto era o suficiente para deter um pirata dedicado. Mas quem quer que estivesse conduzindo o ícone de Jiro, tinha se intrometido com a Parede, o que significava sanções mais severas. Se fosse alguém do grupo de Addison que estivesse atrás do ícone de Jiro, estaria sujeito à demissão, se a ação fosse descoberta. Eles tinham razões mais do que suficientes para se esconderem.

- Não se preocupe, Addison-san. Não acho que haverá alguma investigação sobre MQR. - Apesar de dizer isto, Sam também sabia que deveria haver. Jiro tinha de fato uma história de abuso de chips, mas seu arquivo do hospital não continha qualquer menção disso. Assim como lá deveria ter havido uma investigação sobre o acidente de Jiro. Por outro lado, se Addison e seus companheiros fizessem parte de algum tipo de acobertamento, o tecnauta não estaria aqui nervosamente fazendo perguntas. Havia mais alguém envolvido, escondendo algo atrás da falta de interesse oficial. Crenshaw estava na segurança. Talvez ela soubesse algo. - Nós realmente temos de ir.

- É, claro, homem. - Addison afastou-se para trás, um sorriso nervoso lampejando em seu rosto. - Bem, de qualquer modo obrigado, Warner. Você é um cara legal.

Sam saiu da capela correndo. Hanae, sem perguntar, tentou acompanhá-lo, mas depois de uns poucos passos desistiu. Sam seguia na

frente, ansioso para alcançar Crenshaw. Observando o parque que cercava a capela, não conseguiu encontrá-la. Então, ela apareceu detrás de uma cerca, caminhando ao longo de uma alameda e quase fora de vista. Ele correu atrás dela.

Ao ouvir as passadas dele, a mulher virou-se para trás, mas não parou de andar. Sam levantou a mão e começou a agitá-la, mas ela se virou e apertou o passo. Ela virou onde a alameda se bifurcava na estátua do Chefe Sealth e ficou fora da visão, atrás de algumas árvores.

Sam correu atrás dela. A respiração dele começou a ficar difícil. Ele estava um pouco gordo, muito fora de forma para isso. Ele escorregou ao tentar virar no cruzamento das alamedas. Desconcertado pelo que vira, ele resolveu ir até a estátua. Curvando-se sobre o pedestal, ofegante, ele olhou. A alameda que Crenshaw seguira estava vazia.

Não havia curvas a que ela pudesse ter chegado no tempo que ele levou para chegar até ali. Crenshaw devia ter saído da alameda. Ela deliberadamente fugira dele. Por quê?

Ele não encontraria a resposta hoje. Ele não tinha esperança de achá-la no parque. Crenshaw provavelmente sabia mais do que truques para despistar sua busca amadorística.

Ela estava lá quando Betty Tanaka morrera e participara do cativeiro com ela e Jiro. Crenshaw sentira tanto... o quê? Afeição? Lealdade? Curiosidade? Por que ela fora ao funeral de Jiro? Ela tinha visto Sam e devia saber que ele queria falar com ela. Por que ela fugira?

Não fazia sentido. Não havia fatos graves o suficiente. Tudo o que ele tinha eram possibilidades. Ele estava começando a suspeitar de que talvez ele não quisesse saber o que era real e o que era polida ficção ou uma completa mentira. Ele fora criado acreditando que a verdade era importante, mas estava começando a suspeitar de que não gostaria da verdadeira história.

Alguém estava escondendo fatos ligados à morte de Jiro. Possivelmente alguém dentro da própria Renraku Corporation. Alguém, talvez um executivo ambicioso, estivesse praticando uma fraude para fins pessoais, confundindo a empresa para atingir seus próprios planos de poder individual.

Ouçam-me. Eu pareço o bobo da semana do "Confissões de um Homem de Empresa ", do Canal 23.

Sam queria rir disso, mas não podia. Tinha visto muitos indícios de algo podre. Quanto do que ele tinha como certo era uma fraude? Ele ainda estava remoendo a questão quando Hanae chegou esbaforida, o rosto avermelhado. Sam podia dizer que era simples exercício e não raiva. Preocupação e aborrecimento deixavam sua testa com rugas.

- Por que você saiu correndo?

- Não saí correndo. Vi Alice Crenshaw. Queria falar com ela sobre Jiro. Ela também conhecia Jiro. Eu estava tentando alcançá-la, mas ela deliberadamente me impediu. Ela sabia que eu queria falar com ela e fugiu. Como o resto da companhia, evitando-me.

- Não estou evitando você, Sam - Hanae disse com ternura.

Era verdade. Ela fora muito boa para ele, sempre disponível com um ombro amigo. Por que ele tinha dúvidas sobre seus sentimentos em relação a Hanae? Como sempre, quando ele queria aliviar sua tensão, abraçou-a. Hanae ficou bem agarrada a ele, parecendo satisfeita com a segurança física dos braços de Sam. Ela ainda não percebera que ele não relaxava do modo como ela fazia. Ou, se percebera, talvez creditasse isso às tensões que o afetavam no tempo em que os dois se conheciam. Ele certamente se queixara sobre isso o bastante.

- Minha vida é um beco sem saída aqui - ele disse, sabendo que era uma frase feita.

- Não fale assim, Sam. - A tristeza era evidente na voz dela. - Renraku é o nosso lar.

- Que lar. Eles me prenderam aqui dentro. Nunca tive bons trabalhos. Eles reduziram meu plano de seguros. É um beco sem saída.

Sam sentiu a tensão dela aumentar em seus braços. Ela sempre disse que gostava mais dele quando ele estava feliz, que ela faria qualquer coisa para deixá-lo assim até o fim. Sam queria acreditar nisso. Mais ainda, ele queria acreditar que Hanae pudesse fazer isso. Quando ele sentisse o desejo pelo bem-estar dela ele queria preencher as suas expectativas, ser o homem que ela desejava que ele fosse.

- Eu poderia aceitar tudo isso, se eles pelo menos me deixassem entrar em contato com Janice. Eles sabem o que aconteceu a ela. Por que não me contam?

- Devem ter um bom motivo.

Sam não tinha tanta certeza. Não tinha mais. Hanae parecia não perceber esta falta de resposta.

- Quando Sato-sama estiver aqui, você verá que as coisas vão mudar. Ele vai precisar de você para tocar o projeto e com toda a certeza ajudará você. Afinal de contas, Aneki-sama e seu assistente são os seus mentores. A Renraku cuida dos seus. Todas as suas experiências foram por um bom motivo. Sato-sama vai ajudar você.

- Como ajudou em Tóquio? Não penso assim.

- Você deve tentar, de qualquer maneira. Sam forçou um sorriso.

Tudo bem.

## 6

Alice Crenshaw fechou a porta do escritório de fora, calando os protestos da recepcionista do diretor de segurança. A pequena censura deveria ser usada por ela entrar sem pedir licença na sala do diretor.

O assistente do diretor, Jhoon Silla, ficou no meio do caminho, entre a porta e a mesa do diretor, ocultando a visão de Crenshaw de seu chefe. Silla estava vestido no seu imaculado traje vermelho, e o logotipo dourado da Renraku e a estrela de capitão reluziam em seu colarinho. O cinto branco Sam Browne brilhava suavemente na iluminação indireta do escritório exuberantemente mobiliado. O jovem estava rígido, no máximo da ação; a mão estava sob a dobra do coldre e repousando no cabo da pistola.

- Muito protetor - disse ela enquanto avançava. - Mas, muito devagar. Você devia estar na porta antes de eu a fechar.

Tadashi Marushige sentou-se novamente quando ela passou por Silla. O diretor de segurança colocou as mãos dobradas sobre a mesa e ficou olhando para ela sem qualquer expressão. Ele também usava o uniforme militar de serviço da companhia, o colarinho mostrando a insígnia da exaltada patente de general das forças militares Renraku. Crenshaw nunca soube que Marushige usava seu uniforme de serviço fora da inspeção dos guardas de elite dos Samurais Vermelhos. Quando Marushige estava com pose militar, ele geralmente deixava seus trajes de poder para simples faxina.

- Você está adiantada - Marushige observou quando Crenshaw jogou-se numa poltrona à esquerda da mesa.

- Um hábito útil.

O olhar de Marushige era adequadamente maligno.

- Sinta-se livre para prosseguir - ela ofereceu, sabendo que sua insolência o aborrecia.

- Está tudo bem - disse ele friamente. - Já estava mesmo acabando, de qualquer modo.

Ele chamou Silla à frente com um sinal. O assistente começou a juntar mapas em cima da mesa e os enfiou numa pasta de papelão. Na ponta da mesa ele apanhou uma pasta e colocou tudo ali dentro, num de seus compartimentos. Crenshaw estava sentada tranquilamente, voltando a cabeça para ver, quando Silla atravessou a sala para colocar a pasta no chão e posicionar-se junto à porta. Ela viu os chapéus e sobretudos dos uniformes pendurados atrás de Silla; a presença daquilo indicava que era iminente uma operação fora da arqui-sede. Curioso. Ela decidiu checar aquilo com suas fontes assim que a reunião terminasse.

Ela se virou novamente e viu Marushige esperando silenciosamente, observando-a com seus olhos castanhos escuros. Não disse coisa alguma. Finalmente, ela se rendeu à paciência dele.

- Não sou a única adiantada hoje. - A resposta do diretor foi um grunhido não verbal que ela tomou como um pedido de explicação. - Pensei que gostaria de saber que sua reunião das onze da manhã está sendo antecipada. Nossos amigos da Diretoria Especial estão a caminho.

- Interessante. - Se Marushige ficou surpreso, não deixou transparecer, embora Crenshaw suspeitasse de que ele não soubesse da mudança. Obviamente, ele estivera muito envolvido na sessão de planejamento com seu assistente e devia ter dado instruções para não ser perturbado. - E sabendo que eu gostaria que você participasse da reunião, você largou o que estava fazendo para vir logo.

Crenshaw não ligou para o sarcasmo na voz do diretor.

- Claro.

- Muito louvável.

Um elogio dele, mesmo com sarcasmo, era algo incomum. Crenshaw manteve o rosto sereno, a linguagem do corpo inalterada pela surpresa. Ela apanhou o maço de cigarros no bolso interno do casaco. Casualmente retirou o invólucro marrom e acendeu o cigarro.

Marushige sorriu de modo contido por causa da operação. Quando Crenshaw soltou a primeira baforada, ele abriu uma gaveta, apanhou um cinzeiro de cristal e o empurrou para ela.

- Na verdade, todo o seu registro aqui na arquisele tem sido louvável - ele disse com a voz suave. - Está gostando de sua estada em Seattle?

- Não é Tóquio.

- Ah, sim. Você passou a maior parte de sua longa carreira trabalhando fora de Tóquio.

Crenshaw não se importou pelo modo como ele disse longa. Parecia muito um discurso de aposentadoria.

- Nós dois conhecemos meu registro. Qual o problema?

- O seu registro é o problema, Crenshaw-san. Tanto o seu desempenho aqui quanto suas experiências anteriores no Japão a tornam a candidata mais indicada para um trabalho muito especial.

Droga! O miserável tinha finalmente achado um trabalho para ela que não poderia ser passado adiante. Ele estava tão satisfeito consigo que devia ser uma corrida suicida. Ela deu um longo trago no cigarro, deixando

o calor seco penetrar em seu pulmão para aquecer seu corpo. Não pensei que ele tivesse o atrevimento de tentar isto.

- Como você já deve saber, um dos dirigentes da Renraku, Kansayaku Horito Sato, honrará a arqui-sede de Seattle com uma visita. Ele está executando uma missão de investigação e auditoria para o escritório central. Naturalmente, a segurança será a primeira preocupação. O Kansayaku certamente está esperando atendimento de alto nível, o que eu, devido a outras preocupações, não estarei em condições de lhe dar em tempo integral. Por isso mesmo, é meu desejo que você funcione como minha ligação com Kansayaku Sato.

"Você será, logicamente, responsável pela segurança pessoal do Kansayaku também."

Crenshaw sentiu, ao mesmo tempo, alívio e suspeita. Ela certamente não queria encarar uma operação externa. Estava muito velha para este nonsense, seu preparo fora feito pelo menos uma geração atrás dos mais destacados talentos da oposição. A tarefa que Marushige lhe apresentava tinha um fator de alto risco, mas provavelmente não era um risco físico. Com os recursos da Renraku, nenhum inimigo provavelmente faria um disparo contra Sato. Mas, com um executivo tão notoriamente difícil de ser agradado, sua carreira poderia estar na corda bamba. Um descuido na visão do Kansayaku, não importaria se fosse mínimo, e ela poderia dar adeus a uma saudável aposentadoria.

- E se eu não quiser a... honra?

- Seus desejos neste assunto são muito irrelevantes. -Marushige olhou para o console de sua mesa. - Você parece certa sobre a antecipação da reunião. Dois da Diretoria especial já chegaram.

Digitando uma tecla em seu console, ele comunicou à recepcionista sua decisão de receber os visitantes.

Vanessa Cliber anunciou sua chegada com uma pancada, arrancando a porta da mão de Silla e a jogando contra um antigo aparador. O cabelo dela bem preso estava se soltando do coque sobre o pescoço, e seu rosto estava corado, com uma expressão de inflexível determinação. Ela esbarrou na mesa e derrubou uma pilha de discos de dados sobre o diretor de segurança. Voaram cassetes em todas as direções.

A maior parte caiu sobre a superfície da mesa, mas alguns foram parar no chão.

Crenshaw sacudiu a cabeça como que não acreditando na falta de cuidado de Cliber. Desse modo não dava para marcar pontos com um japonês.

- Mas o que é isto? - ela perguntou. - Sherman vai ter um filho.

Marushige permaneceu imperturbável. Ele se levantou e fez um leve meneio formal de cumprimento antes de falar. - Bom dia, diretora Cliber. Não entendo sua referência ao presidente Huang, mas suspeito que a senhora queira dizer que ele ficará tão perturbado quanto a senhora.

- Na mosca.

- Muito bem, então. Vai levar algum tempo para juntar os discos que a senhora tão vigorosamente entregou. Talvez então a senhora pudesse me dizer o que há neles que a preocupa.

Marushige sentou-se enquanto Silla colocava uma cadeira atrás de Cliber. Ela ignorou o assento que lhe fora oferecido.

- Você sabe muito bem qual o problema.

O diretor de segurança deu de ombros. Ele voltou sua atenção para a outra pessoa que chegava.

- Ah, doutor Hutten. Por favor, desculpe minhas maneiras simples. Sua chegada talvez tenha sido um tanto negligenciada. Silla, providencie uma cadeira para o doutor.

Hutten agradeceu com um meneio de cabeça antes de sussurrar alguma coisa a Cliber. Ela assentiu levemente, depois respirou fundo e sentou-se. Hutten acomodou-se logo que Silla trouxe outra cadeira.

- Por favor, desculpe Vanessa, general Marushige. Ela dormiu pouco nos últimos dias. Temos tido alguns graves problemas com os acompanhantes de integração.

Marushige assentiu de modo simpático.

- Compreendo perfeitamente, doutor. Como chegaram antes do horário marcado, sinto que perder tempo com amenidades não seria adequado. Portanto, vamos direto ao assunto. Como posso ajudar?

Cliber sorriu.

- O senhor já deveria saber. Eu lhe mandei muitos memorandos. Parece que não podemos agir sem o seu pessoal.

- Ah, sim. Eu lhe garanto, diretora, que seus memorandos passaram pela minha mesa. Nós, da Diretoria de Segurança, estamos agindo do modo mais rápido possível nesta questão.

- Então, o seu pessoal não passa de um bando de tartarugas - Cliber atirou.

- Vanessa!

- Sinto muito, Konrad - ela disse em tom de desculpas a Hutten, depois passou algum tempo visivelmente acalmando-se antes de prosseguir. - A segurança não aprovou nenhum dos nossos pedidos de pessoal nos últimos quatro meses. Estamos incrivelmente sem gente. Se vocês não podem arranjar os especialistas em computador de que precisamos, deixem pelo menos que tenhamos alguns técnicos. Até pesquisadores ajudariam.

- Sim, é verdade - Hutten concordou. - Havia vários prometidos dentre o pessoal da última leva. Estamos especialmente interessados em Schwartz, Verner e Chu.

Crenshaw apagou o cigarro no cinzeiro, que ela colocara no braço da poltrona. A força do seu movimento retirou o recipiente\* de sua base. Caiu no chão, espalhando seu conteúdo no tapete espesso.

- Mande este Verner, por exemplo - Cliber disse de modo sucinto. - Este sujeito trabalhou durante anos no escritório de Tóquio. Alto nível, trajetória rápida na equipe de operações. Ele tem inclusive citações de Aneki. O que é preciso para seu pessoal aprqyar alguém?

- O tempo muda, as pessoas mudam - Crenshaw resmungou.

- O que isto significa?

- Verner está classificado como um risco de segurança.

- Não acredito ter visto esta anotação no dossiê dele -Hutten comentou.

- Ele é um risco, eu disse. - Crenshaw frisou bem as palavras. Ela nunca aceitava quando os vermes calminhos da pesquisa a questionavam. Ela esperava que eles entendessem do negócio deles como eles esperavam que ela entendesse do dela. Por que simplesmente não aceitavam o que ela dizia?

Marushige cortou a resposta de Cliber.

- Não precisamos nos deter em questões específicas. Diretora Cliber, doutor Hutten, anotei suas reclamações formais.

- E a de Sherman.

- E a do presidente Huang. Mas estou constrangido nesta situação. A responsabilidade da Diretoria especial é a de produzir uma inteligência artificial totalmente senciente. Se isto for possível, será um feito com um significado que vai mudar o mundo. Mas não podemos deixar nossos concorrentes roubarem todo o nosso duro trabalho.

- Eles não nos alcançarão em anos.

- É o que o senhor diz, doutor. Mas se os próprios programas de pesquisa deles se detiverem em algum ponto que nós já resolvemos? Um espião não poderia levar-lhes a informação crucial?

- Ninguém está tão perto quanto nós.

- Pode ser assim, diretora. A senhora pode ter esta crença. Eu posso não ter. A Diretoria de Segurança é responsável por manter até a existência da pesquisa da Renraku sobre inteligência artificial longe da concorrência. A maioria do nosso próprio pessoal não sabe disso. Não posso colocar um agente no projeto.

- O senhor não fez um bom trabalho na semana passada -Cliber disse com escárnio.

- Ah, a senhora se refere à usurpação do programa persona Tanaka.

- E ao que mais? Ou vocês tiveram mais problemas de segurança escamoteadas em sua hierarquia abafada?

O sorriso de Marushige se congelou em seu rosto. Seus olhos ficaram duros, mas sua voz permaneceu dócil e agradável.

- Claro que não, diretora. Minha diretoria sempre confessa seus erros. Nós lhe informamos sobre o incidente imediatamente, não foi?

- Claro que informaram. Mas não nos disseram mais coisa alguma desde então.

- Não houve mais coisa alguma digna de ser informada. A senhora sabe melhor que a maioria como devem ser complicadas nossas medidas de segurança da Matriz. A maioria dos nossos tecnautas da segurança trabalha em áreas estritamente limitadas, operando sem total conhecimento do que eles estão protegendo. Alguns relatam incidentes irrelevantes que eles julgam ser significativos, enquanto outros falham em relatar os dados de que realmente precisamos. Nossos operadores de nível de segurança Zeta estão razoavelmente certos de que nenhum dado foi removido, mas não estamos mais perto de determinar quem estava controlando o programa Tanaka.

- O envolvimento de Verner tem algo a ver com sua afirmação de que ele é um risco de segurança, Crenshaw? -Hutten perguntou.

- Sobre o que você está falando?

Crenshaw lançou um olhar para Marushige. O rosto do diretor estava fechado. Se ele sabia, não dissera a ela. Mas ela não gostava nada das implicações daquilo.

- A senhora Crenshaw está tratando dos aspectos pessoais do problema - disse Marushige. - Não há prova concreta do envolvimento de Verner na tentativa de penetrar no projeto AI. Eu lhes asseguro que a Diretoria de Segurança está fazendo todos os esforços para descobrir o responsável.

- Todos como no caso de liberar o pessoal de que precisamos? - Cliber perguntou de modo zombeteiro.

- Esta usurpação de persona é um exemplo das dificuldades que enfrentamos. Certamente, se alguém como Verner esteve envolvido numa tentativa para quebrar a segurança de nossos sistemas de computador, os senhores não vão querer que ele seja designado para uma posição que lhe

desse maiores facilidades<sup>^</sup>de roubar nossos segredos. A senhora deixaria, doutora?

Cliber apertou os olhos.

- Se Verner é um risco, chute-o. Do contrário, mande-o para nós.

- Há um risco para a segurança do projeto aqui, e eu sou o responsável pela segurança, diretora.

- E eu sou responsável por cumprir os prazos deste projeto.

- Então deve compreender o peso da responsabilidade e a necessidade de se fazer o trabalho direito.

- Sei o que o senhor está tentando fazer - Cliber declarou. - Vou verificar se Sato também sabe.

- Kansayaku Sato fará suas próprias observações e tirará suas próprias conclusões, diretora - Marushige respondeu placidamente.

Cliber olhou para ele.

- Acho que podemos ir, Konrad. Pelo visto não vamos chegar a lugar algum aqui.

Ela se levantou abruptamente e dirigiu-se para a porta. Hutten levantou-se desajeitadamente, um meio sorriso sem graça no rosto. Ele fez um meneio antes de seguir sua superiora.

- Silla - o diretor de segurança disse suavemente - arranje um carro. Quando a porta se fechou atrás de seu assistente, Marushige voltou-se para olhá-la.

- Você está muito aberta quanto a sua hospitalidade, Crenshaw. Eles podem relatar o que você falou sobre Verner.

Ela já estava aborrecida com seus problemas anteriores e não quis se sentir fazendo jogos com ele.

- Deixe que relatem.

- Você deveria se preocupar - ele advertiu. - É sua pele que está na alça de mira.

- Por que você não se preocupa com a sua pele? Se minha pele for atingida, lanço a sua aos cães também. Por que você não incluiu os dados de computador de Verner nos registros da segurança? Você sabe que ele estava lá quando a Parede foi atingida. - Marushige se enrijeceu, dizendo a ela que o disparo atingiu em cheio. Ele soubera. Ela lhe dirigiu um sorriso quando se preparava para virar a faca e mostrar a ele quem era o mais forte naquela relação. - Você não poderá alegar que sua bomba de drogas engoliu essa.

Suas narinas se dilataram, como sempre acontecia quando ela se referia a esta vergonha já não tão secreta assim. Marushige tinha um sistema de monitoramento/inoculação implantado para mantê-lo suprido de drogas psicoativas, químicos para controlar o desequilíbrio de seu cérebro que controlava os ataques de raiva violentos. Antes do implante, ele fora um escravo de seus impulsos e quase fora dispensado da empresa. As drogas corrigiram o problema, mas imprecisões ocasionais no cálculo de dosagens do chip deixaram o sr. Hyde aparecer. Marushige, desesperado para manter sua posição na Renraku, fazia o máximo para esconder estes lapsos. A vergonha que ele sentia dava a ela uma superioridade sobre ele.

- Lembre-se de quem tem a fita mostrando você abusando do finado Claybourne. Aquele menino jamais teria sido mutilado se você não o tivesse chutado daquele jeito.

- Ele não poderia deixar que atirassem nele - Marushige disse entre dentes.

Crenshaw deu um risinho de satisfação e pegou outro cigarro.

- Não interessa o que ele devia ter feito. Você não devia tê-lo chutado assim. Há muitas maneiras de se ser um tolo. Você foi o que acabou com a coluna dele.

- Ele era incompetente.

- Isso é o que os seus superiores vão dizer de você se souberem que você foi responsável por mutilar um bem da companhia.

- Fitas podem ser adulteradas. Seria sua palavra contra a minha.

- Você está um pouco louco, Marushige. Já discutimos isto antes. Esta fita vai passar em qualquer teste a que seja submetida.

- Se você provocar isso, poderá se implicar na invasão. Você podia ter detido aqueles shadowrunners lá nas ruas.

- Não estava no meu contrato.

- O Kansayaku pode não ver as coisas deste modo - disse Marushige. - Diz-se que ele dá um prêmio por iniciativa pessoal.

- Foi isto o que me levou aonde estou hoje. Trouxe-me de volta para o centro de segurança da arqui-sede. Conseguiu para mim uma fita muito útil. Veja, eu tive iniciativa - ela disse com um sorriso frio -, mas acredito em manter seu uso pessoal.

Marushige recostou-se em sua cadeira, fechando o punho direito e colocando a outra mão por cima.

- Você foi premiada por seu silêncio com relação a Claybourne. A despeito de seu método repulsivo de conseguir o prêmio, você é uma eficiente auxiliar. Eu só irei até este limite no tocante a este assunto, Crenshaw. Cuidado para não ultrapassar o limite.

Marushige passou o polegar pela cicatriz do lado esquerdo do rosto. Depois de alguns instantes, ele disse:

- Seria inteligente de sua parte enterrar sua obsessão por Verner enquanto Sato estiver por aqui. O Kamayaku é muito ligado ao diretor Aneki, e Verner era protegido do velho. Na verdade, nenhum de nós precisa arranjar problemas.

- Sua preocupação é comovente - disse Crenshaw, de modo arrastado. Marushige estava menos preocupado com os problemas dela do que com a possibilidade de Sato ver as coisas e descobrir a manipulação dos registros feita pelo diretor de segurança. Muito provavelmente ele ficaria aliviado se Crenshaw fosse instigada e desligada. Assim, ele se livraria dela.  
- Acho que você não tem muito com que se preocupar. Sato não gosta de Verner mais do que eu.

- Isto é uma afirmação atrevida e interessante, se for verdadeira - Marushige comentou. - Como você pode saber disto?

- Ei, ainda tenho umas ligações no ramo - Crenshaw disse, rindo.

Marushige sorriu de modo largo como resposta, mas seus olhos estavam frios e circunspectos.

## 7

Sam estava nervoso. Não tinha dúvidas sobre isso. Suas mãos estavam molhadas, e ele queria encontrar o primeiro quarto para descansar. Se eles não o acalmassem nos próximos minutos, ele poderia sair e voltar antes da hora de entrar.

Sam tentou captar o olhar do guarda em uniforme vermelho que o acompanhara desde que ele saíra do elevador, levando-o para os andares superiores da arqui-sede. O olhar do homem parecia tão fixo para a frente quanto estivera desde que ele se sentara em frente a Sam, no sofá de couro. Sua postura era um pouco menos fixa e rígida. Era perda de tempo tentar se comunicar com ele.

Tomando uma decisão, Sam levantou-se do braço duro do sofá. Antes que tivesse dado um passo, o guarda estava a seu lado, o rosto sem expressão, aguardando o próximo movimento de Sam. Sem dúvida, o samurai estava tão preparado para ser um carrasco quanto um acompanhante. Sam esperava que o homem não ficasse muito desapontado com seu passo lento até a mesa da recepcionista.

- Com licença - ele sorriu educadamente, quando a mulher levantou os olhos do console. - Vai demorar muito?

O seu primeiro sorriso atraente foi inesquecível. Ela não disse coisa alguma por alguns instantes, o olhar e a expressão eram tão duros que toda a beleza desapareceu de seu rosto. Sam ultrapassara os limites da polidez esperada, e ela tencionava que ele ficasse sabendo disto. - Sato-sama o chamará quando ele estiver pronto, Verner-san.

- Mas eu só queria...

- Por favor, sente-se - ela o interrompeu friamente.

A falta de modos educados por parte dela disseram a Sam como ela o imaginava rude. Ao invés de voltar ao confinamento frio de seu antigo assento, ele se permitiu uma promoção com base no tempo da espera. Passando defronte à mesa, Sam entrou na outra metade da espaçosa sala, embora soubesse que estava invadindo um território reservado a pessoas de condição mais elevada. A recepcionista não reagiu à falta de modos dele, mas Sam tinha certeza de que ela registraria aquilo. Que ela registrasse. Sua pequena rebelião contra a etiqueta o deixou um pouco mais senhor da situação.

Esta área da recepção não era maior do que a outra, mas seu mobiliário era mais elegante e estava mais cheia. Dois guardas Samurais Vermelhos flanqueavam a grande porta de madeira que dava acesso ao escritório. Mais dois homens sentavam-se no sofá que dava costas para aquela parede. Um deles parecia estar cochilando, mas o outro voltou a cabeça quando Sam atravessou o tapete persa. Embora não pudesse ver os olhos que havia por trás das lentes de cromo implantadas, tinha certeza de que o estavam estudando e avaliando.

Sam escolheu uma cadeira. Desta vez era uma revestida de tecido; ele não precisava de ajuda para fazer a investigação. Embora quisesse muito voltar a esquadrihar o homem com as lentes de cromo, Sam decidiu que seria inadequado fazer isso de uma forma direta. Voltando a cabeça em direção à área envidraçada atrás da mesa da recepcionista, ele fingiu interesse nas atividades do grupo de mulheres do escritório que trabalhavam ali dentro, deixando que, de vez em quando, seu olhar caísse sobre os Samurais Vermelhos que estavam na área de espera.

Mas acontecia que os samurais não eram de grande interesse. Assunto conhecido, eram tipos duros, competentes, sem surpresas como a sua própria sombra vermelha. Eles seriam perigosos num combate, mas não eram ameaça a um bom funcionário como Sam.

Os outros dois eram diferentes. Suas lapelas tinham buttons cujo desenho era tão familiar que ele logo percebeu que era da Renraku. A despeito de seus símbolos de afiliação, nenhum deles tinha a aparência do que Sam imaginava um típico assalariado Renraku.

Com um sobressalto, Sam percebeu que conhecia estes dois homens. Ou melhor, sabia sobre eles. Na semana entre a chegada de Hohiro Sato em

Seattle e a concessão da audiência, Sam usava seu tempo livre para fazer alguma pesquisa. Ele descobriu que, quanto mais conhecesse Sato, melhor ele poderia se sair na audiência inesperada. Ele aprendera que Sato sempre viajava com um grupo, como era natural para um homem de sua estatura numa empresa multinacional. Além do grupo normal de mulheres, guardas, assistentes e motoristas do escritório, diversas pessoas com funções mais obscuras frequentemente tomavam parte do grupo de viagem do Kansayaku.

Das fotos nos arquivos, Sam reconheceu o homem de olhos de cromo como Kosuke Akabo, um especialista em relações públicas. Se ele realmente era o que o nome de sua função dizia, as relações das quais ele cuidava não eram aquelas tradicionalmente atribuídas a um funcionário assim. Ele tinha a ameaça de um predador contido, muito parecida com a dos guardas dos Samurais Vermelhos. O terno cinza muito bem cortado de Akabo era feito em tecido muito caro, muito mais caro do que um típico assalariado poderia pagar, embora a aparência imitasse a moda atualmente em uso. Mesmo aos olhos não treinados de Sam, era claro que Akabo era algo mais do que um funcionário burocrático.

Calmo, mas alerta, Akabo não fazia movimentos desnecessários, mas não demonstrava a tensa vigilância dos guardas samurais. Era a postura de um homem confiante que estaria instantaneamente consciente de qualquer ameaça. Como talvez estivesse. Seus olhos certamente tinham sido tecnologicamente apurados: suas outras lentes deviam ter sido também.

Sam buscou sub-repticiamente sinais reveladores de modificação, mas além das lentes de cromo não viu acréscimos cibernéticos óbvios. Isto não alterava sua convicção de que o homem de terno cinza era mais sofisticadamente modificado do que um samurai de rua cuja reputação dependia tanto do cromo visível quanto da coragem do combate. Akabo era um guerreiro, proteção do seu senhor. Sam tinha certeza disso.

O outro tinha de ser Harry Masamba, porque somente um homem negro estava na lista das pessoas ligadas a Sato. O dossiê definia Masamba como um especialista em administração do tempo, mas sua profissão era tão óbvia por sua atitude indecorosa quanto por seu chapéu mole de aba larga cheio de símbolos que cobriam a parte superior do seu rosto. Nenhum

assalariado respeitável dormiria no escritório do chefe. Masamba era um mago. Talvez fosse por causa de seus talentos tão raros quanto valiosos que ele tomasse estas liberdades de comportamento.

Sam pensou na presença do mago. Ele fora educado acreditando que a maioria dessa gente era de charlatães, ganhando dinheiro com a fé dos crédulos. Ao contrário de seu pai, contudo, Sam fora criado no que pessoas como Masamba chamavam Sexto Mundo. Havia muitas provas pra negar que a magia de fato existia. Mesmo assim, Sam não acreditava em seus praticantes.

Nem todos pensavam assim. O mundo empresarial abraçara a magia e os magos, não tanto pelo lucro quanto pela proteção. Os magos eram muito raros e muito irresponsáveis para trabalharem numa linha de montagem, mas ofereciam capacitações incomparáveis na espionagem industrial. E onde havia magia no ataque, a magia era necessária na defesa, fazendo dos magos figuras comuns da segurança das empresas. Quase todas as empresas multinacionais tinham bruxos em suas equipes para o setor de proteção. Os dirigentes inferiores tinham de viver com os salários da companhia, pois uma pessoa com capacidades mágicas era um recurso muito raro para ser desperdiçado. Se Sato tinha um mago particular, era um sinal de seu poder.

Poder era algo que Sato tinha muito na Renraku Corporation. Ele tinha o título de Kansayaku, mas era muito mais do que um mero auditor dos registros financeiros. Ele auditava as pessoas igualmente, arrancando a madeira podre e os não conformistas da árvore da Renraku. Sua reputação como ceifador era temível. Agora, ele viera a Seattle, onde o projeto da arquiteta estava cronicamente atrasado.

O encontro com Sato na arquiteta não assustava Sam pessoalmente. Sam não se envolvera em quaisquer tarefas significativas que o pudessem vincular aos atrasos e, tendo sido banido da equipe de operações quando banido do Japão, não tinha contato algum com a administração que pudesse ter responsabilidade pelos atrasos. Mesmo se estas pessoas e suas equipes fossem retiradas, era provável que ele permanecesse, verificando arquivos e cruzando dados.

Mas a resposta à sua carta pedindo autorização para ver a irmã era preocupante. Ele não podia ver qualquer motivo por que Sato quisesse

conversar pessoalmente. O Kansayaku não demonstrara desprezo por Sam quando se viram na última vez? Uma mudança de atitude parecia injustificada, apesar da crença de Hanae de que uma feliz reviravolta era o que Sam deveria esperar do encontro. Ultimamente Sam estava vendo muito por trás das aparências; ele tinha pouca fé no otimismo dela.

A recepcionista chamou o nome dele, interrompendo qualquer outra especulação. Se Sato desejava ajudá-lo ou censurá-lo, a falta de presteza não mudaria a posição de Sam. Ele se levantou e ajeitou o paletó e então caminhou sob o frio olhar de cromo de Akabo. Atrás dele, sua sombra vermelha não se mexeu.

O escritório interno fazia o de fora parecer mobiliado com refugos. O acesso era decorado num estilo magnífico. Depois das obras-primas que ornamentavam as paredes do vestíbulo, a sala se abria num espaço amplo, muitas vezes maior que o tamanho do escritório que Sam compartilhava com mais de dez funcionários. Apesar de os móveis serem esplêndidos, a longa parede externa os diminuía. A vista direta do céu de Seattle oferecida pelas janelas que iam do teto ao chão era levemente inebriante, depois do longo isolamento de Sam na arqui-sede.

Entre a janela e a entrada, havia uma mesa isolada do resto do salão, elevada num estrado de madeira escura, de granulação fina. Um homem bem vestido e cuidadosamente trajado estava sentado numa cadeira forrada de camurça atrás da mesa com tampo de mármore e pés cromados.

Sato.

Ele se levantou quando Sam chegou à parte principal do cômodo, desceu da plataforma e caminhou até ficar diante da mesa.

- Konichiwa, Verner-san.

- Ojama shimasu, Sato-sama - Sam respondeu com um meneio formal. Ele achou que era inteligente ser extremamente polido.

- Por favor, sente-se - Sato ofereceu, estendendo a mão para uma recâmara perto da janela.

Sam escolheu uma cadeira que o deixava de costas para a janela. Era um alívio que a etiqueta exigisse que ele deixasse o anfitrião ficar com a vista panorâmica. Ele não queria se distrair.

Sato sentou-se fazendo um comentário sobre a atual posição dos Sonics na liga, o que deixava bem claro que o Kansayaku não entendia coisa alguma de basquete. Sam manteve o assunto, sabendo que aquilo era a conversa preliminar. Era apenas uma espécie de afinação educada para permitir que os participantes da conversa medissem o temperamento dos outros.

Uma mulher trouxe uma bandeja com chá e biscoitos doces. Somente quando ela começou a servir o chá foi que Sam reconheceu que era Alice Crenshaw quem fazia aquele serviço. Crenshaw sorriu para ele, e Sam de repente sentiu-se frio.

- A senhora Crenshaw tem me falado sobre suas atividades desde que você chegou a Seattle - Sato confidenciou, deixando de lado as amenidades titubeantes. - Muito interessante.

Sam não sabia o que dizer. Como ele poderia? Não fazia a menor idéia do que Crenshaw falara a Sato. Qualquer coisa que dissesse poderia colocá-lo em má situação.

- Nada a dizer? - o sorriso de Sato lembrava a Sam os tubarões do aquário público do Nível 2. - Devo imaginar que você gostaria de fazer algum comentário. Um motivo para o que você fez, quem sabe?

Sam pigarreou. Sam ainda não lhe dera uma pista da natureza deste teste.

- Sempre tive a Renraku em primeiro lugar na minha cabeça. Não acredito que eu jamais tenha cometido uma ação desleal.

- Esta é uma resposta maquinai, Verner-san - Sato observou. - Esta não é a assembléia da manhã, de modo que não preciso ouvi-lo repetir o shakun. Eu lhe garanto que conheço os artigos da empresa de cor.

- Não quis faltar com o respeito, Kansayaku.

- Então não me ofenderei - Sato colocou sua xícara de chá sobre a bandeja. - Ainda.

Sam recuou a xícara também. A porcelana fazia um leve tinido quando pousada sobre a superfície envernizada. As próximas palavras de Sato foram tão suaves que por pouco Sam não as ouve.

- Você está insatisfeito com seu emprego?

- Eu sirvo à empresa, Kansayaku - Sam afirmou de modo vigoroso. - Dou o melhor de mim em qualquer tarefa que me seja atribuída.

- Sim. É o que parece. Não há queixas quanto ao seu desempenho. - Sato bateu no braço da cadeira. Sam achou ter detectado uma leve expressão de desapontamento. - Mas você está insatisfeito.

- Estou aflito por ser mantido sem saber da sorte de minha irmã.

- Fui informado de que ela foi realocizada a salvo. A Renraku sempre cumpre suas obrigações neste aspecto. Você foi avisado disso através dos canais oficiais.

Sam lembrou-se da mensagem de duas linhas em seu correio eletrônico.

- Acho que a empresa fez o que considerou seu dever. Mas não compreendo. Por que não posso entrar em contato com ela?

- Sobre o que você está falando?

- Repetidas vezes eu pedi uma forma de comunicação com a minha irmã. Foram todas negadas. Não fui informado nem sobre o código postal do centro de realocização.

- Isto parece incomum.

- Também achei, mas tenho sido relutante em levar minhas preocupações ao conselho de arbitragem da Corte de Contrato.

- Meu computador - ordenou Sato peremptoriamente.

Crenshaw o trouxe, colocando-o sobre a mesa e desenrolando a tela antes de ligá-la e colocá-la diante de Sato. Ele levou um minuto digitando no teclado.

- Não há registro destes pedidos nos arquivos.

- Como isto é possível? - Sam perguntou de modo incrédulo.

- Realmente - Sato concordou de forma calma. - Como? Sam sentiu cheiro de perigo. Sato acabara de lhe dizer que não havia registro oficial sobre as tentativas de Sam contactar Janice. Qualquer reclamação sobre a resposta desumana da empresa, não seria sustentada pelo banco de dados de

correspondência da Renraku Corporation. Ele estava sendo coagido a deixar de lado aquela questão. Nunca. Ele jamais deixaria sua irmã de lado. Ela era a família que ele deixara para trás. Sato confirmou a suspeita de Sam ao dizer:

- Agora você veio a mim, num encontro particular, pedir por sua irmã. Eu lhe disse que ela foi bem cuidada pela equipe da Renraku durante a traumática experiência que viveu. Ela teve toda a consideração a que tinha direito pela lei. Você receberá relatórios regulares e pode ter certeza de enviar correspondência através do departamento de pessoal. Não há mais necessidade de perturbar seus superiores com este assunto.

- Entendo - mentiu Sam.

Ele realmente não entendia absolutamente nada, mas uma coisa estava se tornando clara. Pelo motivo que fosse, ele estava sendo deliberadamente afastado de sua irmã e, de alguma forma, Sato estava envolvido.

- Fico feliz que possamos nos entender, Verner-sa/j. -Sato levantou-se, seu movimento súbito fez Sam levantar-se apressadamente. - Você pode voltar às suas ocupações.

Sam curvou-se para as costas de Sato. - Peço-lhe desculpas por ter tomado tanto de seu valioso tempo, Kansayaku.

Tendo sido dispensado, Sam não teve outra escolha a não ser sair. Quando ele passava pela última pintura da entrada, arriscou um indelicado olhar por sobre o ombro. Sato voltara à sua mesa, já absorto em alguma coisa na tela do console.

Crenshaw estava de pé junto à borda da plataforma, observando Sam com um sorriso de satisfação paralisado no rosto. Ela parecia satisfeita. O que ele fizera para merecer a inimizade dela?

O guarda o esperava para acompanhá-lo até os elevadores. Durante a descida até os níveis inferiores, Sam repassou mentalmente o encontro. Tinha certeza de que havia níveis de significado que ele não captara. Apesar de tentar, não conseguia vislumbrar os porquês da situação.

Hanae estava esperando por ele no saguão do Nível 200. Ela ficou quieta, atrás da barreira, enquanto um samurai da estação de guarda

ajustava o alarme que Sam tinha preso a seu punho. Aquilo chamaria a atenção da segurança se ele ultrapassasse as partes da arqui-sede que foram consideradas apropriadas para alguém de sua posição e nível de segurança. Esqueceram de fazê-lo entrar na checagem dos andares superiores, até que foi chamado novamente. Assim que ele passou pelo detector, Hanae, o rosto cheio de expectativa, correu para ele.

- Como foi?

Ele não queria desapontá-la, mas não tinha coisa alguma para preencher as esperanças dela.

- Fui informado de que receberei relatórios periódicos sobre a situação de Janice. Também poderei mandar cartas para ela, mas não posso mais me queixar. Pelo menos não me proibiram de rezar por ela.

Ela procurou o rosto dele.

- Você realmente não acredita que a companhia vá cumprir tudo isto, acredita?

Sam não respondeu. Se Hanae conseguira ler o suficiente em seu rosto e em sua atitude para fazer a pergunta, ela já conhecia a resposta. Ela esticou o braço para tocá-lo no rosto, mas então lançou seus braços em torno de Sam num forte abraço. O calor dela era algo agradável.

- Acho que você deveria conversar com alguém - ela sugeriu de modo evasivo.

- Não preciso de um psiquiatra. Ela riu de modo nervoso.

- Não, não foi isso o que eu quis dizer. Acho que você deve conversar com alguém que eu encontrei lá embaixo no mercado público.

- Hanae, realmente não estou disposto a conversinhas com um estranho. - Ele nunca achara nos amigos dela mais do que interesse passageiro e queria apenas ficar só.

- Você não precisa fazer isso agora. Além disso, eu teria de marcar um horário de qualquer maneira.

Embora saber que um encontro imediato não era algo iminente tenha sido um alívio, o comentário dela aumentou a suspeita dele.

- Quem é esta pessoa?

Hanae olhou nervosamente ao redor.

- É melhor eu não dizer o nome dela aqui. Ela é uma... caçadora de talentos.

- Não vou ao tríduo.

- Não. Não é deste tipo. Ela é de uma empresa.

Este era um desdobramento interessante. Caçadores de talentos procuravam empregados insatisfeitos que quisessem mudar de empresa. Hanae estava muito preocupada para conversar com uma caça-cérebros. Tal envolvimento estava totalmente fora das suas características. Ela era uma pessoa leal à empresa. Ela percebera que ele também estava agindo fora de suas características. Aqui ele estava agindo de maneira a considerar a possibilidade.

## 8

O mercado estava vibrante, cheio de som, luz, vida. Depois dos corredores organizados dos setores privados da arqui-sede, Sam achou que as vistas, sons e odores das seções públicas precisavam que se estivesse acostumado àquilo. O brilho das telas tridimensionais era o pior de tudo, anunciando os últimos produtos entre informações sobre a última guerra empresarial ou sobre o jogo de Batalha Urbana. Ele geralmente evitava ir até a extravagância que agitava os primeiros cinco níveis da arqui-sede, preferindo os mercados e lojas da empresa espalhados pelos níveis de residência. Lá ele se lembrava menos de que não tinha autorização para sair do mundo empresarial sem um acompanhante empresarial Renraku.

Não eram as multidões que o incomodavam. Ele achava o povo de Seattle interessante e a mistura de tipos divertida. Os turistas incluíam asiáticos, tribais do Conselho Salish-Shidhe, pessoas de todas as empresas multinacionais instaladas na área, cidadãos do Unecan variando dos ricos às pessoas de rua, e até os ocasionais elfos, pigmeus ou grupos de orks andavam lado a lado nas vias públicas. Em pouco tempo, o desconforto de

Sam desapareceu quando ele relaxou e se deixou fazer parte da multidão. Estar num grupo sempre parecia confortar Sam, mas ultimamente esta sensação era coisa rara.

Assim que chegou à arqui-sede, ele fizera algumas incursões no metroplexo do mundo externo, mas estas viagens logo se tomaram um exercício de isolamento e de frustração. Os acompanhantes de Sam tornaram a diversão impossível. As pessoas na rua ficavam desconfiadas de se aproximarem de qualquer um que estivesse acompanhado por um guarda Renraku, e os próprios guardas raramente eram bons de conversa. Depois das primeiras poucas semanas, ele desistira das saídas, contentando-se em aprender mais sobre Seattle e seu povo pela Matriz, pelo trídeo e pelas conferências ilustradas.

Hanae estava caminhando ao lado dele usando óculos de sol espelhados envolventes, um exagero na luz solar filtrada do mercado. O cabelo dela estava arrumado de um modo diferente, a blusa era nova e, embora ele reconhecesse o jeans, sabia que raramente ela usava um. Hanae estava realmente assumindo a pele de uma conspiradora. Ele esperava apenas que seu visível desembaraço não chamasse a atenção de nenhum dos guardas Renraku que andavam por ali.

Sam não fizera coisa alguma para disfarçar sua identidade. Qual seria o problema, já que ele usava o alarme no punho direito? Qualquer guarda que quisesse checar com os bancos de dados da central de segurança teria sua identidade em segundos. Eles tinham apenas de confiar, para sua privacidade, na indiferença dos guardas em seu "passeio de compras".

Hanae fizera um esforço bem grande durante uma semana para que ele aceitasse um encontro com sua nova e misteriosa amiga. Acreditando que qualquer contato, por mera tentativa que fosse, com um recrutador externo seria um passo irreversível, Sam tinha procurado ganhar tempo. Ela demolira seus argumentos um a um, e ele finalmente concordara. Agora, dois dias depois, ela o levava ao mercado para encontrar a recrutadora.

Um sopro de ar os atingiu quando o sistema de ventilação jogou uma brisa difusa na direção deles. A umidade servia para lembrar que a queda de água era real e não um extasiante exemplo da holografia de efeitos especiais. A água caía de uma abertura escondida no terceiro nível. A torrente fluía ao longo de grandes pedras de quartzo de Madagascar, as

pedras cercadas por luxuriante folhagem verde tropical que aumentava seu brilho translúcido. A inclinação da cascata diminuía perto do primeiro nível, suavizando o fluxo antes que ele caísse na lagoa do parque onde Hanae e Sam caminhavam. Pássaros e insetos tropicais agitavam-se por ali, impedidos de sair da área do parque por suas próprias inclinações e também por uma sutil barreira ultrassônica na borda do parque.

Sam viu o que lhe pareceu ser um macaco com olhos grandes numa árvore. Os movimentos da criatura logo o convenceram do contrário. Ele parou num dos membros e voltou seu olhar na direção dele. Seus olhos eram grandes, escuros e líquidos. Os olhos atraíram e prenderam sua atenção. Após um instante, Sam percebeu que não estava mais olhando para aqueles olhos. O animal se fora. Ele procurou nas árvores mas não conseguiu encontrar qualquer vestígio dele. Quando ele contou a história a Hanae, ela riu.

- É um lêmure fantasma. Dizem que há muitos deles no parque, mas nunca vi um. Eles são mágicos, você sabe.

Como ele poderia não saber? A criatura desaparecera diante dos seus olhos. Ele deu de ombros com aversão. Sempre que a magia tocara sua vida, fora algo terrível.

Hanae o retirara do local onde ele vira o animal misterioso. Eles caminharam por uma ponte que se estendia do parque do lago até a pista ao longo da superfície de recife de coral. A paz do parque estava se fazendo sentir quando Hanae abruptamente o segurou pelo braço e o puxou ao longo do caminho. À frente deles estava a entrada do Coral Café, um restaurante popular cujos assentos abaixo do nível ofereciam uma visão dos corais de recifes submersos.

- Por aqui - Hanae insistiu. - É ela.

A mulher para a qual Hanae apontara era impressionante. Do cabelo platinado às botas de couro preto com bordas douradas, ela era uma visão da próxima edição da Mode Moderne. As roupas dela eram bem feitas, mas apenas uma base para a jóia da própria mulher. Ela era alta e esguia e movia-se com uma graça sensual.

Um identificador de ouro da Renraku cintilava no radiante colarinho de seu longo, flutuante vestido, mas Sam não acreditou por um segundo que

fosse que aquilo era legítimo. Quando eles se aproximaram, ela jogou para trás a longa mecha de cabelo que caía sobre seu ombro direito. Por um breve instante, o movimento deixou à mostra a orelha delicadamente pontuda.

Sam não esperara um elfo. Os elfos eram os metaumanos mais comuns nas empresas, mas mesmo assim ainda eram raros e poucos ocupavam posições de responsabilidade.

Tudo agora fazia sentido. A esbelteza e a altura dela, a delicadeza de suas feições - tudo característico daquele ramo dos metaumanos conhecido como elfos. Ele ficou imaginando qual seria a idade dela. Depois de um elfo atingir a maturidade, demonstrava poucos sinais de envelhecimento, de modo que ela poderia realmente ter apenas vinte, como realmente parecia. Por outro lado, ela poderia ter sido um dos primeiros bebês do Ano do Caos, o que significaria que ela teria cerca de quarenta anos.

Médicos de todo o mundo invocaram a Síndrome da Expressão Genética Obscura como causa dos nascimentos de crianças estranhas de pais normais. Mas a EGO era apenas um nome para algo que eles não entendiam ainda. Quando ficou claro que as crianças cresceriam e ficariam muito parecidas aos elfos dos contos de fadas, os cientistas apegaram-se ao nome feio que eles criaram para se referirem às crianças bonitas. A nova geração não era de duendes, logicamente, mas isto não fez com que a imprensa popular parasse de usar nomes mitológicos para eles. Estes nomes pegaram, mas as crianças chamadas elfos e pigmeus ainda eram pessoas, novas e súbitas espécies de homo sapiens para falar corretamente, mas ainda humanos. Algumas pessoas não acreditavam nisto, negando que os metaumanos de qualquer espécie fossem gente. Era atitude que Sam jamais entendera. Mesmo com toda a barreira do pai contra a "conversa fiada deste nonsense de Sexto Mundo", o velho Verner reconhecia os metaumanos como "biologicamente expressões perfeitas de gens". Sam nunca achara que orelhas pontudas e cabelo branco fossem mais não-humanos do que a pele negra ou vermelha.

Todos estes pensamentos desapareceram quando a mulher se voltou para eles e Hanae fez as apresentações.

- Sam, esta é Katherine Roe. É ela que eu queria que você conhecesse.

- Telegit thelemsa - ele a cumprimentou.

- Siselle. Thelemsa-ha. - Ela riu baixinho. - Sua pronúncia é excelente, Sam, mas, por favor, vamos falar em nosso idioma. Não vai querer me embaraçar em público, vai?

- Como assim?

- Com exceção dos que foram criados num enclave, muito poucos elfos falam a língua. Somos todos crianças de nossa cultura, afinal de contas.

- Eu só queria ser agradável - Sam disse como desculpa. - Este é mais ou menos todo o sperethiel que eu sei.

- E eu o censuro por isto. Agora veja, você já me embaraçou. - O rosto de Roe ruborizado revelava a vergonha que ela sentira momentaneamente. Depois o sorriso voltou. - Como você conseguiu aprender o sperethiel?

- Ah, Sam sabe uma porção de coisas, Katherine. Ele é um dos melhores pesquisadores da empresa.

Sam sentiu o rosto corado com o entusiasmo de Hanae. Ele então disse a Roe, que estava com a sobrancelha levantada:

- Dizem que tenho uma memória muito boa.

- Certamente um patrimônio para um pesquisador - Roe concordou.

- Um patrimônio para qualquer um - disse Hanae. - Tenho certeza de que vocês têm muito para conversar, de modo que vou fazer algumas compras. Duas horas em frente ao Lordstrung? - ela perguntou. Ele concordou, e ela o beijou no rosto e saiu. Roe o levou para dentro do Coral Café, onde havia uma mesa à sua espera. Ela não demorou muito para ir ao assunto.

- Eu posso ajudá-lo a sair dessa.

- O que exatamente você quer dizer com isso?

- Cautela é certamente recomendável, Sam. Você não me conhece, mas sei um pouco a seu respeito. - O rosto dela estava sério quando ela

tocou no braço dele. - Vou ter de lhe dizer coisas em confiança, mas você parece ser o tipo de homem que sabe guardar um segredo.

Katherine esperou a resposta dele. Sam hesitou. A preocupação e a sinceridade dela pareciam ser mais do que uma mera exibição. Mesmo assim ele achou que precisava de prudência.

- Não posso prometer discrição sem saber sobre o que você vai falar.

Sam percebeu alívio e satisfação no rosto dela.

- Esta é a resposta de um homem que leva sua palavra a sério - disse ela. - Tudo bem. Se você acha que alguma coisa que eu vou dizer comprometerá você, então vá contar aos seus chefes. Mas o que eles pensarão sobre alguém que se relaciona com uma vilã como eu?

A leveza do tom de voz dela não diminuiu a súbita preocupação de Sam. Se a associação dele com Roe viesse à tona, haveria repercussões. Todos os seus medos nebulosos sobre sanção oficial se tornariam uma realidade definida.

- Eles não aceitariam muito bem.

- Eu não vou contar a eles. Por que você deveria contar? - Como ele não disse coisa alguma ao ouvir isto, ela prosseguiu. - Omitirei todos os nomes. Isto deve amainar seus temores sobre ter de relatar alguma coisa. Além do mais, este tipo de negócio acontece o tempo todo. Você nunca assistiu a "Confissões de um Homem da Companhia?"

- Assistio muito pouco à televisão. Evito especialmente ficção.

- Ficção? - ela exclamou com suavidade. - "Confissões" é totalmente verdadeiro. Eles dizem isto no início de cada episódio.

- Se é verdadeiro, por que nenhuma das empresas citadas aparece na bolsa de valores?

- Por quê? Você está certo. Acabou com minhas ilusões -Roe declarou com uma seriedade zombeteira.

- De qualquer modo, duvido disto. - Ela estava tentando deixá-lo à vontade e Sam estava começando a gostar dela.

Ela sorriu, acabando com a frivolidade, mas então sua expressão rapidamente tornou-se sóbria.

- Sericamente, então, meu associado, sr. Drake, e eu já estamos arranjando uma extração. Seria um probleminha a mais tirá-lo ao mesmo tempo.

- Não conheço os seus patrões. Não sei se quero trabalhar para eles.

- Não precisa.

- Devo acreditar que você e este sr. Drake estão fazendo isso pela pureza de seus corações? - Sam perguntou de modo cético.

- Claro que não. - Roe sorriu confiantemente. - Temos um ponto de vista, como todo mundo. Nossos patrões vão pagar o frete para a extração. Se contribuirmos para a sua saída sem falarmos com eles, então você sai de graça. Então o sr. Drake e eu trabalhamos com você para conseguirmos uma colocação numa empresa de outra cidade, digamos, San Francisco. Depois de encontrarmos um belo lar para você, ganhamos os honorários de intermediários da empresa para a qual você entrou. Isto é praticamente crédito livre.

- Não vou comprometer a Renraku - disse Sam.

- Você não precisa. Vamos colocar isto no contrato. Isto vai tornar a venda um pouco mais difícil, mas não é impossível. Você talvez tenha de sofrer uma pequena queda em seu padrão de vida.

Sam de repente percebeu que ele tomara sua decisão e que estava no processo de implementá-la. O futuro estava se abrindo.

- Se eu puder ficar só com a minha vida, já valerá a pena.

- Então temos um acordo?

- Mais devagar. Quero conhecer este sr. Drake.

Ela hesitou, mas Sam achou que aquilo era apenas para causar efeito.

- Certo. Vou providenciar um encontro para o mais breve possível.

- Pensei que Hanae tivesse lhe dito que não posso deixar a arquise sede sem um guarda. - Ele tocou na faixa contínua de plástico que havia em

torno do seu punho. Fios finos e chips delgados podiam ser vistos através da superfície translúcida do alarme. - Isto acionará a segurança se eu passar dos limites codificados na memória. Não pode ser retirado sem disparar um alarme e a Diretoria de Segurança da Renraku controla a chave de "desligar". O seu sr. Drake terá de vir aqui.

- Não é bom - disse ele, com um leve balançar da cabeça. - O homem não pode vir. Você terá de esperar até sair para encontrá-lo.

Pela dureza do jeito dela, Sam sentiu que o assunto não era negociável. - Isto não é animador.

- Você quer sair ou não?

Ele queria. Sam chegara a um ponto muito longe do caminho para voltar, e não estava seguro de que este era o melhor caminho. - Deixa eu pensar sobre isso.

Não pense demais - ela advertiu. - Tenho um cronograma a cumprir.

## 9

- Está na hora? -Não.

- Mas estou ficando faminto. -Petulância acompanhou a afirmação.

- Logo, Tessien.

Plumas multicolors farfalhavam, descoloridas na visão noturna de Hart enquanto ela observava a serpente colotar suas espirais. Com as asas dobradas contra seus flancos e a grande cabeça dentada metida debaixo da asa esquerda, um pouco lembrava uma pilha irregular de penas. Não chegava a ser uma camuflagem. No caminho entre os armazéns das instalações da doca da United Oil, em Puget Sound, uma pilha assim ficava mais deslocada do que um dracomorfo.

Com toda a sua impaciência incomum, Tessien era um dracomorfo, uma variedade das criaturas que alegavam ter os poderes dos legendários dragões. Este - Hart estava insegura do gênero da fera - era de um tipo

conhecido como serpente de emplumada, o mais comum dos grandes dracomorfos do hemisfério ocidental. Esticado, deveria medir cerca de dez metros de músculos com escamas e penas, e com as asas alertas, deveria ter a mesma medida do comprimento. Tessien era uma fera perigosa e fora seu parceiro durante quatro anos de trabalho nas sombras.

Ela quase confiava nele.

Um suave sinal sonoro na caixa que estava no bolso de seu casaco a alertou de que alguém quebrara um dos feixes do sensor que ela colocara naquela mesma noite, um pouco mais cedo. Um segundo toque com tonalidade diferente informou a ela o vetor sobre o qual o alvo estava se movendo. Ela enfiou a mão no bolso para desligar o receptor. O som poderia traí-los antes que eles fizessem a emboscada. Qualquer informação adicional que o sensor pudesse dar não valeria a pena.

Ela olhou para o espelho que colocara do outro lado do caminho para ter uma visão do armazém principal. Quatro figuras estavam correndo do prédio, em direção à posição de Hart e de Tessien. Pelas silhuetas daquelas figuras, ela julgou que fossem shadowrunners. Três homens e uma mulher. Um leve ruído veio da direção do líder do grupo devido aos amuletos e talismãs que balançavam e se tocavam em seu peito, denunciando-o como um bruxo ou alguém muito supersticioso.

O som foi abafado quando um grupo da segurança da United Oil saiu do armazém. O andar de suas botas sobre o concreto encobriu o ruído feito pelos intrusos que saíam correndo, mas aquele som ritmado logo foi superado pelos ruídos das cocatrizes que eles soltaram na pilhagem.

As cocatrizes eram uma para-espécie de aves utilizada para questões de segurança, porque o simples toque do animal podia provocar o colapso do sistema nervoso da presa, paralisando um invasor para facilitar a prisão pelo manipulador do para-animal. Logicamente que o manipulador devia dominar a cocatriz antes que ela comesse a vítima indefesa, mas as multinacionais não se preocupavam muito com alguns poucos invasores inevitavelmente machucados ou mortos. Isso diminuía o número de invasores. Estes para-animais eram impacientes, agitando suas asas eriçadas e levantando a perna longa enquanto devoravam a distância, separando-as dos shadowrunners.

A cocatriz da frente encurralou o runner. Ele pulou para a presa, indo alto para bater com a cauda longa, escamada sobre o homem. Um toque o paralisaria, deixando-o indefeso quando suas garras o rompessem. O runner desviou para a esquerda, para longe da cauda, quando ela foi para a frente e o perdeu.

Hart identificou o runner como um laminado, um daqueles bandidos bioeletronicamente ampliados que gostavam de se chamar samurais urbanos e sempre pareciam estar trabalhando braçalmente para um grupo de shadowrunners. Era preciso um sistema nervoso acelerado para reagir tão rapidamente e evitar ataques de modo tão fácil.

O aço brilhou ao luar quando uma lâmina surgiu no ante-braço do homem, confirmando a suspeita de Hart. O samurai se torceu enquanto andava, enfiando a arma na carne do animal. Este gritou e tombou no chão.

O segundo animal perseguiu outro runner, que desesperadamente bloqueava seus ataques com um objeto feito uma caixa que Hart reconheceu como sendo um neuroterminal. Jeito miserável de tratar uma tecnologia tão cara.

Antes que a cocatriz pudesse quebrar a guarda do desesperado samurai, este cancelou suas opções. Fez vários disparos de arma em tiro contínuo contra a criatura antes de voltar sua atenção novamente à fera, que era seu primeiro oponente, e que ele estripou enquanto começava a subir.

Hart percebeu que o samurai não tinha atingido seu parceiro, quando a boca da sua arma passou por ele. Arma neuro-conectada, ela supôs.

- Aquele é rápido, Tessien - Hart comentou enquanto apontava para o samurai urbano. - Pegue-o primeiro.

- Muito metal. Não deve ter o gosto bom.

- Você não vai pegar os outros se o sujeito da lâmina cortar você. Eu protejo o mago enquanto você faz isto. Destruindo a artilharia e a armadura, a infantaria será coisa fácil.

- É verdade. - Expectativa. - Você tem uma boa visão para táticas, pequena.

Ela enfiou a mão por baixo das penas e passou as unhas na dobra da cabeça de Tessien com o pescoço. - Você sabe mesmo como agradar uma

garota, meu amigo. Agora pegue eles.

Tessien mostrou sua impaciência quando se levantou no ar com um gemido, e depois, com um rugido para desafiar os runners. Eles pararam, imobilizados por um segundo antes de se recobrem e lançarem seu próprio ataque como se tivessem planejado tudo para esta situação. Provavelmente tinham planejado tudo, ela concluiu. Era do conhecimento de todos que o chefe da segurança da United Oil em Seattle, era o dragão ocidental Haesslich.

Hart sentiu o poder se juntar em torno do bruxo. Os runners confiavam em suas palavras mágicas para o primeiro ataque contra o dracomorfo. Exatamente como ela tinha esperado.

Chamas cor de alface saíram das mãos estendidas do feiticeiro, iluminando o céu quando elas se lançavam sobre a serpente emplumada. Hart viu a segurança da UniOil buscando um esconderijo atrás dos runners.

Os anéis de Tessien arquearam-se para a frente por um instante, e Hart viu o feiticeiro começar a sorrir. O sorriso desapareceu quando suas palavras mágicas se perderam e as chamas vacilaram e se extinguíram, deixando a serpente incólume. O dragão rugiu mais alto ainda. Animada pelo pouco de que ela precisara para sustentar a defesa mágica de Tessien, Hart avançou para se confrontar com o feiticeiro.

- Algum problema?

Os olhos dele se estreitaram, e ele assentiu como se entendesse o que tinha acontecido. Ele apanhou um de seus amuletos.

Ela detonou três cartuchos de sua escopeta Atchison na barriga dele. Ele pulou para trás, jorrando sangue, vísceras e pedaços de tecido.

O fedor que tomou conta do ambiente foi levado pelo ar superaquecido, quando Tessien lançou suas chamas sobre o samurai urbano. A carne cozinhou quando a água nos tecidos do homem ferveu. Ele caiu sobre o concreto, um monte de ossos carbonizados, aço fundido e plástico derretido.

Tessien cercou os subitamente tímidos sobreviventes, enquanto Hart pedia que se rendessem.

- Larguem suas armas e vocês não se machucarão. Um ruído metálico foi a resposta.

Tessien precipitou-se para trás dela para se posicionar. Sua cabeça arqueou, deixando ver o pescoço espiralado, assumindo uma postura de vigia quando os guardas da segurança da United Oil saíram do esconderijo e correram para cercá-los. Os guardas nervosos olhavam Tessien e Hart mais de perto do que os shadowrunners. Em toda a volta do círculo os dedos estavam sobre os gatilhos.

- Quem é você? - perguntou o líder deles.

Hart leu o nome dele no crachá. Major Fuhito. So ka, o segundo homem de comando de Haesslich.

- Somos o seu apoio, major.

- Não fui informado sobre quaisquer operadores especiais neste caso. Acho que vocês são invasores oportunistas. Acho também que vocês estão numa grande enrascada.

Asas retumbaram na noite, asas de dragão. Hart olhou para cima e viu uma forma familiar. Ela relaxou. Não haveria problemas agora com dedos muito impacientes sobre os gatilhos.

- Qual o problema? - o dragão ocidental perguntou em voz alta, enquanto aterrissava.

Fuhito curvou-se para o dragão.

- Haesslich-sa/wa, pegamos estes dois shadowrunners em luta com um grupo que invadiu as instalações. Eles alegam que são uma espécie de apoio da minha equipe, mas não havia referências a qualquer tipo de apoio nas ordens que o senhor deixou. Provavelmente eles não passam de runners desesperados que se viraram contra os da própria espécie para salvar seus pescoços. Escória.

- Fuhito, você me faz pensar por que eu o mantenho na folha de pagamento. Mande seus homens recuarem e leve os invasores de verdade com você.

- Então, a serpente e a mulher estão trabalhando para o senhor - Fuhito disse, de modo sério.

- Claro. Eu sabia sobre os runners que nos invadiram esta noite. E sabia também que eles iriam conseguir e que escapariam por entre os seus dedos. Tinham de ser detidos e eu não tinha certeza se poderia vir fazer pessoalmente o serviço.

- O senhor podia ter me dito. Desprezo emanou do Dragão.

- Obedeço às suas ordens, Haesslich-sama. - Fuhito curvou-se, enérgica e rapidamente. Depois voltou-se e parou junto à intrusa que estava sorrindo para ele. Ele bateu na mulher, jogando-a no chão. - Você é uma invasora e uma criminosa. Acho que você vai descobrir que tem poucos motivos para se divertir.

- Você é muito para mim - disse a mulher, com o lábio ensanguentado. - Você vai se enrascar com os seus chefes na empresa, sr. Placa de Lata. Vou processá-lo por brutalidade.

- Você perdeu os seus direitos quando entrou no território da United Oil - disse Fuhito. Ele bateu com a bota na cabeça dela, deixando-a desacordada. A súbita reação do companheiro dela foi impedida por dois guardas grandalhões. - Levem os dois para a sala de interrogatório.

Quando os guardas saíram, Haesslich torceu o nariz para os cadáveres. - Admirável eficiência, Hart.

- Você vai pagar a conta. Este tipo de coisa não estava no contrato.

- Acrescente uma sobretaxa - Haesslich sugeriu, com um ar de gracejo em suas palavras. - A United Oil pagará.

- Fechado - Hart concordou. Ela pensara em fazer aquilo de qualquer maneira; o contrato dela era muito específico sobre compensação por "serviços adicionais".

O dragão sentou-se sobre as ancas.

- Agora, que tal a operação para a qual você foi contratada? Está tudo acertado?

- Veja deste modo. O pombo ainda está voando, mas tenho certeza de que vai cair do nosso lado.

- É melhor que caia. Não quero este programa atrasado. - A determinação mal escondia a promessa de violência na frase do monstro.

Tessien silvou, mas Hart suavemente tocou-o. Não era hora de brigas.

- Conosco o cliente tem satisfação garantida - ela assegurou a Haesslich.

## 10

Sam aborreceu-se, brincando com a comida. A multidão na hora do almoço no Garrelsen's Mall Café provocava o tumulto de sempre. Mesmo estando sua mesa junto à parede e longe da passagem, o barulho das pessoas aumentava o ruído. Periodicamente, a garçonete que o atendia parava para indagar sobre a qualidade da comida, tentando apressá-lo para dar lugar a outro freguês. Ele não dava a menor atenção a todo o alvoroço.

Roe estava atrasada.

Será que ela o tinha abandonado? Teria sido apanhada pela segurança da Renraku? Os Samurais Vermelhos estariam tomando posição para detê-lo por conspiração, por romper seu contrato de trabalho? Ou tudo isto não passava de um teste de Roe para ver o quanto ele ficava nervoso?

Não interessava. Sam agora tinha tomado este rumo. Se Roe não aparecesse, ele tinha de dar um jeito de sair da arqui-sede. Seria difícil, mas ficar seria pior. Ficara bem claro que jamais obteria as respostas sobre Janice enquanto estivesse no túmulo da Renraku, e ele não podia mais ficar parado.

Se fosse pego...bem, isto resolveria o problema dele também.

Sam deixara poucas coisas despreparadas, acrescentando horas extras que praticamente acabavam com sua carga de trabalho. Ninguém poderia acusar Samuel Verner de negligenciar suas responsabilidades, fossem quais fossem. Os cães eram um problema, pois dificilmente poderiam fazer parte da extração. Não sobreviveriam na arqui-sede sem um

dono, mas a senhora Haramoto, do Corredor B, parecia gostar deles e se prontificara a cuidar deles se Sam precisasse fazer uma viagem a serviço. Já que esta "viagem a serviço" provavelmente nunca terminaria, ele esperava que ela viesse a amá-los tanto quanto ele os amava. Ele nunca tivera muitas coisas, de forma que não haveria problemas quanto a isto.

Restava Hanae. Doce, agradável Hanae. Apesar da falta que sentia no relacionamento deles, não poderia abandoná-la. Ela o ajudara a colocá-lo neste caminho, e ele se sentira melhor nestes últimos dias como há muito tempo não se sentia. Achava bom estar fazendo alguma coisa, em vez de esperar que outra pessoa fizesse algo por ele. Hanae era parte desta mudança, e devia isto a ela. Poderia não ser a melhor base para um relacionamento, mas relações melhores tinham começado por motivos piores. Cuidaria dela.

Certamente que cuidaria. Aqui estava ele pensando em Hanae fora do casulo da empresa que a protegera a vida inteira, mas não tinha certeza nem se poderia tomar conta de si. Os eventos nos quais se envolvera no dia em que chegara a Seattle mostravam-lhe como era diferente o mundo fora da empresa. A vida podia se tornar violenta, até mesmo mortal. Hanae provavelmente estava menos preparada para este mundo do que ele, mas estava certo de que ela se recusaria a deixá-lo.

A garçonete apareceu novamente, mas antes que ela pudesse começar com a investida, Roe apareceu e sentou-se na cadeira defronte à de Sam. Roe fez um rápido pedido de salada da casa e suco de cenoura e despachou a moça.

- Desculpe pelo atraso. Tive um pequeno problema de condução. Os Red Rovers e os Ancients tiveram um confronto na Westem Avenue. Típico nonsense de gangues. Como estão as coisas com você? Tomou uma decisão? - O fluxo de sua óbvia pressa reduziu-se, e ela retomou seu ritmo lento de falar.

- Andei pensando muito.

- Que bom saber disso, Sam. Mais pessoas estúpidas das empresas deveriam fazer o mesmo.

Ela quis dizer que ele era uma pessoa estúpida da empresa? Esperava que não. Ele não se via deste jeito e ficou um pouco perturbado

que ela o visse assim. Sam se lembrou que precisava da capacidade e das conexões de Roe, e não da opinião dela. Sair da Renraku era a coisa mais importante agora.

- Eu gostaria de prosseguir com a extração.

- Cuidado com suas palavras - Roe avisou, com um sorriso de conspiração. - Mesmo lugares públicos como este têm os ouvidos compridos.

A veleidade dela o aborreceu, mas Sam sabia que ela estava certa. Ele deveria ter usado algum tipo de eufemismo que pudesse parecer algo completamente inocente. Os circunlóquios da área dela eram mais fechados ainda do que o jargão das empresas. Mas ele queria estar correto e dentro dos padrões até que tudo estivesse acertado. Não estava nada acertado ainda.

- Hanae tem de ir também.

O simpático sorriso de Roe desapareceu instantaneamente.

- Isso torna as coisas um pouco piores.

Ele engoliu em seco. A hora era esta, hora de arriscar tudo ou nada.

- Ela vai, ou então eu não vou.

Os olhos de Roe buscaram os dele. Ele sentiu a intensidade dos olhos cor de bronze da mulher e esforçou-se por manter seu rosto imóvel, esperando mascarar sua preocupação de que ela desistisse do trato. Ela deve ter ficado satisfeita com a decisão dele.

- Você tem sorte, eu sou uma fraca, cara. Agora, ouça. Aqui o plano.

## 11

Sam voltou-se e olhou em torno da sala novamente. Este apartamento fora seu lar por pouco mais de um ano, mas apenas umas

poucas bugigangas, algumas marcas dos c2es no tapete e um vaso feito a mão por Hanae diziam alguma coisa sobre o homem que vivera ali. O restante era da companhia, até os quadros na parede.

Ele iria sair com a roupa do corpo, já que uma valise que fosse seria muito suspeita. Ele teria de viver com o que levasse consigo e com o que Roe prometeu lhe dar depois que tivesse fugido. Seu livro de recortes estava sobre a mesa que fica perto do sofá, suas páginas espalhadas sobre o tampo. Passara parte da noite escolhendo os recortes, selecionando os que eram mais importantes para ele. Reduzira a seleção a cerca de vinte recortes, uma história em resumo de sua família. Ele e Janice em Kioto, sua formatura na Universidade de Tóquio e a formatura em Columbia, diversos instantâneos do último passeio da família antes que ele e Janice ficassem órfãos, seu pai no antigo uniforme da Marinha dos Estados Unidos, sua mãe participando de uma de suas tradicionais partidas de cartas, escolhas dispersas de sua infância, as fotos do casamento de seus pais e avós e, finalmente, uma antiga ferrotipia de Thadeus Samuel Helmut Verner, o primeiro da família a vir para as Américas. Eram todos elos do passado, lembranças muito preciosas para desistir delas.

Sam olhou para a estante. Ali havia poucos volumes dentre os objetos e pequenos eletrônicos. Jamais fora um verdadeiro amante dos livros, como sua irmã ou seu pai. Um livro de capa dura não parecia ser importante. Para ele era sempre o conteúdo que importava, não a forma. O único livro que queria era a sua Bíblia. Infelizmente, como uma valise, provocaria suspeita.

Ele não ficaria sem seu conforto, contudo. Uma cópia em chip estava seguramente enfiada na caixa, em seu bolso. Junto com a Bíblia computadorizada da companhia, havia outros chips de leitura. A maioria era de referências, mas conseguira também uma cópia do diário de seu pai e um registro de sua correspondência. Num impulso, colocara também o manual de instrução do curso de simulação de vôo, que ele não concluía. Ainda tinha os quatro chips cinzas.

Aqueles chips continham os programas de persona de seu cyberterminal. Levá-los era, tecnicamente, um roubo, mas os programas foram feitos sob medida para ele e seriam destruídos antes que alguém assumisse seu terminal. Era realmente mais barato fazer um conjunto novo

para quem lhe substituísse. Os chips não continham dados e ele tinha certeza de que seu empregador forneceria chips de persona apropriados para seu novo sistema. Levar este era um gesto simbólico. Sua presença na Matriz partiria junto a seu corpo físico.

Talvez por isto decidira levar o manual de vôo. Talvez fosse uma afirmação simbólica de sua partida da escravidão psicológica. Ou talvez tivesse a ver com aqueles shadowrunners um ano atrás. Ele estava prestes a embarcar em outra experiência perigosa, cujo resultado não podia prever de todo.

Consultou o relógio.

- Quase na hora - disse a Hanae, que ainda estava se arrumando no banheiro.

- Só um minuto.

Ele só esperava que não fosse um dos seus "minutos" de quinze minutos. Sam caminhou inconscientemente repetindo o trajeto que Kiniru fazia quando queria que a levasse para dar um passeio.

Hanae apareceu um minuto depois, vestida muito mais sensatamente do que Sam temera. Embora usasse um vestido solto, esvoaçante, o material era resistente, e o corte, sem restrições. Ela tinha uma sacola protuberante pendurada no ombro.

- Esta sacola não é um pouco grande demais para quem vai só ao clube?

- É grande - ela disse em tom hesitante - mas deve servir. Está na moda. Muito couro, contas e franjas.

- Espero que não esteja muito pesada. Teremos de atravessar a pista de pouso do clube até o avião e tudo isso com a maior pressa.

- Se cancelarem o sinal do alarme de pulso devemos caminhar até o avião. Afinal de contas, as pessoas embarcam assim o tempo todo.

- Não nas ambulâncias aéreas da Doe Wagon. Ela deu de ombros.

- Se for muito pesada, você me ajuda. Estaremos perfeitos.

Ele rezou para que estivessem mesmo. Não queria que coisa alguma os impedisse, agora que chegara a hora.

Apesar dos receios de Sam, eles chegaram à área de clubes no Nível 6 sem qualquer incidente. Ninguém pareceu interessado num casal saindo para passar a noite na arqui-sede. Os saguões já estavam lotados, embora ainda fosse cedo. Música de todos os tipos saía dos clubes à prova de som e misturava-se numa confusão ininteligível. Os frequentadores não pareciam se importar. Muitos dançavam nos saguões, mexendo-se com a música que tinham na cabeça. Alguns dançavam com a imaginação; outros, usavam fonechips colocados na cabeça ou carregavam aparelhos de sensorama que injetava a música em seus cérebros.

Não foi difícil encontrar o Rumpelstiltskin's. Roe não estava lá ainda, mas centenas de outras pessoas já aguardavam na fila com a vã esperança de entrarem no clube da moda.

- Não faço a menor idéia - Hanae disse quando viu a fila.

- Fico imaginando se Roe pensou nisso.

- Se pensou, deve fazer parte do plano. - O tremor na voz de Hanae não combinava com seus modos confiantes.

- Acho que devemos entrar na fila.

- Não se preocupe - Sam a tranquilizou, escondendo sua própria dúvida, que aumentava. - Ela vai cumprir sua parte no trato.

Meia hora depois, ainda estavam na fila. A entrada do clube já podia ser vista de onde estavam e eles identificaram pela primeira vez o porteiro. Como muitos clubes, o Rumpelstiltskin's empregava um troll para cuidar da fila dos esperançosos. Muito bem vestido para ser chamado leão-de-chácara, seu tamanho e seu comportamento não deixavam dúvida alguma de que ele podia ocupar a função. Quase três metros de músculo e pele grossa eram mais do que suficientes para intimidar até o mais agitado participante. Eles ainda estavam a dez metros do início da fila, quando Roe apareceu de repente.

- Assim não vai funcionar nunca - disse ela. Pegando cada um pelo braço, levou-os diretamente até o porteiro. Girou um cartão-moeda na mão direita. As quatro últimas faixas no canto do cilindro marcavam o cartão-

moeda como certificado para pelo menos cem neoienens. Ela o jogou para o homem. - Meus amigos aqui estão atrasados para a mesa deles.

Ela se voltou para eles novamente.

- Giacomo vai cuidar de vocês, portanto não precisam se preocupar. Está tudo certo, mas tenho de dar um telefonema para checar outro membro de nossa festa. Vejo vocês daqui a uma meia hora. Divirtam-se.

Sam observou-a voltar pela fila e conversar com um quarteto de homens e mulheres miseráveis. Mesmo daquela distância, podia dizer que a maior era uma ork. As presas dela eram revestidas de prata e cintilavam friamente sob as luzes do saguão. Ela carregava um grande estojo com um jeito casual, fruto de sua enorme força.

Os companheiros de Roe eram, com certeza shadowrunners, sua equipe para a extração. Eles tinham uma aparência dura, gasta. Talvez desgastada, Sam pensou. Ele tinha pouca experiência nesses assuntos, mas esperava que Roe aparecesse com um grupo mais...mais o quê? Que se impusesse mais? Mais perigoso? Mais à vontade na área de clubes? Mais como Tsung e seus runners? Não ajudava coisa alguma a seu estado mental conjecturar sobre estas coisas.

Roe e os runners caminharam em direção ao início da fila por um quarteirão e, depois, tomaram um corredor que os afastou do Rumpelstiltskin's. Passaram por Sam e Hanae, e vê-los mais de perto serviu apenas para atizar os temores de Sam. A medida que o grupo de Roe movia-se, passando sob os focos de luz do saguão, a alternância de luz e sombra chamou a atenção de Sam para a figura que estava no meio do grupo. Esta pessoa mantinha um andar constante, estranhamente uma marcha, enquanto os demais mudavam bastante. Pareciam estar fugindo de interferência, evitando que a multidão empurrasse a figura vestida de preto.

O longo sobretudo da pessoa escondia eficazmente o sexo e quase tudo o mais. Tudo que Sam pôde perceber foi um rosto pálido entre o colarinho levantado e o chapéu de abas caídas. A pele parecia macia e sem rugas como a de um bebê. Os olhos estavam escondidos sob algum tipo de óculos pesados. O rosto virou-se rapidamente, e Sam teve a nítida impressão de que ele era o objeto daquele olhar. Então, o rosto desapareceu, perdido na multidão. Nenhum olhar de reconhecimento, antipatia,

preocupação ou qualquer outra emoção que estragasse a suavidade do assexuado. Quem quer que fosse, Sam achou a aparência do albino de casaco escuro deslocada.

- Sam, você está olhando - Hanae sussurrou. Mais alto, ela disse: - Vamos, querido. Este encantador sr. Giacomo encontrou nossa reserva.

- Achou que vi alguém que conheci - ele murmurou, enquanto se deixava levar para o clube.

## 12

A operação levava menos tempo do que ela esperava. O sr. Alvo - achou mais fácil pensar nele deste jeito - estava esperando no pequeno e tranquilo bar, conforme o combinado. A sua demora deve ter feito com que pensasse que ela não viria, e ele começou então a beber. E começara bem. Quando Hart chegou, o rosto dele já estava avermelhado, fazendo a prata da conexão de dados de sua têmpora destacar-se, cintilando.

Entre o alívio por ela não o ter abandonado e o nervosismo sobre o encontro, foi fácil persuadi-lo a mais algumas poucas rodadas de bebida. Quanto mais álcool um alvo tem no organismo, menos facilmente ele percebe quaisquer anomalias no mundo à sua volta. Ela tinha só fingido beber, esperando a oportunidade de sugerir que subissem para a suíte executiva. Era um jogo de criança vencer as boas maneiras dele e sua cautela natural. Tantas células cerebrais dominadas e a necessidade animal de conforto.

- Espero não ter lhe causado muitos problemas, Kathy -disse ele com um olhar de soslaio ao tentar, pela segunda vez, colocar seu cartão-moeda na ranhura. Como membro da empresa ele abriria a porta assim que o magio CK lesse a senha codificada no cartão. Mas tinha de conseguir enfiá-lo na fenda primeiro.

- Aqui. Deixe eu tentar. - Ela beijou a mão de onde retirou o cartão-moeda, depois, com toda a facilidade, introduziu o cartão. - Geralmente eu ponho as coisas em seus lugares certos.

Quando a porta se abriu, ela passou por ele. Seguindo a estola ao longo do ombro dele, ela lhe deu um sorriso convidativo enquanto se voltava de costas para o quarto. Hart tinha plena confiança de que Jenny estaria monitorando o quarto e que estaria com a equipe de terra pronta para entrar em ação em seus esconderijos.

O sr. Alvo a seguiu. Ele estava um pouco vacilante, como se sentisse um pouco maior. Nada demais para alguém daquele tamanho. Embora não fosse particularmente pesado, ele estava flácido em decorrência da fácil vida empresarial que levava. Hart duvidava que ele tivesse visto muito do mundo externo à arqui-sede. O jeito dele o tornava mais aberto aos seus avanços.

Depois de dois passos, ele parou e voltou-se para a porta. Ela ficou tensa, pronta para puxá-lo de volta, mas relaxou ao vê-lo procurando o painel de controle. Ele sorriu feito uma criança depois de digitar números no teclado.

- Eu não gostaria de ser interrompido. Tenho minha reputação a zelar.

- Não - disse ela. - Certamente que não vamos querer ser interrompidos.

Fazendo a sua parte, ela avançou mais no quarto e olhou ao redor com os olhos arregalados.

- Puxa - ela exclamou, tentando colocar na voz toda a emoção que sentiria ao ver este quarto pela primeira vez. -Este lugar é sensacional. Totalmente supra.

A gíria de rua era inadequada para descrever a opulência do quarto. Das peles de animais extintos e de espécies em perigo de extinção, e também das de animais para-normais espalhadas sobre o piso de madeira até as obras de arte nas paredes e aos pedestais cuidadosamente iluminados, às telas de trídeo com suas vistas de oceanos e de florestas que enchiam as paredes, era mobiliado com tudo o que há de mais raro e precioso.

Uma construção com esquadrias de cromo, alternando painéis claros e escuros de laça, oferecia todas as pequenas diversões eletrônicas, de conjuntos de cabeça para sensorama e telas de trídeo a caixas de sonhochips ilegais. A oferta de bebidas caras, ervas e comidas exóticas, era enorme. A

principal peça do mobiliário era uma enorme cama que se destacava com seus lençóis de seda. Era mais do que sibarita. Era muito decadente.

- A Renraku cuida bem de suas pessoas importantes. -Ele jogou seu paletó sobre uma cadeira Luís XV forrada de couro, num gesto de posse casual. - Temos diversos esconderijos neste nível. São convenientes para encontros especiais com convidados especiais.

- Estar aqui com certeza me faz sentir especial.

Hart captou uma ponta de dúvida no rosto dele. Ele se queixara de que as pessoas gostavam dele somente pelo que pudesse lhes dar. Agora não era hora de fazê-lo se sentir defensivo.

- Mas sempre me sinto especial quando estou com você.

Isto o fez sorrir. Ele ainda tinha aquele olhar de nervosismo desajeitado, mas já não suspeitava mais. Novamente o pretendente confiante aprumou os ombros para impressionar a dama escolhida. Em outro tempo e lugar, teria achado a ingenuidade dele charmosa.

- Atenção, computador - disse ele. O comando era dito com familiaridade, mas as palavras seguintes foram menos firmes. - Gostaríamos de música. Bolero, eu acho. Faça isso.

Quando o som das cordas começou a encher o quarto, ele se chegou para perto e começou a tocá-la de modo não muito habitado. Ele estava desajeitado e centrado mais nas suas próprias necessidades, nada estranho num homem tão envolto no trabalho e que tinha tão pouco tempo para as pessoas. Ela escapuliu habilmente de seu abraço, mas fez-lhe uma carícia como promessa. - Ah. Calma. Esta é nossa primeira vez e quero que seja especial. Preciso ir ao toalete.

- Gosto do jeito como você está. - Frustração e desejo enchiam a voz dele.

- Não vai gostar se eu urinar em você todo. Minha bexiga está muito cheia. Não quero nenhuma perturbação.

A rabugice dele forçou uma careta em seu rosto. Não durou muito, enquanto o desejo produzido pela bebida se reforçou nele.

- Vá lá então. Estarei pronto.

Ele estava desabotoando a camisa antes de ela entrar no banheiro. Ela empurrou a porta e a segurou. Jogou para ele um beijo cheio de promessas e fechou a porta atrás de si, antes de ligar a luz. O banheiro era enorme, maior do que o apartamento que ela tinha em Bellevue, mas não deu atenção ao lustroso mármore e ao reluzente metal. Ela só tinha olhos para o corpo que jazia no chão, completamente nu, exceto pela conexão de dados. A forma andrógina estava pálida e sem cabelos sobre os ladrilhos, obscena como uma lesma num prato de jantar. Não parecia o predador que fora preparado para ser.

Hart ajoelhou-se e verificou que aquilo estava respirando. Toda a operação seria uma perda se a coisa tivesse um choque às drogas em seu sistema. A equipe do térreo o tinha dosado com a substância para ativá-lo. Algo naquele composto era tido como capaz de mantê-lo anestesiado até que ela administrasse um estimulante, mas estava desconfiada de uma criação bastarda entre ciência e mágica. Ela tinha visto as misturas na coisa e não estava certa de que confiava nas garantias de Wilson de que sua ativação seguiria uma programação rígida. Coisas vivas raramente tinham um desempenho tão preciso quanto as máquinas. A última coisa de que precisava era que aquilo acordasse antes que pudesse se fixar no alvo, deixando-se fixar nela mesma.

Ela se levantou e começou a retirar o vestido. Era muito caro para arriscá-lo em qualquer movimento brusco. Os colares e a jóia pendente também saíram, seguindo o restante dentro de uma sacola preta que estava sobre o tocador. Vestida apenas com a roupa de baixo e as botas, ela se dirigiu aos microfones que sabia que estavam ligados.

- Jenny?

- Sim, chefe. - A voz de Jenny surgiu imediatamente no alto-falante do sistema de som.

- Vocês estão todos posicionados? - Hart apanhou um estojo preto na sacola, abriu-o e o colocou sobre o tocador.

- Tudo perfeito por aqui, chefe. A Matriz está limpa. Quando você apareceu no corredor, assumi o controle das barreiras locais e comecei a alimentar a segurança com uma imagem estática. Tanto a sua suíte quanto a

do lado, parecem vazias para os caras dos consoles do monitor. Eles não sabem que estamos aqui.

- Como estão se saindo as pessoas contratadas? - Ela retirou uma seringa da sacola e afixou o embolo.

- Tudo bem. Kurt acabou de pegar o pássaro no ar. Chin Lee está aguardando o sinal de partida, mas o seu pessoal daqui está mostrando muita indisciplina na suite ao lado. Greta está bebendo e Sloan ouvindo chips.

- Droga de amadores. - Hart jogou o protetor da agulha no estojo. - Modifique o inventário do quarto para cobrir o que eles pegarem e fique nos microfones. Quero que você escute. Se a coisa explodir, diga a Tessien que espere pelo menos uma semana antes de ir atrás de Drake.

- Pode deixar, chefe.

Hart tomou a se ajoelhar ao lado da figura pálida, que estremeceu de modo quase imperceptível quando ela enfiou a agulha na sua jugular e depois esvaziou o fluido âmbar na corrente sanguínea da coisa. Levantando-se, rapidamente ela devolveu a seringa ao estojo e o colocou de volta na sacola. Quando tocou no interruptor para deixar o banheiro na escuridão, disse em voz alta:

- Abra a porta em dez minutos, Jenny.

- Roger - surgiu a voz sem corpo. Hart sentiu um arrepio, mas este era mais do que o arrepio pela sua seminudez. Até a voz familiar de Jenny tinha um tom sinistro, agora que ela estava sozinha no escuro com a coisa. Ela gostaria que houvesse tempo para colocar o uniforme que estava na sacola, mas qualquer atraso fazia com que ela corresse o risco de que o sr. Alvo suspeitasse de algo. Hart entrou no box e fechou a porta. Sentou-se na borda da banheira, curvada contra os azulejos frios. Fora da visão, fora da audição, advertira Wilson.

Quando Hart começou um exercício de respiração que a acalmaria e tornaria sua presença imperceptível aos sentidos comuns, ela ouviu um ruído na escuridão. Droga! A coisa estava acordada, mas a porta para sua vítima escolhida ainda não estava aberta! Ou a droga tinha cancelado o efeito do soporífero ou seu metabolismo era mais rápido do que Wilson

pensara? De um modo ou de outro, ela estava enrascada, a menos que a porta do banheiro se abrisse logo.

Como se fosse o momento certo, a porta rangeu levemente. A porta abriu-se um pouco com um estalido e depois parou. O xingamento de Jenny foi uma explosão no alto-falante do quarto. O pálido caçador ignorou o som e permaneceu rigidamente alerta.

A luz que penetrava pela abertura da porta não era suficiente para iluminar todo o banheiro, mas era suficiente para os olhos de Hart discernirem a forma abaixada no centro. O corpo ainda não tinha definição muscular, mas não havia como não tomá-lo como um predador agora. Suas narinas se distendiam quando ele agitava a cabeça para a frente e para trás. Os movimentos se reduziram até que a coisa ficou olhando na direção do box. Seus lábios se dobraram, revelando uma massa de marfim sem diferenciação. Seus olhos pareceram brilhar com uma rápida luz verde quando a criatura tentou dar um passo para o lugar do esconderijo dela.

-Kathy?

O corpo do caçador paralisou-se, enquanto sua cabeça corria em torno ao ouvir a voz do sr. Alvo. Por um instante nada aconteceu. Depois, aparentemente decidindo que a presença mais próxima de Hart fazia dela uma vítima mais segura do que uma voz distante, a criatura redirecionou sua atenção no box do chuveiro e deu outro passo à frente.

Ela considerou as opções que tinha. Se tentasse um feitiço, a coisa estaria sobre ela antes que tivesse terminado. Sua arma estava dentro da sacola ainda e a coisa estava entre ela e o toucador. A única arma que tinha era a faca na bota direita. Ela escorregou a mão e a fechou em torno daquele cabo que lhe era tão familiar. Quinze centímetros de aço não seriam muita coisa contra esta coisa, mas tinha de tentar. Se pudesse ferir a criatura e fazê-la recuar, isto poderia lhe valer algum tempo para fazer um feitiço. Ou pelo menos lhe dar uma oportunidade de apanhar a arma e acalmar a coisa. O plano iria para o inferno, mas tudo aquilo parecia muito distante neste momento.

A coisa pressionou sua mão pálida contra o plástico translúcido da porta de correr. Hart ficou tensa, preparando o golpe com a faca. Não ousava mexer o corpo, de modo que estava mal posicionada para um ataque

certo. A única vantagem que tinha, era que a coisa parecia um tanto incerta de sua presença. Se estivesse mais certa estaria se movendo mais depressa. Mesmo com o fator surpresa do seu lado, Hart sabia que teria apenas uma chance. Era muito pouco para ela.

A porta curvou-se um pouco quando a criatura fez pressão sobre ela. A carne macia de sua mão espalhou-se chapadamente sobre o plástico. Lentamente a porta começou a abrir.

- Kathy, você está querendo bancar a difícil?

Hart ficou momentaneamente cega com o jorro de luz, e ouviu o rosnar da criatura e o baque quando a coisa atingiu o sr. Alvo e ambos caíram no quarto. Ela saiu do box e correu para apanhar a arma antes que seus olhos estivessem acostumados com a claridade. Quando apanhou a arma, começou a confusão.

Ela chegou ao quarto a tempo de ver o sr. Alvo escapar da coisa. Havia marcas de sangue no braço dele, nos locais onde a criatura o agarrara. O homem da empresa, em pânico, jogou uma pele cinza contra seu atacante. A criatura abaixou-se, desviando com facilidade e deu um verdadeiro bote sobre ele. Os dois caíram no chão. Depois de uma rápida luta, a coisa conseguiu agarrar a cabeça do sr. Alvo. A criatura ajoelhou-se, depois levantou-se, forçando o homem a ficar de pé também. Os punhos dele socavam a criatura, mas a coisa não esboçava a menor reação.

A pele da criatura começou a se cobrir de rosa, e pontas de cabelo escuro apareceram em seu crânio sem pêlos. Protuberâncias ondulavam sob a sua pele, como grama num terreno macio. A criatura se convulsionou uma vez, e então sua pele se retesou quando os músculos se definiram onde antes havia carne flácida.

Seus dedos mudaram o local onde seguravam o homem, deixando pústulas vermelhas onde tinham estado. Seus polegares abriram a boca do homem à força, enquanto a criatura esticava sua estonteantemente comprida língua vermelha. Colocou seus lábios suavemente nos lábios do homem numa obscena paródia de um beijo. Ele lutou mais ainda.

Cachos de cabelos finos, translúcidos, surgiram pelo corpo da coisa. Eles se ondulavam, vermes mexendo-se na luz. Onde quer que tocassem o corpo do homem, enrijeciam-se e furavam sua pele. Aqueles pontos ficavam

rosados e depois vermelhos. O homem berrava como se sua alma estivesse sendo sugada do seu corpo.

Pelo que Hart sabia, estava mesmo. Tomada pelo horror, ela voltou e encostou-se na parede. Assim que suas costas tocaram na superfície lisa, suas pernas se curvaram e ela caiu no chão. Estupefata, olhou as duas figuras unidas num maligno abraço.

Quando os gritos pararam, a criatura soltou sua vítima, que caiu para trás sobre a cama, livrando-se dos cachos que a haviam segurado. Aqueles vasos macios, carnudos, pendiam flácidos e foram reabsorvidos pelo corpo da coisa. Que se acariciava, passando as mãos agora enrugadas por todo o seu corpo. Rodopiou num dos pés e caiu de costas na cama.

Hart observava as duas figuras esparramadas sobre a cama. O espelho acima delas refletia dois rostos e dois corpos. Havia pouco a distingui-las. Uma delas usava cuecas samba-canção e meias escuras. A outra, cheia de saúde, estava nua. A criação de Wilson vivera até cumprir sua missão. Tornara-se uma cópia viva do homem que ela deixara ali.

Doppelganger.

Este era o nome que Wilson lhe dera. Uma criatura que podia assumir a identidade de outra. Tendo visto sua performance, ela soube que seu medo anterior era mais do que justificado. Esperava fervorosamente jamais se tornar presa de criaturas como aquela.

Ela se esforçou para ficar de pé, usando a parede como apoio. Vencendo o desejo de seus joelhos de se dobrarem, cautelosamente se aproximou da cama. Doppelganger não se moveu.

A coisa assexuada não era mais neutra, mas preponderantemente masculina. Sua pele estava vermelha de sangue e seu peito levantava-se e abaixava-se com sua respiração. A coisa a observava languidamente, com olhos semicerrados. Ela retirou o calção e as meias do homem. Não querendo chegar perto de doppelganger, embolou as roupas e as jogou.

As mãos da criatura levantaram-se para apanhar as vestes no ar. O predador sonolento cheirou as roupas antes de as deixar a seu lado. Sorriu depois para ela, a massa de marfim sem diferenciação agora diferenciada em dentes que tinha certeza de serem iguais aos dentes da vítima. O rosto roubado estava distorcido com um olhar que era pura perversão.

- Por que você não fica um pouco? - a coisa perguntou com uma voz como a de um homem com a garganta inflamada.

- Você conhece o horário. - Pelo menos ela esperava que a criatura conhecesse. O chip colocado em sua conexão de dados deveria alimentá-la com instruções assim que se desse a mudança.

A criatura apenas olhou de soslaio para Hart.

A pele dela formigou de repugnância. Ela se virou para esconder a reação. Sentiu os olhos da coisa sobre si enquanto caminhava lentamente para o banheiro. A sensação era desagradável, totalmente diferente do que sentira da última vez em que fizera aquele percurso. Ficou feliz em poder colocar a roupa que estava dentro da sacola. Sentindo-se menos exposta, apanhou a sacola e voltou ao quarto.

- Tudo certo, Jenny. - Ela ficou surpresa de ouvir como sua voz estava firme. - Vamos logo com isso.

O oceano na outra parede piscou e desapareceu. A porta que ele estivera escondendo abriu-se e sua equipe terrestre entrou, vinda da suíte vizinha. Todos vestiam seus uniformes da DocWagon. Sloan e Cão Negro estavam com a aparência perfeita de paramédicos, embora Greta parecesse particularmente tola em seu uniforme de enfermeira. Mas as mulheres orks pareciam tolas com qualquer coisa que vestissem.

Agora, que não estava mais sozinha com doppelganger, o resto da sua confiança voltou. - Jenny, onde está o ar?

- Kurt colocou o APDV atrás do prédio da Mitsuhama. -O tremor na voz de Jenny indicou a Hart que o seu tec vira pelo menos parte do processo e estava igualmente afetado pelo que vira. Teriam de conversar depois. No momento, tinham a importante missão de sair, o que Hart estava ansiosa para fazer.

Greta e Cão Negro foram direto trabalhar, colocando o homem na padiola dobrável que saiu do estojo da ork. Sloan ficou de um lado, olhando para trás e para a frente, entre doppelganger e sua vítima.

- Trabalho bem feito - ele disse para a coisa na cama. -Nem se diz que é um albino.

- Tenho algumas vantagens adicionais - a coisa respondeu de modo casual. Agora a voz já se parecia mais com o tom normal da voz da vítima.

Sloan deu um risinho. - É, aposto que sim. Espero que arranque isso, cara.

- Vamos, Sloan, dê uma mãozinha aos outros - Hart disse. Não deu atenção para a cara feia dele e se dirigiu a Jenny. - Algum tráfego na área?

- Alguns carros particulares, mas as patrulhas da Lonestar estão por toda a parte. Todos os carros já se foram ou já conseguiram passageiros.

- Faça o chamado. Kurt pode vir assim que puder. Sirenes ligadas. Ele está numa missão de caridade, afinal de contas. -Hart sorriu de modo duro quando os viu colocar o corpo sem energias, na padiola. A Operação Vira-Casaca passara por um grande marco.

Com a ajuda de Sloan, ela prendeu o cabelo rapidamente e o colocou sob uma toca verde. Depois de fechar a parte da frente de seu uniforme, colocou a alça da sacola sobre o ombro. Ela, logicamente, era a médica.

- Tudo pronto?

- Tá - Greta respondeu, enquanto apertava a última presilha. - O bebê está pronto para o passeio.

- Jenny, tranque isto aqui assim que sairmos. Depois, nos dê cobertura. - Hart verificou o tríduo que Jenny colocara para garantir que o saguão estaria vazio. - Tudo certo. Vamos.

## 13

Algum tipo de agitação estava surgindo nos fundos da sala principal. O surgimento de uniformes verde-claro entre o refinamento multicolorido da clientela do clube, serviu-lhe de advertência do que esperar antes que a multidão fosse dividida por uma enfermeira ork muito barulhenta. Ela usava seu tamanho para abrir o caminho para a padiola que a seguia. Dois assistentes empurravam a padiola, com o paciente sob a direção de uma

mulher com um uniforme de médica da Doc-Wagon. Entre a máscara de oxigênio e os lençóis que envolviam o paciente, Sam não pôde identificar a identidade ou a condição da pessoa.

A médica era outra coisa. Uma máscara de pano escondia a maior parte do rosto dela, mas seus olhos cor de bronze disseram-lhe o que ele precisava saber. Ela piscou para ele.

- São eles, Hanae. Hora de irmos.

Com a maioria das pessoas se acotovelando em volta para ver o espetáculo improvisado, ele e Hanae tiveram pouca dificuldade em escapular para a área quase vazia perto da porta, e dali para a pista de pouso. Através do vidro, Sam pôde ver um Comutador Boeing Federado com as marcas da DocWagon aterrissando. Os grandes motores nas asas inclinadas levantaram poeira quando o avião parou no meio do círculo de aterrissagem.

A equipe médica abriu espaço na multidão e correu em direção às portas. Sam abriu uma delas para facilitar a passagem do grupo. A ork abriu a outra com o ombro e a padiola passou sem dificuldade. Os runners correram pela pista, deixando Sam e Hanae na porta. Roe foi a primeira a entrar a bordo, guiando a padiola pela escada.

Sam e Hanae correram para o avião.

O ronco dos motores do avião não conseguia abafar o toque alto do alarme preso ao punho de Sam quando ele disparou. Holofotes foram acionados, inundando a pista com luz. Através daquela luz intensa Sam procurou por Roe no APDV, mas ela tinha desaparecido.

Dentro do clube, guardas em uniformes vermelhos estavam lutando para passar pela multidão em direção às portas. Através das diversas pistas, homens da segurança da Renraku corriam em direção à pista de pouso do clube.

Os guardas que iam na frente mandavam que parassem. Hanae obedeceu, quase que instintivamente. Sam a empurrou pelas costas, em movimento. Não houve parada agora.

Eles chegaram ao avião no exato momento em que o primeiro esquadrão estava na ponta da pista de pouso. O som do comutador mudou

de tom quando os motores aumentaram sua rotação para a decolagem. Hanae subiu, mas sua valise ficou presa na ponta da escada. Sam arrancou a alça do ombro dela e deixou a valise cair no concreto. Hanae tentou querer apanhá-la, mas Sam lhe deu um forte empurrão. Ela caiu sobre uma pilha dentro do compartimento de passageiros. Atrás deles, os pertences de Hanae espalharam-se pela pista de pouso, perdidos na noite.

- Este é seu último aviso - ressoou a voz amplificada do capitão da guarda de capacete. - Desliguem os motores.

A ork enfiou-se na escada. A ares predator parecia quase pequena no grande punho dela. - Danem-se!

A arma dela disparou, mandando guardas para todas as direções. Um caiu esticado, de costas.

Os guardas responderam ao fogo. Suas armas automáticas lançavam balas de gel contra o APDV. Um deles trocou o pente de armas padrão do equipamento por outro com munição letal. Seus tiros atingiram a carcaça do avião, fazendo um percurso que acabou na ork. Ela gritou com o impacto, mas permaneceu de pé na escada.

- É preciso mais que isso para derrubar a velha Greta, seus sanguinários.

Um dos guardas levou a sério o que ela tinha dito, acertando seu tiro entre os olhos dela. Greta caiu do avião quando ele levantava. O vento entrava uivando pela abertura da escada enquanto o APDV subia e se afastava da arqui-sede.

- O que saiu errado? - Sam gritou para Roe.

Ela deu de ombros. - Meu tec não era tão bom quanto pensava.

Sam estendeu a mão e apanhou o cabo da faca que ele viu saindo da bota de Roe. Ela observou tranquilamente enquanto ele enfiava a lâmina no plástico duro. Ele jogou o alarme longe, no compartimento, que foi sugado pela abertura da porta e levado para fora. Sam jogou a faca para Roe, que a segurou pelo cabo.

- Obrigado - disse ele, voltando-se para confortar Hanae, cujas lágrimas escorriam de seus olhos fechados.

Roe enfiou a faca novamente em sua bainha. - Cão Negro, feche a porta.

O homem a quem se dirigiu levantou-se e fechou a porta. Depois de fazer isso, o nível do barulho caiu drasticamente. O outro runner aproveitou para se curvar junto a Roe.

- E quanto a Greta?

- E quanto a ela, Sloan? - Roe retirou a touca de médica e sacudiu o cabelo. - Ela sabia das dificuldades.

- Ela era uma mulher durona. Muito boa, mesmo numa luta - Sloan elogiou. - Vou sentir falta.

- O suficiente para rejeitar a parte extra que você vai receber? - perguntou Cão Negro.

Sloan olhou para ele com a cara feia. - Vou ficar com a parte extra, mas vou sentir falta dela.

- Até você estar em seu próximo chip - Cão Negro murmurou.

- Cala a boca.

- Não é você quem vai me calar, cabeça de chip.

Sloan enfiou a mão sob a túnica. A arma que puxou era pequena e preta, mas Roe a tirou da mão dele.

- Parem com isso, vocês dois. Quando esta ação tiver acabado, vocês podem arrancar a garganta um do outro. Até lá, vocês trabalham para mim. Somos todos companheiros e isto é um negócio como sempre. Entenderam?

- Tá. Só negócios - Cão Negro concordou com um sorriso. Sloan assentiu com a cara amarrada.

Eles voaram sem voltar a conversar até que o comutador se inclinou subitamente. Hanae foi arrancada de seu assento e jogada no colo de Sam e Sloan bateu no teclado. Os demais mal conseguiram se aguentar em seus assentos, e a padiola forçava suas amarras, ameaçando soltar-se delas.

- Que droga você está fazendo aí, Kurt? - Cão Negro gritou.

- A companhia está na nossa cola - veio a resposta estridente da cabine de comando. - Equipe aérea Raku.

- Como está a coisa? - Roe perguntou de modo tenso.

- O computador identifica como um jato de ataque. Um pouco menos manobrável do que o nosso, mas muito potente para queimar nosso rabo. Eles estão prometendo fazer isso mesmo se não descermos agora mesmo.

- Droga! - Sloan disse isto enquanto se dirigia de volta ao seu assento. - Roe, vamos ficar fritos. Esta caixa não pode voar contra nada que tenha uma armadura ou armas.

- Fica frio, Sloan - Roe ordenou. - Kurt, mantenha-se junto aos prédios. Eles não vão disparar se houver algum risco de atingir seus parceiros nas torres da empresa. E desligue o rádio. Você não precisa que eles fiquem perturbando.

- Boa - ele gritou, enquanto inclinava o APDV lateralmente. - Vou para a Mitshuhama Tower. Droga, aqueles malucos bem que podiam abater a aeronave Raku por princípio geral.

- Claro - Cão Negro murmurou. - Então eles mesmo podem nos resgatar.

- Nenhum plano é perfeito - observou Roe. - Faça isso, Kurt.

O vôo tornou-se uma corrida de montanha russa quando Kurt conduzia o comutador através de manobras não planejadas por seus projetistas. Em tudo isso, ele sempre conseguia manter algum prédio entre eles e seus perseguidores, evitando que estes últimos abrissem fogo. As pessoas presas aos balaústres ou aos assentos no compartimento de passageiros não podiam fazer coisa alguma, a não ser confiar no piloto. Sam rezava, mas sabia que sua sorte ou o combustível, acabaria mais cedo ou mais tarde.

Hanae grudava-se a Sam, agarrando-se a ele mais do que ao assento. Ele a sentia tremer e percebeu o odor do suor provocado pelo medo. De repente, ela o segurou com mais força. Ele olhou para baixo, pela janela, em direção à escuridão.

- O que é isto?

- Não sei - ela respondeu. - Pensei ter visto... Lá! Está lá outra vez.

A princípio tudo o que viu foi escuridão e as luzes do metroplexo. Então, ele viu a forma espectral, de serpente, que encobria por questão de segundos as formas satânicas de neon, adornando a pirâmide da Aztecnológica. Sam não queria acreditar em seus olhos.

A forma alada cintilava através das luzes do comutador e reaparecia atrás dele. Quando o APDV inclinou-se novamente, Sam viu a criatura lançar um curto sopro de chamas. As luzes traseiras refletiram-se no monstro, destacando suas penas coloridas, o focinho escamoso e dentes pontiagudos de marfim. Ele já não podia mais desmentir seus olhos. Aquilo era um dragão nos céus de Seattle.

O animal não era muito maior do que o avião, mas a largura de suas asas fazia com que parecesse muito maior. Mas qualquer dragão era muito grande. Estaria aqui para destruí-los? A Renraku usava gelo negro contra invasores de computador. Será que ela soltava dragões contra os que saiam da companhia?

Sam observou fascinado quando o dragão contornou o comutador e disparou na direção dos perseguidores deles. O piloto Renraku reagiu instantaneamente, jogando o jato para o lado, numa investida dirigida, antes de se inclinar para cima e para longe.

- Estão fugindo - Kurt berrou triunfantemente lá da cabine de comando.- Algo os assustou.

- Um dragão - disse Sam numa voz subitamente rouca. Ele olhou diretamente para Roe.

- Tessien - disse ela. - Trabalhamos juntos.

Sam esperou que Roe dissesse mais, mas ela simplesmente se levantou e se dirigiu até a frente, na cabine de comando. Ele recostou a cabeça e fechou os olhos.

Deus, o Senhor envia salvas estranhas.

Mais uma vez Sam estava voando em direção à noite de Seattle, envolto na conspiração dos outros. Na primeira vez foi muito ruim, mas agora havia um dragão envolvido. O que mais Roe deixara de contar? Em que tipo de coisa ele e Hanae tinham se envolvido?

## PARTE 2

### É um mundo diferente

#### 14

A noite inteira eles estiveram fugindo de um lugar para outro, numa variedade de veículos. Roe disse que toda aquela mudança era feita para afastar qualquer possibilidade de perseguição, mas Sam percebeu que aquilo era feito também para confundir ele e Hanae, de modo que jamais pudessem expor qualquer das instalações ou das pessoas que faziam parte da rede dos runners. Apesar de tudo isto, Sam sabia que estavam em alguma parte da favela Redmond. Ele podia sentir o infame "aroma Tacoma". Nem mesmo o melhor dos truques shadowrunners poderiam esconder isto.

A favela Redmond não era um lugar agradável. Compreendendo a maior parte da antiga cidade de Tacoma, o bairro de Redmond era oficialmente parte do metroplexo de Seattle, mas era um bairro muito pobre, negligenciado pelo governo. Isto ficava mais patente ainda com os Serviços de Segurança Lonestar, que detinham o contrato de polícia para o metroplexo. Pelo que Sam observara durante as transferências entre veículos, algumas partes do bairro pareciam ter saído de uma guerra. O restante parecia ainda estar em guerra.

O prédio onde o furgão parou era uma antiga instalação de venda de automóveis, cheio de buracos e de graxa seca. O veículo ficou numa das baias de consertos. Quando os passageiros, com os olhos inflamados, foram

para a porta de trás para desembarcar, viram a serpente emplumada enrascada e à espera deles.

Hanae recuou ao ver aquilo, agarrando-se a Sam, como se ele pudesse protegê-la caso o monstro resolvesse atacar. Mesmo os runners endurecidos pareciam relutantes em deixar o furgão perto da serpente. Abrindo caminho entre eles, Roe se dirigiu até a fera e acariciou a crista emplumada nas costas da cabeça do monstro.

Para espanto de Sam, ele sentiu um pouco do prazer do dracomorfo com a carícia de Roe. De algum modo estranho, a fera estava irradiando seu estado emocional. Ele ficou pensando se os demais também estavam sentindo aquilo e acabou decidindo que deveriam estar. Todos no grupo tinham visivelmente relaxado. Até Hanae parecia menos tensa. Era como se o dragão tivesse assegurado a todos que ele não representava perigo algum.

- Hei, Roe - Chin Lee disse. - Isto significa que vamos ficar por aqui algum tempo?

- Enquanto estiver escuro. Fiquem à vontade - ela respondeu, sem olhar para eles. - Deitem se quiserem.

Sloan e Cão Negro passaram por Sam e Hanae tão depressa que esbarraram neles. Afundando numa pilha de colchonetes amontoados entre algumas caixas, perto do furgão, pegaram alguns colchonetes e foram para os lados opostos. A rivalidade que explodira ocasionalmente durante o vôo continuava enquanto os dois homens se observavam mutuamente, de modo cauteloso, apesar do sono. Kurt, que passara a noite toda numa variedade de bancos de direção, nem saiu do veículo. Ele simplesmente recostou a cabeça e começou a roncar.

- Bem, estou com fome - Chin Lee anunciou sem olhar especificamente para alguém. Desde que deixara a cabine de comando do comutador, o ork estivera enfiando coisas na boca - biscoitos de krill, bolinhos de soja e um suprimento aparentemente interminável de Krak-L-Snaps. Agora, ele procurou em volta da caixa de onde saíram os colchonetes até encontrar um pacote de comida para esquentar. Ele o colocou sobre um tambor de óleo e foi procurar mais. Quando sua comida já estava quente, tinha estocado novamente a sacola que pendia de seu ombro e jogou mais alguns pacotes no tambor. Abriu seu pacote, retirando o utensílio de comer

no caminho de volta para o veículo. Deixando-se cair na parte traseira do furgão, ele remexeu o conteúdo do pacote e começou a colocar aquela mistura pegajosa na boca.

- Vocês dois cuidem de si - ele disse com a boca cheia. Hanae parecia um pouco imatura, mas Sam agradeceu ao ork. Ele conduziu Hanae em tomo do local do furgão, com todo o cuidado em ficar entre ela e o dracomorfo. Os runners estavam ignorando os dois, embora Sam tivesse certeza absoluta de que alguém ficaria muito interessado se eles tentassem sair.

Depois de colocar Hanae num local relativamente limpo entre as caixas, Sam apanhou um colchonete e um lençol no mesmo local onde os outros tinham se abastecido. Deu outra caminhada para apanhar dois pacotes daquela comida, que pelo menos de aparência era horrível, e uma embalagem com seis Fizzygoo. Como era de se esperar, Hanae nem quis olhar para aquilo, mas ficaria com fome mais tarde. Sam se deitou perto dela e a segurou até que ela pegasse num sono intermitente, exausto.

Sam também estava exausto, mas dormir era fugir, afastar-se de seu desejo, como acontecera com seus antigos sonhos de uma feliz vida empresarial. Cuidadosamente soltando-se de Hanae, ele se sentou. Não estava de fato com fome, mas não tinha algo melhor a fazer, de modo que colocou um pacote de comida para esquentar. Enquanto se recostava para esperar, Roe apareceu na parte externa do seu santuário de paredes furadas.

- É melhor dormir um pouco, cara.

- Tenho muita coisa para pensar.

- Ah, não. Pensar é um trabalho muito duro.

- Às vezes - ele concordou. Roe parecia relaxada, embora tão cansada quanto o restante deles. Talvez o cansaço dela baixasse sua guarda o suficiente para deixar escapar alguns indícios do que conseguira para Hanae. - Fiquei pensando sobre aquele sujeito do furgão.

Roe deu um risinho cansado.

- Kurt dorme assim o tempo todo. Ele vai estar ótimo na hora de sair.

Ela estaria de fato fingindo que não o entendia?

- Não é ele. O executivo da Renraku, cujo nome ninguém parece saber.

- Nomes podem ser perigosos - ela advertiu. - Pensei que você entendesse isto.

- Eu entendo. Não estou perguntando porque você deixou claro que não é para eu saber. - Sam não precisava fingir preocupação. - Apenas estou preocupado com ele. Está inconsciente a noite toda.

- E parece que vai ficar assim muito tempo mais. - Roe estendeu a mão e rasgou um dos sacos de ração. Com um movimento destro do punho, ela o abriu e liberou o instrumento para comer. - Não faça idéias erradas, Sam. Não o estamos sedando ou submetendo a drogas de controle da mente ou a qualquer coisa assim. Este é um efeito colateral.

"Simular uma doença foi uma boa maneira de tirá-lo da arquise, e ele concordou com isto. Ele mesmo teve a idéia da doença e conseguiu até a droga que iria forjá-la. Pelo seu arquivo médico, soubemos que a injeção pode induzir uma catatonia temporária, de modo que trouxemos o que precisávamos para ter certeza de que tudo correria bem. Ele estava muito ansioso para sair de lá e este foi um risco razoável.

"Totalmente pago também. Os sinais vitais estão estáveis, de modo que não se preocupe. Confie em nós - ela disse em tom simpático, oferecendo a bandeja na qual estava comendo. - Ele confia em nós."

Sam aceitou a comida oferecida, mas não disse coisa alguma. Eles ofereciam o pacote a todos até que tivesse terminado. Então, abriu uma Fizzygoo para ela. Roe aceitou com um olhar de desgosto, depois a levantou sobre uma torrada e despejou metade do seu conteúdo.

- O que aconteceu ao albino?

Ela o olhou por um instante, mas não conseguia ler a expressão dela. Roe deu de ombros. - Descuidou-se e foi pego enquanto estávamos retirando o seu compatriota.

- A perda dele é apenas parte dos custos marginais do negócio, como Greta?

Roe colocou cuidadosamente a Fizzygoo sobre uma das caixas antes de falar. - Olha, Sam. Todos nós conhecemos os riscos quando assumimos

um trabalho como este. Renraku está na primeira divisão. Eles jogam pesado. Nós, runners, vivemos à margem, apostando nossas vidas que nossas habilidades, conhecimento e sorte são suficientes para evitar que nossos rabos se queimem. Às vezes perdemos.

- Por que não fazem alguma coisa para recuperá-la? Por que a deixaram para trás?

Roe fechou os olhos e curvou a cabeça.

- Você não vê? Ela foi atingida na cabeça. Os remédios são muito bons atualmente e a mágica pode fazer bastante também, se a bruxa conhece a feitiçaria correta. Mas ela não tinha mais jeito.

Sam sacudiu a cabeça sem poder acreditar na insensibilidade dela.

- Você não sente lealdade alguma a ela? Aos outros?

- Tanto quanto eles sentem por mim.

- Em outras palavras, nenhuma.

Ela desviou o olhar, depois disse com suavidade:

- Eles estão sendo pagos.

- Como você.

- Sem crédito não há diversão neste mundo - ela disse com uma gargalhada.

Sam não via muita diversão naquele riso.

- Então você só está nesta por dinheiro?

- Por que não? É melhor do que fazer de graça.

O desapontamento de Sam o surpreendeu. Não deveria ter esperado mais dela.

A serpente emplumada abriu as asas, erguendo a cabeça numa súbita explosão de movimento. As garras pretas de uma das patas traseiras destruíram parte do cimento enquanto liberava ondas de ressentimento misturadas a alguma coisa mais. Sam achou que a emoção se parecia um pouco com o medo. Roe se levantou num estalo, olhando para a parte escura do prédio para onde a serpente olhava.

No final da baía, uma das grandes portas se levantou. Uma limusine preta entrou no prédio, sua polida pintura, cromo e janelas escuras, refletiam a sujeira do que havia em torno, antes de o veículo parar. Guardas de proteção ficaram instintivamente em posição junto aos pneus.

A porta de trás se abriu e após um instante um homem apareceu. Magro e escuro, ele se movia com uma graciosa elegância. Suas roupas também eram impecavelmente feitas, sem qualquer amassado ou mancha. Examinando o local uma vez, ele se dirigiu diretamente para o furgão.

Roe o encontrou no meio do caminho e os dois conversaram tranquilamente por alguns poucos minutos. Sam não conseguia ouvir muito, mas pôde identificar o nome de Greta. O homem parecia satisfeito. Ele voltou a falar brevemente e Roe respondia, uma vez apontando na direção de Sam e de Hanae. Dentro de instantes, ela estava acompanhando o visitante na direção deles. Sam se levantou quando eles se aproximaram, afastando-se de Hanae para não perturbá-la.

- Sam, este é o seu benfeitor, sr. Drake.

- Prazer em conhecê-lo, senhor - Sam estendeu-lhe a mão.

Drake a ignorou, enquanto olhava Sam de alto a baixo.

- A sra. Roe me falou sobre a modificação no plano. Espero que você compreenda sua posição.

Sam ficou confuso com a referência a uma modificação.

- Como?

- O acerto da sra. Roe com o senhor estava sendo feito sem o meu conhecimento. Eu jamais teria aprovado.

Sam não sabia se deveria ficar espantado ou agradecido.

- Mas não sou impiedoso, sr. Verner. E sei que este tipo de negócio requer uma certa flexibilidade. O senhor e sua amiga podem aproveitar nossas facilidades de transporte de hóspedes desde que não ponham em risco sua chegada ao destino. Não imporei quaisquer custos ou obrigações adicionais a vocês, além de pedir que jurem que não vão interferir na execução do contrato que a sra. Roe tem comigo. Está bem assim?

O que Sam poderia dizer? Roe fazendo o trabalho dela para Drake só poderia ajudar a ele e a Hanae. -Sim.

- Muito bem, então. Vocês e a sra. Roe devem compreender que a partir de agora vocês são responsáveis dela.

Sam assentiu.

Drake sorriu de satisfação.

- Já que nos entendemos, sr. Verner, desejo ao senhor e à sua amiga uma viagem agradável.

Com isto, Drake voltou ao seu carro e partiu em menos de um minuto. Roe voltara para junto da serpente emplumada. Relutante em se aproximar do monstro, Sam evitou confrontá-la por que ela fingira que Drake era parte da oferta para extraí-lo da Renraku. Ela tentara se valorizar aos olhos dele? Ou aquilo não passava de uma mentira, indicando que não podia confiar em coisa alguma do que ela lhe dissera? Ele não entendia o que teria motivado tal comportamento, mas a incrível suspeita de que estava envolto por duplicidade deixou Sam pouco à vontade e nervoso.

Os shadowrunners são perigosos. Vivendo fora da lei, eles tinham pouco respeito por ela. Se continuasse no modo deles, era difícil que encontrassem uma solução legal. Os outros runners que ele encontrara, o pessoal de Tsung, pareciam ter um código. Rude e egoísta, talvez, mas de qualquer modo um padrão de comportamento. O pessoal de Roe parecia menos... exigente.

E Drake, o chefe deles, era tão duro quanto qualquer outro. Mas isto não era de fato surpreendente. Ele era provavelmente um tubarão do mundo empresarial. A certeza de Drake de que todos em torno saltariam ao seu chamado, dizia a Sam que esta rudeza não era fachada. O homem escuro mostrava mais confiança ainda em seu próprio poder do que Kansayaku Sato. O homem certamente tinha controle sobre seus runners, o que dizia muito. Sam podia não ter visto tudo, mas vira o suficiente para saber que domínio e resistência eram quase sacros entre aqueles que viviam nas sombras do mundo empresarial.

Drake o advertira para não interferir com Roe. Será que ele pensara que a presença de Sam e de Hanae poderia colocar em risco seus planos cuidadosamente elaborados? Se isto fosse verdade, por que ele estava

querendo ajudar pela bagatela que seria sua parcela na comissão? Ele não iria querer um retomo maior de um risco maior? Drake esperaria algo em troca de sua hospitalidade? Sam não gostava de saber qual era o jogo de Drake, mas não ousara questionar a oferta do homem.

Outras coisas sobre o acordo o preocupavam bastante. Independentemente da história que Roe lhe contara, Sam achou provável que o "convidado" do sr. Drake, o homem inconsciente no furgão, estivesse deixando a Renraku involuntariamente, vítima de um sequestro. Por questões deles mesmos, os runners não queriam que Sam ou Hanae soubessem daquilo. Os dois estariam a salvo enquanto jamais questionassem a história. Talvez os runners quisessem alguém para atestar que a extração fora voluntária e não hostil.

Ele e Hanae teriam de ir juntos, sem fazer qualquer pergunta. Estes runners não demonstraram qualquer relutância em usar suas armas.

A perspectiva deste tipo de violência era muito assustadora, mas a violência das pessoas não suportava o terror elementar do dragão. Sam conhecia muitos casos documentados de dracomorfos que comiam gente. Só de pensar no corpo macio de Hanae sendo mascado até virar uma massa ensanguentada na boca de dentes afiadíssimos da serpente, quase fazia com que ele vomitasse.

Tudo o que ele podia fazer agora era manter sua palavra com Drake. Interferir na extração seria apenas colocar Hanae em maior perigo. Ele manteria olhos e ouvidos bem abertos e escapariam dos runners, assim que encontrasse um modo. A entrega do hóspede de Drake era a primeira preocupação dos runners; eles não se importariam em caçar ele e Hanae. Pelo menos esperava que não.

Sam voltou ao local onde Hanae dormia, certo de que ele a protegeria. Como ele poderia trair aquela confiança? Ele tinha de vê-la em segurança.

Ele se sentou num local de onde pudesse ver o rosto dela na luz de pouco antes da aurora que se filtrava no prédio. Ela parecia bem sossegada. Sam recostou a cabeça para trás, numa caixa; demorou horas para que o sono afinal chegasse.

# 15

Crenshaw parou junto à porta por alguns minutos, observando a atividade na sala. A maioria das estações de trabalho estava ocupada. Um rápido olhar no quadro de serviço mostrou que o pessoal dos escaninhos vazios estava fora, em missão. Estavam todos ocupados, ou pelo menos ocupados em parecer que estavam assim. Marushige comandava de sua mesa de operações. Ela entendeu os círculos escuros debaixo dos olhos como uma confirmação de que o chefe da segurança estivera trabalhando a noite toda, acompanhando o decorrer dos eventos nas telas de situação que tomavam a parede.

Apesar do interesse pessoal no caso, ela dormira. Deixara outros no trabalho de base e nas checagens. Esta não seria uma perseguição quente. Já não se importava muito com a caçada, mas tencionava estar presente no momento da matança.

Crenshaw cruzou a sala até a mesa de operações, evitando diversas colisões com o pessoal da equipe que vivia correndo. Normalmente, se ressentiria por não olharem por onde andam. Quando trabalhara numa sala assim há anos, ela sempre estivera atenta ao que acontecia à sua volta. Mas hoje era diferente. Sentia-se bem, sabendo que estava certa.

- Eu lhe disse que ele era um problema - disse ela, chegando-se a Marushige.

Ele a olhou, deixando a boca se torcer numa expressão de aborrecimento. - Sim, você disse. Você acha que conseguiu alguma coisa?

- Se você me ouvisse, tudo isto poderia ter sido evitado.

- Foi isto o que disse a Sato?

- Não disse coisa alguma a Sato.

- Que consideração - Marushige devolveu.

Crenshaw ignorou o sarcasmo. Ela realmente se sentia expansiva hoje. - Ele quer um relatório completo, contudo. Parece preocupado que a sua falta de segurança reflita nele. Ele não gosta deste tipo de coisa.

- Aqui temos a nova porta-voz do grande Senhor Sato. Farei um relatório quando receber uma solicitação pelos canais devidos. Ele tem de se manter na hierarquia atrás do presidente Huang.

- O presidente abandonou os computadores e se interessou por isto? Que fascinante!

Marushige lhe dirigiu um olhar feroz.

- Olha, Crenshaw. Não preciso disto agora. O interesse de Huang é puramente rotineiro, assim como esta extração. Verner era um pesquisador de baixo escalão, e a mulher uma funcionária burocrática. Não representam perda para a Renraku.

Crenshaw riu.

- Todo este interesse da sua parte não é rotineiro.

- Como você disse, Sato não gosta de problemas de segurança de espécie alguma.

Crenshaw sabia que Marushige estava consciente do poder de Sato. Ele não a tinha designado para o Kansayaku, esperando que se desse mal na frente dele? A presença de Sato era uma faca de dois guines. O próprio desempenho de Marushige estava em destaque agora. Ele desejava desesperadamente manter o emprego e Crenshaw estava numa posição em que poderia influenciar a opinião do Kansayaku. O aborrecimento de Sato seria o suficiente para demitir Marushige, o que o chefe da segurança sabia tão bem quanto ela. Tudo o que ele queria fazer era ajeitar as coisas e esquecer deste problema. Mas havia muitos problemas relacionados à extração de Verner.

- O dragão que espantou nosso avião de perseguição sugere alguma entidade Poderosa por trás desta extração -disse Crenshaw.

Marushige resmungou alguma coisa de modo evasivo, enquanto tentava ler um relatório que acabara de lhe ser entregue por um assistente.

- Verner deve ter descoberto algo importante.

O chefe da segurança jogou o papel sobre a mesa. - Você não tem coisa melhor para fazer?

- Só quero entender o que aconteceu, general - ela respondeu com falsa inocência. - Kansayaku Sato pode me fazer algumas perguntas. Eu detestaria ter de lhe dizer que o chefe da segurança da arqui-sede não sabe o que aconteceu ou por quê.

- Aposto que sim.

- Eu lhe disse antes que não queria este emprego. - Ela era conhecida por sua descrença neste ponto. - Mas quero realmente ver se aquele ladrão do Verner levou o que dizem.

- Não encontramos qualquer indício de que ele tenha roubado qualquer coisa além de si e da amiga dele. Não houve relato de qualquer falta nos laboratórios nem violações na segurança da Matriz. Com seu acesso limitado, a probabilidade de que ele carregasse algum dado significativo é muito remota.

- Talvez os benfeitores dele pensassem que a ligação com Aneki valesse alguma coisa. - Ela riu alto. - Ficarão desapontados.

- Sim, bem, não será a primeira vez em que alguém perde um investimento numa especulação.

Verdade, ela pensou. Mas ela ainda estava convencida de que Verner estava envolvido em alguma coisa mais do que uma simples fuga. Ele se mostrara muito estupidamente leal à Renraku, muito obsecado com sua irmã metamorfoseada. Conseguir que Sato dissesse a Verner que ele poderia escrever cartas à irmã deve tê-lo mantido na arqui-sede. A dedicação não teria acabado. Deveria haver outro ângulo para esta operação e ela iria descobrir qual.

- E o sujeito na maça?

- O que tem ele? Não há relato de mais ninguém faltando, de modo que não é nenhum dos nossos. Temos diversos relatórios de algum cliente do Rumpelstiltskin's que passou mal pouco antes de a ambulância aérea chegar lá. Este sujeito desapareceu minutos antes de os runners surgirem com a padiola.

- Então você acha que ele era o paciente?

- Nossas câmeras do teto registraram a extração e o homem doente se encaixa na descrição física do corpo na padiola. Setenta por cento de

certeza.

- Mas não cem por cento.

- Não se pode esperar muita coisa apenas de descrições verbais e de vigilância de tríduo de uma pessoa com máscara e coberta por lençol.

- Isto é verdade. - Então Verner não estava traindo ninguém. Mesmo assim deveria haver mais. - Pena a ork morrer. Ela poderia ter nos contado algo.

Marushige deu um sorriso predador.

- Ah, mas ela falou - disse ele, agitando o relatório que ele estivera tentando ler.

- Isto a identifica como Greta Wilmark, uma runner que era freelance. Os associados regulares dela incluem Harry Sloan, Cão Negro Sullivan, Kurt Leighton e outro ork, Chin Lee. Sloan e Sullivan se encaixam oitenta por cento como os dois paramédicos da pista de pouso, e análises do padrão de vôo da ambulância sugerem com muita certeza que Leighton era o fusor no banco do piloto.

"Isto encaixa todo o grupo regular de Wilmark, com exceção de Lee, mas os grupos de runners são notoriamente mutáveis. A "médica" era certamente uma substituta de Lee. Em suma, parece uma operação-relâmpago."

- Exceto pelo dragão - Crenshaw insistiu.

- Isto pode ter sido um fato sem correlação - Marushige disse dando de ombros. - Nosso piloto não ficou por perto o tempo suficiente para estabelecer uma ligação entre a fuga dos runners e a presença do dracomorfo. Parece improvável que estes runners pés-de-chinelo pudessem ter conseguido um apoio destes. Assim que o relatório estiver preparado, fecharemos o caso.

Crenshaw franziu o rosto. Marushige poderia estar satisfeito por ter todas as respostas de que necessitava, mas ela não estava. Mesmo se tudo fosse tão simples quanto Marushige pensava, ela queria que Verner fosse pego e punido.

- O que você está pensando em fazer com o Verner?

- A menos que surja algo novo, nada. Os custos de caçar estes fugitivos pequenos são elevados. A experiência indica que um investimento assim não vale a pena.

Os olhos dela se apertaram.

- Sato não vai gostar de você não fazer coisa alguma.

- Você quer dizer que você não está gostando. - Ele recobrou sua compostura, enquanto ela perdia a dela. - Sato é um empresário. Quando ele vir os relatórios e as estimativas de custo para qualquer operação retaliatória, vai concordar comigo.

O dia de Crenshaw ficara estragado. Esta teria sido a chance de humilhar Verner para sempre, legalmente. Ao invés disto, ele conseguira escapar. Marushige ia deixá-lo fugir.

Bem, deveria haver alguma coisa que pudesse fazer sobre este assunto e ela descobriria o quê.

## 16

- Está parando - Kurt anunciou.

- Na hora - acrescentou Sloan.

- Quê que tá pegando? Seu rabo está doendo da aç2o? -Cão Negro perguntou.

- Pelo menos eu fiz alguma coisa lá para poder me queixar.

- Você está procurando problema, Sloan.

- Você é o problema.

- Parem com isso, rapazes - Kurt ordenou, sem se importar em olhar para eles.

Sloan e Cão Negro estavam implicando um com o outro desde que tinham deixado o esconderijo, parando só o tempo suficiente para passarem pela estação de verificação da fronteira. Sam ficou aliviado quando

aconteceu isso, certo de que a discussão dos dois chamaria a indesejada atenção dos guardas. Roe lhe garantia que a passagem pelas terras do Conselho Salish-Shidhe sofreriam inspeção, mas Sam ficou nervoso o tempo todo em que o representante tribal os examinou. O tira do CSS achou que o grupo tinha aparência inofensiva o suficiente, pois não olhou para qualquer um deles mais de uma vez.

Antes que deixassem o metroplexo, os runners trocaram o furgão por duas Caravaners Chrysler-Nissan. Colocaram Sam e Hanae num dos carros, enquanto Roe e Chin Lee colocaram seus convidados no outro. Depois de passada a barreira, os dois veículos dirigiam-se separadamente rumo ao sul, encontrando-se de vez em quando em pontos predeterminados ao longo do que fora a Interestadual 5. Havia coisa de meia hora, eles tinham se encontrado no meio de lugar nenhum e começado uma viagem para cruzar o país. Os veículos viajavam sem luzes. Roe, sendo uma elfa, conseguia enxergar muito bem ao luar. Kurt, o fusor, tinha de confiar nos sensores do veículo que lhe enviavam informação através da ligação com a Caravaner. A viagem foi muitíssimo grande, mas não tão ruim quanto Sam esperava. As Caravaners foram feitas para este tipo de coisa.

Quando Kurt parou e abriu a porta, o fugaz luar revelou Roe de pé ao lado da sua Caravaner. A pintura verde do veículo e as aplicações fingindo madeira nas portas combinavam bem com as árvores e arbustos da região.

- Alguma coisa errada? - Kurt perguntou quando Roe se aproximou.

Ela sacudiu a cabeça. - Tessien deve nos encontrar aqui. Vamos parar um pouco e descansar. Esta viagem pelo país é dura.

- Dá uma ligada - Kurt sugeriu, batendo em sua conexão de dados.

- Claro que sim. Já que carro é o único assunto sobre o qual eu quero falar. - Roe deu um risinho. - Muito bem, galera. Desçam e estiquem as pernas. Logo que ele trocar as garrafas de nosso convidado, Chin Lee vai acender o fogo. Vamos comer alguma coisa antes de partirmos.

Os runners responderam rapidamente. Kurt escolheu Sloan para ajudá-lo a puxar duas lanternas da parte traseira e Cão Negro foi até os arbustos cuidar de um assunto pessoal. Sam e Hanae ficaram perto de Roe.

- Katherine.

- Sim, Hanae.

- Onde estamos?

- Perto da fronteira Tir Taimgire.

- Vamos para a Elilândia? - Os olhos de Hanae se arregalaram de excitação.

Tir Taimgire englobava o antigo estado norte-americano do Oregon e um pouco mais. O território fora dado a uma poderosa coalizão dos Despertados em troca pela ajuda que eles deram às Nações Americanas Nativas em sua luta para reconquistar a terra. Não demorou muito para que o Tir Taimgire se separasse do Conselho Tribal Soberano que controlava a NAN, declarando sua independência. Ninguém sabia muito sobre o que acontecia dentro do Tir Taimgire, pois os elfos, que conduziam seus negócios, mantinham sua privacidade. O único fato que eles divulgavam era que grande parte da terra fora devolvida a seu estado natural. A política oficial do Tir encorajava todas as demais nações a fazer o mesmo, oferecendo mágicas elfas para ajudá-las em tal esforço.

- Direto por dentro do Tir é a rota mais curta para San Francisco.

Sarrupigarreu. - É óbvio que seu plano é uma passagem sub-reptícia. Sempre ouvi dizer que a fronteira é fechada e bem patrulhada.

- Sim, tem razão. Eles têm dragões e grifos e tudo o mais. E aquela droga dos paladinos. Ninguém disse que iríamos ter de nos misturar com os paladinos. A voz de Sloan era de raiva, mas Sam detectou medo. O runner suavizou o tom. - Ouvi dizer que se eles pegarem alguém tentando ultrapassar a fronteira, arrancam os miolos.

- Não se preocupe, Sloan. Os paladinos não vão conseguir encontrar os seus - Cão Negro disse quando voltou.

- Sloan tocou no ponto certo - Sam insistiu, impedindo que o runner respondesse ao outro. - A patrulha da fronteira do Tir Tairngire é famosa por sua eficiência. Praticamente todas as semanas há uma história de alguém abatido na auto-estrada depois de tentar entrar.

- É por isso que temos que entrar com muita cautela, fora das estradas e longe das patrulhas regulares - disse Roe. - Vou mandar Tessien na frente para fazer o reconhecimento. Quando ele voltar dizendo que está

tudo limpo, nós partimos e o dragão nos dará cobertura aérea. Não deve haver problemas.

- Tenho certeza de que você conseguirá nos levar sem dificuldade, Katherine - disse Hanae.

Os runners não pareceram tão facilmente convencidos. Sam não achava o plano nada prático, mas qualquer discussão posterior foi impossível devido à chegada da serpente emplumada.

O deslocamento de ar das asas do dracomorfo levantou as folhas que estavam caídas no chão. Chin Lee xingou quando as chamas do fogão se apagaram. Uma vez no chão, a fera sentou-se sobre os membros traseiros e encolheu as asas antes de se enroscar em si.

Enquanto Roe caminhava até a criatura e começava uma calma conversa, os demais runners descobriram um súbito interesse nos esforços de Chin Lee. Sam reparou que o fogão estava bem longe do dragão. Ele e Hanae rapidamente se juntaram ao grupo.

Poucos minutos depois, a serpente emplumada esticou seu corpo e, com um curvamento e um bater de asas, subiu e sumiu de vista acima do topo das árvores. Roe parou em sua Caravaner para verificar o passageiro antes de se juntar aos demais.

Enquanto isto, o ensopado de Chin Lee estava pronto. O ork tinha apanhado algumas ervas silvestres que davam algum sabor mesmo ao bife de soja e aos tubérculos reconstituídos. Depois de comerem, todos se deitaram. Hanae aninhou-se tranquilamente no braço de Sam. Até Cão Negro e Sloan relaxaram, conversando sobre antigos shadowrunnings em vez de ficarem se instigando. Chin Lee colocou um pote de água no fogo e começou a jogar cartas com Kurt. Sob a luz tênue das lanternas, todos pareciam em paz.

Acima deles, o céu se cobria de nuvens enquanto a lua baixava. A floresta em volta ruminava os sons suaves da vida selvagem seguindo seu próprio curso, quase sem ser importunada pela presença deles. Uma vez Sam pensou ter ouvido um lobo uivar. Não pôde ter certeza, pois jamais ouvira um lobo uivar.

O que quer que fosse, Hanae também ouviu.

- Não gosto de ficar aqui fora - ela se queixou.

- Por que não tenta dormir um pouco? - Sabia como ela se sentia. Aquele espaço aberto, a falta de paredes, o ar puro. A floresta não possuía a segurança confortante, protetora da arqui-sede.

- É uma boa idéia - Roe aprovou. - Parece que Tessien não vai voltar logo. Quando começarmos a viajar de novo, nenhum de nós vai dormir.

- Não quero dormir aqui fora - Hanae disse. - É muito aberto. Muito estranho.

- Pode dormir no carro - disse Kurt, indicando a Caravaner com a cabeça. - Tem colchonetes e lençóis lá atrás.

A paz da floresta estava deixando todos eles solícitos.

Algun tempo depois de ele e Hanae se acomodarem no furgão, Sam acordou. Ao olhar o relógio viu que tinha se passado pouco mais de uma hora. Hanae dormia tranquilamente. Com cuidado, para não acordá-la, ele saiu da Caravaner. A noite estava tranquila, exceto pelos sons do campo. No silêncio, pôde ouvir a conversa suave dos runners. Sloan e Cão Negro estavam trocando insultos novamente.

Um movimento perto do outro veículo chamou a atenção dele. A forma alta, feminina, que ele viu só podia ter sido Roe. Ela colocou uma mochila nas costas, depois sacou uma arma de fogo de um baú e a pendurou em seu ombro esquerdo. Sem dizer coisa alguma aos demais, contornou a Caravaner na escuridão.

Curioso, Sam a seguiu.

Ele a encontrou novamente, agachada junto às árvores e caminhou até o lado dela. Ela o surpreendeu, agarrando-o pelo braço e o derrubando. Sem dizer coisa alguma, colocou um dedo nos lábios dele.

O couro cabeludo de Sam formigava. Ele não conhecia muito sobre o mundo natural, mas um pouco antes houvera muitos sons. O vento nas folhas. O zumbido e o estalido que tinha certeza serem dos insetos. O suave cavar no subsolo.

Tudo isto tinha parado agora, embora ainda pudesse ver as folhas das árvores movendo-se, tendo as nuvens como fundo. Elas estavam

passando depressa e trazendo o aroma úmido da floresta. Mas não havia coisa alguma. Algo estava muito errado.

- Roe - ele sussurrou. - O que é isto?

- Não sei.

Ele observou ao longo da fileira de árvores. Troncos escuros brilhavam tenuemente à luz das lanternas e das chamas do fogão de campanha. Folhas que ele sabia serem verdes, brilhavam com uma escuridão malévola.

Um ponto de luz chamou a sua atenção. Ele olhou naquela direção. Depois de um instante, pensou ter visto uma figura embrenhada no meio das árvores. Era alta e magra... como um elfo.

Sam tocou no ombro de Roe e apontou. Ela olhou na direção em que ele indicou e xingou baixinho. Roe começou a procurar alguma coisa nos bolsos.

A brisa de repente aumentou, levantando folhas caídas como fizera o dragão. O detrito marrom e mole ia se deslocando.

Então, aquele pequeno som foi engolido pelo ruído forte de lâminas de rotor. Sam olhou para o alto quando uma forma escura deslizou sobre as árvores. Uma segunda e uma terceira correram em seu movimento. Foram seguidas por mais outras.

- Zangões - Roe disse num suspiro enquanto se levantava.

Sam se levantou também. Ele conhecia os Zangões de vê-los em guerras de empresas no trídeo. Eram helicópteros pequenos, velozes e com capacidade para apenas um homem e carregavam armamento suficiente para destruir um carro blindado leve.

Sam descobriu que os Zangões também portavam luzes de busca quando o feixe de luz começou a vir do aparelho enquanto sobrevoavam a clareira. Sam contou quatro feixes de luz cortando o campo aberto.

Ele e Roe estavam fora da área iluminada pelas luzes, por enquanto, sem serem descobertos. Ela passou alguma coisa para ele.

- Pegue - disse ela, afastando-se.

Sam segurou de modo reflexo, com as duas mãos. Olhando para baixo, viu que era uma escopeta. Como se estivesse em brasa, abriu as mãos, horrorizado, e deixou a arma cair no chão. Não queria mais saber de armas, ele jurara. Sam esperou que Roe dissesse alguma coisa, mas ela já sumira na escuridão.

As oscilantes luzes tinham se espaçado, formando um círculo, que iluminava a maior parte da clareira.

- Com a autoridade de Sua Alteza, Príncipe de Tir Tairn-gire, ordeno que vocês se rendam sem resistência. Obedeçam imediatamente e não vão se machucar.

Sloan irrompeu na clareira, correndo em direção às Caravaners. Enquanto corria, ele gritava: - Vocês não vão me pegar.

- Fique onde você está - a voz incorpórea ordenou. - Este é seu último aviso.

Sloan não deu atenção. Sacou um rifle automático de debaixo do assento e caiu de joelhos. Firmando a coronha sob o cotovelo, disparou a arma, mandando uma carga contra o helicóptero com o alto-falante. O rifle de Sloan gaguejou num tom estridente, quebrando o matraquear firme que vinha das lâminas girantes do aparelho que fazia o cerco. Um ruído mais alto se ouvia quando as balas tocavam a fuselagem do aparelho até que, num barulho de vidro se partindo e de uma chuva de faíscas, a luz de busca do helicóptero líder foi arrancada.

- Mãe, ele me pegou - disse a voz mecânica. Sam tinha certeza de que a voz não pretendia ser ouvida por quem estivesse no chão. Após um instante, ela falou novamente como se responde uma pergunta. - Eles pediram sangue, Bran. Eles podem muito bem beber este sangue. Todas as unidades, luzes apagadas. Disparem à vontade.

A clareira mergulhou na escuridão enquanto os helicópteros, que se mantinham ali, apagavam suas luzes ao mesmo tempo. Depois das pós-imagens terem desaparecido, línguas vermelhas de fogo surgiram no lugar das luzes. A munição pesada arrancava pedaços de terra em torno do acampamento. Kurt, correndo para se proteger junto ao outro veículo, foi lançado ao chão quando o fogo de um helicóptero o atingiu. As

metralhadoras de um segundo aparelho buscaram sua forma caída, disparando contra ele e deixando-o desmembrado no chão ensanguentado.

Sloan abriu fogo novamente, disparando selvagememente na noite. Projéteis de sua arma cintilavam cor de laranja no escuro. Ele gritava de forma incoerente enquanto disparava. Os elfos respondiam vigorosamente. O fogo iluminou por um rápido instante um dos Zangões, transformando-o num estranho inseto de destruição no momento em que lançava um foguete ar-terra.

O tempo pareceu se congelar para Sam. Ele viu, ou imaginou ter visto, a forma fina, mortal, deixar o tubo de lançamento. Quando o foguete saía pela boca do tubo, suas aletas se expandiam, posicionando-se para controlar o seu vôo. O míssil tonitroava em direção ao veículo ao lado do qual Sloan gritava e se enfurecia. Hanae estivera dormindo dentro daquele veículo.

Naquele exato instante Sam viu o rosto dela aparecer na porta. Ela estava com os olhos turvos ainda do sono e tinha os cabelos despenteados, parecendo desorientada pelo alvoroço e pela destruição. Quando Sam ia gritar, o míssil caiu.

Trovão cortou a noite.

Sam correu, mas tropeçou e caiu esparramado. Ele olhou para trás para ver o que o fizera cair. Na luz tremeluzente, ele viu o rosto de Sloan, rígido de raiva e de medo. O cabelo do runner estava meio queimado num dos lados. Seu corpo não podia ser visto em parte alguma.

Sam ficou de pé e uma vez mais se dirigiu ao carro em chamas. O teto do veículo começava a entortar devido ao fogo, e uma fumaça tóxica saía daquela pira. O interior do carro estava ..incandescente com o calor da conflagração. O súbito surgimento de chamas o fez se voltar. Uma mão grande fechou-se com força em tomo do braço dele. Sam tentou uma vez se livrar daquilo, antes de se virar e ver o rosto ferido de Chin Lee.

- Você não pode ajudá-la agora - o ork gritou sobre o ruído dos disparos e do tonitroar dos helicópteros que cercavam a área. - Venha, em direção às árvores. As drogas dos Zangões não podem nos seguir lá.

O ork o largou e começou a correr para o abrigo da floresta. Sam deu mais uma olhada no veículo. Chin Lee estava certo. Ele não podia fazer coisa alguma por Hanae agora. Ele estava vivo e ela não, mas Sam faria alguém pagar por aquilo.

Enquanto corriam para as árvores, o segundo veículo explodiu numa bola de fogo que subiu bem alto. De modo fugaz, ele viu a silhueta de Cão Negro correndo na outra direção enquanto os furiosos Zangões roncavam por sobre a clareira, enchendo-a de fogo e de chumbo.

Chin Lee estava bem à frente, passando pela primeira árvore, quando uma forma esguia levantou-se para encontrá-lo. O ork começou a girar sua arma de assalto ao redor, mas a figura avançou para mais perto, agitando o focinho para cima e para o lado. Um pé calçado de preto atacou e o ork caiu no chão da floresta.

Os disparos revelaram que o atacante era um elfo. Ele pulou sobre o runner caído, levemente ofegante. Depois então levantou uma das mãos casualmente e apontou para o ork com o indicador. Energia arcana emanou da ponta de seu dedo.

Chin Lee gritou e apertou o braço. A mão do ork soltou-se coberta por uma substância gosmenta. Ele uivou mais alto enquanto a goma se espalhava em seu peito e até o pescoço. Os gritos se transformaram numa respiração entrecortada enquanto seu rosto virava uma massa, separando-se do tronco amolecido - Um fim adequado para uma abominação assim - o bruxo elfo disse.

Sam não parará de correr, suas pernas se movendo vigorosamente, embora seus olhos estivessem fixos no horror diante dele. Sua mente estava tão perturbada pela aterrorizante demonstração de bruxaria que só percebia que estava se dirigindo para o elfo quando já era muito tarde. Ele se chocou contra o mago e os dois caíram.

Ele se afastou, chutando o outro para se desembaraçar das pernas dele. Este elfo acabara de transformar uma pessoa viva num monte de limo. Sam não tinha a menor dúvida de que lhe daria, alegremente, o mesmo fim.

O elfo se recompôs e estava tentando se levantar. Vendo um galho caído, Sam o apanhou. Zonzo enquanto se levantava, ele o atingiu na cabeça. A madeira podre rachou-se com o impacto. Fragmentos e insetos assustados espalharam-se numa nuvem, mandando o elfo para trás, mais confuso e espantado do que ferido.

Sam virou-se e correu.

- Vá em frente e se esconda, renegado. Você é caça para o caçador. - O bruxo começou a entoar um canto de feitiçaria. Ele o cantava alto, obviamente com a intenção de que Sam o ouvisse.

Sam arriscou uma olhadela por sobre o ombro. O elfo erguera as mãos acima da cabeça, um bruxuleante nimbo de luz rosada formava uma esfera em torno dele. O mago assassino estava preparando um feitiço. O medo dava velocidade às pernas de Sam, que pareciam dois pistões.

Então ele sentiu uma estranha vibração interna. De alguma forma ele soube que o feitiço se completara. O calor escaldava suas costas enquanto as árvores à sua volta ardiam em chamas. O ar superaquecido secava seus pulmões e ele caiu, queimando.

## 17

O Mitsubishi Nightsky reluziu elegantemente no sol poente. O corpo negro da limusine tragava a luz para formar profundos, distantes reflexos em contraste com o brilho e a cintilação imediatos dos letreiros cromados. A porta traseira abriu-se para dar acesso ao frio, escuro interior, um contraponto para o opressivo calor daquele dia.

Uma mulher e um homem desceram a escada do Jarman Building. O maneirismo deles e a total indiferença aos pedestres que passavam entre seu santuário corporativo e o luxuoso veículo parado junto ao meio-fio, os identificava como os prováveis proprietários do Nightsky.

Ela vestia um traje conservador com o mais requintado corte e feito com o mais fino tecido. Dos brilhantes saltos de prata, que davam uma

forma fina a suas pernas nuas, até o arco de platina luzindo em seu penteado exuberante, ela se movia e respirava o sucesso empresarial.

Ele usava um terno escuro completo e movia-se tão suavemente que o terno mal parecia dobrar-se quando ele caminhava. O cabelo escuro que encimava o rosto de ossos longos poderia enfatizar as feições severas, mas seu óbvio prazer na companhia da mulher deixava-o admiravelmente belo. Ele era um contraponto escuro para o brilho dela, mas em todos os pontos, um par para a realeza empresarial dela.

As expressões eram relaxadas enquanto riam de alguma piada privada. Seus olhos eram apenas para eles mesmos e pareciam estar antecipando uma noite de prazer.

Hart saiu da multidão para ficar diante do homem. Seria um prazer para ela arruinar o início daquela noite.

- Olá, sr. Drake. Surpreso em me ver? - Drake deteve-se. A mulher lhe lançou um olhar que disse a Hart que ela não fazia idéia do que estava acontecendo. Nada bom, chica. Você deveria conhecer seu companheiro melhor. - E então, sr. Drake?

- A senhora é excepcionalmente criativa, sra. Hart. Por que eu deveria me surpreender?

Hart não deu atenção à resposta tranquila dele. - Acho que terei de ficar satisfeita deixando a sra. Mirin nervosa.

A mulher mudou seu olhar inquisitivo para Hart, que cuidadosamente ignorou a observação penetrante da outra. Hart e a mulher nunca tinham se encontrado, mas a elfa sabia que Mirin não se perguntaria de onde Hart sabia seu nome. Em vez disto, ela estaria imaginando o que mais Hart sabia a seu respeito. Deixa ela de lado. Enquanto Mirin estivesse confusa, sua insegurança a refrearia.

-Jovem...

- Fique quieta, sra. Mirin - Hart disse, com um olhar feroz, cortante devido à interrupção. - Não estou aqui para conversar com a senhora. Portanto, fique de fora. Sugiro também que não faça qualquer gesto suspeito. Isto poderia lhe custar a vida. Tenho amigos em lugares altos. Em resposta ao sorriso afetado de desprezo, Hart acrescentou: - Um destes

amigos tem um rifle muito potente apontado para a sua cabeça. Esta pessoa é um excelente atirador. E conhecedor de suas capacidades.

- Ele é muito rápido? - Mirin indagou desdenhosamente. Drake colocou a mão no braço da sua companheira.

- Vamos atender à senhora Hart, Nadia. Pelo que eu sei, ela é uma mulher de palavra e escrupulosa em relatar seus acertos. Não há necessidade de violência agora.

- Senhora Hart, talvez preferisse entrar, pois lá dentro há menos ouvidos.

Hart sorriu também, ciente de que menos ouvidos significava menos olhos se ele realmente quisesse criar um problema.

- Acho que não.

- Na escada, então. Longe da multidão. Somente a senhora e eu.

Mirin parecia pronta a objetar, mas Drake a impediu sacudindo a cabeça. Para Hart ele só tinha sorrisos.

- Seria satisfatório para Nadia esperar no carro? Eu não posso lhe oferecer violência nesta rua, na vista de toda esta gente.

Isto era tudo com que ela estava contando.

- Ela pode ir. Enquanto colaborar, estará segura. Meu amigo tem balas explosivas e um ângulo conveniente para lançá-las contra a sua limusine.

- Não gosto de ameaças, sra. Hart - Mirin disse com delicadeza. Havia uma nítida ameaça na voz dela.

- E eu não gosto de ter de fazê-las. A senhora não está envolvida nisto ainda. Todos nós nos sentiremos melhores se as coisas ficarem como estão.

- Está bem, Nadia. A sra. Hart e eu tivemos um mal-entendido. Não haverá problema.

A expressão de Mirin deixou claro que ela ainda pensava haver problema.

- Vá. Eu voltarei num instante.

Mirin concordou. Hart começou a subir as escadas sem esperar por Drake. Ela parou na metade da escada e virou-se. Ele estava frio. Frio demais para ser inocente, ela decidiu.

- Eu ainda estava lá quando a patrulha de fronteira do Tir Tairngire atacou. Eles usaram um mago para cobrir o som dos Zangões. Havia um esquadrão inteiro; mais do que o suficiente para uns poucos shadowrunners de segunda classe e fugitivos de empresas. Eles estavam à procura de confusão e esperando ter problemas. Quando Sloan entrou em pânico e abriu fogo contra eles, a patrulha caiu sobre nós com tudo o que tinham. Devastação pura. Eu poderia ter morrido com os demais.

Como era de esperar, a expressão de Drake mudou para um ar de preocupação, mas ele não demonstrou qualquer surpresa.

- Talvez a senhora devesse falar com Tessien sobre isto. Criaturas do tipo dele têm a reputação de inconfiáveis.

- Eu já conversei com Tessien. Ele disse que o senhor o encontrou em Portland, dizendo que os planos tinham sofrido mudança e que eu deveria voltar a Seattle.

- A senhora deve decidir em quem acreditar, sra. Hart.

- Já me decidi - ela disse, encarando-o.

- Estou vendo - ele disse em tom frio. - Terei um bônus compensatório acrescentado à sua conta.

- Isto vai tapar alguns dos grandes rombos em nosso acordo.

- A senhora precisa de acertos adicionais?

- Este não é o meu estilo, sr. Drake. Sou uma profissional. Posso ficar de bico fechado sem incentivos especiais.

- Vejo que mantém segredo sobre nossa associação.

- Olha - ela disse de modo bem agressivo - o senhor teve sua chance e a perdeu. Eram negócios e eu compreendi. Agora estou lhe dizendo que o senhor não precisa me calar. Não vou falar porque tenho meu orgulho profissional. E o mesmo profissionalismo me faz esquecer o que o senhor tentou fazer. Vamos esquecer isto.

- Como a senhora deseja, sra. Hart, vamos deixar o passado de lado.  
- O sorriso dele mostrava seus dentes perfeitos, brilhantes. - Mas não vamos ficar com raiva. A senhora me impressionou com sua força e integridade. Eu desejo continuar a ter os seus serviços. Digamos, 25.000 neioenes por mês. Vamos chamar isto sinal.

- Eu lhe disse que não aceito dinheiro. Se quer meus serviços, pague as taxas usuais.

- A senhora é uma mulher incomum, sra. Hart. Começo a acreditar que a senhora vai se prender a seus padrões de imposição de conduta. Agora estamos trabalhando novamente?

Hart estendeu o computador para Orake. Ele sorriu com a certeza de que reconquistara o domínio quando colocou car-tão-moeda na ranhura e fez a transferência de fundos. Para demonstrar a confiança dela, Hart tirou uma confirmação da transferência assim que ele lhe devolveu o computador.

- Seu dinheiro é bom.

- Como o ouro, sra. Hart.

- Melhor- disse ela, sentindo o peso do computador antes de o colocar na bolsa. - O ouro é muito pesado.

Quando ela se voltou para descer a escada, a mão de Drake a segurou pelo braço com força, fazendo doer. Ele a olhou com uma expressão sombria.

- A senhora está certa de que não há prova no local de nossa troca na Renraku.

Ela baixou os olhos do olhar dele para a mão, esperando que ele a soltasse antes de responder.

- O furgão com nosso hóspede foi explodido, por suas ordens. Se restou alguma coisa, eles vão imaginar que era apenas mais um runner.

O sorriso largo de Drake voltou.

- E nenhum dos trouxas que estavam dando cobertura à nossa operação sobreviveu? Um prisioneiro ferido pode falar demais.

- O último homem que eu vi, o mago do Tir lançou uma bola de fogo nele. A mulher morreu quando destruíram o furgão. Os demais são história também.

- Uma solução satisfatória. Pelo seu relato, aquele funcionário da Renraku parecia muito esperto em suas indagações. Se ele tivesse ficado vivo, poderia ter despertado o interesse das pessoas erradas com suas histórias. É bem melhor que todas as testemunhas tenham morrido.

Todas menos eu, Hart pensou. Mas ainda estou na folha de pagamento, certo? Segura o suficiente enquanto eu tiver meu valor ou até você conseguir o que deseja.

- Não permitirei que pessoa alguma ponha o plano em risco - foi a última coisa que Drake disse.

## 18

Sam ficou surpreso por ainda estar vivo.

As chamas se espalharam por toda a sua volta, queimando as árvores e suas roupas. Ele desmaiou de dor e deve ter caído, rolando por um barranco até chegar num riacho de águas mansas onde estava agora meio submerso. A água deve ter apagado as chamas. Ele estava arranhado e contundido do tombo e queimado do fogo, mas vivo.

Sam não podia ter ficado inconsciente por muito tempo. Ouviu uma voz que deveria ser do mago elfo que o queimara. O elfo estava provavelmente tão certo de seus poderes que não se preocupara em verificar se Sam estava vivo. Sam esforçava-se para entender as palavras.

- Derrubei um com presas e um normal, Grian.

- Roger - veio a resposta chiando com a estática de uma transmissão de rádio. - Os dois veículos estão ardendo. Temos provavelmente três mortos, mas a clareira está em chamas e não podemos descer para confirmar.

- Quer que eu faça uma varredura?

- Negativo. Você conhece o procedimento, Rory. Ninguém vai a uma zona insegura sem apoio. Além disso, você está usando muitos poderes.

- Nenhuma transpiração, Grian. Estou bem fresco. Esta escória de rua não era tão violenta quanto o relatório dizia. Não terei problema algum.

- Mais uma vez, Rory. Volte ao ponto de encontro. Estarei descendo lá. Vamos nos encontrar e então vamos todos juntos.

- Você acha que não posso cuidar deles? Sou de uma classe nobre de feiticeiros.

- O problema não é este, Rory. Eles já me feriram. Não quero mais ferimentos. Encontre-nos quando pousarmos.

- Entendido. - O feiticeiro disse finalmente, mas suas palavras seguintes foram murmuradas, obviamente com a intenção de que os outros elfos não o ouvissem. Sam também não pôde ouvi-las, mas o tom era ríspido o suficiente para que se entendesse o sentido.

Sam subitamente ficou aterrorizado de que o elfo pudesse querer provar sua capacidade. Ele começou a rezar para que o mago fosse embora, preferindo que outros provassem sua mestria. A noite corria tranquilamente enquanto os helicópteros se moviam, o som deles se afastando e deixando a floresta voltar a ter apenas seus ruídos próprios. Novamente as folhas sussurravam ao vento, mas os animais, assustados pelo barulho e pelas chamas, estavam calados. Sam decidiu seguir o exemplo deles. Era hora de ele também ficar bem quietinho.

Sam aguardou.

Minutos tensos se passaram e ele cansou de tremer dentro d'água. Movimentou os braços com bastante cuidado para evitar ruídos ou que a água pingasse enquanto erguia o braço até o rosto. A tela de seu relógio estava escura. Ele tentou o botão de ajuste, mas a luz ficou acesa o suficiente apenas para mostrar que a tela estava embaçada. Inútil. Puxou a correia para soltar a trava. Ia arremessar aquilo longe, mas lembrou-se de que estava tentando ficar quieto. Enfiou a mão dentro da água e deixou que o relógio afundasse.

Ele esperou um pouco mais e depois então ousou subir a rampa, sua escalada fazendo crepitar galhos e brotos. Cada ruído aumentava seu medo

de que não tivesse esperado o tempo suficiente para que o mago fosse embora. Quando finalmente colocou a cabeça acima da margem, o feiticeiro não estava à vista.

As duas Caravaners ainda queimavam, mas os focos de fogo na grama tinham quase todos se extinguido. Kurt e Cão Negro estavam caídos, mortos, junto aos pedaços de Sloan. Hanae estava incinerada num dos furgões. Não havia o menor sinal de Roe. Entre ele e a devastação na clareira havia o poço de lodo que fora Chin Lee.

Ele estava só.

A distância, Sam ouviu novamente o uivo. Desta vez um outro uivo, diferente, parecia responder. O som fez com que compreendesse como estava só, perdido numa floresta em alguma parte do Tir Tairngire, uma nação que demonstrara sua hostilidade a ele. A floresta deveria ser abrigo de muitas para-espécies que não se importariam em fazer dele sua refeição. Pensamentos de grifos e basiliscos percorriam sua mente. E de dragões. Sloan dissera que os elfos usavam dragões como guardas de fronteira. Seu recente encontro de perto com a serpente emplumada fez com que percebesse que um monstro assim poderia engoli-lo de uma vez só.

O rifle de assalto de Chin Lee estava caído ali perto, perdido e esquecido quando o ork foi atingido pelo feitiço do elfo. Sam olhou para a arma. Suas partes de metal estavam escuras, parecendo frias, apesar de fracos reflexos de chamas tremeluzirem em sua superfície. As partes de plástico ergonomicamente projetadas sugeriam uma sedutora facilidade de uso. As partes de metal liso revelavam uma eficiência mortífera. O rifle de assalto era uma arma destinada a matar pessoas, embora Sam tivesse prometido jamais tocar novamente numa coisa destas.

O lobo uivou mais uma vez.

Ele lembrou do cão-demônio que atacara Sally Tsung. Ele jamais esqueceria seu uivo aterrorizante e a boca cheia de baba. O latido da fera o tinha paralisado e a todos os demais. O uivo do lobo não tinha este poder, mas mesmo assim, dava calafrios. Sam não tinha os poderes mágicos para destruir uma fera, como fizera Tsung.

O que matava pessoas também poderia matar animais. Ele caminhou e apanhou a arma. O peso o surpreendeu, pois Chin Lee a agitara no ar de

modo tão facilmente. Pelo menos ela tinha uma alça, que ele passou pelo ombro, como fizera o ork. Ele carregaria a arma para o caso de um ataque de algum para-animal. Mas ele não a usaria contra pessoas. Isto ele se prometera.

Sam olhou novamente para a clareira. Se ele permanecesse para enterrar seus antigos companheiros, os elfos voltariam e o pegariam. Escolhendo sua direção ao acaso, ele se voltou e começou a caminhar. Foi imaginando até onde conseguiria chegar antes que os elfos voltassem.

Sam começou a correr assim que ouviu o primeiro ruído na vegetação rasteira. Não vira coisa alguma, mas também não tinha esperado para ver. Agora, ele não conseguira ouvir coisa alguma além dos ruídos de sua própria marcha. O rifle de assalto machucava seu ombro e as costas, ferindo a pele apesar do grosso casaco. Eleja estava cansado, arfando a cada passada. Já deveria ter corrido mais com seus cães ou se exercitado de outra maneira para se manter em melhor forma. Agora estava correndo para sobreviver e pagando por sua indolência. Desejava parar, respirar, descansar, mas não ousava fazer nenhuma dessas coisas. Em alguma parte estavam atrás dele. E não descansariam, de modo que ele também não podia parar.

Uma raiz se prendeu a seu pé, forçando-o a uma guinada para o lado que o desequilibrou. Sam cambaleou e caiu sobre o tronco de uma das gigantes da floresta. A árvore nem se moveu e ele ricocheteou, perdendo o equilíbrio por completo.

Ele caiu de costas, com muita dor, a arma enfiando-se nele antes mesmo que sua cabeça batesse no cano. Atordoado, rolou e tentou ficar de pé. Sentiu enjôo e sua cabeça doia. Sua visão escureceu e ele caiu pesadamente. O cano da arma enfiou-se numa raiz e ele caiu sobre a arma como um saco, enquanto sua visão se turvava.

Senhor, agora não, pediu. Eles vão me pegar.

Seu corpo não tinha mais força. Estava fraco, exausto. Mas não podia descansar até que estivesse em segurança. Ele precisava saber se os elfos o estavam seguindo.

Sam tentou levantar, mas o mundo girou e depois ficou escuro. A próxima coisa que ficou sabendo foi que estava voltando pelo caminho que

acabara de tomar. Aqui e ali alguma árvore retorcida ou pedra aflorando pareciam familiares, mas ele não viu sinal algum de seus perseguidores. Eles o teriam perdido? Toda a corrida teria sido em vão?

As perguntas foram respondidas quando ele olhou para a clareira onde os elfos tinham matado Hanae e os runners. Sam observou da borda das árvores, as folhas escondendo sua posição e os arbustos deixando que ele visse a cena. A cena tinha uma qualidade irreal, uma distância mágica, como se estivesse sempre recuando à medida que ele se aproximava. Tudo estava iluminado por uma leve, prateada luz, embora a lua estivesse encoberta pelas nuvens naquele instante. Um grupo de elfos caminha entre as ruínas de duas Caravaners estranhamente esfareladas, uma delas ainda queimando. Apenas um dos elfos usava uniforme com distintivos cujos símbolos falavam de proteção\* e guarda. Sam supôs que fossem guardas de fronteira do Tir Taimgire. O elfo sem uniforme ficava distante dos que estavam fazendo o reconhecimento. Vestindo uma calça de jeans e uma camisa de flanela, ele parecia irradiar energia. Ele era, de algum modo familiar, e Sam concluiu que este deveria ser o bruxo elfo que a voz do rádio chamara Rory. Fora estes sete elfos, Sam não detectou qualquer outra pessoa viva na área.

- Qual a história, Grian? - o bruxo perguntou ao elfo alto que se aproximava.

- Um morto no furgão queimado. Bran diz que o esqueleto parece ser de mulher e há indicações de que seja a renegada da Renraku. Aidan apanhou dois ossos no outro furgão, de modo que acho que pegamos a segunda mulher também. Os três que estavam na clareira se encaixam com as descrições dos runners e o ork que você pegou fecha a contagem dos homens, menos o cara da Renraku.

- Eu o peguei também - Rory garantiu.

- Logo veremos isto. - Grian sacudiu a cabeça. - Péssimo sobre aquela coisa hi-tech no furgão. Ebran gostaria de ter visto.

- Tem certeza de que não pode se salvar?

- Não estaria pior se um dragão tivesse sentado em cima. Rory bateu em seu ombro. - Bem, pelo menos acabamos com nossos visitantes inoportunos. O que torna esta uma noite lucrativa.

- Não gaste antes de ganhar, Rory. Não temos uma contagem completa até confirmarmos sua segunda morte.

- Então vamos ver isso. O cara caiu por ali.

Rory levou seus companheiros em direção ao local onde Sam estava agachado espionando tudo. Ele temeu que os elfos o descobrissem e gritassem dando o alarme, mas pareceu que eles não viram onde ele estava. Pararam perto de onde o feitiço do mago tinha atingido Sam. Embora tivessem chegado bem perto do esconderijo de Sam, suas vozes não eram mais claras. Uma trapaça de som que a floresta estava lançando sobre a fraca condição dele.

- Ninguém, Rory - Grian observou sobre os xingamentos de Rory. Depois ele levantou a voz. - Bran, venha cá! Precisamos de um rastreador. Nosso presunçoso feiticeiro o perdeu.

Grian desceu a margem do riacho enquanto Rory, mais impertinente, o seguia cautelosamente. Os dois elfos moviam-se com uma graça lânguida, de movimentos lentos. Bran chegou a tempo de ver Grian curvar-se para apanhar alguma coisa no leito do riacho. A princípio, Sam não pôde identificar o que o elfo estava segurando. Depois reconheceu seu relógio.

- Ele foi por aqui, tudo bem.

Rory saiu do ponto onde ele estava à margem do riacho e arrebatou o relógio de Grian. - Veja. Bom e queimado. Se ele saiu andando daqui, não chegou muito longe.

Grian não lhe deu atenção. Dê uma olha por aí, Bran. Vê se encontra uma trilha.

Bran assentiu e seguiu a montante. Em quinze minutos estava de volta. Ele gastou mais algum tempo estudando o leito do riacho perto de onde Sam caíra. Os demais o observavam, Grian paciente e confiante, Rory andando de um lado para outro na beira da água.

- Não acho que precisem se preocupar - Bran anunciou.

- Por quê?

- Encontrei algumas pegadas num lamaçal adiante. Parecem de um cavalo sozinho; sem cavaleiro, eu acho. Não há marcas de entrada ou saída

do riacho em quase meio quilômetro. Nenhum cavalo normalmente tomaria este percurso à noite.

- Cavalo de Água, então? - Grian sugeriu.

- Parece. - Bran assentiu e apontou para marcas enquanto falava. - Parou mais ou menos ali, onde nosso garoto caiu. Ficou de pé algum tempo, depois seguiu a jusante como um morcego saído do inferno. Deve ter chegado a Colúmbia agora. Parece que nosso garoto está respirando água.

- Nada mais a fazer aqui, então - Grian concluiu.

Rory o impediu de passar quando ele tentou subir a margem do riacho. - E sobre a confirmação?

- Se ele está num Cavalo de Água não aparecerá corpo algum.

- Então teremos o crédito pela morte?

- Mais do que provável.

- Então acho que não há mais coisa alguma a ser feita aqui - Rory disse alegremente.

Sam viu o olhar impertinente que Grian deu para o feiticeiro, quando Rory começou a subir a ladeira.

- Muito bem, marque isto e pronto. Mandaremos a patrulha regular fazer a limpeza pela manhã.

Houve murmúrios de aprovação dos elfos quando eles deixaram o que estavam fazendo e se juntaram ao líder. Bran apertou botões num objeto brilhante que retirou de um saco das costas antes de o colocar perto do furgão queimado. Enquanto estava fazendo isto, Rory passou algum tempo olhando as marcas que sua magia fizera na floresta. Ele parecia preocupado, como se não pudesse se lembrar de alguma coisa que era importante para ele. Quando Grian chamou seu nome, o feiticeiro deu de ombros e, lentamente, se voltou para seguir os demais. Sam observou o último elfo deixar a clareira para seguir seus companheiros de volta a seu meio de transporte. Eles estavam bem à frente da direção que tomara. Ele estava seguro.

A exaustão tomou conta de Sam. Ele deixou a clareira, voltando seus olhos da morte e da destruição novamente. Não tinha consciência da

caminhada até a árvore que o derrubara, mas de repente ele estava lá de novo.

Alguma coisa o incomodava, uma sensação de estar sendo observado. Ele aguçou seus sentidos, afastando a fadiga que o dominava, embotando suas percepções. Viu formas espectrais vagando entre as árvores.

Feras do escuro, caninas e pelo menos do tamanho de lobos.

Cansado como estava, ele as perdeu entre as árvores. Elas estavam chegando mais perto? Ele não sabia e não se importava. Ultrapassara seus limites. Sua cabeça pendeu; estava exausto além da compreensão. Senhor, ele estava cansado.

Mais uma vez, sentiu a dor da arma de assalto em suas costas. Todas as dores de músculos forçados ao extremo e as pequenas dores de arranhões e cortes inchados. Estava bem fundo no terceiro período de sobrevida de morte súbita e ele era um boneco de gelo. Se as feras viessem pegá-lo, elas conseguiriam. Sam já se sentia morto.

Bafejos intermitentes de ar quente chegavam ao lado esquerdo de seu rosto e ele sentia o fétido do bafo de um carnívoro. Cautelosamente, ele virou a cabeça e abriu os olhos. Dois olhos inclinados, verde-dourados, olhavam para os dele.

## 19

Marushige estava certo. Sato considerou antieconômico realizar uma caçada para pegar Verner e sua amante. O lobby de Crenshaw para uma ação de busca quase lhe custara toda a "boa vontade que ela estivera construindo junto ao Kansayaku. A única coisa boa foi que Sato não a tinha proibido diretamente para tratar da matéria. Não que tal proibição a fizesse desistir, apesar das consequências devastadoras que desobedecer poderiam trazer. Crenshaw achava que sempre pôde cuidar de seus próprios interesses, cuidando para que todas as consequências devastadoras caíssem sobre outra pessoa, preferencialmente um inimigo.

Mesmo assim, sua investigação particular não rendera muito ainda. Sua rede em Seattle era muito reduzida em comparação com a teia de contatos e informantes que ela mantinha no Oriente. Todas as informações obtidas à boca pequena tinham sido negativas. Era como se Verner tivesse desaparecido da face da terra. Uns runners de segunda classe não podiam ser tão bons assim. Deveria haver ligações com alguma figura de maior estatura neste jogo sombrio. Ela só precisava descobrir isto.

Para fazer isto, precisava de tempo, tempo que o Kansayaku não estava lhe dando. Quando ela não estava agindo como sua guarda-costas, ele a mantinha fazendo coisas para ele. Como se Akabo e Masamba não fossem suficientemente mundanos e musculosos. Como se ele estivesse tentando impedi-la de sair e fazer alguns de seus próprios trabalhos de investigação.

Este, ela percebeu, foi um aspecto que descuidara. Estaria Sato envolvido de alguma forma? Não conseguia ver o que ele poderia ganhar, mas certamente ele tinha muita influência para fazer uma pessoa desaparecer. Um interesse oculto em Verner explicaria por que Sato concordara tão facilmente com sua sugestão de oferecer um contato com a irmã dele.

Se ela pudesse pelo menos acabar depressa suas tarefas, poderia telefonar para um intermediário de Tóquio que poderia saber alguma coisa.

Impacientemente, Crenshaw olhou pelas vidraças duplas de Xylan que a separavam da sala limpa onde o grupo de inteligência artificial estava realizando uma experiência. Dentre as figuras anônimas com jaleco verde, a figura alta de Vanessa Cliber se destacava facilmente. Depois de uns poucos instantes, Crenshaw identificou os outros líderes do grupo entre os trabalhadores com gorro e máscara.

Os fios de cabelo preto soltando-se de um gorro sempre frouxo e a constante agitação eram característicos de Sherman Huang, presidente da Renraku America e chefe da operação. Ninguém mais ousaria ser tão casual sobre as restrições de limpeza da sala e estar ao mesmo tempo tão apaixonadamente envolvido no processo.

O outro líder demonstrava uma precisão de movimento e uma economia de gestos que Crenshaw admirava. Ela percebera isto dois dias

atrás enquanto observava Konrad Hutten trabalhando no centro de dados. Para um homem cuja especialidade era engenharia microtrônica abstrusa, ele tinha um encanto físico que Crenshaw achava atraente. Quando este assunto estivesse concluído, poderia tentar descobrir se ele era igualmente atraente fora do trabalho, ficava conjecturando se ele gostaria de mulheres agressivas.

Enquanto ela observava, o teste parecia chegar ao fim. Os trabalhadores visivelmente relaxaram e toda a agitação cessou. Três figuras com jalecos verdes se dirigiram para a porta mecânica da sala de limpeza. Somente os chefes da equipe estariam livres para sair antes que todos os sistemas tivessem sido verificados e considerados seguros. Crenshaw sentiu uma satisfação descabida por ter reconhecido todos os três corretamente.

Huang foi o primeiro a passar pela porta externa. Ele já tinha retirado seu gorro e a máscara e estava tentando enfiá-los num bolso. Sua mente, como sempre, estava em outras coisas, e os objetos caíram no chão.

-... por uma hora inteira. Não é provável que ela não soubesse que haveria noites com trabalho extra neste projeto.

- Até as esposas não gostam disso, Sherman - Cliber disse.

- Era apenas um pequeno jantar. Não havia ninguém importante lá - Huang deu de ombros enquanto falava. - Ela vai superar isto. Ela sempre supera.

- Talvez, se você der algum tempo - Hutten sugeriu.

- Tempo? - Huang sentiu-se nitidamente afrontado. -Esta é exatamente a questão. Todos querem o meu tempo. Não tenho tempo suficiente para o projeto agora que ele chegou em sua parte crucial. Se nos deixassem sozinhos. - Seus olhos se fixaram em algo que somente ele podia ver e os músculos em volta de seus olhos relaxaram de seu habitual olhar semicerrado. - Só um pouco mais de tempo e eu mostrarei a eles.

Ele estendeu a mão e virou um monitor para olhá-lo.

Os outros dois olharam por sobre o seu ombro. Cliber fez um meditativo "hummm". Hutten não disse coisa alguma, mas adiantou-se para digitar algo no console.

- Boa idéia, Konrad. - Huang assentiu em aprovação. -Esta configuração deve maximizar o processamento no ciclo beta.

- Uma óbvia extrapolação dos parâmetros do modulador -Hutten observou.

Em seu trabalho, Crenshaw às vezes ficava feliz e aliviada por ser tratada como parte dos móveis e utensílios. A falta de atenção poderia ser algo muito valioso. Agora não era uma destas vezes. Decidindo que os jalecos verdes a ignorariam até que chamasse a atenção deles, ela avançou e falou.

- Presidente Huang?

Os três olharam para ela ao mesmo tempo. O rosto de Cliber imediatamente assumiu sua habitual expressão de desprezo. Os outros dois fizeram expressão de uma leve curiosidade.

-Sim?

- Alice Crenshaw, senhor. Divisão de segurança.

A testa de Huang se franziu, mas Crenshaw percebeu seu fugaz brilho de preocupação. Como uma criança pega fazendo o que não deveria.

- Não há problema, senhor. Estou numa missão com Kansayaku Sato. Ele pediu que lhe transmitisse suas desculpas e seu pesar por seu jantar ter de sofrer um atraso de meia hora.

- É esta noite? - Huang perguntou distraidamente.

- Sete e meia - Hutten adiantou-se. - Agora oito.

- Bem, acho que estaremos lá com todos os sinos e campainhas. - Huang sorriu nervosamente.

Crenshaw murmurou algo internamente. Eles tinham criado o termo nerd para este homem. Ela lhe deu um sorriso polido. - O Kansayaku está aguardando ansiosamente para se encontrar com os chefes de sua equipe esta noite.

Cliber antecipou-se a seus companheiros, dando um sorriso enquanto dizia: - Estou esperando ansiosamente pelo jantar também. Há umas coisinhas que eu gostaria de falar com o sr. Kansa-sei-lá-o-quê. - Ela

se virou de costas para Crenshaw. - Ele está muito seguro de estar ganhando tempo se reunindo conosco. Estão todos indagando por que esta pressa toda em ver o projeto andando. Como é que levou este tempo todo para conversar conosco?

- A empresa tem muito mais interesses do que o seu projeto de inteligência artificial, doutora Cliber. Kansayaku Sato deve se preocupar com todos eles. Ele tem olhado tudo, sentindo a operação aqui em Seattle. Ele me disse que achou melhor não perturbar, mais do que o necessário, seu importante trabalho no projeto. - Não mais que... - Cliber explodiu numa gargalhada. -As mudanças pessoais que ele determinou não eram necessárias. E foram muito perturbadoras.

- Como eu disse, doutora, não mais que o necessário.

- O que ele sabe sobre o que é necessário? Vocês são todos iguais. Não fazem a menor idéia do que estamos fazendo aqui, mas mesmo assim acham que podem tirar e colocar pessoas, alterar prazos por puro capricho e sei lá mais o quê. Depois, querem que coloquemos os resultados sobre o colo de vocês a um estalar de dedos.

- Calma, doutora.

- Estou calma. - O rosto de Cliber estava vermelho. -Ainda nem comecei.

- Eu sugiro que a senhora reavalie sua atitude à luz do mandato do Kansayaku - Crenshaw disse com frieza. - Ele pode considerar sua atitude não produtiva.

- Não produtiva! - Cliber arrancou o gorro da cabeça, soltando seu cabelo cor de mel dos grampos que o mantinham presos. Ela jogou o gorro verde no chão. - Sherman!

Huang levantou o rosto confusamente do monitor que estivera estudando. - Hmm?

Crenshaw falou antes que Cliber pudesse começar. - Eu estava apenas sugerindo à doutora Cliber que ela refreasse...o entusiasmo dela. Cooperação com o Kansayaku Sato é a maneira mais rápida de ver seu projeto ir em frente.

Huang piscou, olhando de sua colega exaltada para a calma funcionária da segurança e de novo para a colega. -Vanessa, temo que a sra. Crenshaw esteja certa. Você às vezes deixa seu temperamento dominá-la e precisamos ser cuidadosos em torno do sr. Sato. Se ele estiver satisfeito com o que achar e ninguém enfrentá-lo, ele irá em frente e poderemos voltar ao nosso trabalho. Você sabe como estamos perto. – Ele deu um sorriso fraco para Cliber que pareceu acalmá-la um pouco. Depois murmurou: - Detesto todo este nonsense burocrático.

- Não chega a ser um nonsense, presidente Huang-Crenshaw corrigiu. Cliber resfolegou, mas Crenshaw continuou. - Mas eu entendo que profissionais como os da sua equipe podem achar enfadonho obedecer às formalidades necessárias para operar de uma forma administrativa. Kansayaku Sato está visando apenas ao interesse da Renraku. Ele deseja que todos os departamentos trabalhem com o máximo da eficiência.

- Então por que ele não aprovou nossos pedidos de mais ajuda?

- Na verdade, ele aprovou. - Crenshaw apanhou um porta chips no bolso de seu casaco e o jogou sobre a mesa. - Estes são os arquivos e as ordens de transferência para doze de seus pedidos de pessoal. Tenho certeza de que os senhores gostarão de expressar seu agradecimento ao Kansayaku no jantar desta noite. Até lá.

Saboreando as expressões de atordoamento de Huang e de Cliber, Crenshaw voltou-se e se dirigiu para a porta. Em seu caminho, ela percebeu que Hutten tinha se sentado num terminal para trabalhar em meio a toda a discussão. Uma atitude realista e profissional. Ela gostava disto num homem.

## 20

Sam despertou quando seus músculos se torciam num breve espasmo. Depois de um instante de desorientação e espanto, ele se deitou de costas, confuso. Ele estava dentro de algum lugar e numa cama cujo lençol macio caía pesadamente sobre sua pele nua. O local estava escuro,

iluminado apenas, e de modo adequado, pelo clarão do que parecia ser uma lareira no cômodo anexo. Ele estava cercado por um aroma vagamente familiar que era a um só tempo confortante e estranho.

Ele não conseguia se lembrar como fora parar ali. A última coisa de que se recordava era que estava na floresta, correndo para sobreviver aos guardas de fronteira do Tir Taimgire. E que havia um par de lobos.

A memória estava confusa, uma coisa se misturando a outra.

Imagens do local onde Hanae morrera dominavam suas lembranças. Fragmentos do ataque, imagens serenas de quando eles chegaram com os shadowrunners, visões desbotadas de elfos vagando por entre a destruição. Tudo isto se dissolvia em um turbilhão de impressões da floresta escura e de sua corrida pela escuridão.

Sam lembrava-se de ter caído e de ter batido com a cabeça. Com a mão cautelosamente explorando a cabeça, ele confirmou aquela lembrança. Tinha um volume na parte traseira da cabeça, mas curiosamente sentia pouco desconforto ao tocá-la. Na verdade, nenhum dos ferimentos e machucados da corrida o incomodavam. Eles ainda estavam ali, porém, prova de que o pesadelo na floresta fora real. Seus misteriosos benfeitores deviam lhe ter dado alguma coisa contra a dor.

Rostos vieram à sua lembrança. Um era o de um homem altivo e desdenhoso, o outro o de uma mulher preocupada mas levemente confusa. Ambos eram compridos e magros com olhos levemente inclinados. Suas orelhas eram apenas um pequeno ponto. Eles podiam ter quase o rosto dos elfos, mas não eram, não podiam ser. Foram os elfos que tentaram matá-lo. Por que eles o salvariam? Não fazia sentido. Ele não conseguia se lembrar com clareza, mas Sam tinha certeza de que mãos pertencentes a estes rostos o tinham ajudado a sair da floresta, visto seus ferimentos e o colocado na cama.

Não saber onde estava nem quem eram seus benfeitores, o deixava nervoso. A nudez só aumentava seu sentimento de estar exposto. Quando se sentou para olhar ao redor do quarto, um brilho de aço chamou sua atenção. O rifle de assalto de Chin Lee estava encostado à parede. Quem quer que o tenha trazido, sentiu-se bem à vontade para deixá-lo armado. Ou não?

Ele se levantou da cama e foi verificar a arma como vira o ork fazer. Ainda estava carregada. Eles confiavam nele. Certamente, então, ele não era um cativo dos guardas de fronteira do Tir Tairngire.

Num banco ao lado da arma havia uma pilha de roupas. Não eram as dele, mas deviam ter sido deixadas ali com a intenção de que ele as vestisse. Logo descobriu que elas lhe serviam. Ele estava calçando as botas que estavam sob o banco, quando ouviu o leve murmúrio de vozes no cômodo ao lado. Amarrando os cadarços rapidamente, ele correu até a porta para ouvir.

A porta se abria num cômodo grande. As pessoas que falavam estavam fora de sua linha de visão, talvez um pouco à sua direita. A distância e o efeito das cortinas e das paredes, que abafavam o som, fazia com que fosse impossível entender o que diziam, mas os tons e cadências lhe eram familiares. Ele já ouvira estas pessoas antes. Ele sabia que não fora em um local tão luxuoso quanto este esconderijo tão bem arrumado, mas não conseguia identificar quem eram. Curioso, avançou para a parte iluminada a fim de dar uma olhada.

Três homens olharam para ele, espantados em ver Sam. Dois estavam sentados e um estava de pé junto às grandes janelas que davam para a floresta. O homem de pé era totalmente desconhecido, mas os outros dois não.

Um dos homens sentados estava quase que totalmente voltado para Sam e ele interrompeu sua frase no meio. Sam tinha falado com este homem uma única vez, mas a pele cheia de marcas de varíola e sobrancelhas cheias, quase inteiriças, estavam gravadas em sua mente. Era Castellano, o enigmático habitante do submundo de Seattle que Sam encontrara durante sua aventura acidental com os shadowrunners de Tsung.

O outro estava sentado quase que de lado. Sam pôde ver suas orelhas pontudas de elfo e os pinos cobertos de sua conexão de dados e duas conexões de chips em sua têmpora esquerda depilada. Mesmo antes de o elfo se voltar, o cabelo branco e a roupa de couro preto disseram a Sam se tratar de Squivo, o fusor de Tsung.

Outro homem entrou de uma sala lateral, ao longo da mesma parede onde ficava o quarto de Sam. Não lhe veio à lembrança nome algum, mas

Sam o reconheceu como o homem de suas lembranças recentes. Um lobo caminhava ao lado dele. O animal parecia à vontade e aparentemente não se importava que suas garras pisassem na madeira do soalho e não na terra da floresta. O animal percebeu Sam na porta do quarto e correu para ele. Sam se curvou para ficar na altura do animal, reconhecendo-o também.

- Freya?

O animal virou a cabeça ao ouvir seu nome e lambeu seu rosto.

- Ela morde - disse o homem sem nome com o rosto familiar.

- Tudo bem. Ela não vai me morder.

Como se entendesse estas palavras, Freya afastou-se de suas mãos e as mordiscou antes de se submeter novamente aos carinhos de Sam. Os outros na sala observaram a cena sem qualquer comentário. Quando Sam finalmente olhou para eles, viu que todos o observavam. O olhar de Castellano era duro, mas os olhos de Squivo brilhavam de prazer. Os outros eram indiferentes.

- Senhor Empresa - disse Squivo. - Que bom ver você acordado e refrescado com a soneca. Nós temíamos que você estivesse gravemente ferido. Venha se sentar perto do fogo e nos conte como veio parar tão longe de casa.

Sam fez um último afago em Freya e depois caminhou, sentando-se onde o outro indicara. O lobo o seguiu e deitou-se a seus pés, de costas para o fogo. Sam olhou para o animal, tentando ganhar tempo. Ele não tinha certeza do que dizer. Estas pessoas possivelmente salvaram sua vida, de modo que lhes devia alguma coisa. Mas não fazia a menor idéia de onde se encontrava.

- Afinal, por que você estava correndo sem rumo pela floresta? - Squivo perguntou.

- Deixei a Renraku. Agora estão tentando me matar.

- O quê?

- A patrulha da fronteira. Eles me chamam de renegado.

- Você ainda está desnorteado devido à experiência que sofreu e apresenta sua explicação de modo muito ruim, senhor Empresa. Você nunca

foi membro da patrulha, então não pode ser um renegado.

- Não. A empresa. Squivo riu sem acreditar.

- As empresas não impõem pena de morte a simples fugitivos. Esta é uma punição muito braba. E para caçá-lo aqui no Tir... é inacreditável.

Castillano bateu com a mão no braço da cadeira.

- Em que mais você se meteu?

- Nada - disse Sam, confuso com a indagação.

- Mentira. Muito alvoroço.

- Na verdade, houve um grande alvoroço e sua história não bate com isso. Deve haver mais alguma coisa. Senhor Empresa, é melhor nos contar quem quer matá-lo.

Sam sacudiu a cabeça.

- Na verdade não sei.

- Talvez seja melhor contar como chegou aqui tão longe e contar tudo.

Sam assentiu. Seria melhor ir direto ao assunto. Falar com estas pessoas poderia talvez o ajudar a se encontrar também. Hesitante a princípio, começou a falar sobre sua crescente insatisfação com a Renraku e o desejo frustrado de encontrar sua irmã, que levaram a tomar a decisão de deixar a arqui-sede e a empresa para trás. Ele recontou a extração e seu final desastrosos mas omitiu os nomes de todos os participantes, exceto o de Hanae.

- Então vejam vocês - ele concluiu - na verdade não sei o que está acontecendo. Mas não estou muito longe de casa. Não tenho mais uma casa.

- Um relato lamentável - Squivo disse de modo simpático.

- Tudo muito no ar - Castillano sentenciou.

O elfo dirigiu um olhar de aborrecimento para o homem.

- Acho seu veredito duro. Sua intenção é falar mal do seu hóspede?

Castillano deu de ombros. Squivo voltou-se para Sam.

- Recebi informações quentes de amigos rurners de Portland. Eles falaram de um prêmio da Renraku pela captura ou eliminação, preferencialmente esta última, de um par de empregados renegados que roubaram alguns valiosos segredos técnicos da companhia.

- Não sei sobre o que você está falando.

- Disseram que estes renegados foram extraídos por um bando de shadowrunners e levados para o sul. Supostamente, estavam pensando em penetrar ilegalmente na fronteira do Tir Tairngire. - O elfo parou por um instante. - Este é apenas um pequeno dado para checar se as descrições dos renegados batem com a sua e a da sua companheira.

- Isto não faz sentido. Não apanhamos coisa alguma, a não ser objetos pessoais. - Sam sacudiu a cabeça, perplexo. - Talvez o outro sujeito tenha apanhado alguma coisa.

- Outro sujeito? - Castellano perguntou.

- Senhor Empresa, você não mencionou nenhum outro sujeito.

- Bem, havia outro empregado sendo extraído ao mesmo tempo - disse Sam.

- Os runners falam apenas em você e na mulher.

- Bem, havia outro sujeito e ele deve ter apanhado alguma coisa. Os elfos disseram que havia uma coisa hi-tech/no furgão onde ele estava. Ele também está morto.

- Elfos? - O tom de voz de Castellano indicava nitidamente que esperava um esclarecimento.

Sam explicou o que ele tinha visto e ouvido da patrulha da fronteira. O rosto de Castellano permaneceu impassivo, mas Squivo pareceu preocupado.

- Parece que as palavras do dragão para as autoridades do Tir Tairngire eram levadas a sério.

- Um dragão? - Sam perguntou, subitamente suspeitando.

- Que tipo de dragão? Squivo deu de ombros.

- Qualquer que seja a forma, eles são sempre problema. Você sabe, Castellano?

- Serpente emplumada. Jovem.

- Tessien. - Sam tinha certeza disso.

- Você tem conhecimento deste animal?

- Temo que sim, se for o mesmo. - Quantos poderia haver? - Era tido como o parceiro de Roe.

Squivo encostou-se à menção do nome dela e até Castellano piscou. Sam não sabia o que inferir com as reações deles, mas tinha certeza de que não iria gostar da explicação.

-Roe?

- Sim. A mulher que arranhou a extração. Você a conhece?

Squivo e Castellano trocaram olhares. O intermediário assentiu de leve, mas foi Squivo quem falou. - Há alguém com um pouco de reputação entre os runners. Esta Roe era uma elfa com um cabelo de platina e roupas caras?

- Ela se encaixaria nesta descrição - Sam confirmou.

- Roe, naturalmente, não é seu verdadeiro nome - disse Squivo. Parecendo preocupado, ele se recostou em sua cadeira. - Esta pessoa das trevas de quem eu falava - há boatos de que ela se juntara a um dragão em algumas de suas mais recentes ações. Este dracomorfo é conhecido como Tessien. Eu acho, senhor Empresa, que não pode haver duas elfas associadas com dracomorfos chamados Tessien. Muito provavelmente, sua dama elfa é a notória runner mais conhecida como Hart.

- Não quero problemas com Hart. Terno, você tem de ir.

- Não precisamos ter pressa, senhor C. Parece que os guardas da fronteira acreditam que o seu hóspede está morto. Hart e seu empregador têm a mesma informação. Ninguém virá atrás.

Castellano sacudiu a cabeça.

- Risco desnecessário.

- Na verdade, você se preocupa demais, senhor C. Sua empresa vai permanecer sem problemas.

- O que vocês estão fazendo aqui? - Sam perguntou.

- Você tem que aprender boas maneiras, Terno.

- Desculpe. Pensei que você fosse um intermediário. Isto não é coisa da cidade?

-E daí?

Squivo falou, num tom suave, uma desculpa pela grosseria do intermediário.

- O senhor C está engajado num nobre e caridoso serviço, senhor Empresa. Ele faz com que os que têm uma abundância de pequenas coisas valiosas passem seu excesso a quem tem carência destas coisas, mas tem dificuldade em lidar com certos problemas arbitrários, problemas políticos de fronteira.

- Você fala demais, elfo.

- Vamos, vamos, Santo Anfitrião. Eu acredito que nosso amigo aqui é confiável e sério. Não vai revelar nenhum dos nossos segredos, porque isto seria trair a confiança de seu anfitrião e o senhor Empresa dá muito valor à lealdade.

- Muitas bocas, muita conversa. - Castellano cocou a palma da mão esquerda. - Não quero problemas extras.

- Não quero lhe causar isto - Sam lhe garantiu. - Não vou dizer coisa alguma. Mas preciso da sua ajuda. Quero voltar ao metroplexo.

- Tem algum plano?

- Acho que voltar para a Renraku. Tudo isto é muito louco. Não vejo outra saída para resolver isto.

- Tem muito que aprender.

- Tenho de fazer alguma coisa. Pelo que você disse, alguém, ou Roe, quer dizer, Hart, ou quem quer que seja atrás dela, deliberadamente me marcou para ser morto. Esta mesma pessoa me deixou arrastar uma mulher inocente para seu complô. Foi culpa minha Hanae ter morrido e preciso

fazer alguma coisa para corrigir isto. Eles são assassinos e quero que paguem pelo que fizeram.

- Muito nobre.

- Não zombe deste homem, senhor C. Ele foi enganado e seu coração pede vingança. Será que você entende de vingança?

- Entendo de negócios. - Castellano esfregou as duas palmas das mãos. - Isto é mau.

- Eu pagarei - Sam ofereceu desesperadamente.

- O quê? - Castellano perguntou de modo monocórdio. - Você não tem crédito, não tem dinheiro, não tem ouro. Somente um monte de fotos antigas e alguns chips.

- Pode ficar com os chips. Os programas persona valem alguma coisa.

- Muito arriscado. Têm códigos associados a eles.

- O senhor Empresa oferece tudo o que ele tem, Castellano. Logicamente que isto vale alguma coisa.

- Apelando para minha natureza humana, elfo?

Squivo sorriu sem achar graça. - Chame como quiser. Se você não ajudar, eu ajudo. De repente sinto mais mérito nos desejos dele do que no atrativo de sua oferta.

- A perda é sua, elfo - Castellano levantou-se. - Tem algum crédito chegando. Fique por sua conta.

- Sua honra está intocada, senhor C.

- Faça o garoto deixar os chips limpos antes de vocês partirem.

Castellano fez um sinal para seus homens e todos eles se dirigiram para uma outra sala. Freya deu um olhar para Sam, que ele interpretou como sendo de simpatia, antes de se levantar de diante da lareira e seguir atrás deles. Sam achou ter ouvido o elfo acrescentar suavemente: - Mas sua caridade não.

Pouco antes de sumir na outra sala, Castellano disparou um último tiro por sobre o ombro.

- Fique com a Bíblia, garoto. Vai precisar dela.

## 21

"Missão da Rua Oito", dizia o cartaz.

As letras apagadas e manchadas tiveram dias melhores, assim como o prédio de tijolo, danificado e cheio de rachaduras a que a placa dava nome. Todas as janelas de baixo estavam cobertas com plástico opaco atrás das grades enferrujadas, arqueadas e agora, obviamente, desnecessárias. Pichações em sucessivas camadas para sugerir gerações de artistas da periurbe dava uma turbulenta vestimenta à estrutura centenária. Um símbolo na parede, ao longo da escada para a entrada principal, estava bem vivo, como se ele se destacasse das demais pichações. Sam jamais vira o desenho do cardo com o aro em volta, mas achou que o emblema proclamava o prédio sob a proteção da gangue de rua local.

A missão era uma peça com suas cercanias. Embora a maior parte de Portland tivesse sido reconstruída, esta parte ainda estava no pré-Despertar. Era apenas um bairro pobre que ficava incrustado na ponta do revitalizado centro em que a arquitetura neo-elfa, com suas curvas graciosas, desenhos excêntricos e arquitetura ambientalmente integrada, dominava a paisagem que pareceria estranha ao homem do século anterior. Mesmo para Sam, os prédios ao estilo elfo pareciam inconfortavelmente diferentes dos edifícios de linhas retas ou das moradas improvisadas das grandes periurbes. As formas e os perfis escolhidos pelos arquitetos elfos pareciam proclamar as glórias do Sexto Mundo e festejar a restauração da magia na Terra. Sam ficara aliviado quando ele e Squivo finalmente chegaram às partes antigas de Portland e os cumes elfos ficaram longe da vista. Apesar de ter crescido nos seguros enclaves da empresa, as ruas desordenadas e a perturbe sombria faziam com que ele se sentisse mais à vontade.

Squivo subiu na frente as escadas da missão e entrou no grande salão que tomava mais da metade do nível da entrada. A porta aberta e as janelas sujas mal deixavam entrar a luminosidade daquela metade de manhã para reduzir a escuridão. Lâmpadas espalhadas queimavam fracamente

numa patética tentativa de compensar, enquanto um fedor de humanidade desesperadora e rompida era forte. Sucessores do miasma estavam espalhados pelo cômodo, muitos afundados ou enrolados num sono intermitente. Alguns estavam sentados no mobiliário gasto e sem combinar da sala, enquanto outros conversavam num fluxo contínuo, com ou sem alguém p^ara lhes escutar. Os velhos e os que não envelheciam em sua sujeira compartilhavam a caridade da missão ao lado de jovens e maltrapilhos desabrigados. Os ocupantes da missão eram um grupo de sujos e fedorentos, mas somente aqueles nos últimos estágios do vício em chips pareciam mal nutridos. Movendo-se solicitamente entre estes refugiados das ruas, estava um homem grande com um traje preto. O peito da sua camisa brilhava com o branco de um colarinho romano, identificando-o como um sacerdote.

- Padre Lawrence.

O sacerdote voltou-se ao som de seu nome. Seu rosto era largo, bem de acordo com seu corpo. Na testa havia uma grande verruga, mas no geral suas feições eram agradáveis, embora um tanto grosseiras. Sob aquela fraca luz ele pareceu ter uma leve palidez. Somente quando sorriu, Sam viu os caninos desenvolvidos que revelavam que o padre era um ork. Uma expressão suave do complexo gene ork, talvez, mas definitivo.

- Squivo - o sacerdote disse com evidente prazer ao reconhecer o elfo. - Não sabia que você estava na cidade.

- Pra falar a verdade, padre, esta é uma boa notícia. Se o senhor não sabia, então ninguém sabia.

O padre riu com satisfação.

- Você exagera, como sempre. Mesmo assim, tenho de falar com algumas pessoas.

- Não é uma coisa desagradável, aposto.

- Não. Não. Mas a gente deve sempre saber para que lado o vento sopra. Respar sallah tishay a imar makkanagee-ha. Hein?

Squivo ergueu a cabeça e deu um olhar admonitório ao padre.

- Poucos dos seus superiores falam sperethiel. O que o senhor tem feito?

- Obras de Deus, como sempre. - Padre Lawrence disse, espalmando as mãos para englobar toda a missão.

- Deus ainda lhe permite cuidar de criminosos, então?

- Criminosos, cidadãos, nobres, até paladinos e shadowrunners são filhos Dele. - Embora suas palavras fossem pedantes, a voz do sacerdote sustinha uma convicção firme e honesta. - É aos pecadores que devemos abrir nossos corações, pois onde está o mérito de amarmos aqueles que já detêm a graça Dele, rejeitando os que necessitam de ajuda? Deus sempre atende às causas justas.

- Como é o caso deste homem, padre. Viemos como suplicantes em busca de cama e repouso. O senhor pode chamar meu amigo - Squivo fez uma pausa e ficou com expressão pensativa, e depois seu rosto se iluminou de modo travesso quando lhe surgiu a inspiração - Mobile.

O sacerdote olhou Sam de cima a baixo, seus olhos captando os detalhes da atitude e da aparência de Sam e avaliando tudo num instante. Quaisquer que tenham sido as conclusões a que ele chegou, ficaram escondidas atrás de seu pronto sorriso. Padre Lawrence estendeu a mão e apertou a de Sam de modo vigoroso. - Bem-vindo à missão, Mobile. Todo amigo de Squivo tem um lugar aqui.

- Obrigado.

- Você é cristão?

- Sim. - Sam sentiu-se obrigado a acrescentar: - Mas não sou católico, padre.

- Isto pode ser remediado com boa vontade e fé, mas não vai me ver ser agressivo por causa disso. Todos os que respeitam as regras e a paz desta casa são bem-vindos aqui. O bom Senhor dá como Lhe é servido. Logicamente que Ele compreende que cada um de nós dá de acordo com nossa capacidade.

Respondendo ao olhar de expectativa do padre Lawrence, Squivo disse: - Ah, padre, nossa atual aventura come mais a sobremesa do que faz distribuição.

- Nunca tive motivos para reclamar de sua generosidade, Squivo. Vou confiar numa doação posterior, enquanto rezo para o sucesso de vocês.

- Se as boas-vindas dele significavam menos do que isto, o sacerdote não deu sinais. - Você conhece o caminho, Squivo, e há quem precise mais de minha atenção no momento. Tenho certeza de que você se cuidará e cuidará de seu amigo.

Squivo levou Sam pela sala e chegou até a cozinha, onde dois potes estavam começando a borbulhar, sobrepondo-se ao cheiro de antisséptico e ao odor penetrante de pena de bicho com o aroma fresco de sopa. Eles tomaram uma escada rangendo até o porão. Quando chegaram lá embaixo, o mofo tomou conta das percepções olfativas de Sam.

Serpenteando por um caminho através de pilhas bolorentas, empoeiradas de sabe-se lá o quê, Squivo movia-se sem dificuldade na escuridão. Somente ficando perto o suficiente para captar o brilho do couro que o elfo usava, Sam tinha certeza de não se perder de seu guia. Quando Squivo parou, Sam quase esbarrou nele. Um momento depois, ele sentiu uma lufada de ar fresco quando o elfo o levou para uma região mais escura ainda. Um leve ruído anunciou o fim dos limites odoríferos do porão, quando a porta escondida do compartimento se fechou atrás deles.

Uma suave luz vermelha chegava até eles. Em seu brilho, Sam pôde ver Squivo largar o interruptor que acionara e atravessar o cômodo para se jogar numa cama que rangeu em protesto por seu peso.

- Fique à vontade.

Sam olhou ao redor. Não havia muito mais que um balcão e dois armários, além da cama de que o elfo tinha se apoderado. Num canto escuro ele descobriu uma velha cadeira de dobrar. Apanhou a cadeira fraca e sentou-se ao contrário, repousando os braços sobre o encosto. - E agora?

- Isto, senhor Empresa, depende de você. Eu lhe trouxe a um local seguro para descansar, pensar e talvez planejar. Já se decidiu por algum plano?

- Não exatamente. Mas pensei sobre o que você falou a respeito de voltar. Acho que você tem razão; não seria muito brilhante. Pelo menos até eu saber mais.

- Então você não vai ser makkanagee afinal de contas?

- Não ser o quê?

- Makkanagee. Propositadamente ou maliciosamente estúpido.

Sam sacudiu a cabeça de modo pesaroso.

- Já fui estúpido demais, mas com certeza não era deliberadamente.

Squivo ergueu uma sobrancelha mas não disse coisa alguma. Sam não sabia o que dizer sobre aquilo, de modo que os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Ele sabia que o elfo estava certo. Precisava de um plano se quisesse fazer alguma coisa eficaz, mas primeiro tinha de saber quem era ou quem eram os seus inimigos.

- Se eu puder entrar na Matriz Renraku, acho que posso conseguir algumas respostas.

- Como você pensa em fazer isto?

- Ainda tenho aqueles chips persona que Castellano não quis. Se eu tiver acesso a um terminal, posso entrar no centro de processamento de dados.

- Eles devem ter mudado os códigos de acesso.

- Acho que sei um modo de contornar isto. Jiro uma vez me mostrou uma porta traseira que ele disse ter sido colocada ali por um dos projetistas do sistema. Se eu chegar à Matriz posso entrar no sistema Renraku.

- E quantas pessoas sabem disto?

- Jiro disse que o tecnauta que lhe contou era o único que sabia, porque o projetista tinha morrido num acidente de avião.

- Ah. O segredo de um tec passou para apenas um discípulo escolhido. Então apenas algumas centenas de usuários de computador devem saber disso, inclusive os sentinelas da Matriz Renraku que circulam. Mesmo que esta fosse uma forma de entrar, seus chips estão marcados.

- Castellano disse isto. O que isto significa?

- Puxa, você é realmente inocente sobre as formas da Matriz, apesar da sua conexão de dados. Uma etiqueta é um conjunto complexo de instruções codificadas num chip. Isto faz com que qualquer instrução executada através daquele chip deixe uma marca identificável em qualquer

programa em que toque. Se você usar aqueles chips como eles estão, deixará pegadas muito grandes em todos os locais da Matriz onde você for.

- Então é inútil.

- Nada. Eu não disse isto. Mas você deve estar consciente dos perigos que enfrenta antes de tentar entrar sem autorização num sistema tão perigoso quanto o da Renraku. Quanto às etiquetas, posso retirá-las dos seus chips se você deixá-los aos meus cuidados.

- Permanentemente. Squivo riu.

- Não preciso dos seus chips, já que os meus são muito superiores. Que atrativo tem um mestre da Matriz por programas persona de algum neófito?

Sam estava excitado.

- Então você vai me ajudar a entrar no sistema Raku?

- Se esta tal porta dos fundos for boa, sim. Mas experimentar isto agora seria loucura, pois você não tem experiência nestas tarefas e seria gelado antes que introduzisse o código de acesso. Caminhar incógnito em uma central de processamento é um pouco mais complicado do que realizar suas tarefas de assalariado, senhor Empresa. Precisarás de prática.

- Como eu começo?

- Fantasma falou certo sobre você. Você tem mesmo coragem. - Squivo levantou-se da cama e abriu um dos armários. Apanhou um teclado e soltou o cabo de força para que pudesse colocá-lo sobre o balcão. Passou o fio de dados a Sam. - Aqui está um Allegiance Beta. Como neuroterminal é antiquado, mas deve funcionar adequadamente para um principiante como você, especialmente enquanto estiver sob a orientação de um mestre. Eu vou lhe dar o código de acesso da Matriz para um sistema seguro. Você pode tentar ir contra isto por algum tempo para ver o que consegue. O sistema não é muito complicado, mas tem gelo.

Sam, que começara a estender a mão para pegar o fio de dados, recolheu a mão à menção de gelo.

- Nada perigoso - garantiu-lhe Squivo. Mas vai precisar que tenha alguma experiência. Enquanto você estiver fazendo isto, eu trabalho nos

seus chips.

Sam passou-lhe seus chips persona antes de ajustar o cabo de dados do neuroterminal Allegiance em sua conexão de dados. Ele observou Squivo desembulhar seu próprio teclado, um modelo muito mais sofisticado, e uma ferramenta microtrônica do saco que carregava nas costas. O elfo fez este trabalho bem antes de Sam ter coragem de ligar o Allegiance em si.

Depois de diversas tentativas frustrantes, mas cada vez mais bem-sucedidas, ele finalmente fez a ligação. Sua cabeça latejou, mas ele estava exultante. Tinha, enfim, conseguido arrancar alguma informação dos arquivos de dados do sistema. Squivo estava certo. Havia muito mais controles para invasão não autorizada do que ele imaginara. Ele massageou as têmporas e se esticou.

- Teve algum êxito?

- Consegui um arquivo de dados.

- Muito bom para uma primeira tentativa, senhor Empresa. - O rosto do elfo demonstrava preocupação. - Mas você não deveria ter se esforçado tanto.

- Não se preocupe comigo. Tenho sempre dor de cabeça quando acesso a Matriz.

- Tem? Que estranho.

## 22

- Lembre-se: você não está ainda preparado para isto. Portanto, tente não se afastar.

- Sei disso e vou tentar. - A cabeça de cromo balançou em assentimento, imitando a ação de seu controlador. Não havia motivo real pra o ícone fazer isto. Nenhum programa fora executado, nenhum comando dado. O movimento era um artefato da alucinação consensual que permitia

que a mente humana funcionasse no espaço distante da Matriz. - Gosto disto, Squivo.

- Suas palavras se confirmarão apenas se você se comportar como um estudante astuto e atento. - Squivo encolheu-se. O professor teria rido ao ouvir suas palavras. Embora seu mentor tivesse usado umas palavras um tanto diferentes, a intenção era a mesma. Teria o velho elfo sentido as mesmas emoções que tomavam conta de Squivo agora? O medo de que as nascentes habilidades de seu aluno fossem insuficientes lutava com a necessidade de que ele se firmasse sozinho. Havia uma chance muito significativa de que Sam fracassasse desastrosamente nesta ação. E a culpa seria de Squivo por não ter exigido um último treinamento, insistindo num procedimento até que ele virasse reflexo. Ou poderia ser falha dele descrever alguma habilidade aparentemente óbvia da atividade que levasse Sam a cometer um erro e a pagar com sua vida ou sua integridade. Se tivesse havido mais tempo, Squivo poderia tê-lo treinado melhor, mas tempo, mesmo para um elfo, podia ser um inimigo mais implacável do que o mais terrível gelo. Não havia mais tempo. Sam, pronto ou não, não esperaria mais.

Ansioso em relação à capacidade de seu aluno, Squivo não poderia deixá-lo enfrentar a Matriz sozinho. Não contra o poderoso e quase certamente hostil Sistema Renraku. Mesmo sem o gelo, Sam seria uma presa fácil para os tolos caça-tecs que reviravam o sistema. Sem a experiência de Squivo, Samuel Verner, tecnauta neófito das sombras, provavelmente ficaria com seus miolos fritos.

Squivo foi na frente. O caminho deles passava pelas linhas de fibra ótica até as antenas escondidas no andar superior da igreja, depois por ponte de microonda até uma ligação com o satélite. Eles desviaram através das conexões da teia regional de telecomunicação e foram irradiados até Seattle. Penetraram pela teia local de telecomunicação para pairar numa caixa de junção no Armazém Dez. O sistema administrativo que eles invadiram era um cliente pequeno da Renraku Corporation. A Matriz da aqui-sede era apenas um passo adiante, isolado, bem protegido.

Eles não perceberam a viagem assim. Para suas percepções limitadas à Matriz, eles simplesmente entravam e saíam de seus sistemas domésticos e, segundos depois, ficavam aos pés de um enorme ícone

piramidal. Seu preto intenso, fosco, era marcado por um disco de azul brilhante que regularmente pulsava num anel crescente de neon refulgente. O anel se expandia até atingir a borda da construção e outra onda era desencadeada. A primeira continuava a se expandir, desaparecendo quando a superfície plana não podia mais contê-la, deixando que segmentos em arco crescessem até que se engolissem pelas extremidades mais distantes da superfície da construção.

- Acione o utilitário de máscara - Squivo instruiu.

Ele digitou o seu próprio, sabendo sem ter necessidade de olhar, que seu ícone normal, uma pequena criança de ébano com uma capa brilhante de prata, fora recoberto com uma simulação do ícone do tec padrão da Renraku. A imagem da Matriz que Sam possuía, tendo sido originalmente um destes ícones, passou por uma mudança menos visível. As feições faciais tornaram-se anuviadas e regulares depois que os símbolos empresariais copiados e as marcas de identificação surgiram.

Os distintivos, nascidos no ícone de Sam, estavam levemente manchados, escurecidos, como se tivessem sido um pouco queimados. Com mais tempo, Squivo poderia ter feito melhor, mas ele tinha de produzir cópias não registradas das autorizações de acesso da Renraku que fossem imperfeitas. Embora não fossem garantidos, seus disfarces deveriam passar pelo escrutínio da programação comum antiinvasores.

- Está na hora de vermos se a sua porta dos fundos realmente nos dá entrada para o castelo.

- Squivo, acho que não devo deixar você ver o código.

- Este é um lugar cujos caminhos secretos eu já pisei antes.- Mas você entrou sozinho, então. Eu não estava abrindo a porta. Eu...bem, não parece correto que eu devesse. Mesmo agora. E se estivermos enganados e a Renraku não tiver nada a ver com os assassinatos? Seria errado eu espalhar este segredo.

- Siga sua consciência, senhor Empresa.

- Eu só queria que você compreendesse.

- Vamos continuar nisto?

- Tudo bem.

O ícone de Sam moveu-se para a frente. Eles flutuaram para o alto até estarem planando sobre um vértice da pirâmide, a cerca de um terço do ápice. Sam colocou sua mão no ponto em que um arco correndo ao longo do vértice revelou uma ligeira descoloração. Antes de a próxima onda atingir aquele ponto, o ícone de Sam ficou entre o ícone de Squivo e o ponto de contato com a pirâmide. Quando a onda passou, o leve lampejo de um contorno apareceu na superfície da construção Renraku.

Squivo abriu os olhos. Geralmente não havia coisa alguma a olhar enquanto se digitava. Seu olhar se desviou para onde os dedos de seu companheiro digitavam senhas no neuroterminal Allegiance. Os dedos de Squivo digitaram uma sequência idêntica em seu próprio teclado Fairlight. Quando os dedos de Sam pararam seu movimento frenético, os de Squivo digitaram mais uma tecla, e a sequência ficou armazenada na memória de seu teclado.

Parte do preço, ele pensou. A senha era um dado muito valioso para ser negado a ele pelos escrúpulos de Sam. Ele redirecionou toda a sua atenção para a Matriz.

Eles entraram no complexo Renraku em um nó escravo que era o controlador de um grupo de elevadores. Tal nó não deveria ter permitido o acesso ao sistema, mas aquilo era, afinal de contas, uma porta dos fundos. A aparência era a de uma sala de guarda. Suas paredes lisas iluminavam-se esporadicamente quando os elevadores funcionavam. Um samurai dormia num canto da sala imaginária, sua armadura de neon frouxa. Como os elevadores só ligavam um pequeno trecho de andares em áreas de segurança mínima, o guardião só seria ativado em caso de alerta.

A ação de repente mostrou-se um pouco mais exequível. Se a Renraku estivesse realmentelmais conturbada por causa de um roubo de grande tecnologia, todo o sistema estaria em alerta. Mesmo aqui, o guarda estaria acordado para observar os elevadores físicos e relatar os invasores à segurança. Tal atribuição de monitoramento era geralmente considerada supérflua num nó sem importância como este, mas a presença de um gelo era um indicador da perfeição da Matriz Renraku. Pelo menos esta era a mais razoável conclusão se se partisse da premissa de que a segurança da Matriz não sabia sobre a porta dos fundos. Squivo não pensou que fosse

provável este desconhecimento. Ele certamente não gostaria de colocar sua cabeça a prêmio.

Embora o guarda estivesse dormindo e tudo parecesse em paz, mesmo assim poderia ser uma cilada. Se os programas deles não estivessem escondendo de forma bem-sucedida as suas identidades a programação de contramedidas poderia ser sofisticada o bastante para apresentar uma imagem pacífica até que os tecnautas invasores pudessem estar tão fundo dentro do sistema que escapar seria impossível. Os tecnautas da empresa já poderiam estar acionados para caçá-los ou um rastreador poderia estar seguindo o sinal deles para detectar sua localização física antes de acionar uma equipe de ataque. Squivo não sobrevivera a anos como tec dos shadowrunners sem cautela. Mas ele tinha alguma experiência com esta Matriz empresarial específica e não achou nada que indicasse que as coisas não estavam como pareciam. Um tanto seguro, ele acenou para que Sam prosseguisse.

Sam à frente, eles deixaram o nó de controle de elevadores e entraram nos caminhos etéreos que conectavam os componentes à Matriz interna. Na completa escuridão, subsistemas brilhavam como estrelas distantes de geometria arcana, enquanto pulsações de dados corriam feito cometas por aquele céu subjetivo. Diante e atrás deles, o próprio caminho desaparecia, deixando-os seguindo num sinal luminoso insubstancial que vinha do nada e ia para o nada, até chegarem ao próximo nó.

Durante o trânsito, Squivo reparou que o ícone de Sam movia-se com dificuldade. Seu rosto se franziu quando ele tentou compreender o fenômeno. Ele não vira coisa alguma na programação de persona que indicasse tal interpretação visual do construto. Depois de terminada a ação, teria de reinspeccionar os chips.

À medida que o boneco de cromo claudicante o levava nó após nó, a confiança de Squivo aumentava. Ele começou a se sentir seguro de que realmente não havia qualquer alerta. Eles tinham encontrado apenas um tec da empresa circulando, e os programas de Squivo os esconderam dele. Se houvesse um alerta acionado, eles não teriam passado por três nós sem esbarrarem em algum caçatecs. Esta seria, afinal de contas, uma ação fácil.

Finalmente, eles atingiram o objetivo de Sam, um banco de dados de arquivos médicos sobre bens não-humanos. Assim que soube disto, Squivo

questionou a importância destes dados para a investigação deles. Os arquivos pessoais, embora mais difíceis de serem penetrados, não seriam mais úteis para identificar se a serpente alada trabalhava para a Renraku? Sam garantiu-lhe que a Renraku classificaria um Dragão, mesmo um senciente, como um bem e não como um empregado. A distinção era uma tolice para Squivo, mas ele não era japonês como os diretores da Renraku. Os orientais às vezes tinham idéias diferentes sobre como o mundo funcionava. Ele viu muito destas atitudes divergentes em Sally Tsung, e ela era apenas meio-oriental.

As paredes do arquivo de dados eram espiraladas com caracteres alfanuméricos. Símbolos apresentavam cores diferentes e dançavam em velocidades variadas, o desenho complexo e sempre variando. A imagem representava os sistemas de código que impediam o acesso não autorizado. O ícone de Sam ficou paralisado.

- Acho melhor você cuidar disto. Eu posso disparar um alarme.
- Tecnomancia do tipo mais simples. Fique observando.

O ícone de Squivo arrancou sua máscara e uma mão ebúrnea moveu um estojo de ourofosco. Dedos finos abriram a tampa e delicadamente retiraram uma ferramenta. Ajoelhando-se diante da bruxuleante parede de alfanuméricos como se estivesse diante de um cadeado, Squivo inseriu o instrumento afilado no fluxo. Depois de alguns minutos de ajustes, ele escolheu outra ferramenta, enfiando-a no fluxo para usá-la com a primeira. Um cuidadoso movimento de torcer o punho e os símbolos diminuíram as pulsações de suas cores, tornando-se maiores. Outra torção e eles diminuíram ainda mais e mais até que paralisaram.

- Que arquivo, senhor Empresa?
- Preciso examiná-los.

O ícone de Sam avançou para a parede e colocou a mão na aparentemente sólida luz. A cabeça de cromo pendeu, como se estivesse numa profunda concentração, e nomes de arquivos piscavam brevemente enquanto um fogo mágico corria diante deles. Depois de um instante, o brilho se firmou e iluminou com maior destaque um deles.

- Este.

O garoto ebúrneo assentiu e ajustou os ângulos de suas ferramentas. A parede se moveu novamente, sequências ondulando até que o código escolhido ficou no nível das mãos dele.

Guardou as ferramentas em seu estojo, que desapareceu sob o manto.

Squivo estendeu a mão até a parede. Ela desapareceu na luz como se cortada na altura do punho. Depois de um instante, ele a retirou. Segurava um grosso livro verde. Squivo folheou as páginas apressadamente.

- Não há serpentes. Sam suspirou.

Squivo jogou o livro de volta através da parede e bateu duas vezes no código do arquivo que brilhava. Os alfanuméricos da parede retomaram sua corrida louca, mas sua clareza estava reduzida.

- Squivo, acho que seria melhor sairmos daqui.

- O que é isto?

- Não sei. Acho que podemos estar nos arriscando sem necessidade.

A suspeita de Squivo foi despertada pela súbita preocupação de Sam, uma indicação de que ele estava escondendo informação. Ele reativou seu programa de disfarce.

- Muito bem, eu vou na frente. Assim poderemos ir mais depressa.

Eles realmente moveram-se mais depressa, refazendo o caminho em direção à saída, até que Squivo deteve-se de repente. Ele olhou estupefocado para as paredes do nó em que tinham acabado de entrar. Placas verticais de espelho refletiam seus ícones à infinidade. Isto era estranho, sem precedentes. O que tornava aquilo pior era que o reflexo de Squivo mostrava o contorno de um menino agachado sob um tremeluzente manto, e as marcas do boneco cromado de Sam eram sulcos escuros na superfície lisa. Squivo ficou apreensivo. Ele jamais encontrara coisa alguma como este nó em todos os seus anos de shadowrunning na Matriz.

Os dedos voaram sobre o teclado, improvisando programas para analisar a natureza do hardware em que os programas deles estavam operando.

Programas de análise receberam sinais de erro fatal e novas instruções foram inseridas num ritmo frenético: ignore e execute, aguarde para execução.

Ele percorreu a sala, arrancando as mãos de Sam de sua posição acima do neuroterminal Allegiance. Ele teclou o código de fuga e apertou "Executar".

Os bonecos de cromo em reflexos distantes desapareceram. As imagens continuaram sumindo em planos cada vez mais próximos, a um ritmo sempre mais acelerado. As últimas imagens desapareceram e, com um estalido, o ícone de Sam desmaterializou-se do nó.

Squivo estava sozinho com o que se movia nos espelhos.

Como ele sabia não estava seguro, mas estava certo de que os espelhos estavam chegando mais perto.

Seu dedo bateu na tecla "Executar".

Seus próprios reflexos começaram a fuga de desaparecimento. A presença reagiu, movendo-se mais para perto também, acelerando os Squivos que desapareciam. Sua máscara de cromo caiu, o garoto ebúrneo correu pela sala como se mover o próprio ícone pudesse dar a seus reflexos a velocidade de que necessitavam para fugir da presença. Ele sentiu o outro se aproximando, mas não ousou olhar para trás. Estava quase sobre ele quando o último reflexo desapareceu.

Zás.

Ele estava ofegante e banhado em suor, mas estava seguramente de volta ao mundo real. Retirou o cabo de sua conexão. Ele estava olhando para ele, espantado. Não sabia o suficiente para ficar espantado.

- O que foi isto?

- Sei lá. Nunca vi nada como isso antes. Na verdade, por tudo o que eu sei, era impossível.

- Mas você nos tirou de lá, de qualquer modo. - Sam retirou sua conexão e a jogou sobre o balcão. - Acho que não importa o que era aquilo. Conseguimos o que queríamos e agora que saímos com segurança não poderão nos seguir.

- Parece que não.

- A dor de cabeça vale a pena. Agora tenho certeza de que a Renraku não ordenou os assassinatos. Se a serpente emplumada estivesse trabalhando para eles, seus dados médicos estariam naquele arquivo.

- Podem ter contratado ela só para o caso. Sam sacudiu a cabeça.

- Acho que não. Não se quisessem estar agindo legalmente.

- Diga por favor: por que não? Os tribunais teriam deixado que eles invocassem um término de contrato sobre você e Hanae. Os vilões que mandam lá raramente verificam a fundo se o dito empregado era realmente valioso para garantir uma cláusula assim. A Renraku poderia facilmente criar uma ficção de que vocês dois eram muito importantes.

Sam pareceu pouco à vontade com a idéia de que sua antiga empresa pudesse fazer uma coisa assim.

- Não. Eles não fariam isto. Mesmo se fizessem, o dragão não teria de fazer parte da empresa? Todos sabem que os tribunais são escrupulosos sobre a forma adequada durante a invocação e execução destas cláusulas. A lei diz que quaisquer ações tomadas contra um renegado deve ser tomada de boa fé pelos dirigentes da empresa.

- O monstro poderia ser um caçador de recompensas.

- A lei também diz que as recompensas devem ser estabelecidas e registradas no tribunal. Você mesmo verificou que não havia coisa alguma.

- Epa, senhor Empresa. O registro legal nem sempre se encaixa com a realidade.

- Não vou acreditar que haja uma recompensa sem registro - Sam disse, sacudindo a cabeça de modo vigoroso. - A Renraku não ousaria se arriscar às sanções por desobedecer às regulamentações, especialmente porque eu não levei coisa alguma. O custo seria muito elevado.

- Você parece muito bem informado sobre as leis que tratam deste assunto.

- Digamos que recentemente tive um súbito interesse sobre a situação legal dos fugitivos de empresas. Acho que este conhecimento pode me ser útil no futuro.

- Como está sendo. - Squivo levantou-se. Colocou a mão no ombro de Sam e disse: - Com esta ação contra a Renraku você entrou bem fundo nas sombras. Você agora está dissociado das empresas. Eu lhe retiro o nome de Empresa e formalmente lhe batizo de Mobile.

- Obrigado. - Sam pareceu surpreso. - Acho que nos saímos bem, hein? Pelo menos não tenho mais de me preocupar se a Renraku está atrás de mim e não me sinto culpado que o outro sujeito tenha levado alguma coisa, fazendo-me um acessório deste roubo. Como você disse antes de nós fazermos a incursão, se tivesse havido um roubo, todo o sistema estaria em alerta.

- Não tenha tanta certeza de que não estava.

Sam franziu o rosto e depois sorriu de modo hesitante.- Por que não? Eu trabalhava lá. Lembra? Não havia alerta.

- Então você pode me dizer o que significavam todos aqueles espelhos?

- Não, mas posso dizer que havia alguma coisa no sistema. Coisas como a imprecisão no arquivo de dados médicos. Você sabe, problemas de resolução. Os espelhos talvez fossem algum tipo de sub-rotina de diagnóstico.

Squivo não engoliu esta, mas não tinha motivo para dizer isto. O fenômeno estava obviamente muito além da percepção de Sam como tecnauta. Sam também não apreciou a preocupação de Squivo.

- O que quer que estivesse acontecendo lá, não importa. Acho que não teremos de voltar. O que vimos me diz que os assassinos estão fora da Renraku. É onde teremos de fazer o restante de nossa procura.

- Primeiro - Squivo disse de modo firme - vamos dormir um pouco. Você fica com o primeiro turno na cama, senhor Mobile, pois tenho de pensar um pouco.

De fato, ele tinha uma preocupação. Não sobre o quebra-cabeças dos espelhos ou sobre o mistério dos assassinatos. A reação de Sam à Matriz não fora normal. Squivo observara a conexão de dados de Sam quando ele o estava auxiliando na Allegiance. A tampa tinha a assinatura do fabricante: Soriyama. Este nome a proclamava como a peça de tecnologia mais cara

que Squivo já vira. Nenhum médico de rua ou médico assalariado tinha feito aquele trabalho. Tinha sido feito da melhor forma possível, um verdadeiro trabalho de bioeletrônica e devia haver uma perfeita interface homem-máquina. As dores de cabeça de Sam eram anômalas, estranhas demais mesmo sem o ícone. Os dois poderiam estar ligados?

Havia mais em Samuel Verner do que os olhos podiam ver, bioeletrônico ou não.

## 23

- Sherman, dê uma olhada nisto.

O grito de Cliber fez Huang vir correndo para olhar a tela do console da outra. - Seus olhos se arregalaram com excitação.

- Aumentos de sinal de condutividade e de memória virtual simultâneos com as falhas de execução em multitarefas -Huang murmurou. - Onde estavam as falhas?

Cliber tocou numa tecla e iluminou os locais no construto da arquitetura.

- Hmm. Intrusões em curso?

- Nenhuma relatada. Vou fazer uma verificação - disse Cliber, enquanto se dedicava ao teclado.

Hutten se juntou para ver a tela.

- O que se faz com isto, Konrad?

O engenheiro de sistemas pareceu perplexo. - As OMDR estão operando além da especificação. Três fileiras completas de chips 77206 em capacidade máxima, mas o biochip de Hass mal chega acima da atividade do ciclo de espera. - Ele sacudiu a cabeça. - Não sei. Não se enquadra em qualquer dos parâmetros esperados.

- Exatamente. - Huang sorriu radiante. Seu contagiante sorriso atingiu os outros dois. - Precisaremos confirmar isto.

- Vou começar um diagnóstico completo. - Hutten voltou à sua própria estação e a ligou.

De sua posição na porta do laboratório de pesquisa, Crenshaw observou e viu tudo. Os detalhes técnicos não representavam coisa alguma para ela, mas o entusiasmo dos pesquisadores comunicava alguma coisa. Ela passara pelo laboratório numa hora feliz em sua ronda diária de observação. Se alguma coisa significativa tinha acontecido, relataria a Sato imediatamente. Talvez pudesse alegar que a intervenção dela tinha motivado a equipe lenta, daí aumentando seu prestígio com o Kansayaku.

- Alguma vitória, doutores?

Huang e Cliber olharam para ela, parecendo surpresos com a sua presença. - Não - Huang disse de modo hesitante, acompanhando o movimento negativo da cabeça de Cliber.

Com mais ênfase ele acrescentou: - Só uma sipiruca. Um problema de hardware num dos nós.

Crenshaw assentiu e não disse coisa alguma. Os rostos deles, subitamente sóbrios, indicavam que eles mentiam, que eles obviamente desejavam que ela não estivesse presente. Ela resolveu aceitar a explicação até que soubesse não apenas o que realmente acontecera mas como usar a informação em sua própria vantagem.

## 24

Sam acordou e encontrou Squivo sentado nos pés da cama, olhando para ele. Os olhos do elfo estavam injetados de sangue e a aparência descuidada de suas roupas era o resultado de mais um uso prolongado do que de uma noção da arte da moda. Obviamente ele estivera acordado por um bom tempo, o que significava que Sam estivera dormindo bastante.

- Você devia ter me acordado. O elfo sacudiu os ombros.

- Você precisava dormir.

Isto era verdade e agora Sam sentia-se repousado.

- Quanto tempo?

- A noite toda e a maior parte do dia. -E você?

- Eu precisava do tempo.

- Você precisava dormir. Você está com a cara de quem teve um pesadelo. Eu achava que vocês, elfos, eram cheios de energia, um dia atrás do outro.

- Acho que não sou velho o bastante - Squivo disse, de um modo monocórdio.

O jeito do elfo estava muito sério para que a fraca brincadeira de Sam o mudasse. Squivo tinha até deixado os modos arcaicos de falar de que ele tanto gostava. Sam tinha percebido isto antes somente quando o elfo estava muito estressado ou mergulhado em detalhes muito técnicos.

- Alguma coisa saiu errada? Squivo sacudiu a cabeça.

- Quero que você veja uma certa pessoa.

- Por quê? O que aconteceu?

- Acho que ele pode ajudar.

- Squivo, você não está respondendo minhas perguntas.

O elfo inclinou a cabeça para trás, os olhos voltados de modo vazio para o teto. Ele suspirou.

- Não tenho respostas. Somente perguntas.

- De quê você está falando?

- De você.

Sam já estava confuso e agora o elfo o estava deixando mais confuso.

- Você está me dando dor de cabeça.

- Suas dores de cabeça fazem parte da questão. - Squivo inclinou-se para a frente e olhou bem dentro dos olhos de Sam. - A dor e a desorientação que você sente quando faz a conexão não são normais. Seu implante é o melhor. O equipamento bioeletrônico que você vem usando é perfeito. Seus processos de pensamento são ordenados e lógicos. Em

resumo, você tem todas as estruturas de um dançarino da Matriz, mas por algum motivo o seu ícone claudica. Eu suspeito que a resposta está em sua psique, mas não estou qualificado para cuidar disto. Você precisa de ajuda para este problema e conheço alguém que pode ajudar.

"Você se impôs uma tarefa amedrontadora. Seus inimigos são implacáveis, como você já viu. Para ter êxito você deve poder confiar sem hesitação em suas habilidades. Por isso você não pode pensar em ser menos do que perfeito."

Estaria Squivo achando que ele estava louco? Algo que notara durante as viagens na Matriz? - Então você quer que eu vá ver um amigo seu. Ele é um médico?

- Dentre outras coisas.

- Outro runner. - Sam esfregou o queixo, onde a barba por fazer já estava ficando visível. - Você me força a ser confiante enquanto me leva a estranhos e sugere que eu me entregue a eles.

- Inimigos podem vir sem ser chamados, mas você deve procurar aliados.

- Frases feitas, Squivo? O que você está escondendo atrás delas?

Squivo não respondeu por algum tempo, seu rosto de elfo subitamente quieto e distante.

- Eu acho que você deveria ver esta pessoa.

Sam considerou a afirmação do elfo. Mais uma vez Squivo estava escondendo uma resposta direta. Ele estava certamente escondendo alguma coisa. O que quer que estivesse por trás do jeito misterioso de Squivo, Sam sentiu que queria acreditar que fosse uma preocupação genuína. Podia ser simples vontade, mas à deriva num mar de sombras, ele precisava desta âncora. Frases feitas ou não, era verdade que ele precisava de aliados. Poderia confiar nele?

- Se eu concordar, o que há no seu amigo? E por que você, um shadowrunner, está ajudando um refugiado de empresa? Tenho uma série de perguntas, mas não tenho crédito algum.

- Não somos mercenários como lady Tsung. - Um leve ar de humor surgiu por trás da máscara austera, como se a severidade não fosse mais necessária. Teria Squivo adivinhado que Sam capitulara à sugestão dele?

- Mas você não faz parte da gangue? Pensei que ela fosse sua chefe.

- É verdade que a lady e eu trabalhamos juntos, mas sou um operador independente. Tenho meus próprios interesses.

Logicamente que tinha. Todos que viviam a vida das sombras sempre pareciam estar perseguindo seus próprios interesses.

- E quais são estes interesses aqui?

- Você é persistente, senhor Empresa. Esta é uma qualidade excelente...às vezes.

- Pensei que você tinha trocado meu nome, Squivo. E comentários sobre minhas virtudes, ou defeitos - se você prefere - sobre minha persistência não vão me distrair.

- Muito bem então, senhor Mobile. - Squivo disse com uma leve inclinação da cabeça. - Devemos dizer então que esta circunstância me oferece um modo de pagar um antigo favor com outro?

"O fato de você aceitar beneficia outras pessoas também. A pessoa que eu gostaria que você conhecesse achará seu caso interessante e para ele isso já será uma recompensa suficiente. Você mesmo sai ganhando. Com esta viagem, você sai da cidade e chega mais perto de seu objetivo. Tudo isto enquanto seu humilde servo reduz uma obrigação onerosa."

- Todos saem ganhando - Squivo concluiu, sorrindo.

- E a alternativa?

- Não fique pensando nisso.

- Que escolha eu tenho?

- Sempre a sua própria escolha, logicamente.

O sorriso do elfo era divertido, malicioso mas amistoso. Sam sacudiu a cabeça, confuso, e riu. Uma vez mais os acontecimentos o estavam empurrando para a frente, mas desta vez a direção era positiva. Ele estaria indo em frente por sua própria vontade, em direção a seus próprios

objetivos. Isto representava mais controle sobre sua própria vida do que jamais tivera por muito tempo.

Apesar do comentário irreverente de Squivo, Sam pensara nas opções. Do contrário, uma escolha não seria escolha. Embora fosse verdade que ele precisa se esforçar em direção a isto, estava se preparando com sua confiança na sinceridade e na boa vontade de Squivo. Se o amigo de Squivo pudesse tornar mais fácil para ele fazer a incursão, então seria mais fácil para Sam chegar aos assassinos e levá-los à justiça. Novo como era ao shadowrunning, Sam sabia que não se desprezava uma vantagem, por menor que ela fosse. Lidar com o amigo de Squivo era um jogo que aceitaria por sua livre vontade. Levantou-se.

- Vamos.

## 25

O destino deles mostrou ser uma casa particular no extremo oeste da cidade de Portland. Do portão, Sam pôde ver que o cercado da propriedade se estendia para além das paredes da cidade, expandindo o gramado do proprietário além dos limites territoriais do Tir. Até onde ele não poderia dizer; a mansão e o bosque de árvores flanqueando tudo isto barravam sua visão. Um território assim era uma violação das ordens do Tir Tairngire, que obrigavam que todas as propriedades da cidade ficassem completamente dentro da área de concreto, fios e cercas eletrônicas que separavam a cidade de Tir propriamente. Que o terreno da mansão fosse ostensivamente contra estas leis era um indicador do poder do proprietário no Tir.

Ao longe, além da casa, Sam pôde ver uns poucos espigões altos de desenho elfo. Aqueles seriam as residências palacianas dos poderosos do Tir. Ele sabia que além daquelas propriedades e de seus bosques ficava Royal Hill, a colina tida como tendo sido criada de forma mágica, onde ficava o capitólio do Tir Táirngire, um magnífico complexo que era o palácio de trabalho de sua Alteza o Príncipe. As propriedades que cercavam

Royal Hill pertenciam a outros príncipes e conselheiros escolhidos. Era um local muito exclusivo e o amigo de Squivo, com sua propriedade fragorosamente ilegal, era provavelmente um residente de alto nível.

- Você não me contou que tinha este tipo de contatos, Squivo.

- Eu preferiria chamar de conhecimento em vez de contato, senhor Mobile.

- Qualquer coisa. Se você tivesse me dito eu teria sido menos relutante em vir. Pelo menos eu poderia ter me vestido melhor.

- É improvável que sejamos tratados como convidados formais. - Squivo foi na frente a caminho do portão. Ele parou de repente, quando uma figura saiu na porta.

- O que faz você pensar que será algum tipo de convidado, runner de beco?

Quem falava era alto, mesmo para um elfo. Seu cabelo cortado baixinho de cor preta como as sobrancelhas contrastavam fortemente com a pele pálida e olhos de um azul glacial. Seu terno e acessórios eram todos de qualidade, estilo média gerência, e embora bem cortados, pareciam deslocados nele. Havia alguma coisa no elfo que era a um só tempo duro e romântico. Sam o imaginou de armadura completa, seu brilho desgastado e amassada pelo uso intenso. Talvez fosse a colocação de sua mandíbula, a expressão impassiva, ou os olhos cautelosamente estreitos.

- Fora, Estios. Não temos negócio com você.

- Se vocês quiserem ver o professor, tem sim.

Squivo pareceu aborrecido e a ponto de lançar uma réplica. Mas depois deu de ombros aceitando aquilo como algo inevitável. Ele apanhou sua pistola e a entregou com o cabo voltado para Estios.

Estios sorriu friamente ao receber a arma. Ele se voltou e entrou no portão da casa, deixando Sam e Squivo segui-lo. Uma vez lá dentro, os deixou seguir até o balcão da recepção sem pará-los. O Cavaleiro Errante, membro da equipe de segurança, todo uniformizado, não disse coisa alguma quando os três homens passaram por seu domínio em direção a um arco ornado, e depois, seguiram para uma sala dos fundos.

O cômodo mais interno era pouco mobiliado e fracamente iluminado. Atrás de um painel claro que dividia a sala em duas metades, uma ork com um jaleco branco de laboratório estava sentada num console. Suas feições estavam iluminadas pelo brilho cinza das telas que monitorava, tornando sua expressão mais dura e mais inumana do que poderia parecer em outras circunstâncias. Atrás dela estava de pé um pigmeu. Ele era mais largo do que a ork, mas mal lhe chegava à altura, mesmo estando ela sentada. Ele usava um amuleto elaborado numa corrente pesada colocada no pescoço e as lapelas de seu paletó eram ornamentadas com símbolos arcanos. O bruxo pigmeu curvou-se contra a parede. Como o bruxo de Sato, ele parecia estar passando seu tempo de trabalho dormindo. Sam ficou imaginando o que fazia com que os magos fossem tão indispensáveis que pudessem dormir na hora do serviço e ficar impunes.

Num dos cantos do lado que eles ocupavam, havia um grande cão de caça branco. Ele abriu os olhos preguiçosamente quando eles entraram na sala, mas fora isso permanecia sem fazer quajquer movimento. Sam percebeu com espanto que não era um cão comum. Seus olhos levemente reflexivos revelaram ser ele um para-animal, e seu cheiro era familiar, embora ele só tivesse visto um destes uma única vez. O animal era um cão-demônio feito aquele que atacara Tsung. Logo que percebeu que o cão estava solto, Sam retirou-se para o arco, temendo um ataque. Para espanto seu, nem Estios nem Squivo revelaram qualquer reação ao cão-demônio. Tudo que fizeram foi voltarem-se para olharem para como se ele fosse um idiota. Sam procurou deixar a postura defensiva que instintivamente adotara e forçou um sorriso. Então talvez ele não fosse perigoso. Como poderia saber disso? Mesmo assim, talvez fosse capaz de dilacerar sua garganta se Estios mandasse.

Estios colocou a arma de Squivo sobre uma mesa e estendeu a mão. Squivo retirou outra arma, muito menor, da bota e a passou para o outro. Ele retirou a corrente que usava como cinto e apanhou um estojo chato de metal de um dos bolsos, passando ambos para o elfo de cabelos escuros. Estios bateu com a mão no antebraço direito de Squivo.

- É embutida.

- Você vai usar um incapacitador. - Aquilo não era uma pergunta.

- Não tenho intenções hostis. Minha palavra sempre valeu para o professor. Vale menos com você?

- Há outras considerações hoje.

- Olha - Sam interrompeu, começando a se aborrecer com o tratamento de Squivo - não estamos aqui para causar problemas. Fui informado de que nossa visita poderia ser de algum interesse para o seu professor. Mas se for inconveniente para você, tudo bem. Não precisamos da sua postura de tropa de assalto. Podemos ir embora.

Estios pareceu ver Sam pela primeira vez.

- Um verdadeiro forasteiro. Você vai garantir o bom comportamento de Squivo?

- Claro.

- Sobre sua vida?

A resposta de Sam demorou um pouco para sair, mas ele se surpreendeu com a firmeza de sua voz. -Sim.

- O senhor Mobile está aqui por insistência minha, Estios. Ele não precisa ouvir suas blasfêmias.

- Ele já ouviu, runner de beco.

- Vou usar o seu incapacitador.

- Não, não vai - Sam insistiu. - Estas coisas podem confundir seus circuitos de modo permanente. É um risco muito grande, Squivo, e não vou permitir que você corra este risco só para ter uma conversinha sobre minhas dores de cabeça.

- Você entende o que está fazendo? - Squivo perguntou com tranquilidade.

- Claro - Sam mentiu.

O olhar de Squivo disse a Sam que o elfo poderia não acreditar nele, mas que estava aceitando sua palavra. Squivo lhe dirigiu um rápido sorriso como forma de agradecimento e de uma camaradagem inesperada.

- Está bom assim para você, Estios?

- Pode ser - disse ele, dando de ombros. Estios apontou para o encaixe de aço-cromo na têmpera de Sam. - Que tipo de equipamento   este? - Sua voz indicava que esperava que Sam lhe desse uma resposta explicativa, completa e precisa.

- Uma conexão de dados.

Estios voltou-se para a técnica, que assentiu. A voz dela arranhou pelo alto-falante.

- Confere com o exame.

- Você não vai me revistar   procura de armas?

O rosto de Estios exibiu apenas uma ponta de desdém.

- Não   preciso. Você já foi totalmente inspecionado. Vamos.

Estios os levou por uma porta e a seguir tomou um corredor. Abriu outra porta e saíram. Uma fila de pequenos carros elétricos estava junto   parede. Estios apontou para o primeiro e o contornou para se sentar no banco do motorista. Ele mal deu tempo aos dois para se sentarem e arrancou. O cascalho foi jogado longe enquanto ele virava o carro para tomar o caminho para a mansão.

Quando se aproximavam, Sam pôde ver que era mais um solar do que uma mansão. Paredes de pedra encimadas por gárgulas voltadas para o mundo para proteger o interior contra invasores. Parecia algo de um conto de fadas. Tal arquitetura s  parecia adequada aqui em Tir Tangire.

Estios parou o carro junto   escada que conduzia   entrada principal. Sem dizer alguma coisa, ele desceu do veículo e subiu os degraus. Quando os dois se juntaram a ele no fim da escada, abriu a porta e os fez entrar num saguão com piso de cerâmica e paredes com painéis. Estios os conduziu através de salas opulentas, mobiliadas com antigas e finas obras de arte, chegando finalmente a um grande salão com as paredes tomadas por estantes de livros. Uma lareira escurecida ficava no centro de uma das paredes, cercada por trabalhos de madeira esculpida. Uma outra parede inteira consistia de janelas divididas em pequenos painéis. Sam suspeitou que fossem de vidro de verdade. A vista de arbustos indicava que eles tinham cruzado toda a casa até chegarem aos fundos da constru o.

- Esperem aqui - Estios ordenou enquanto abria uma porta incorporada à estrutura de janelas. Assim que ele desapareceu, Sam chegou às janelas. Ele estava curioso para ver se podia calcular quanto a propriedade se estendia além dos limites da cidade.

Todas as idéias de extensão geográfica desapareceram quando ele viu o dragão. O animal sentava em seu quadril, os membros dianteiros mantendo seu peito acima da grama aparada. Sam identificava de imediato um dragão ocidental, pois suas grandes asas eram inconfundíveis mesmo quando dobradas sobre seu flanco. A grande cabeça era majestosamente dotada de chifres e maior do que qualquer das pessoas em torno dele. Suas escamas assumiam o brilho do ouro à luz do sol.

A multidão de humanos e metaumanos em torno do dragão era dividida em três partes. Todos os humanos normais, dois pigmeus e um grande humanóide peludo ficavam à direita do animal, espalhados entre ele e um APDV de quatro motores, cuja insígnia parecia ser uma silhueta do próprio dragão. O restante, a maioria de elfos, ficava num semicírculo dividido, mal formado, em frente ao dragão. Um contingente elfo estava alinhado atrás de um elfo ruivo, o outro atrás de um louro. Pelos gestos do louro, ele estava se dirigindo de modo ardoroso ao dragão. A fera parecia imperturbável.

Estios se aproximou do grupo do elfo ruivo e sussurrou alguma coisa ao ouvido de seu líder. O elfo deu um rápido olhar em direção à casa antes de assentir e dizer alguma coisa. Estios fez um rápido agradecimento e caminhou até ficar atrás da multidão.

Nosso anfitrião, o misterioso Professor Laverty, Sam concluiu. O elfo era magro, não tão alto quanto Estios, mas ultrapassava a altura de Squivo. O cabelo vermelho encaracolado e a pele clara eram facilmente visíveis, mas a distância mascarava a cor de seus olhos. Pelo comportamento calmo do elfo, Sam esperava que fossem olhos sagazes, imperturbáveis. Qualquer que fosse a cor deles, seria difícil esconder qualquer coisa daqueles olhos. Sam esperava que Squivo estivesse certo ao trazê-lo aqui.

Seu olhar mudou para o outro grupo de elfos, parando subitamente num rosto familiar. Depois de um momento de choque, ele verificou os demais e reconheceu um segundo rosto. O medo tomou conta dele e por um

instante estava correndo pela floresta, desesperado e perdido. Sentiu-se caçado novamente.

- Não podemos ir lá fora. - As palavras foram quase inaudíveis; sua garganta estava ressecada.

- Nervoso por encontrar a qualidade? Ou é o dragão?

- Não, não é isto. O elfo de ruivo com a capa é o sujeito que tentou acabar comigo na floresta. O pequeno escuro perto dele é o rastreador.

- O quê? - Squivo moveu-se para o lado e olhou as figuras indicadas por Sam. - Droga! O ruivo é Rory Donally e o outro é Bran Glendower. São dois dos paladinos de Eهران. Aquele esquadrão todo provavelmente seja sua equipe. Você tem razão. Não podemos ir lá fora.

- Mas pensei que tínhamos sido pegos pela patrulha de fronteira.

- Eles ficam na fronteira às vezes. Quando acham que há alguma coisa para eles ou para o chefe deles.

- Eهران, foi o que você disse?

Squivo assentiu, enquanto olhava pela janela.

- Eهران? Como em Eهران, o Escriba?

- Você conhece outro? - ele respondeu distraidamente.

- Eu li o seu Mankind Ascendant. Não fazia muito sentido.

Squivo virou-se e lhe deu um sorriso esquisito.

- Este é o Eهران certo. Ele é o elfo louro que parece tão orgulhoso de seu próprio argumento.

- Isto não faz sentido também. Pensei que fosse algum tipo de escritor científico popular. O que ele está fazendo aqui?

- Pela aparência daquela reunião, deve ser sobre negócios. -Hmm?

- Senhor Mobile, seu astuto comentário não lhe convém. Eu entendo que nem todas as atividades de Eهران são conhecidas, mas...certamente,

estando onde você está e vendo o que vê, você deve ter percebido que, como nosso convidado, ele é membro do conselho de governo do Tir Tairngire.

Sam não fizera tal conexão. Vendo a casa e os jardins, ele concluía que este professor Laverty tinha alguma influência. Mas membro do conselho! Isto estava além das expectativas razoáveis. Como Squivo chegou a ter conexões com uma pessoa assim? E por que ele pensava que Sam podia ser de interesse para este professor? O estômago de Sam se revirava como acontecera quando o cabo do elevador do Mitsubishi Flutterer se rompera. Um abismo se abria abaixo dele e quase ele perdera o controle. Naquela ocasião, ele não entrou em pânico. Bem, pelo menos não muito, e conseguira lutar para que o aparelho pousasse de modo relativamente seguro. Ele encontraria uma saída para este desastre também.

Enquanto Sam lutava contra seu pânico, a reunião lá fora chegava ao fim. O dragão lançou-se ao ar, circulando enquanto seus assistentes tomavam o avião. O aparelho levantou para se juntar ao dragão, e ambos voaram para a direção Norte. Os dois grupos de elfos se misturaram e se dirigiram para a casa. Ao chegarem ao pátio, Laverty e Ebran separaram-se de seus seguidores e rumaram para o salão.

- Temos de ficar fora de vista - disse Sam. Ele se virou e viu Squivo junto à lareira, a mão sobre a viga esculpida nela. Um espaço escuro abriu-se na parede ao lado da peça de cantaria.

- Por aqui.

Sam olhou em dúvida para a escuridão.

- É uma passagem secreta.

- Claro. Todas as casas bem projetadas tinham uma.

- Mas como você sabia disto?

- Isto é um segredo. - Ele acrescentou para Sam, que estava com o rosto de descontentamento. - Todos os elfos bem criados têm um também. Faz parte da mística. Agora entre aqui e fique quieto.

A entrada do esconderijo deles mal se fechara antes que eles ouvissem o ruído do trinco da porta externa.

- ... bem o bastante, eu penso. Os conselheiros dele estavam assustados, mesmo com seu fingimento não tendo surtido muito efeito sobre ele.

- Suas observações são imperfeitas como sempre, Laverty. O verme ficou devidamente impressionado. Você sabe que eles não demonstram emoção como nós. Isto tem a ver com a falta de musculatura facial e com a estrutura geral do crânio. Devo acrescentar, porém, que ao longo do tempo aprendi a discernir certas variações da fisionomia réptil e as posições de cabeça, que são características e que revelam correlações distintas com os estados emocionais compreensíveis.

- Obrigado pela lição, Eهران. - A voz de Laverty era fria. - Tive alguma experiência com a espécie.

- Deve-se sempre ter o cuidado de respeitar os mais velhos, Laverty - Eهران riu. - Eu me lembrei de uma frase que certa vez encontrei escrita na parede de um beco queimado. Longa para o tipo de inscrição que era, mas contendo certas verdades. Dizia mais ou menos assim: "Vigie a retaguarda, estoque munição e nunca rompa tratos com um dragão".

- E você acha isto aplicável a nossos esforços atuais?

- Digamos que eu o acho sugestivo. Eu gostaria muito de poder ficar e esclarecer, mas tenho assuntos urgentes para cuidar antes que os outros cheguem. Seria uma gentileza de sua parte ser o anfitrião deste encontro.

- Me pareceu a forma mais cara.

- Bem direto. Você realmente precisa aprender a ser sutil, Laverty. Um pouco mais de discrição colocaria você numa posição excelente.

- Tentarei fazer melhor. Eهران, Você falou algo sobre assuntos urgentes?

- Sim, na verdade falei. Realmente preciso cuidar deles. Até mais tarde?

A resposta de Laverty deve ter sido não verbal. Sam não escutou coisa alguma até que as pesadas portas tivessem se fechado, isolando o salão do restante da casa com uma pancada seca. Houve silêncio por um momento, depois Laverty disse:

- Pode sair agora, Squivo.

- Bom dia, professor. Estios disse que estávamos aqui?

- Ele não mencionou nomes.

- Então como o senhor sabia que era Squivo? - Sam perguntou. - Ou que estávamos escondidos atrás do seu painel secreto?

- O esconderijo de vocês era uma dedução óbvia. Se vocês tivessem perambulado pela casa, teriam se encontrado com o pessoal de Eهران. Teria sido um encontro barulhento, como indicado pela cautela do sr. Estios em não mencionar nomes onde eles pudessem ser ouvidos. Como não aconteceu agitação alguma, presumi que vocês estivessem escondidos aqui.

"Quanto a como eu sabia que era o sr. Squivo, o sr. Estios falou de um elfo cromado chegando sem ter sido convidado e trazendo consigo um humano de empresa e tido como morto. Aliado ao fato de que um de vocês conhecia o esconderijo nesta sala, quem mais poderia ser?"

- Mas temo que minha clarividência dedutiva não me disse seu nome.

-Mobile.

- Samuel Verner - disse Squivo, para a surpresa de Sam. Laverty meneou a cabeça ao ouvir o nome.

- Você não vai ficar.

- O senhor não vai me entregar, vai, professor? - O medo de se expor de Sam voltou com força plena.

- Sua apreensão por parte das autoridades causaria muito desconforto a Eهران, dadas certas alegações. A humilhação de Eهران é uma possibilidade que tem certo apelo, mas eu não quis dizer que tencionava entregá-lo a pessoa alguma. Em vez disto, quis dizer que seria inconveniente para você ser encontrado aqui. Temo que com as capacidades de meus atuais e de meus futuros convidados, tal descoberta seria muitíssimo provável. Assim, você não pode permanecer aqui por muito tempo. Sendo esta a questão, podemos ir ao assunto que os trouxe até aqui.

Sam olhou para Squivo, que assentiu. Ele não tinha certeza de que confiava neste professor, mas Squivo tinha. O que tinha a perder? Se o

professor tivesse querido traí-lo, teria sido muito fácil. Ele começou a desenrolar sua história, tentando esquecer como seria fácil se o professor quisesse ainda traí-lo.

## 26

- Concentre-se!

A voz de Lavery era insistente. Sam estava muito cansado para se concentrar na foto de um escudo medieval que Lavery queria que ele imaginasse. Horas de duro interrogatório sobre seus trabalhos, seguidas por mais horas de testes, alguns exames médicos padrões óbvios e outros nitidamente arcanos. Para alguém que não deveria permanecer por muito tempo, Sam estivera na companhia de Lavery por muito tempo.

- Mantenha a imagem do escudo em sua mente!

Sam tentava obedecer, mas sua visão mental embaçava-se quando uma dor aguda disseminava-se por toda a sua cabeça, um ferrolho de gelo penetrando em seu cérebro. Ele quase gritou de dor antes de desistir. A dor cessou, deixando-o encharcado de suor. Ele se jogou na cadeira.

Quando abriu os olhos novamente, o elfo estava olhando para ele, com olhar severo e preocupado. Vendo Sam acordado, Lavery checkou uma tela de monitor e registrou uma nota num bloco de dados. Quando o professor fez um gesto afirmativo com a cabeça, Estios avançou e começou a desligar os eletrodos da cabeça de Sam.

- Este é o último teste.

Squivo se levantou de sua cadeira encostada à parede e caminhou até a bancada, onde ficava o aparelho de monitoramento de Lavery.

- Na verdade um investigação bem demorada, professor. Meu amigo não está solicitando cidadania.

- Você queria saber o que havia de errado com ele. Eu precisava de certas informações para fazer um diagnóstico. Agora tenho esta informação.

- E? - Sam e Squivo disseram quase em uníssono.

- Acredito que os dados disponíveis oferecem apenas uma conclusão razoável. - Laverty cuidadosamente colocou seu bloco de dados no console. Depois, puxou uma cadeira e a colocou diante do console e se sentou. Ele parecia satisfeito em adiar o momento da revelação. Quando Sam já ia lhe perguntar novamente, ele falou. - Você, Samuel Verner, é um mago.

Sam piscou.

- Impossível!

- É mesmo? - O professor esfregou seu dedo indicador da mão direita ao longo do lábio superior. - Suas dores de cabeça são o primeiro sinal de que você não pode funcionar normalmente dentro do mundo hipotético da Matriz. Tal limitação é quase universal naqueles que têm forte talento de mago. Se você tivesse buscado um aconselhamento antes, teria sabido disto há um ano.

- Pensei que as dores de cabeça fossem normais, que todos tivessem.

Squivo sacudiu a cabeça.

- Bem, se eu sou diferente, deve ser alguma outra coisa. Jamais tive alguma coisa a ver com magia. Deve ser algum problema de interface - Sam protestou. - Más condições neurais.

- Soriyama não comete este tipo de erro - Squivo informou. - O modo como seu ícone claudica, mostra algum tipo de problema de interface psicológica. Não é nem um problema do software nem um galho no hardware.

Laverty bateu nas costas de sua cadeira para chamar a atenção. - Vamos deixar de lado a questão da Matriz por um momento - disse ele. - Quando você foi atacado pelo pessoal de Eهران, o feiticeiro Rory Donally usou o que, por sua descrição, era um feitiço de bola de fogo. Mas não lhe provocou qualquer dano real. Como pode ter acontecido isto?

Sam passou a mão pelo cabelo.

- O feiticeiro não era muito bom no que fazia. Laverty sorriu de modo indulgente.

- Donally pode não ser um mago completo, mas é um iniciado respeitado. Ele passou na competição de certificado do Tir com louvor. É um feiticeiro de grande habilidade e de uma eficiência incomum. Ele não trabalharia para Eهران se não fosse bom no que faz.

- Não, Sam. O feitiço de Donally foi ineficaz porque você cancelou seus efeitos. Inconscientemente, você abriu um canal maná para dissipar as energias que Donally reunira. Você devolveu estas energias para o espaço astral, onde elas se dispersaram inofensivamente.

- Inconsciente ou não, eu jamais poderia fazer isto.

- Mas fez. E ainda pode fazer. O último teste que realizamos deixou que eu visse você em ação. O sr. Estios lançou um feitiço sobre você enquanto você deveria estar concentrado na imagem escolhida. Era um feitiço real e bem perigoso. Se você não tivesse desviado as energias, não estaríamos mantendo esta conversa.

- O senhor podia ter matado ele! - Squivo se enfureceu. Estios se lançou entre o tecnauta e o professor, impedindo o movimento de Squivo contra Laverty.

- O professor sabia o que estava fazendo, runner de beco - o grande elfo sorriu quando bloqueou a tentativa de Squivo de se aproximar dele.

- Os outros testes não foram conclusivos, Squivo. Era um risco, mas eu já estava certo de que Sam tinha a capacitação necessária. Eu desconfiei de que era necessária uma legítima ameaça para disparar a capacidade do talento dele, e foi assim.

Sam achou que o professor era muito leviano por colocar a vida de alguém na linha de tiro para testar uma teoria e não gostou nada disto. Mas só tinha a palavra deles sobre o feitiço. Tudo que conseguira foi uma dor de cabeça, mas tinha estas dores o tempo todo.

- Mesmo se detive o feitiço de Estios - Sam disse cautelosamente - isto não faz de mim um mago. Eu já li sobre pessoas que podem se proteger da magia sem serem magos. São chamadas negamagos.

- Negamagos não se projetam astralmente - o professor disse.

- Nem eu.

- Ah, você sim. Como afinal você voltou àquela lamentável clareira onde você tinha visto os paladinos de Ebran?

- Eu me esgueirei atrás deles - Sam disse sem denotar emoção.

Estios riu com vontade.

- Não estando você exausto pela corrida, garoto da cidade. Não atrás daqueles paladinos.

- Você não disse que Grian olhou bem para você? -Lavery perguntou.

Sam assentiu.

- Você sabe como um elfo pode enxergar bem no escuro? Ele não deixaria de ver você.

- Ele deve ter deixado - Sam insistiu. Era uma pessoa ordenada, racional que crescera numa vida ordenada, racional. Seu pai tinha semeado nele uma grande descrença em qualquer coisa relacionada com magia. Ele jamais aceitaria o que estavam lhe dizendo. Esta conversa sobre magia era muito estranha.

- Por que você teme a magia?

- Não temo. - Sam levantou da cadeira e começou a caminhar de um lado para outro. - É apenas que toda esta coisa de magia é ilógica. Não faz sentido. Ou são truques para pessoas ingênuas. Não faz parte do meu mundo.

Lavery suspirou.

- O feitiço que Rory Donally usou queimou suas roupas e as árvores da floresta. A roupa e a madeira faziam parte do mundo real. Elas de fato se queimaram. Se este resultado não era parte do seu mundo, então talvez o seu não seja o mundo real.

Sam parou de caminhar e olhou para o teto. Agora aquela sugestão era a porta aberta para a loucura.

- Não nego que alguma coisa aconteça quando um mago de verdade faz o que ele chama de lançar um feitiço. Fui treinado para acreditar em provas concretas. Sim, aquele feitiço queimou alguma coisa. Como posso

negar isto? Senti as cinzas e respirei a fumaça. Mas não tente me dizer que são divertidos meneios de mãos, palavras estranhas e o poder das estrelas. Deve ser uma outra coisa qualquer, algum tipo de manipulação subconsciente, de radiação eletromagnética de frequência ultra baixa, talvez.

- Primeiro negamagos e agora radiações. Você tem lido Peter Isaac - o professor acusou.

- Uma vez, há muito tempo. Meu pai dizia que se a magia fosse científica, Isaac estava no caminho certo para explicar isto. Sua Realidade da Magia estava na dadoteca pública e eu o folhee. >Fazia algum sentido, mas Isaac não era rigoroso o bastante se quisesse que as pessoas aceitassem seu trabalho como ciência. Eu achei que se ele era o melhor, então não havia uma boa explicação.

- E o que me diz do trabalho de Águia Branca e de Cano, na Caltech? Ou de Ambrosius Brennan, no Instituto de Tecnologia e Magia de Massachusetts? Já os leu?

-Não.

O professor olhou demoradamente para Sam.

- Talvez seja melhor não ser precipitado com o que você não sabe - disse ele. - Magia é muito real, Sam. É muito mais do que manipulação subconsciente de energia e ao mesmo tempo é menos. Sua manipulação é tanto uma arte quanto uma ciência. Magia é parte do mundo real. Você sabe como qualquer pessoa que o Despertar trouxe à luz uma abundância de seres que a ciência tradicional não pode explicar. Elfos e trolls, por exemplo.

- Expressão genética mutacional.

- Genética, sim. Mutacional, dificilmente. - Lavery recostou-se - E o que me diz sobre os dragões? Você diz que um o ajudou a fugir e depois o traiu. Você também viu um aqui hoje. Não pode negar a existência deles nem explicá-los como mutações genéticas. Mesmo se pudesse, o que me diz sobre os vôos deles? Eles são muito grandes para obedecerem às leis científicas de vôo movido por músculos.

"Em épocas passadas, nosso planeta estava impregnado de magia. Foi assim que arranjamos todos estes contos de fadas e de dragões, monstros e duendes. Eles são memórias de antigas verdades carregadas ao longo dos anos. A existência bem disseminada destas crenças sugere fortemente que o maná, energia mágica, já foi de um nível suficientemente elevado a ponto de fazer os poderes mágicos funcionarem e os seres mágicos florescerem. Este tempo de magia voltou.

- O livro de Ebran não falava alguma coisa sobre ciclos de tempo e de poder criativo?

- Ele jamais usou realmente a palavra ciclo, mas a implicação estava clara. Mesmo que você aceite a teoria de ciclos, que provas há? Ele também faz a ilação de que estes ciclos seriam muito longos, o último deles terminando por volta da época em que os registros históricos começaram. É por isto que não dispomos de qualquer documentação confiável sobre os altos níveis da magia. Antes de quê? Bem, temo que o maná não fossilize.

- Os dragões fossilizaram.

- E talvez tenham, mas um osso é um osso. Quem pode dizer se uma criatura extinta era paranormal? Até hoje, nenhum paleontologista descreveu uma criatura de seis membros como um dragão. Talvez eles sejam muito raros para se fossilizarem.

- Tendência preservacionista?

- Exatamente. Ou talvez os dragões tratassem de sua morte de uma forma que evitasse a fossilização. Mas estes assuntos obscuros não esclarecem a situação. Se o fluxo de maná é cíclico ou se simplesmente passou por um período de baixa, o efeito é o mesmo. Aqui e agora a magia é real. Maná foi parte da Terra no passado, possivelmente por mais tempo do que a existência do homem no planeta. Voltou em abundância para enriquecer nossas vidas. Maná é parte tanto da Terra quanto da gente quanto somos parte dela. Está em todos os lugares e em todas as pessoas.

- E devo supor que este dom só pode ser usado para o bem?

Laverty voltou suas palmas para o teto e deu de ombros.

- Isto é um dom. Não conhece o bem nem o mal; estes são conceitos humanos. A Terra e seu maná simplesmente são.

- E é capaz de milagres? O senhor vai me dizer que a magia pode substituir a graça de Deus?

- Eu não ousaria dizer isto. Mas com habilidosa manipulação, alguns efeitos que podem ser chamados miraculosos são possíveis. Esta habilidade só acontece com anos de estudo e de treinamento. - O professor empurrou sobre a mesa um estojo de chips. - Aqui estão alguns textos e exercícios práticos. São elementares, mas você deve conhecê-los.

- No momento não tenho tempo para me dedicar à magia. Mesmo se eu pudesse, são as pessoas que mataram Hanae que me interessam, e esta pista fica mais fria a cada dia. - Sam ignorou o olhar do professor. Seria ótimo olhar numa bola de cristal e identificar os assassinos. Partindo do princípio de que Laverty estava certo sobre tudo isto. Além disso, ele ainda tinha de encontrar Janice. Se a magia podia fazer milagres, que Laverty o ajudasse com isso. - Professor, o senhor tem prática no uso da maná?

O professor olhou bem fundo nos olhos de Sam por alguns momentos, antes de responder.

- Alguns consideram que sim.

- O senhor usaria sua magia para ajudar minha irmã?

- Faço tudo o que posso para ajudar os infelizes.

- Então o senhor poderia curá-la?

O professor recostou, como se a pergunta de Sam fosse inesperada. Seus frios olhos verdes pareciam estar avaliando Sam, pesando convicção e promessa. Não havia dúvida de que Laverty também estava calculando um preço.

- Muitas coisas são possíveis a um mestre em magia, mas mesmo o mais poderoso mago não pode mudar o que foi disposto assim. - Seu tom deixou claro que ele não estava prometendo. - Depois de você realizar a tarefa que se impôs, volte a falar comigo e veremos.

Sam entendeu a resposta do professor como significando que ele faria o que fosse possível por Janice. Sem promessas de êxito, mas Sam não podia esperar qualquer coisa de um modo razoável. Ele não tinha planos sobre o que fazer quando encontrasse sua irmã, mas agora pelo menos tinha uma esperança. Ou melhor, ela tinha uma esperança, uma oportunidade de

voltar a ter uma vida normal. Sam também tinha esperança de poder pagar o preço do professor, pois sentiu que Laverty era um ser que tinha compaixão.

Era tudo discutível, a voz da dúvida lhe disse. Você nem sabe onde ela está.

Sam se recusava a se render ao desespero. Vou conseguir, ele se prometeu. Primeiro os assassinos de Hanae, depois eu encontro Janice.

Como dissera ao professor, a pista estava ficando mais fria. Ele se levantou e apanhou o estojo de chip com o rosto franzido.

- Obrigado - Sam disse, colocando o estojo no bolso. -Agora, se o senhor me dá licença, tenho coisas a fazer.

## 27

O elfo parecia completamente deslocado dentro das paredes mal feitas da cabine. Seu terno era estritamente para uso no metroplexo e seus sapatos não tinham salvação depois de se encontrarem com a lama local. Seu sotaque era tipicamente do metroplexo e suas mãos eram macias, sem marca de qualquer trabalho sujo.

- Sou apenas o mensageiro - ele disse com uma voz fria e distante.

Hart fez uma réplica. Qual era a questão? Sua primeira explosão não o tinha afetado. Ele era hábil, escapulindo dos ataques. Ela deveria ter sido assim também, mas detestava isto quando o trabalho ficava difícil. Este de agora tinha muitos problemas. Ela pegou a arma sobre a mesa e a enfiou no coldre.

Não deveria ter sido uma surpresa que a patrulha de fronteira do Tir tivesse tornado as coisas piores ainda do que pensara. Que eles a tivessem perdido era compreensível. Isto acontecia com muita frequência. Mas perder aquele pombo de empresa fez com que parecessem estúpidos. Aquilo foi um golpe de sorte, uma má jogada dos dados. Pura sorte para aquele almofadinha Verner e má sorte para ela.

O mensageiro ainda estava lá.

- Saia daqui - ela explodiu, ainda transtornada pela raiva.
- Quer enviar alguma resposta?
- Para o seu remetente sem nome? Deixe de brincadeira.
- Ele está preocupado com a preservação da sua reputação.
- Mas isto impede que se saiba o nome dele? Estou lisonjeada.

- O nome dele lhe é bem familiar, posso lhe garantir. Só não seria conveniente você saber agora. Eu recebi a informação de que você acharia os favores dele mais úteis no futuro. É fácil se conquistar sua boa vontade. Tudo o que ele pede em troca pela informação que eu trouxe é uma delineação geral de seus planos.

- Fumaça e espelhos. \_ Como?
- Diga isso a ele. Fumaça e espelhos.

O mensageiro ficou ereto, com indignação.

- Muito bem. - Ele se voltou e deixou a cabine, seu caro mocassim de couro rangendo levemente a cada passada.

Conseguiu alguma coisa finalmente. Uma vitória pequena, mas melhor do que nada. Deixa o elfo levar sua resposta a seu sr. Mistério. Dois podiam jogar o jogo da confusão.

Quem quer que tivesse enviado a mensagem, deveria ter muitos motivos para passar a informação a ela. O sr. Mistério poderia estar jogando de qualquer dos lados do conflito. Ou poderia ser alguém não diretamente envolvido, mas usando a oportunidade para virar as coisas contra um rival, ou para torcê-las a favor de um amigo. Sem mais informação ela não poderia dizer. Qualquer que fosse o motivo de alguém para lhe dar a informação, agora que a possuía não havia tempo para investigar a fonte. A única fonte que ela podia excluir era o velho verme do seu próprio contratador. Se ele tivesse sabido que Verner sobrevivera, teria enviado um exército de capangas para espalhar que ela fracassara no contrato.

Tessien precisava saber; ele tinha o mesmo contrato. Hart tremeu com o frio da noite, mesmo usando um casaco. Ela não se deu ao trabalho de fechar a cabine; não havia coisa alguma para ser roubada.e ninguém ali para roubar. Ela tomou a trilha que levava montanha acima até a caverna

seca onde Tessien ficava enrascado e dormindo. A serpente emplumada acordou quando Hart entrou.

- Más notícias, Tessien.

- Qualquer coisa que perturbe meu repouso é ruim. - O aborrecimento se espalhou pela caverna.

- Bem, o tempo de descanso acabou.

Ela pôde sentir a curiosidade da serpente, embora esta não tivesse dito coisa alguma.

- Verner, aquele almofadinha que retiramos da Renraku como disfarce da planta doppelganger, ainda está vivo. Os guardas de fronteira do Tir não o pegaram e ele está em San Francisco na companhia de um runner chamado Squivo. Este runner é uma espécie de tecnauta feiticeiro e os dois estão bisbilhotando a Matriz. Parece que a busca deles ainda é muito aleatória, mas eles têm nossos nomes e, mais cedo ou mais tarde, virão atrás de nós. Eles conseguiram o nome de Drake também.

- Ele sabe que o almofadinha está vivo?

- Acho que não.

- Precisamos cuidar disso rapidamente.

- É exatamente o que eu penso. Detesto estas drogas mal acabadas.

A serpente rosou seu assentimento.

## 28

Sam despertou com o aroma de molho de soja e caldo quente. Abriu os olhos e virou a cabeça. A fonte daquele aroma estava sobre uma mesa tosca. Squivo devia ter ido até a loja da esquina, pois dois recipientes estavam fumegando, e um terceiro, vazio, balançava de vez em quando com a brisa que chegava pela janela aberta. Sam estava a caminho do que restara da sopa, quando Squivo voltou do único banheiro funcionando no semi-abandonado porão onde eles tinham se instalado.

- Ah, senhor Mobile, está acordado.

Com a boca cheia de sopa, Sam murmurou alguma coisa em resposta.

- Não precisa fazer esse agradecimento efusivo pela comida. Não pense no tempo nem no dinheiro envolvidos. Não estamos nessa juntos?

Tendo engolido o último gole, Sam estava livre para responder.

- De qualquer modo, era sua vez de fazer a comida.

O olhar de ofendido de Squivo era pura zombaria, mas o bom humor do elfo não se misturava com a súbita seriedade que Sam sentiu. Talvez fosse a menção das despesas.

- Squivo, estou satisfeito por seu amigo, o professor, arranjar de nós ficarmos aqui, mas ele não vai esperar algum tipo de pagamento?

O elfo sacudiu os ombros.

- A passagem não foi nenhum desfalque nos recursos dele. Talvez com o passar do tempo ele vá pedir um acerto de contas, talvez não. Eu não acharia surpresa alguma se ele deixasse que a sua consciência pesasse o equilíbrio entre benefícios e serviços e compensasse os esforços dele como você imagina. Ele é sutil assim.

Isto não fez Sam se sentir melhor.

- Minha consciência está pesando um pouco demais ultimamente. Eu gostaria que você não tivesse roubado aquele dinheiro.

- Capital de giro, senhor Mobile. Não se pode viver sem ele. Os fundos foram conseguidos de um modo não correto, há muito perdidos de seus verdadeiros donos. Nós simplesmente impedimos que algum violador inescrupuloso de empresa ficasse com o lucro de seus crimes.

- Mesmo assim é roubo. -r ibertação.

- Semântica.

- Necessidade - Squivo sorriu.

Sam viu que também estava sorrindo. O humor do elfo tinha finalmente o contagiado, apesar de suas dúvidas sobre as ações deles. Eles tinham chegado em San Francisco com apenas cem neoienens no cartão-

moeda de Squivo, mais dez em crédito empresarial e outros cinquenta em moeda da unecam. Estes últimos eram quase todos em papel e quase sem valor no Estado Livre da Califórnia.

Eles tinham de viver enquanto buscavam a justiça. Não era justiça também eles sobreviverem aos criminosos?

Dinheiro era um problema para eles, mas era a esperança também. O sistema bancário mundial era quase que totalmente eletrônico agora, e as transferências de dinheiro deixava um rastro que podiam seguir através da Matriz. O rastro já ligara Hart e a serpente Tessien a Drake, o homem que estava conduzindo os passos dos runners mercenários. Squivo não escondeu seu alívio quando Sam concordou que deveriam se concentrar no homem que havia atrás do runner elfo e do Dragão. Ele parecera impressionado pela reputação deles e relutante em se envolver.

Então caçavam Drake agora, mas até aqui ele demonstrara ser um homem misterioso. Eles sabiam que frequentemente ele era visto com Nadia Mirin, presidente dos alimentos Natural Vat. A informação chegara durante uma busca geral de dados nas cadeias de notícias e na seção de sociedade de todos os lugares. Uma ligação confirmara que o sr. Drake, que acompanhava a sra. Mirin, era o mesmo homem que Sam encontrara no estacionamento abandonado de carros. A conexão obstinadamente permanecia como um ponto de informação aleatório. Nada que eles tentaram jamais ligava Drake a Mirin de qualquer outra forma que não socialmente. Ele não tinha ligações com a Natural Vat, com sua similar, Aztecnológica, ou com qualquer uma das subsidiárias ou filiais que Sam e Squivo verificaram. Isto era incomum e intrigante. Executivos do porte de Mirin geralmente mantinham seus romances dentro do círculo empresarial.

- Você está pronto para trabalhar naqueles arquivos que pegamos em nossa última incursão?

- Acho que sim. O cochilo e a comida acabaram com a dor de cabeça.

Os arquivos em questão eram cópias roubadas de registros de transação do Transbank. A incursão na segurança do banco fora exaustiva, com Squivo chegando a admitir que ele poderia não ter capacidade de romper os fechos e extrair os dados com segurança. Agora Sam sabia que

para o elfo admitir algo assim, significava que a tarefa que tinham pela frente era extremamente arriscada. Estes arquivos deviam ser muito bem protegidos.

Os arquivos eram realmente muito importantes. Eles levaram horas para determinar que Drake tinha certificado diversos cartões-moeda através do Transbank. Parecia que não valia muito a pena tanto esforço e novas dores de cabeça para se chegar a um beco sem saída. Um cartão-moeda certificado equivalia a dinheiro. O dinheiro ainda podia ser rastreado depois que entrasse novamente no sistema financeiro, mas não haveria registros de quem recebera o cartão-moeda.

- Era uma pequena esperança de que ele fosse descuidado o bastante.

- Talvez se pudermos descobrir outras transações do mesmo valor monetário daquele atribuído ao cartão-moeda de Drake, possamos pegar o rastro e o seguir de onde quer que o Transbank o tenha enviado. Logicamente que alguns valores serão apenas coincidência, mas outros serão os recebedores da generosidade de Drake. Se tivermos sorte, outros dos nomes ligados a estas transações podem significar algo.

Depois de mais dois dias de trabalho estafante com os dados, eles eliminaram as prováveis coincidências. Isto deixou três nomes. Cada um ligado a pelo menos três transações cujos totais eram iguais a um dos cartões-moeda de Drake.

O primeiro, Nadia Mirin, não foi surpresa. No caso dela, os totais eram os menores, justificáveis como presentes a uma amante. O segundo nome era totalmente desconhecido, mas o padrão de transações de intervenção era interessante. Cada total chegava através de uma série de transferências, todas somando o exato valor do cartão-moeda de Drake. Cada pista conduzia a uma conta fechada num abrigo de dados em Denver. Squivo disse que a pista de dados era um registro da lavagem dos pagamentos de Hart. Por sugestão de Sam, eles seguiram uma pista similar de depósitos feitos por um cliente conhecido de Hart e chegaram ao mesmo número de conta fechada, confirmando a suposição do elfo. O último nome estava ao final de uma pista similar, mas muito menos escondida. A conta de destino estava registrada como de A. A. Wilson.

- A. A. Wilson. - Sam sacudiu a cabeça. - Por que este nome parece familiar?

- Familiar ou não, parece que o sr. Drake acha que Wilson vale um monte de dinheiro. Mas e daí?

- Se soubéssemos quem é A. A. Wilson, poderíamos ter um indício.

- Quantas pessoas pode haver com este mesmo nome? Squivo deu um suspiro. - Não sabemos se é um nome real. Seja ou não, deve haver somente uns poucos. Será outra tarefa que vai nos tomar tempo.

- E então?

- Pensei que você diria isso, mas isso ajudaria se pudéssemos afunilar as coisas.

Sam pensou um instante. Realmente havia algo de familiar naquele nome.

- E se Wilson for um metaumano?

- Ajudaria, se fosse verdade. Como você chegou a esta revelação?

- Não sei. Algo no fundo da minha mente diz que é metaumano quando ouço este nome. Talvez eu o tenha lido em algum lugar. Algo médico.

- Talvez Wilson seja um médico especializado em fisiologia metaumana.

- Pode ser. - Sam sacudiu a cabeça, perplexo. - É uma forma de se começar.

Os arquivos da AMA em Seattle não tinham qualquer A. A. Wilson. Uma verificação no banco de dados dos unecam não ofereceu resultados melhores.

- Tente o Conselho Salish-Shidhe - sugeriu Sam. - Não vamos muito longe por enquanto.

Uma hora depois, Squivo tinha algo.

- A. A. Wilson está licenciado para atuar em Salish-Shidhe. Está registrado como residindo em Cascade Crow, uma reserva extraterritorial pertencente à Genomics Corporation.

- Genomics? Dê uma olhada na literatura médica. Veja se Wilson publicou alguma coisa.

Squivo foi à dadoteca pública e percorreu os arquivos rapidamente.

- Wilson parece ser um renomado homem de letras. Ele é autor ou co-autor de diversos trabalhos. - Título por título, Squivo começou recitando a relação. - Efeitos Variacionais do Albinismo...

- Em metaumanos. D. Nyugen, M.T. Chan, e A. A. Wilson, Biofisiologia, 2049 - Sam acabou para ele.

- Realmente. Como você sabia disto?

- Eu verifiquei isso como parte da pesquisa que me foi atribuída para criação da biblioteca médica de metaumanos da arqui-sede. Por causa deste projeto é que eu sabia sobre os arquivos médicos quando fizemos a incursão para ver se Tessien trabalhava para a Renraku.

- Uma memória surpreendente, senhor Mobile, mas nos vale de pouco.

- Talvez sim e talvez não. - Uma outra idéia lhe ocorreu. - Squivo, há um albino na equipe de Hart na arqui-sede.

- Coincidência?

- O que você acha?

- Eu acredito que uma investigação sobre Wilson e outra sobre a Genomics estejam ligadas. Mas primeiro - e Squivo disse isto com um sorriso - é sua vez de fazer a comida.

Sam concordou com bom humor. Tinha uma pista agora, a primeira esperança deles de penetrar no que quer que tivesse dado início à cadeia de eventos que levou à morte de Hanae e ao seu próprio exílio da sociedade empresarial. Saber que Drake estava realmente envolvido, faria uma diferença. Eles o poderiam pegar para que pagasse pelos assassinatos que provocara e por todas as maquinações.

A lojinha que vendia sopa estava fechada. Eles tinham trabalhado tão arduamente e por tanto tempo que a noite virará madrugada. O único lugar que estaria aberto agora seria um desses locais bem sujos. Sam encontrou um, três quarteirões depois. A seleção de comidas era terrível,

mas achou que uns dois pacotes de sopa de soja já pronta para esquentar e servir teriam pelo menos algum valor nutricional. Quando Sam voltou ao esconderijo, Squivo tinha concluído uma pesquisa na dadoteca pública. O elfo parecia taciturno.

- O que há de errado? - Sam perguntou.

- Genomics. Como o nome pode sugerir, a empresa é uma firma de biotecnologia especializada em manipulações genéticas, e como tal, deve-se esperar um afiadíssimo sistema de segurança. Eu verifiquei com alguns runners que têm motivos para conhecer o gelo deles, e parece que somente com um cansativo cerco se poderia chegar em sua arquitetura a partir da Matriz. A única forma de se obter a informação rapidamente é se conseguirmos entrar fisicamente lá e, então, usarmos uma máquina empresarial dentro do escudo de intrusão para obtermos um dado. Se tivéssemos força para um ataque, sem a vigilância da Matriz, seria muito arriscado.

- Mas um conhecido usuário de terminal poderia fazer uma viagem axial e entrar nos arquivos.

- Muito provavelmente. Mas isto não acaba com as outras dificuldades. A firma tem sede em Quebec.

- Acho que então vou a Quebec. Squivo deu um suspiro.

- O que você vai fazer lá? Você não existe mais, lembra? Quando você foi dado como morto, seu símbolo de identificação natural foi congelado. Sem uma SINA, você é uma não-entidade no mundo empresarial. Não vai conseguir fazer uma viagem aérea, não tem passaporte para entrar lá. Não vai ter um emprego mole com o qual consiga subverter os dados deles.

Sam não iria deixar a oportunidade escapar.

- Você sobrevive há anos fora da estrutura das empresas. Isto significa que você encontrou alguma forma de contornar o problema. Identidades falsas ou SINA falsa. Alguma coisa que faça você passar pelos pontos de checagem.

- Isto é a necessidade.

- Então vou precisar de um arranjo para um pesquisador. Este era o trabalho que eu fazia para a Renraku. Uma empresa atarefada feito a Genomics, estará sempre atrás de bons pesquisadores.

- Uma identidade arranjada com pouca informação não vai se aguentar por muito tempo.

- Não precisa. As informações de referências de empregados de escalão inferior não podem ser completas, mesmo em Quebec. Um dia ou dois para obter os códigos do sistema. Então, uma vez dentro do gelo, entrarei nos arquivos de Wilson, consigo o que quero e saio. Com o que você me mostrou, não devo precisar de mais que uma semana.

- Parlez-vous français?

- Boa pergunta. Vou precisar de um linguasoft.

- Incroyable! - Squivo sacudiu a cabeça assombrado. -Diga-me por favor, senhor Espião de Empresa, como está planejando chegar lá? O livre e orgulhoso Domínio de Quebec é quase tão zeloso sobre suas fronteiras quanto o Tir.

- Você é o shadowrunner, Squivo. Você faz os arranjos.

- Sua fé é maior do que sua conta bancária, senhor Mente-fértil.

- Então terei de ficar devendo alguns favores a alguém.

- Há poucos dias você estava lamentando débitos desconhecidos. Hoje você anuncia que está louco para fazer mais.

Sam jogou a comida, da qual tinha se esquecido, sobre a mesa. Não tinha mais fome.

- Isto parece certo, Squivo. Só sei que Genomics é parte da história. Vou lá conseguir alguma coisa que dará sentido ao que aconteceu.

- Uma premonição? Que místico. Sam fez uma careta.

- Não é nada disso. É apenas um palpite.

- Então devemos pagar para ver.

Squívivo ia se levantar, mas Sam colocou a mão sobre o ombro do outro.

- Não. Não nós. Depois de você fazer os arranjos da viagem, o quero fora disso. Eu já lhe devo bastante.

Squivo continuou se levantando, apesar da pressão de Sam. Ficou de pé e o olhou, seus olhos cintilando de emoção.

- Senhor Mobile, você me ofende. Não sou um miserável que conta cada migalha. Você vai precisar de mim para fazer a incursão.

- Eu tenho de cuidar disso. A Genomics não vai contratar nós dois, de modo que não há necessidade de arriscarmos nossos pescoços. - Squivo começou a objetar de novo, mas Sam o interrompeu. - Além disso, há outra pista a ser checada. Drake tem dinheiro suficiente ou apoio para contratar mercenários caros como Hart, enquanto nós só podemos contar conosco. Quanto mais tempo levamos para descobrirmos o que queremos, é mais provável que Drake esteja se mexendo por trás de nossas descobertas. Se eu for a Quebec, ficarei preso investigando a Genomics. Alguém tem de continuar tentando descobrir alguma coisa sobre Drake.

- Por que então você não faz isso? Você o escolheu como inimigo, afinal de contas.

Se Drake não está sediado em Seattle, ele está pelo menos comandando esta operação de lá. Eu posso usar um chip que me faça falar francês, mas nada pode me fazer conhecer as sombras de Seattle como você. Você é o melhor homem para este trabalho.

O elfo relaxou sua atitude beligerante e uma nova luz tomou conta de seus olhos.

- Você confia em mim para fazer este trabalho para você?

- Eu confio em você.

- Ah, a impetuosa fé da necessidade.

Sam não poderia dizer o quanto do comentário de Squivo era uma piada amistosa e o quanto uma ironia desdenhosa. Ele não se importava. Sabia que o elfo não o trairia com Drake; Squivo era muito comprometido com os oprimidos. Sam queria acreditar que o tempo que os dois passaram juntos tinha criado um laço real e que o elfo era um amigo. Sua própria crescente afeição pelo trapaceiro era bem real. Antes que tudo isto acabasse,

Sam estava certo, precisaria de todos os amigos com os quais pudesse contar.

## 29

A estação de monitoragem de serviço estava ligada e cheirava a suor, ozônio e às forças rivalizantes de mofo e de desinfetante. Quando os tanques de aquacultura que ela monitorava tinham entrado em operação há um mês, a vigilância fora transferida para os consoles do controle principal, deixando a estação virtualmente sem uso. Crenshaw virou as aletas dos respiradouros de controle de clima, mas o fluxo indolente de ar não aumentou. Apesar de todo o desconforto, este lugar oferecia uma paz e uma privacidade raras em qualquer outro ponto da arqui-sede. Com um console de computador ativo, a estação era utilizável para ela de modo suficiente. E Crenshaw gostava disto aqui no escuro.

O sinal do sensor de movimento que ela deixara perto do elevador soou no seu receptor de ouvido. Se fosse Addison, ele estava adiantado. Quando o segundo sensor soou, ela teve certeza de que era ele. O corredor que levava à estação não teria outra movimentação a uma hora dessas. Os sinais de advertência foram próximos, ele estava correndo, movendo-se rapidamente.

Provavelmente mais nervoso do que de costume.

Era a tendência nervosa dele que lhe servia de indicativo. Ela vira os olhos dele quando abordara Verner no funeral de Tanaka, e sentira o medo dele quando o visitara no seu cubículo na sala de computadores, uma semana atrás. Era seu distintivo de segurança que fazia isso, e tal medo da segurança significava consciência culposa. Isto a agradava, pois Crenshaw sabia que poderia manipulá-lo assim que soubesse do segredo dele. Addison era um trouxa; não levava muito para descobrir o que estava escondendo.

Uma das amigas de Addison, Lisa Miggs, fizera uso não autorizado do terminal de Jiro Tanaka para fazer uma incursão à Parede. Como a maioria dos tecnautas na Renraku, Addison e seus amigos não faziam a

menor idéia do que havia por trás da Parede. Sabiam que qualquer tentativa para descobrir era uma falha na segurança, mas tentavam de qualquer modo. Típicos tecnautas levianos. Sempre se metendo onde não deveriam. O episódio não resultará em coisa alguma a mais do que um teste das defesas do projeto Inteligência Artificial, mas Addison não sabia disto. Ele sabia apenas que ele e Miggs tinham desobedecido a regras que poderiam fazer com que fossem presos. Foi o medo que o homem sentia disto que o colocou nas mãos de Crenshaw.

Ele se tomara útil mesmo não tendo preenchido as esperanças dela de ligar Verner a alguma coisa sorrateira. No momento, ele estava empregado em ajudá-la a descobrir o que a equipe do projeto IA estava escondendo. Era uma curiosa ironia o fato de que aquilo que ele estava fazendo por ela era exatamente aquilo por que ele temera ser castigado. Mas ela não era tão estúpida a ponto de mandá-lo diretamente contra o gelo que encobria o projeto e contra aqueles que trabalhavam nele. Ela queria um trunfo para descobrir a que tipo de conclusão a equipe chegara. Alguma coisa que forçasse um deles a contar a ela o que ela queria saber. Para conseguir este trunfo, ela colocara Addison para circular na Matriz à cata de sujeiras. Ele telefonara para ela hoje à tarde para marcar este encontro. Devia ter encontrado alguma coisa que ela pudesse usar.

A porta se abriu e Addison irrompeu por ela, a cabeça voltada para verificar o que havia no corredor atrás dele. Fechou a porta e então viu que a sala ainda estava às escuras.

- Droga, ela ainda não chegou.

- Não tenha tanta certeza, cabeça de vento. Addison deu um salto ao ouvir a voz dela.

- Droga! Não faça isto, Crenshaw.

Ela se dirigiu a ele e colocou os dedos sob o seu queixo. As lâminas de liga metálica que usava como unhas feriram a pele mas não a fizeram sangrar. - Você não dá ordens. Eu dou.

- Claro - ele gaguejou. - Como você quiser. Crenshaw acionou o comutador de luz. - Vê se lembra disso. O que você conseguiu para mim?

- Não estou totalmente certo. Deixe-me contar e você decide.

Ele colocou um chip sobre o console e olhou na expectativa para a tela, esperando que se acendesse. Ela não queria esperar. - Cliber?

- Não. Ela está limpinha. Ela é realmente uma pessoa que vive para as suas máquinas.

- Dane-se. Pensei que você fosse trazer alguma coisa sobre ela. Seria um prazer me lançar sobre a cadela.

- Antes ela do que eu - Addison murmurou. Crenshaw o ouviu perfeitamente, mas preferiu fingir que não escutara.

- Quem então? Hutten ou Huang?

Addison deu um breve sorriso, tentando esconder a tensão.

- Talvez os dois. Estão os dois envolvidos. Apanhei uma relação dos registros de uso das salas de diversões do Sexto. Os dois H estão nela e o velho Huang também é casado. Quer apostar como a mulher dele não sabe?  
- Ele finalmente conseguiu ver na tela os dados que desejava e se afastou para o lado, cheio de meneios.

Ignorando a teatralidade, Crenshaw olhou para os dados que estavam na tela. Franzu o rosto.

- Isto não é muito. E é uma coisa normal para um assalariado. Quais são os detalhes?

- Detalhes? - Addison repetiu. - Bem, hmm, você pode ver que Huang conseguiu uma rotina regular.

- Uma amante, então. Isto deve me dar um gancho se ela for dócil. Alguma coisa mais?

- Bem, talvez. Mas não tenho certeza. - Addison murchou sob o olhar dela, sua voz ficando insegura. - Acho que identifiquei uma rasura nos registros.

- Qual a ligação?

- Era uma das noites normais de Huang, e não havia registro de ele ter feito uma visita àquela noite.

- E nosso presidente é capacitado o suficiente em nossa Matriz para arranjar suas próprias rasuras. Hutten estava lá naquela noite?

- Não. As visitas dele começaram cerca de uma semana depois. Uns três ou quatro dias mais tarde, mas sem uma noite regular.

- Você checkou os registros visuais?

- Droga, Crenshaw. Há gelo grosso nestes registros.

- Você é tido como um especialista - ela disse, com um sorriso de escárnio. Crenshaw sabia que seria esperar demais que ele agisse por conta própria; ele não tinha garra.

- Não posso fazer tanto assim. Não gosto deste negócio, Crenshaw. Você está se metendo com gente importante. Qualquer um deles poderia me demitir. E, droga, se metendo com Huang. Ele é o presidente, droga.

Crenshaw olhou para ele, deixando-o demonstrar seu embaraço.

- Addison, você tem muito mais com que se preocupar em relação a mim. Eles estão muito ocupados para repararem num trapaceiro eletrônico de terceira classe como você. Então faça o que eu lhe digo que você não terá problema algum.

Addison afastou-se um pouco para trás.

- Certo, Crenshaw. Como quiser. - Quando ele esbarrou no console, pareceu se lembrar do programa que ele rodara ali. Ao terminar, ele apanhou o chip. Todos os seus movimentos eram hesitantes.

- Posso ler em sua mente que você conseguiu alguma coisa a mais. Solte a língua. - Ela estava cansada da fraqueza daquele sujeito.

- É o tal Werner.

- Verner.

- É, é ele. Ele estava acabado, não estava?

- Despedido. Há duas semanas.

- Sim, foi o que eu pensei. Bem, eu estava checkando algumas das coisas estranhas na Matriz. Você sabe, a coisa que achamos que é o IA. Havia um registro do ícone dele num nó onde a confusão fora muito grande. Só naquele nó. Pura sorte.

- Você não relatou isto?

- Droga, não! Eu também não deveria estar lá. -Bom.

Então Verner voltara à arquitetura Renraku e estava vasculhando o projeto IA. Que víbora! Ela sabia que aquele cabeça de bagre era um problema assim que ele ingressara na gangue de Tsung durante o sequestro. Mas ninguém lhe dava ouvidos. Marushige disse que Verner não era coisa alguma. Sato disse que ele não era importante o suficiente para gastar recursos com ele. Bem, Verner pode ter enganado a eles, mas ela tinha a senha daquele marginal. Pelo que Addison contara, estava claro que ele não conseguira apanhar o que desejava quando invadira a arqui-sede. Se aquele verme fosse estúpido o bastante para voltar, ela o agarraria. Ao pensar nisto, quase começara a achar que ele era inofensivo.

- Quero esquecer os registros da sala de diversões por enquanto. Verifique o sistema em torno daquele nódulo onde você encontrou as marcas do ícone de Verner. Quero ser informada sobre qualquer coisa fora do comum. Qualquer coisa. Só relate a mim; não tente interpretar os fatos. Entendeu?

Os olhos de Addison estavam arregalados e ele engoliu a saliva de modo convulso duas vezes antes de assentir. Aquele verme estava com medo dela como sempre. Mas o medo era bom; significava que faria o trabalho dela.

## 30

- Nunca esteve perto de um antes?

Sam deu um salto. Ele não ouvira o homem se aproximar, mas mesmo em marcha lenta o ruído do blindado abafava tudo que ficasse abaixo de um grito.

Quem falou foi um ameríndio, mas a roupa dele era tipicamente inglesa. Ele tinha ombros largos e cintura estreita com a pele do peito sem pelo tão queimada do sol que seus músculos pareciam esculpidos numa árvore. A sujeira sob suas unhas não combinava com as brilhantes conexões

de fusor na palma de suas mãos e nos punhos, e com as conexões em sua têmpera.

- Você é Mobile? Sam assentiu.

O homem sorriu e estendeu a mão. Seu cumprimento era firme e a base de indução na palma de sua mão arrastou na de Sam quando elas se tocaram. - Cog disse que você era verde. O nome é Josh Begay, último dos Dineh.

- Você é navajo? Está muito longe de casa.

Os olhos de Begay fecharam-se e o sorriso se transformou numa expressão dura, cheia de rugas.

- Garoto esperto. Fique esperto e mantenha a educação na conversa.

Pelo vigor na voz do navajo, ele era obviamente sensível sobre suas origens. Se Sam iria passar diversos dias na companhia do fusor, era melhor ficar bem com o homem. O blindado seria um assunto seguro; a maioria dos fusores era mais interessada nas máquinas que controlavam do que nas pessoas.

- Só vi tanques como este no trídeo - Sam disse em demonstração de apreço.

Begay relaxou um pouco e Sam compreendeu que adotara a abordagem correta.

- Este é um pouco diferente dos animais que eles usam nas guerras de empresa. Eles querem carne e intimidação; é melhor para os índices. Eu tenho mais necessidade de ação sub-reptícia. Os motores do Thunderbird são desnorteantes e ele tem uma porção de CME extra. O silenciador corta um pouco da velocidade, mas eu o terei tranquilo ao custo de uns poucos HP. O T-bird é muito calmo.

- Calmo? - Sam gritou. O conceito parecia absurdo. O barulho do motor do blindado estava ensurdecendo ao ecoar pelas paredes do armazém. Mesmo a céu aberto, alguém poderia ouvi-lo chegar de longe.

- Tudo isto é relativo. Nenhuma máquina com alma será jamais silenciosa. Mesmo assim, não é preciso fazer um anúncio para o próximo

vale. Só se identifica um T-bird e se sabe o que ele é depois de já termos passado há muito tempo.

- Vou confiar em você.

O navajo não disse coisa alguma, só olhou para ele. A pressão dos olhos castanhos escuros começou a deixar Sam nervoso.

- Você foi muito recomendado. Nenhuma resposta ainda.

- Cog disse que você é um dos melhores runners das rotas do noroeste. Ele disse que tive sorte por você estar disponível.

Begay cuspiu no chão.

- Cog é um bom intermediário, mas tem a língua de branco. - Quando Sam ficou lívido, ele colocou dois dedos diante da boca, imitando língua de cobra. - Forcada, você sabe.

Sam reagiu à piada com um riso nervoso e ficou aliviado por ver o fantasma do antigo sorriso voltar ao rosto de Begay.

- Cara, você tem sorte de eu ir aonde você quer ir. Sorte por eu ter espaço para uma outra pessoa. Sorte por não haver ninguém na cidade que saiba como manejar uma metralhadora e com quem eu queira viajar. Sorte por eu não ter tempo para encontrar alguém. - Ele cuspiu de novo. - Gosto deste tipo de sorte. É contagioso.

"Lógico que a sorte não tem nada a ver com isso. Eu estar disponível é pura questão de grana. Pelo que eu sei, você não poderia pagar. Mas você tem amigos que podem e isso também é sorte."

- O que você quer dizer? Pensei que eu estivesse trabalhando para pagar minha passagem.

- Ah, você vai trabalhar. Cog disse que alguém gosta de você o bastante para recomendar à patrulha de fronteira do Tir e deu alguns incentivos a alguns velhos amigos meus para ficarem em outro lugar quando passarmos pela fronteira.

- Vamos pelo Tir? Não seria mais fácil cortarmos e seguirmos pelo Conselho Ute?

- Não passo pelo território do Ute - Begay disse de modo curto. - Mas não se preocupe. Vamos passar pelo Tir a maior parte do tempo de dia, e com o acerto vai ser tudo tranquilo. Depois partimos pelas Rochosas, onde o Conselho Salish-Shidhe desce e passa pela borda do territórios Sioux. Depois pelo Conselho Algonkian-Manitou até chegarmos a Quebec.

"Fazemos uma parada para reabastecimento perto da reserva Dworshak antes de cruzarmos a divisa. Paramos de novo em Portage-La-Prairie depois de atravessarmos a antiga fronteira canadense. A última parada será em Hearst, pouco antes de tentarmos a fronteira de Quebec. Assim que cruzarmos a linha, eu largo você e você se vira por conta própria."

- Você disse que já estava contratado, então deve ter uma carga também. O que estamos levando?

Begay cuspiu.

- Cog disse que você era curioso. É má sorte perguntar muitas coisas.

- Entendi. - Sam sorriu de uma maneira que esperou ser apaziguadora.

- Cog disse também que você era esperto.

Sam não respondeu nada quanto a isto, aparentemente ganhando a aprovação de Begay. Depois de um instante ou dois de avaliação silenciosa, o navajo bateu-lhe no ombro.

- Você é bem esperto para aprender umas poucas coisas sobre fazer disparos de um blindado?

- Experimente.

Begay subiu pela lateral do veículo feito um montanhista, utilizando apoios moldados e protruções convenientes. Sam o seguiu mais lentamente, o peso de sua carga o desequilibrando o suficiente para que tivesse cautela com alguns dos apoios que Begay utilizou. Quando chegou ao alto, Begay estava afundando no blindado. Sam livrou-se do fardo e o acompanhou, puxando seu coldre do rebordo da escotilha. Ele tinha de forçar seu corpo para trás e para cima para soltar o coldre. O coldre e a pistola de Narcojato Lethe que havia ali dentro era um presente de

despedida de Squivo. O elfo quisera que levasse algo mais letal, mas Sam resistira. Ter uma arma na cintura era muito estranho. Que a arma fosse dele mesmo era mais estranho ainda. Dentro do blindado, Begay mostrou como se amarrar na poltrona do artilheiro e começou um programa de simulação que fez com que Sam se familiarizasse com os controles. Atirar nos alvos do computador era fácil. Como num jogo.

Hart desenrolou o capuz da gola de seu blusão de couro preto e o vestiu. Ela detestava o que aquilo fazia a seu cabelo, mas o capuz era uma opção melhor do que o feitiço de invisibilidade no momento. Ela não queria a perturbação de manter o fluxo de maná para sustentar o feitiço. Seriam dois contra ela, precisaria de toda a sua força consigo. Verner podia ser um fraco, mas o outro era um runner experiente com capacidades de combate desconhecidas. Como a vida dela inteira, este seria um risco calculado. San Francisco não era uma de suas cidades, de modo que não tivera tempo para conseguir uma equipe de qualidade. Seu problema era como deixar a cidade, e isto significava que precisava ser rápida. Felizmente ela concluía a transação do seu equipamento de trabalho antes que soubesse de sua localização.

Hart fez suas escolhas na sacola e as colocou no telhado antes de escondê-la sob uma unidade de ar condicionado. Voltando a seus novos brinquedos, ela enfiou o estilete embainhado no cinto, sob um dos supostamente decorativos ornamentos que, na verdade, eram suas costumeiras estrelas de lançamento, as Shuriken. Depois colocou os visores termográficos sobre o capuz e olhou por sobre o telhado uma vez para confirmar a qualidade dos óculos. Satisfeita, levantou os óculos, colocando-os na testa, de onde poderia abaixá-los num segundo. Passando os dedos enluvados pela Beretta modelo 70, ela confirmou que os números seriais foram apagados com laser, conforme especificado. Ela deu início ao autoteste e assentiu uma vez de satisfação quando os LEDs sinalizaram a mira laser com carga plena, o silenciador com eficiência de noventa e sete por cento, o pente cheio e a pressão do gatilho ajustada em um centésimo de polegada abaixo do que pedira. O intermediário que forneceu este material era confiável; ela queria se lembrar dele no caso de ter negócios futuros na cidade. Tendo checado a Beretta, a pendurou em seu ombro direito. A arma permitira que ela encerrasse o negócio de um modo rápido e sem rastro.

Uma vez tendo partido, seria apenas outro crime da violência aleatória das ruas.

Hart se sentou de pernas cruzadas sobre o telhado e colocou as idéias em ordem. Daquele calmo local, ela deu um grito. O chamado tomou a forma de um aroma ondulando na brisa. Não demorou muito para que aparecesse o primeiro rato. Cheirou o ar como se estivesse levemente confuso, depois correu para mais perto. Não era mais audacioso do que muitos dos ratos de cidade que ela vira, mas não era menos corajoso também. Ele andou à volta dela uma vez, depois parou diante dela e se ergueu sobre as patas traseiras. As pequenas patas dianteiras agitaram-se no ar enquanto seus bigodes tremulavam ao movimento de seu nariz sensível.

A mão dela se arremessou e imprensou o animal no teto. O aperto da sua mão sobre a cabeça do rato o deixava indefeso, apesar dos violentos movimentos. Ela tocou na parte traseira da cabeça do rato com o dedo indicador da mão que estava livre e entoou o feitiço de preparação.

Aleph!

A afirmação de atenção invadiu sua mente.

Tome este corpo aqui. Quero que você espione lá embaixo.

A confirmação tocou a mente dela, e então o rato parou de se agitar. Ela o soltou, e ele se sentou em suas ancas, olhando para ela com olhos subitamente inteligentes.

- Bem, o que você está esperando?

O rato deu um guinchado e sumiu.

Hart fechou os olhos a fim de melhor compreender o fluxo de dados que vinha dos sentidos do rato. O Espírito Aleph, seu aliado, assumira o controle do animal, que permitia que ela visse e ouvisse o que o rato via e ouvia através da ligação dela com o Espírito. Nesta parte da cidade, um rato era um espião muito indiscernível.

Aleph precisou apenas de alguns poucos minutos para guiar o rato através dos caminhos apropriados até o chão do prédio. O cheiro forte de óleo tomava conta de quase tudo, e os olhos do animal adaptados ao escuro mostravam a ela o que não queria ver. O armazém estava vazio. Chegara tarde demais.

-Droga!

O blindado, com Verner lá dentro, tinha partido.

Solte-o, Aleph. Temos de pegar a estrada.

Confirmação lá de baixo e ela estava sozinha no telhado, toda vestida para uma festa que já tinha acabado.

## 31

Como Begay prometera, a passagem pelo Tir foi fácil. Exceto nos cruzamentos da fronteira, eles viajaram de dia, o que deu a Sam uma oportunidade de ver as florestas magicamente restauradas. Bela como a terra era em seu estado natural e em seu vigor, a idéia de que poderosas magias tinham feito aquilo o perturbava. O pior de tudo era que ele não podia negar. Tão fresca e abundante quanto era a floresta, Sam pareceu só ter percebido os locais de sombra e os espaços escuros sob as árvores, como se algum perigo ou instabilidade precária se escondessem dentro da proteção das folhas. Ou eram apenas suas dúvidas?

Begay lhe garantiu que a viagem de dia era uma questão prática mais do que para se ter uma bela vista. Menos da vida animal silvestre estava em ação enquanto o sol estava no céu, disse ele, deixando Sam conjecturar que tipo de animal poderia ameaçar um blindado. Tudo que Begay lhe disse foi para observar as telas de alvo, o que ele fez, embora a ligação de sua conexão de dados com os sensores lhe provocasse as costumeiras dores de cabeça. Tensão, dissera a si. A magia não tinha qualquer coisa a ver com isto.

Uma vez tendo passado pelo Tir, viajaram à noite.

- Certo, a assinatura no infravermelho é mais fácil de se ver - disse Begay -, mas olhar uma tela IV é como olhar qualquer tela. Não é fácil de se fazer por muito tempo. As pessoas se cansam e esquecem de observar suas telas. - Sam confiava no julgamento do outro. Afinal de contas, Begay era o profissional.

Cruzando o que fora Idaho, tiveram um vôo junto a um helicóptero de Salish-Shidhe, mas Begay encontrou um local para esconderijo nos canyons, ao longo do Snake River. Depois disto, lançou o teleguiado ultraleve do T-bird, para fazer um vôo de vigilância de modo a que pudesse identificar qualquer atividade reveladora. Mais tarde, enquanto recolhendo o teleguiado quando eles bivacavam para o dia, o painel de controle do fusor queimou um chip, lançando o aparelho fora de controle às margens do rio. Eles perderam metade da noite recuperando os destroços, pois Begay não partiria sem aquilo.

- Essa droga é muito cara - disse ele.

Estava quase amanhecendo quando chegaram à cidadezinha da reserva Dworshak. Begay dirigiu o Thunderbird para um celeiro abandonado, onde um bando de pessoas da localidade estava reunido. Quando o blindado se aproximou, contudo, eles se espalharam e abriram a porta do celeiro para o T-bird. O blindado entrou ali e repousou.

Pelo que Sam pôde ver, o interior do celeiro nada tinha a ver com seu exterior, o chão era de concreto, e as paredes de algum tipo de material de espuma solidificada. Bancadas, ferramentas elétricas, veículos, caixas e engradados estavam espalhados por ali. No alto, um grande engradado continha o que parecia ser um motor dentro de um emaranhado de fios. O pessoal da localidade, a maioria deles de orks, fechou as portas externas e se dirigiu para o blindado. Sam ainda estava tentando compreender o que estava acontecendo, quando Begay abriu a escotilha auxiliar do piloto e saiu.

- Abasteça.

- Quer que verifique o óleo? - perguntou um ork com avental imundo.

- Vou querer que você verifique o óleo quando eu tiver um poço, Estronde.

- Você não leva a sério, Begay.

- Sua vareta é muito curtinha.

- Quero continuar no negócio, cara.

- Faça direitinho.

Para Sam, aquela conversa tinha jeito de uma antiga rotina. Saindo do aparelho, viu os dois se cumprimentando e entendeu que eram antigos camaradas. Begay acenou para ele.

- Mobile, quero que você conheça Estronde Collins, o melhor mecânico de blindados do oeste.

- O segundo melhor - o ork contrariou. - Não acredite em tudo que o Injun fala, garoto. Willy Stein ainda está trabalhando com os meninos de Cascade. - Collins estendeu a mão. Prazer em conhecer você, Mobile.

Sam apertou a mão calejada. O aperto de mão de Collins era tão forte que Sam teve a impressão de que o ork poderia quebrar os ossos de sua mão com apenas uma fração de sua força; músculos ressaltados faziam com que a estampa já maciça do ork ficasse mais destacada ainda. Terminada a apresentação, Collins voltou sua atenção para o fusor.

- Que bagunça você fez no compartimento de carga de estibordo.

- Droga, é mesmo. Explodiu um chip quando recolhia o teleguiado.

- Posso consertar o teleguiado hoje, mas o chip... -Collins sacudiu a cabeça, fazendo uma dança de reflexos em sua cabeça calva. - Não vou encontrar nada como isto na prateleira, e por aqui ninguém faz um desses.

- Droga. Preciso desse pássaro. - Begay cuspiu no chão e olhou para o formato de estrela que a cusparada assumira no chão.

- Begay? - Sam esperou até que Begay olhasse. - Parece que o seu avião tem controles manuais.

- É. Era um avião de espionagem antes de eu colocar os controles de fusor. Deixei os controles manuais porque pensei que pudesse querer assumir o controle algum dia.

Collins deu uma risada.

- Ele quer dizer que isso era sua saída de emergência. Begay deu uma rosnada para o ork, mas não passou disso. Sam percebeu que o uso do teleguiado como um veículo de fuga devia ser um segredo aberto, mas o fusor precisava dizer que este era seu segredo a ser compartilhado.

- Begay, já pilotei pequenos aviões. Meu velho Mitsubishi Flutterer era um pouco parecido com o seu ultraleve. Acho que posso pilotá-lo se

você realmente precisa fazer um reconhecimento.

- Você é cheio de surpresas, Mobile. Daqui a pouco vai me dizer que você é um bruxo. - Begay riu. - Você não é um feiticeiro, é, Mobile? Porque, se você é, pode ir embora daqui.

Sam não disse coisa alguma. O lado esquerdo de sua boca contorceu-se num meio sorriso nervoso. Ele foi salvo da necessidade de responder, quando Collins rompeu o silêncio.

- Se o garoto fosse um mago, em primeiro lugar não precisaria voar com você, Begay.

- O que você sabe sobre isto?

Os dois velhos amigos começaram a discutir sobre quem sabia mais sobre magia e os modos dos feiticeiros, dando a Sam a oportunidade de escapar. Ele não queria se meter numa discussão que poderia terminar com Begay cumprindo a ameaça de deixá-lo ali no deserto. Sam não se imaginava um feiticeiro, mas não sabia quais eram os parâmetros de Begay. Teria o navajo visto Sam olhar os chips que o professor lhe dera? O que motivara a aparente piada da pergunta? Sentindo-se só, Sam encontrou um canto escuro e ficou ali para observar a equipe de Collins cuidar do blindado.

Boise pertencia ao Conselho Salish-Shidhe, mas era diferente das cidades que Hart conhecia na costa, onde a influência das tribos da costa noroeste era forte. O gosto aqui era o das tribos do platô e das planícies, um pouco mais parecido aos burgos do Conselho Ute. Isto não era muito surpreendente; o território Ute começava logo ao sul das planícies do Snake River. Mesmo assim, era o maior assentamento da região e bem situado para uma viagem no blindado enquanto cruzava as planícies do Snake River. Ela a escolhera como um provável ponto de passagem, pois um delator de rua lhe dissera que o destino do blindado era Quebec. Custou-lhe pequenos subornos para conseguir um lugar no vôo regular para chegar na frente da caça.

Foi isto o que ela pensara no vôo até aqui. O submundo das sombras não era muito desenvolvido em Boise, mas fez algumas poucas conexões e aprendeu o suficiente para saber que tinha pensado errado novamente. Ao fingir que estava procurando por um runner num blindado e precisando

conhecer os hábitos locais, descobriu que ali tudo era tranquilo. Todo o - admitidamente limitado - excitação ficava ao norte, onde, ontem, um membro do Concílio relatou contato com um blindado que se dirigia para o Norte ao longo do rio. Até aí sem surpresas. Qualquer bom runner num blindado podia livrar-se de uma patrulha geral.

O blindado não fora identificado, mas Hart estava razoavelmente segura de que era naquele aparelho que Verner estava voando. Os contatos dela pareciam ansiosos para fazer negócio, mesmo com sua história inconsistente, o que significava que o negócio de contrabando estava fraco no momento. Não parecia que muitas outras ações estivessem em curso, e o blindado misterioso seguia na direção correta. Havia outras rotas para o destino de Verner, além desta que decidira bloquear, mas todas envolviam muitos territórios complicados. A ida de Verner a Quebec poderia estar correndo muito mais depressa se eles tivessem tomado a rota pelas planícies. Talvez o almofadinho tivesse previsto oposição e escolhido uma rota menos óbvia. Se acontecera isto, era mais esperto do que ela pensara. Ou então os amigos dele eram. Ou talvez então ele tivesse sorte.

O relatório do membro do Concílio colocara o blindado muito para o norte para que, de modo razoável, se esperasse que eles fizessem um contorno para tomar uma rota mais baixa pela planície do Snake River. Isto significava que poderiam estar cruzando as Rochosas, em algum ponto da parte mais selvagem do país. Não havia muitas cidades ou mesmo vilarejos por lá, e deveriam estar evitando as poucas que houvesse. A menos que estivessem planejando um longo desvio pelo norte, o mais provável cruzamento deles os colocaria no território sioux em algum ponto perto de Great Falls, de modo que se tornaria sua próxima parada. Great Falls passava por uma cidade, mas era cercada por terras áridas, prados e moitas, nenhum destes sendo o melhor ambiente dela para trabalho. E lá é onde eles deveriam estar.

Hart queria resolver esta questão sozinha porque era a principal culpada de Verner ainda estar circulando. Ela deveria ter se certificado de que os elfos tinham feito o serviço na emboscada. Agora não poderia esperar encontrá-lo ali. Tessien era melhor nos lugares selvagens do que ela. Hart queria que Verner sumisse antes de chegar a um local civilizado novamente.

Ela parou no telecomunicador público, colocou um cartão-moeda\* digitou um número. Aguardou enquanto as conexões eram feitas e uma voz na outra extremidade repetiu os quatro últimos dígitos do código do telecomunicador.

- Jenny, mande nosso amigo escamoso me encontrar no extremo Norte.

- Ele irá, chefe.

O Thunderbird acocorou-se no chão, quieto, enquanto Sam observava Begay rastejar em tomo da escurecida cicatriz na lateral do veículo. O navajo praguejou enquanto aplicava o ferro de soldar, reparando os circuitos danificados.

- Por que não podiam ter sido os peles-rosadas em que entramos aqui? Com toda aquela tentativa de serem mais índios do que os índios, as drogas daquelas flechas não teriam tocado o T-bird. Não. Tínhamos de passar sobre alguma patrulha perdida das porcarias dos Gatos-selvagens. Droga, mas não há beleza naquilo.

- Gatos-selvagens?

- Forças especiais sioux. - Begay pulou do T-bird e cuspiu. - Com mísseis antiveículos também. Mísseis! Que bando de idiotas com cérebro de ratos libera uma esquadrão de mísseis para uma jornada nas montanhas.

- Será que havia alguém à procura de blindados?

- Eu não disse a eles que viríamos.

- Nem eu.

Sam passou uma garrafa com água ao fusor. Begay bebeu a água e cuspiu novamente, jogando depois a garrafa outra vez para Sam. - Uma esperteza o modo como você forçou o besouro deles a descer. Um disparo melhor do que eu imaginei que você seria capaz.

Sam deu de ombros como resposta ao elogio.

- Seria mais fácil derrubar o besouro.

Sam deu de ombros novamente. Ele não quis dizer a Begay que ficara enregelado assim que as luzes se alinharam no veículo militar sioux. Não fora capaz de apertar o gatilho. O veículo mais leve fora capaz de acompanhar o veículo normalmente mais rápido pelas escarpas recobertas de vegetação, mas não tinha qualquer proteção contra o canhão do blindado. Os sioux tinham demonstrado grande coragem na caça ao blindado e não teria sido correto matá-los. Os Gatos-selvagens estavam só fazendo o trabalho deles; Sam e Begay eram os intrusos. Os canhões do blindado não carregavam munição gel, de modo que procurara uma forma de fazê-los abandonar a perseguição. A única coisa que pensou em fazer foi bloquear o caminho, e a única forma que encontrou para fazer isso foi derrubar uma árvore na frente deles. Ele ficara espantado como fora fácil depois que a torrente de projéteis do canhão do T-bird penetrara no tronco gigantesco. Se Begay achou que o disparo fora fantástico, que pensasse assim. Ele só esperava que os Gatos-selvagens não tivessem ficado muito machucados quando o Besouro deles se chocou.

Deixando Sam com seu silêncio, Begay voltou para fazer os reparos no blindado.

A cabeça de Sam doía devido à interface com o sistema de mira do veículo. Parecia não importar a tecnologia. Qualquer interface sempre lhe provocava a dor, e agora, uma leve náusea. Esta última podia ser simplesmente reação da caçada. Ele esperava que sim.

O bolso do seu macacão pesava devido ao estojo dos chips de instrução que o professor lhe dera. Verificar alguns deles no computador do blindado, não fizera muito pela sua paz mental. Eles o deixavam nervoso e ele ainda nem tentara qualquer dos exercícios. A familiar dor da interface da máquina era um pouco mais confortável; Sam entendeu aquilo, ou pensou ter entendido. Faziam muito mais sentido e pareciam muito mais reais do que a conversa do professor a respeito de magia.

- Está remendado - Begay anunciou quando o ferro de solda foi guardado na caixa de ferramentas.

- Ótimo. Vamos viajar à noite, então?

- Não podemos esperar. Teremos de andar depressa até sairmos do território sioux. Aqueles Gatos-selvagens vão espalhar a informação e metade dos militares sioux vai cair sobre nós. A única maneira mais fácil pelo território sioux é tentar ser identificado e já é bem tarde para isto. - Begay deu uma olhada na paisagem. - Vamos pro norte. É o caminho mais curto pelas terras sioux. No geral é mais longe, mas também mais seguro, porque há mais lugares para nos encondermos. Você ainda está querendo pilotar o ultraleve?

Sam olhou para o outro. Aquilo não significaria ter interface com os sensores do aparelho.

- Se você achar que isto pode ajudar.

- Olhos no céu nunca fazem mal. Quando chegarmos às terras áridas, não podemos perder tempo passando por um can-yon sem saída.

- Vamos, então.

Eles subiram no veículo em minutos. Sam no assento do artilheiro porque Begay não queria acionar ainda o controle remoto.

Hart sentou-se escutando a conversa nos canais de rádio militares sioux. A posse de um receptor civil que permitisse captar aqueles canais era ilegal dentro das terras do Concilio. Isto não a preocupava muito; sua própria presença no Conselho Sioux era ilegal, pois não tinha qualquer autorização de entrada válida. Logo que o tradutor lhe disse o que estava acontecendo, ela sorriu. Desta vez tivera o palpite correto. Hart estava apenas horas á frente da caça e bem posicionada para interceptar. Se enviasse Tessien na direção correta, logo Verner estaria no papo.

## 32

Um som como o latido de um cachorro despertou Sam do sonho que era voar. Ele estivera devaneando, divertindo-se na liberdade que sentia nos controles do Little Eagle. O ultraleve era lento e preguiçoso em comparação com o suave mono-asas que voara no Japão, mas depois do confinamento claustrofóbico do blindado, o céu aberto em volta era uma delícia. Ele podia

ter ficado enlevado em devaneios, mas não a ponto de que não pudesse identificar aquele ruído como tendo vindo do rádio. Uma olhada no painel comum não mostrou luz alguma indicando um canal aberto com o Thunderbird. O som era um ruído de rádio, então.

Sam verificou a tela de navegação. Vendo que tinha desviado um pouco do curso planejado, inclinou lateralmente o Eagle para corrigir o erro. O céu do final de tarde era de um azul brilhante, pontilhado com ilhas de nuvens. À distância, ele pôde ver uma célula de tempestade ocasional entre as nuvens mais leves. Abaixo dele, a terra se estendia num fino tapete cinza e marrom, com pontos de verde escuro aqui e ali.

Através dos intervalos entre as nuvens, Sam descobriu o Thunderbird exatamente onde ele deveria estar. A sombra do blindado balançava ou projetava-se de acordo com as peculiaridades do terreno, às vezes indo na frente do veículo e às vezes ficando para trás quando ele passava pelas terras áridas. O T-bird poderia ter uma velocidade maior, mas isto significaria voar a uma altitude maior, o que poderia atrair os mísseis dos inimigos. Não tendo o perfil furtivo do Eagle que lhe permitisse passar despercebido no céu, a massa do blindado quase que forçosamente seria identificada no radar se voasse acima de certa altitude. O sigilo era importante enquanto estivessem nos limites do Conselho Sioux.

Pensamentos de mísseis tornaram-se imediatos quando Sam percebeu uma segunda sombra movendo-se no chão. Esta outra era mais fina e mais rápida. Sua forma parecia tremeluzir e modificar-se mais do que poderia ser motivado pelo terreno. O quebra-cabeças se resolveu quando ele percebeu que a forma que lançava esta sombra tinha asas, que se batiam quando voavam. O aumento confirmou a natureza do objeto que se aproximava.

As extremidades de Sam estavam frias, enquanto, ao mesmo tempo, o suor começava a se formar em sua testa. A segunda sombra pertencia a um dragão. Observando com crescente trepidação, Sam viu o dracomorfo passar sobre uma manada de búfalos, aparentemente sem perceber os animais. Por sua vez, os animais decidiram que queriam estar em qualquer outro lugar. Se não estava caçando, o que estaria fazendo ali? Sam achou que sabia a resposta.

- T-bird - ele chamou ao acionar o rádio - você tem um dragão no vetor de interceptação. Duas horas relativas.

- Repita. O quê?

- Um dragão.

- Certo - Begay respondeu calmamente. O Thunderbird inclinou-se lateralmente de forma acentuada enquanto o fusor falava, mudando sua direção.

Se o recém-chegado estivesse indo na direção dele, isto ficaria evidenciado logo. Sam rezou, mas o dragão ajustou a direção para manter um curso de interceptação. Ele informou a Begay:

- Ainda seguindo.

- Certo. Vou jogar mais duro, então. Jogue-me uma imagem do terreno, depois fique no alto e mantenha os olhos bem abertos. Preciso saber se alguém mais está vindo brincar.

Talvez Sam estivesse ficando indevidamente preocupado. Begay não pareceu perturbado pelo dragão, menos excitado do que durante o confronto com os Gatos-selvagens sioux. Talvez sua confiança se baseasse em saber o que esperar. Se fosse isto, Sam queria dispor de tanto tempo quanto fosse possível. Ele rapidamente digitou as instruções no computador do Eagle, enviando os dados do terreno para que estes aparecessem na tela de navegação do blindado. Isto permitiria que Begay escolhesse o melhor ponto disponível para o confronto.

Begay conhecia seu veículo, suas capacidades e suas limitações. Por que não deveria ser confiante? Um dragão era um animal poderoso, mas era um animal. Que tipo de animal poderia confrontar mesmo um blindado leve como o Thunderbird? O animal precisaria de uma armadura em compósito como a própria armadura do T-bird para resistir aos projéteis de 20mm da metralhadora, sem falar nos foguetes antiveículo e assassinos que o canhão principal podia vomitar. Seria um combate rápido.

Destas conversas com Begay, Sam ficou sabendo que o fusor tentaria manter o conflito o mais curto possível. Não apenas para evitar chamar a atenção de quem não interessava, mas para não gastar muito e reduzir sua margem de lucro.

O blindado saiu do vale e passou sobre uma serra e depois sobre outro vale que se estendia em direção a um espaço aberto cercado por morros. Passando pela clareira e inclinando-se pelas baixas escarpas de uma das formações da região, o Thunderbird levantava seixos e poeira. No plano novamente, ele voltou ao vale mais lentamente, sua torre de tiro direcionada para a aproximação do dragão.

A metralhadora do Thunderbird disparou assim que o dragão mostrou sua cabeça com presas, mas o monstro ganhou velocidade antes de ser atingido. A serpente ilesa partiu para o blindado.

- Droga, este verme é rápido - Begay comentou meio surpreso, enquanto Sam observava a linha de fogo dos projéteis caçar a forma ondulante.

O Dragão soltou uma baforada de fogo enquanto desviava do Thunderbird, mas o jato de fogo se abateu no chão, diante do blindado. A plantação se queimou e a fumaça subiu. O Dragão parecia relutante em ficar e lutar com o tanque. Projéteis alaranjados o caçavam pelo vale.

De sua perspectiva aérea, Sam observou atividade alguns metros à frente do blindado. A terra estava se elevando e o primeiro pensamento de Sam foi de que tropas inimigas escondidas estavam saindo para o ataque. A idéia logo se desfez quando ele viu o solo se movendo sozinho. Rochas e pedras rolavam em direção a uma saliência que vomitava, fazendo uma muralha ao longo do curso do blindado. Antes que Sam pudesse avisar a Begay, o Thunderbird se chocou contra o estranho obstáculo.

Sem ouvir, Sam podia apenas imaginar o ruído da terra contra o blindado em velocidade. Ele temia que o entulho pudesse obstruir ou danificar a passagem de refrigeração, um medo mais do que justificado, já que estilhaços de metal das proteções das frestas de ventilação explodiram da lateral do T-bird. O blindado ainda se projetou mais dez ou vinte metros, mas o cascalho ainda rodopiava em torno dele numa tempestade sem fim. Pedras do tamanho de uma maçã atingiram o veículo, ricochetearam, depois bateram no aparelho novamente, feito abelhas enfurecidas defendendo o favo contra um intruso. O blindado, com sua velocidade se reduzindo, estava quase fora da visão de Sam em meio ao redemoinho de areia e pedra.

- Como você combate poeira?

Sam não pensou que a pergunta se dirigisse a ele. Além disso, não fazia a menor idéia. Então ele percebeu alguma coisa.

- A nuvem de cascalho só tem cinco metros de altura.

- Certo. - A resposta do fusor foi cortada, mas Sam sabia que Begay tinha entendido quando o Thunderbird levantou-se numa coluna de ar superaquecido, seu jato principal direcionado para baixo. Solo e rochas eram jogadas para longe, apenas para se voltarem e se juntarem novamente à massa agitada. A princípio pareceu que a ação do T-bird só piorava as coisas, pois a tempestade de cascalho subia com o blindado. Então, Sam viu que o sedimento maléfico estava se atenuando, aplainando-se como se de alguma forma estivesse superposto à mais plácida camada de terra. Quando o blindado atingiu dez metros, a massa caiu para trás. Apenas algumas pedras caíam agora do Thunderbird, que subia rapidamente.

Então, uma súbita chama varreu a barriga do blindado, fazendo com que o composto de titânio já aquecido passasse do ponto de fusão. O dragão voltara para atacar de um ponto inesperado. Com os direcionadores de impulso empenados e parcialmente fundidos, o Thunderbird inclinou-se e perdeu altitude. Os tubos dos impulsores de estibordo abriram-se momentaneamente, aumentando a velocidade do blindado para a esquerda antes de se fecharem, quando a força das turbinas foi direcionada à popa. Assim, a queda tomou-se um mergulho que o fusor pôde controlar. Uma fumaça preta saía da parte inferior do Thunderbird, mas a metralhadora girava, mandando projéteis vingadores em direção ao dragão. O animal saiu de vista.

O vôo do Thunderbird estava vacilante. Quando ele se projetou acima da crista de uma montanha e depois mergulhou no outro extremo, o blindado girou de modo cambaleante e parou. Sam ficou impressionado com a habilidade de Begay em conseguir atingir um equilíbrio de impulso que manteve o blindado em suspensão.

- Onde está ele? Onde está ele? - A voz de Begay saía pelo alto-falante.

- Você está bem?

- Onde está a droga do dragão?

- Não estou vendo. Deve ter ido para o chão.

- Droga!

- Você está bem?

- Eu? Estou bem. Os óticos foram jateados com areia até ficarem foscos, o sistema de resfriamento está danificado e não consigo subir. Estou ótimo. Onde está a droga daquele verme? Quero o esconderijo dele!

Sam vasculhou a área, localizando o dragão quando ele contornava para vir para o vale onde estava o Thunderbird. Sam relatou a Begay o que tinha visto.

- Certo.

Em total deslumbramento, Sam pôde ver o escudo da armadura da saída de arma do T-bird de estibordo se retrair. Se Begay estava preparando o míssil ar-terra que ficava ali, isto significava que ele não estava mesmo brincando. O fusor dissera a Sam que estes mísseis eram muito difíceis de serem usados por um runner. Eles eram reservados apenas para aquelas vezes em que a vida e a liberdade dependiam de uma morte sem demora.

O dragão se inclinou em volta de uma rocha e se escondeu ali. A rapidez do reaparecimento dele surpreendeu Sam, mas Begay estava pronto com um míssil que se dirigiu para a serpente com uma cauda de fogo e fumaça. A forma longa e serpenteada do animal se contorceu numa tentativa de fugir da arma que se aproximava e conseguiu de certo modo. Grandes penas das asas revoaram, arrancadas pela passagem do foguete. O monstro levantou o pescoço e o girou, o que lhe permitiu ver o míssil começar a fazer uma curva para voltar para seu alvo.

A distração do dragão foi o suficiente para Begay. Os projéteis laranjas da metralhadora atingiram o flanco da serpente, provocando uma explosão de penas e de sangue. O monstro jogou-se logo no chão, atrás de uma dobra do terreno que o protegia contra os projéteis do fusor que o buscavam. Pelo que Sam podia ver, o animal estava longe de estar morto. Assim que o monstro atingiu o chão, suas poderosas pernas se desdobraram e ele correu para uma posição mais maciça para se lançar no ar mais uma vez.

Quando o míssil completou a curva e voltou, Sam ficou surpreso ao ver o dragão ir de frente em direção ao míssil. Ele era louco? Quando Sam pensou que a colisão fosse inevitável, o monstro exalou chamas para

encobrir o míssil que se aproximava, depois jogou-se violentamente para o lado. O míssil passou por ele, mais uma vez arrancando as plumas do animal. Despojado dos seus sensores e das superfícies de controle, o míssil seguiu em linha reta até cair na terra. Sua ogiva detonou, arremessando uma chuva de pedras e poeira para o alto.

- Peguei? - Begay perguntou. - Não.

- Droga!

O dragão não parará de se movimentar, voltando-se para passar por cima da elevação montanhosa e em direção ao blindado novamente. Sua manobra foi rápida demais para que Sam pudesse avisar a Begay, mas o fusor tinha previsto tudo aquilo. Ele estava disparando a metralhadora quando a serpente estava contornando um monte. Para sua passagem, Begay usou também o canhão principal. O grande canhão não era indicado para disparar contra um alvo aéreo com a mobilidade do dragão, mas uma bala seria o suficiente para acabar com o monstro. Infelizmente, a criatura não estava dando a Begay oportunidade para tal. Seu vôo era um baile aéreo cheio de maestria, com volteios e sinuosidades. Evitando o fogo, ele correu para baixo das armas, e antes que o fusor pudesse parar os armamentos antipessoais, ele arrebatou o blindado. Uma pata negra agarrou a torre da metralhadora. A massa e o impulso do dragão inclinaram o blindado, enquanto o próprio empuxo de sustentação do veículo ajudaram a lançar o Thunderbird sobre a pedra.

O dragão bateu suas asas e ganhou altitude, afastando-se da nuvem de poeira que se formou com o impacto do blindado. Sam viu o Thunderbird semi-enterrado sob um pequeno deslizamento de terra com uma fina fumacinha cinza ou um vapor levantando-se do motor. O cilindro da metralhadora desaparecera.

-Begay! Begay!

Por um instante, a única resposta foi o sibilo da estática. As palavras do fusor chegavam em pequenas, arfantes ondas. - Suma, Mobile. Se você chegar perto do verme, vira história.

- Eu podia distraí-lo enquanto você atira nele.

- Não seja tolo. - A voz dele se interrompeu quando ele se viu tragado por uma tosse. - As armas se foram. Você tem sorte de estar aí fora.

Vá embora, Mobile.

A serpente ficou à vista novamente. Asas voltadas para a frente com as penas eriçadas ao máximo para freiar. O pescoço arqueado para trás numa curva em S e a mandíbula aberta para lançar chamas.

Sam pensou que Begay ainda estivesse seguro contra este tipo de ataque. Certamente ele teria ouvido gritos se o navajo tivesse exposto às chamas? Sam olhou para baixo e viu a luz do comunicador morta.

Abaixo dele, as chamas encontraram uma gaxeta vazando num tanque de combustível. A lateral do blindado explodiu, projetando pelo ar uma bola de fogo com uma mancha negra de óleo como cauda.

A serpente bateu suas asas e ganhou altitude. Ela circulou lentamente, entrando e saindo da coluna de fumaça. Enquanto subia, Sam reconhecia suas características. Era Tessien, a serpente emplumada que trabalhava com Hart. Drake devia tê-la enviado atrás dele. Agora Drake teria de responder por mais uma vida.

Depois do que o dragão tinha feito ao blindado, Sam não tinha mais ilusões sobre o que aconteceria se o Little Eagle cruzasse com ele. Ele se afastou, procurando uma termal para levá-lo para o alto e para longe da cena da carnificina.

## 33

Depois de passada uma hora, Sam estava certo de que Tessien não o estava seguindo. O Little Eagle ainda estava se dirigindo para o Norte e as terras áridas deram lugar agora a prados planos. Ele não estava se movendo na direção melhor, mas a necessidade de conservar combustível impôs este curso a ele. Ele precisava cobrir distância, e quanto mais longe o Eagle chegasse, melhor. Devido à limitada resistência do aparelho, Sam aproveitava todas as vantagens dos ventos que pegava para avançar o que fosse possível. Enquanto isso, ele procurava um local para descer e um transporte alternativo que pudesse estar disponível. Do contrário, teria de

caminhar depois que o Eagle aterrissasse. Pelo lado favorável, ele estaria fora do território sioux.

Agora, porém, estava extenuado, sua cabeça doendo por fazer interface com os sensores do Little Eagle enquanto procurava evitar uma perseguição. Ele queria descansar, esticar-se em algum lugar e fechar os olhos um pouco. O exíguo espaço do avião não lhe oferecia conforto para isto, mas o piloto automático o deixaria descansar um pouco. Sam programou no computador do Little Eagle os parâmetros necessários para manter um vôo planado e tirar vantagem de qualquer termal, instruindo-o para sinalizar qualquer mudança significativa nos ventos. Ele não confiava que o cérebro de macaco tomasse um curso adequado, uma vez tendo mudado os ventos. Feito isto, desligou a conexão. Mesmo preso e sem conforto como estava, o sono chegou depressa. Os sonhos também.

Sam vagou por uma escuridão tenebrosa. De ambos os lados, paredes negras erguiam-se sobre e estendiam-se na distância também escura. Um som martelava regularmente no limiar de sua consciência como um distante relógio, ou era o pulsar de seu coração? Ele sentiu uma pressão fria contra sua cabeça, mas quando se virou e esticou a mão, não achou coisa alguma ali. E quando tentou dar um passo naquela direção, não pôde mover o pé. Voltando-se, ele deu alguns poucos passos e parou novamente. A pressão voltou e uma segunda tentativa de caminhar naquela direção teve o mesmo resultado. Ele deu mais uns poucos passos na direção permitida antes de tentar mais uma vez. Fracasso, outra vez. Ele deu de ombros e caminhou na única direção em que podia.

Ele continuou, ocasionalmente esbarrando em obstruções que não vira e que desapareciam no momento em que as tocava. Resignado a reclamar em vão, forçava, percebendo uma tênue luz à frente. Quando se aproximava, a luz se transformou num rosto. Janice? Talvez não. Hanae? Ele não estava certo. Precisava saber, e começou a correr em direção à imagem.

Mas então, ele tropeçou e quase caiu. Olhando para baixo, viu grilhões em torno de seus tornozelos. Cada um deles estava preso a uma corrente grossa de aço brilhante que se perdia na escuridão. Ali perto percebeu uma etiqueta de pano presa ao metal. A inscrição dizia: "Feita

especialmente para Samuel Verner." Ele riu. Era ridículo encontrar uma etiqueta numa corrente.

Ele se ressentiu da limitação e este ressentimento virou raiva. Quem tinha o direito de prendê-lo? Ele se curvou e não viu qualquer ferrolho na corrente. Quando puxou a corrente, frustrado, viu que era dura e imóvel. Ele bateu na corrente com seus punhos fechados. Precisava de uma ferramenta para amassá-la ou para se soltar. Ele gritou de fúria.

Em algum ponto da escuridão em torno um cão uivou, fazendo um eco ao próprio grito dele. Não, o som era muito selvagem e solitário para ser de um cão. Ele estava num prado; deveria ser um coioote. A voz triste estava chamando...chamando. Chamando-o? Não, isto não parecia ser correto. Chamando...

Uma tempestade se formou no céu, fazendo Sam acordar. Uma observação na cabine lhe disse o que desejava saber. A tempestade que se armava diante dele parecia tomar todo o céu a sudoeste. As nuvens eram muito altas para que ele pudesse ficar acima delas e se moviam depressa demais para que as pudesse vencer. Ele conhecia o suficiente sobre aviões pequenos para saber que o Little Eagle não suportaria a fúria dos ventos da tempestade.

Sam desligou o piloto automático e mergulhou o bico do Eagle. Relutantemente observou o prado lá embaixo, buscando um ponto de aterrissagem que também pudesse lhe oferecer um abrigo. Ele começaria a caminhar mais cedo do que esperava.

O Little Eagle mergulhou rapidamente. Logo no início da descida, Sam localizou um pequeno vilarejo, mas as voltas necessárias para atingi-lo o teriam colocado na boca da tempestade antes que colocasse o Little Eagle no chão. O pasto passou por sob o aparelho. Não apareceu melhor oportunidade e começou a se arrepender de ter passado do vilarejo. O tempo estava voando também.

O vento que o atingia por trás estava ficando mais forte, forçando-o a baixar mais sua altitude ou então a se arriscar numa queda. Sam pensou em ligar sua conexão novamente; o tempo ganho em receber os dados do sensor diretamente poderia lhe dar uma vantagem. O Eagle se sacudiu quando o primeiro vento da tempestade o atingiu e ele sabia que a decisão

fora tomada. Ele não podia se permitir a retirar as mãos do controle agora. Segundos depois, a chuva caindo anunciou a chegada da tempestade.

Sam lutou com o corcoveante Eagle, tentando fazê-lo descer suavemente antes que toda a força da tempestade se abatesse sobre ele. Sua velocidade aumentava à medida que os ventos tomavam-se mais fortes. O prado lá embaixo desapareceu, substituído por uma paisagem tão escura quando um pesadelo.

Enquanto o Eagle mergulhava, estranhas formas surgiam e passavam por ele. Mesmo enquanto Sam lutava para manter o controle, podia ver que a maioria destas formas era de formações geológicas escavadas na rocha pelo vento e pela chuva e iluminadas pelos relâmpagos. Mas a escuridão devoradora da tempestade encobria outras formas, quase orgânicas. Gigantes corcundas e criaturas monstruosas lançavam-se da tempestade para ameaçá-lo e seu frágil aparelho. O Eagle contorcia-se abruptamente para a direita e Sam observou, indefeso, o vento arrancar a ponta da asa de estibordo e lançá-la longe. Pego no meio dos ventos, o bico do Eagle levantou-se para depois bater na ponta de uma rocha. A asa de bombordo foi arrancada, transformando o avião num brinquedinho quebrado no meio da tempestade. A fuselagem castigada foi retirada do céu e lançada contra a superfície áspera de um platô. Os restos do Little Eagle bateram três vezes antes de se prostrarem sobre uma rocha escarpada. Sam jamais sentira aqueles golpes. Perdeu a consciência quando sua cabeça bateu atrás, no primeiro choque.

Uma chuva quente fez com que despertasse e sentisse todo o corpo doendo. Até agora sobrevivera à aterrissagem. Erguendo a mão para explorar suas dores mais imediatas, seus dedos estavam duros e, com o que os relâmpagos deixavam ver, era sangue. Será que tivera uma concussão? Aturdido, ele ficou olhando para os dedos, de onde a chuva limpou o sangue.

Relâmpagos intermitentes iluminavam a paisagem árida. A luz branca e clara dissipava qualquer perspectiva, mas Sam pensou que as formações reveladas pareciam muito planas. Dois movimentos com a cabeça informaram-lhe que estava enxergando apenas com o olho esquerdo. O outro estava inchado ou turvado pelo sangue. Esta era pelo menos sua esperança. Ele não ousou tocar para ver se o olho ainda estava lá.

Outra dor aguda anunciava-se no seu flanco, mas esta ele queria explorar. Sam passou a mão espalmada para descobrir que seu dorso fora ferido e estava aberto por uma armação da esquadria do Little Eagle que fora arrancada. Ele estremeceu com o próprio toque e vomitou. Nova agonia surgiu com a convulsão.

Então ele estava saindo do desastre, olhando o estrago. Ele não se lembrava de ter rastejado para se soltar, mas fora assim. Deve ter sido um processo tortuoso e estava sentindo muita dor. Ele deu um passo para trás, seu pé escorregando na lama grossa, lisa. Caiu.

A dor explodiu quando ele deslizou em direção a um trovão que era mais massacrante que a tempestade. Ele chegou a um ressalto que o impediu de mergulhar na esmagadora torrente que corria onde minutos antes - seriam horas? - fora uma ravina seca. Sua segurança era momentânea, pois ele já sentia o chão se mexer embaixo dele; sua aterrissagem forçada tinha enfraquecido aquela base.

O medo o retirou daquele local inseguro e o fez subir. Uma parte separada de sua mente percebeu a dor chamejante e o sangue que escorria para a lama lisa. Para cada três metros que ele avançava, Sam voltava dois, mas continuou subindo. Ele fraquejou um instante, mas a faminta água lá embaixo o empurrou para cima logo que recuperou seus sentidos embotados.

Ele tinha quase atingido o local do acidente de novo quando seu pé encontrou a superfície de uma rocha sólida sob a lama. Ele se curvou para ela, um lugar seguro no meio do pântano. Então, suas mãos escorregaram e seu corpo se soltou da saliência. Seu lado machucado o fez gritar de dor e seu pé se prendeu em algo sólido, enviando nova agonia através da perna. Ele escorregou, rendendo-se á dor, abraçando a escuridão.

- Trocado?

A interrogação tremulou com uma pálida amostra do canto de pé-grande que aquela voz deve ter tido um dia. Os pés-grandes não podem falar como as pessoas, mas podem imitar quase que qualquer som. Hart conjecturou como este podia associar a palavra com o pedido de dinheiro para comprar mais da bebida que exalava em seu hálito. A maioria de sua espécie parecia incapaz de fazer a ligação entre a palavra falada e a comunicação. Por que, Hart não sabia. Outro mistério do Sexto Mundo, ela supunha. Os grandes e peludos bípedes podiam se comunicar com linguagem de símbolos, porém, e os dedos deste aqui gesticulavam de um modo desajeitado. Hart não conhecia a linguagem, mas era óbvio que as palavras da pé-grande eram tão confusas quanto seriam as de qualquer humano embriagado. Como um ser pensante poderia fazer isso consigo?

- Trocado? - o pé-grande repetiu igualzinho.

Igual a uma gravação, Hart pensou, ou a um cão latindo para ganhar um biscoito. Ela sacudiu a cabeça e fez sinal para que a pé-grande fosse embora. Quando o peludo pedinte pendeu a cabeça, seu sorriso esperançoso e idiota desapareceu. Caminhou vacilante pela rua e desapareceu mais adiante.

Hart sacudiu a cabeça. Desagradável.

Ela voltou a perscrutar o céu em busca de um sinal de Tessien. O dragão tinha finalmente entrado em contato com o transmissor que usava e ela lhe dera o vetor de aproximação final para ele interceptar o blindado. Tessien estivera fora de contato por muito tempo. Teria acontecido alguma coisa a ele?

Ficando ao lado do castigado Chevrolet com tração nas quatro rodas que alugara em Grand Forks, Hart esperava. Não havia ninguém à vista além daquela velha pé-grande bêbada. Ela não gostava de se encontrar em locais abertos, mas prédio algum na cidade tinha espaço suficiente para abrigar o dragão. Esta rua pelo menos ficava numa parte deserta da cidade.

Para o seu objetivo, isto a tomava melhor do que a maioria dos locais. A maior parte das pessoas que visse os dois ficaria muito feliz por estar fora do caminho deles ou então por se encontrar interessado em alguma outra coisa.

Se Tessien viesse.

A noite esfriou rapidamente. Logo depois que surgiu a lua, Hart começou a pensar em entrar no veículo para aproveitar seu aquecimento. Quando soprou uma brisa fria, ela quase fez isto. Então sentiu o cheiro de penas mofadas entre todos os aromas do deserto.

A serpente desceu, surpreendentemente quieta. Seu comprimento envolveu o Chevy e ela colocou a cabeça sobre a capota. A suspensão do veículo rangeu. Pelo cheiro de sangue em seu hálito, Hart sabia que o dragão tinha se alimentado durante o caminho. Ele esbanjava satisfação.

-Está feito.

- Ele está realmente morto desta vez?

-A máquina está destruída. Não há vida lá dentro.

- Onde você os pegou? Havia testemunhas?

- Três horas para o nordeste. Era um bom lugar, deserto. Não havia ninguém.

- Isso é bom. Ninguém para mexer com o sr. Drake sobre nossa pequena operação de limpeza. Se ele soubesse que Verner estava circulando, pagaria alto por nossas cabeças.

- Ele poderia fazer muito mais comigo do que com você.

- Ele ainda ia querer os dois. - Ela empurrou a cauda emplumada que a impedia de entrar no Chevy. - Vamos, vamos voltar à civilização.

A massa peluda não se mexeu até que o dragão e o elfo tivessem saído de vista. Então ela se levantou, finalmente repetindo o pedido "trocado?" enquanto se ouvia na direção oposta. Depois de vários quarteirões, entrou num beco e se aproximou de um carro. Era um modelo caro, totalmente deslocado entre os escombros do beco. Demonstrando uma percepção incomum para alguém entregue ao álcool, observou a área

rapidamente. Satisfeita por não haver pessoa alguma observando, abriu a maçaneta do carro e entrou.

A porta se fechou, escondendo-a de olhos e ouvidos curiosos. Esticou-se com um gemido, liberando-se de sua postura de bêbedo. Ela virou-se para trás e abriu o compartimento da geladeira, de onde retirou um pacote de carne. Mordeu o conteúdo enquanto refletia sobre o que tinha ouvido.

Uma vez que a caçada prosseguiu além do encontro dos Gatos-selvagens sioux, tornara-se uma possibilidade diferente que o dragão conseguisse seus resultados letais. Mesmo assim, seu chefe ficaria desapontado, e se alguém tinha de ser o portador das más notícias era melhor ter provas positivas. Ela era sempre muito cuidadosa e isto era bom, pois cuidado era uma necessidade de sobrevivência para a espécie dela.

Como localizar o assassinato? O relato do dragão lhe deu um vetor geral e uma estimativa de distância. Ela talvez precisasse ainda andar um pouco. Um helicóptero seria o mais adequado veículo para sua busca, permitindo que pousasse em qualquer parte exígua se fosse preciso. Um aparelho assim tinha de ser rápido, contudo, com uma velocidade maior do que a do dragão. Ela queria chegar lá primeiro em caso de Hart decidir checar o local. Havia ainda o problema das patrulhas sioux. Para não falar na atmosfera. As previsões falavam em tempestades esparsas. Se os sioux chegassem antes dela ou se uma das tormentas atingissem a área de interesse, ela poderia perder valiosas provas das quais retiraria suas conclusões. Ela apanhou o fone do telecomunicador para fazer os acertos.

## 35

O sol no rosto finalmente acordou Sam. Ele estava esticado de costas, enterrado num molde de seu próprio corpo, feito quando a lama endurecera, formando uma crosta crespa. Em seu primeiro movimento, uma serpente afastou-se dele, abandonando a fonte de calor.

Ele tentou se sentar, mas a forte dor em seu flanco e a ardência em seu crânio fizeram com que se esticasse novamente. Sam ficou remoendo, tentando se lembrar de como tudo aquilo lhe acontecera. Lampejos da viagem rústica na tempestade voltaram e ele soube que o Little Eagle devia ter caído, embora realmente não conseguisse se lembrar disto. Levantando a cabeça cautelosamente, olhou ao redor com o olho bom. O acidente não estava à vista em parte alguma. Apenas sol e sombra, platôs e pilares, rochas e areia.

A parte traseira de sua cabeça estava fria e úmida. Temendo sangramento, doloridamente esticou a mão até ali para tocar na cabeça. Mas era apenas água. A água da chuva da noite tinha sido preservada sob o seu corpo. Ele percebeu que o que restara de suas roupas estava úmido embaixo também. Cuidadosa e lentamente ele se virou de lado, mas seu braço não resistiu. Sam se viu de rosto para o chão, enquanto ondas de agonia e náusea sacudiam seu corpo. Ele tinha ânsias de vômito com o estômago completamente vazio, depois ficou resfolegando de lado, tentando recobrar sua força.

O sol já ia alto no céu e os movimentos dele o colocaram totalmente à luz. A princípio, o calor e o brilho fascinante davam uma sensação boa, espantando o frio e relaxando os músculos enrijecidos. Mas em pouco tempo, o sol tornou-se muito quente para que permanecesse deitado ali por muito mais tempo.

Levantando-se com vertigens, Sam ficou de pé na direção para a qual estava virado e começou a caminhar. Ele mancava desajeitadamente devido a seu tornozelo machucado, mas a cada passo aumentava a dor em

seu flanco. Ele tinha de continuar caminhando, porém. Quanto mais aquecido ficava, mais transpirava, e o sal de sua transpiração ferroava as feridas expostas. Querendo água desesperadamente, ele caminhava, seu coldre batendo contra uma contusão que tinha sua forma exata.

Depois de algum tempo, encontrou um lugar onde a lama da noite passada, agora cozida pelo sol, estava mexida. Pegadas no chão circundavam o local. Havia outras marcas também, mas as outras únicas eram pegadas humanas numa trilha. Ele ficou olhando para elas por algum tempo, seu cérebro numa névoa. Mais para despertar do que devido a qualquer plano, ele decidiu seguir as passadas.

Ele tinha assumido um ritmo de avanços e descansos, quando sentiu alguma coisa úmida escorrendo por sua perna.

Tocando a perna esquerda com os dedos, estes voltaram com sangue; a ferida em seu flanco reabriu. Bem, ele estava seguindo alguém. Poderiam ajudá-lo. Ele o alcançaria logo.

Depois de algum tempo, ele encontrou pegadas humanas numa trilha. Ele ficou olhando para elas por algum tempo, lentamente percebendo que eram suas próprias pegadas.

Estou perdido, ele pensou. Vou andar em círculos até cair. Preciso ver onde estou, encontrar alguma maneira de sair deste labirinto antes que seja tarde demais.

Uma projeção rochosa dominava a paisagem diante dele. Ao contrário da maioria das outras que vira, esta parecia ter um suave aclave. Ele poderia subir ali. Do alto poderia ver para onde estava indo. Dirigiu-se para lá.

Quando chegou lá, Sam esquecera por que seguira naquela direção. O tornozelo machucado fez com que caminhasse dolorosamente, mas se esforçou, impulsionado pela necessidade de ir em frente. Chegou diante do monte. Ele era alto e agreste, não parecendo mais uma subida fácil. Quando inclinou a cabeça para trás para olhar a altura, a tonteira fez girar cores em sua vista. Ele se segurou na rocha e a abraçou para evitar cair.

Grudando-se à pedra e sentindo o pó da rocha escorrendo no sangue pisado e na lama que se colavam a seu cabelo e á barba, ele entendeu que a

sombra em frente a ele não era apenas uma parte solta do penhasco. O escuro era um buraco no platô, uma chaminé escavada. Ele entrou por ali.

Era mais frio fora da luz do sol. A rocha fora gasta de modo irregular, deixando uma série de projeções e saliências. Acima dele podia ver o céu, bem azul e convidativo como uma piscina de água gelada. Ele precisava de água, de forma que começou a subir. Era uma tarefa difícil, uma tarefa dolorosa, mas ele perseverou. Num determinado ponto, agarrou-se ao que parecia ser um apoio conveniente, mas a rocha o traiu. Gritando em agonia, Sam escorregou diversos metros numa cascata de pó e fragmentos de rocha. Ele caiu sobre a superfície da rocha, sem fôlego e tossindo, desejando que a poeira assentasse.

Vestígios do sol filtravam-se por entre as partículas em suspensão, dando ao fosso alto o ar de uma catedral. Flocos minerais cintilavam e brilhavam como poeira encantada. Exceto pelo fraco ruído de sua respiração, o mundo à sua volta era absolutamente silencioso. Subitamente envergonhado por não ter jamais orado nos últimos tempos, ele rezou agora, pedindo primeiro perdão e, somente depois, força para continuar.

Alguns minutos se passaram antes que pudesse pensar em subir novamente. Ele realmente não se sentia capaz de outra coisa além de dor, mas forçou seu corpo para a frente. Arrastou-se novamente até a borda da chaminé para retomar sua subida e ficou cara a cara com um dragão. Ou melhor, ficou de cara com o crânio do dragão. Sobre os sedimentos da parede, o grande crânio olhou de soslaio para ele e lhe dirigiu um sorriso cheio de dentes de sua prisão de tempo e pedra. Quando estendeu a mão para tocá-lo, a rocha se fraturou e uma presa inteira saiu em suas mãos. Ele olhou de modo confuso para o dente, então deu de ombros e o colocou em seu bolso. Sam tinha coisas melhores a fazer do que brincar com velhos ossos. Ele retomou sua subida. Se tinha sido difícil antes, mais ainda era agora, que ele se encontrava mais fraco. Sam estava a poucos metros do topo quando percebeu que parará de transpirar. Isto significava alguma coisa, mas não podia se lembrar o quê. Ele se esforçou mais, determinado a cobrir aqueles últimos metros antes que apagassem.

O calor o atingiu novamente enquanto saía para a superfície. Trêmulo, se levantou para observar o prêmio por seu esforço. Em todas as direções via mais terras áridas. Ele devia estar em Marte. Traços distantes

eram deformados pela evaporação do calor, ou talvez fosse sua própria visão que embaçasse tudo. Vencido, desceu lentamente até o solo. Ele se sentou sobre uma rocha larga. Mudou sua posição para a esquerda, só para sentar-se sobre outra pedra.

Sam cambaleou, determinado a chutar as pedras que o machucavam. Mas se esqueceu disto quando lutou para encontrar um sentido no que vira no estreito túnel de sua visão. Havia mais rochas. Estavam colocadas em linha. Não, não era uma linha, um contorno - e um contorno na forma de homem. Ele começou a contorná-la, tentando confirmar o que não fazia sentido, mas seu tornozelo, forçado além das possibilidades na subida, não aguentou. Ele bateu no chão pesadamente, gritando todo o tormento de seu corpo extenuado. As cortantes dores atingiam-no na escuridão.

Quando voltou a si, Sam estava olhando para o céu que escurecia com a chegada da noite. Ele estava fraco. Se sentia abandonado e teria gritado, mas parecia não haver água suficiente em seu corpo. Ele devia estar perto do fim, porque a maior parte da dor se transformara em dormência, suavizada por sua aceitação de sua presença penetrante. Ele se sentia calmo, desligado de seu corpo. O mundo à sua volta parecia às vezes ofuscado e em outras mais bem definido do que jamais vira.

- Será que morro aqui? - ele indagou à primeira estrela que surgiu no azul escuro, no leste.

- Depende.

Ele olhou ao redor em busca da voz, mas não viu pessoa alguma. Ele estava sozinho, exceto pelo cão esquelético que parecia um pouco com o seu abandonado Inu. Mas não podia ser. Não havia cães aqui nas terras áridas. O animal devia ser um coiote. Em qualquer caso, não podia falar. Ele devia estar tendo alucinações.

- Você é uma ilusão - ele disse ao animal. O animal sorriu caninamente para ele.

- Tem certeza disso, você?

Sam decidiu ir em frente com sua demência. Que mal isto poderia fazer?

- Se você não é, o que está acontecendo?

- Você está num círculos de sonhos.

- O quê?

- Um círculo de sonhos. Você sabe, um lugar para se ter visões de poder. Os índios que costumavam vir aqui pensavam que este era um local poderoso. Vai ficar aí a noite inteira?

Sam virou-se para ver melhor o animal. Não havia mais dor, o que não era uma surpresa. Estava no meio de uma fantasia provocada pelo delírio. Remover a dor era o mínimo que o seu cérebro poderia fazer por ele.

- Mas quem ou o que é você?

- Chame-me Cão. Você e eu vamos ser bons camaradas. Tenho uma forte sensação disto.

- Não acredito em você. Você é uma impossibilidade.

- O que é impossível? Você está conversando comigo e eu respondendo. Como você não pode acreditar? Seus ouvidos não funcionam?

- Isto não faz sentido.

Cão virou a cabeça assim como se desse de ombros. -Nem dólares, também. Mas não estamos falando sobre preço... ainda.

Isto era realmente impossível. Sam deitou-se de costas novamente.

- Vá embora. Você não vê que estou morrendo?

- Você quer morrer? -Não.

- Então não posso ajudá-lo. - Cão afastou-se alguns metros e se sentou com as costas voltadas para Sam.

Sam estava preocupado. Como podia esta ficção de sua própria imaginação virar suas costas para ele? Já não tinha sido duro demais chegar tão perto da morte?

Cão olhou para Sam por cima do ombro.

- Morrer é fácil. Acontece o tempo todo. O passo seguinte é que é complicado.

- Acho que vou descobrir isto sozinho em pouco tempo. Meus miolos estão cozinhando aqui neste sol. Devem estar. -Sam mexeu-se, ficou sentado e abraçou os joelhos com os braços. - Em pouco tempo estarei completamente desidratado.

- Esta é a questão. Eu sabia que você viria. - Cão afastou-se e sentou-se olhando para Sam.

Sam olhou nos olhos do animal. As suaves órbitas castanhas pareciam muito velhas, cheias de uma sabedoria distante. Aqueles olhos eram constrangedores, pedindo confiança e encorajando o compartilhamento de suas mais profundas preocupações.

- Depois que eu morrer, minha irmã não terá pessoa alguma para ajudá-la. E ninguém encontrará os assassinos de Hanae.

- Você ainda está confuso, usando a preposição errada. -Cão sacudiu a cabeça. - A palavra que você deseja é exceto e não depois.

- Em pouco as palavras não importarão. Estou morrendo.

- Agora as duas contam. Mas tenho uma palavra para você que contará mais do que qualquer coisa em sua vida. -Cão crescia enquanto falava, expandindo-se para cima e para fora e tornando-se insubstancial enquanto isto acontecia. Noite cerrada, não o lusco-fusco crescente em torno estava dentro da forma dele e Sam podia ver as estrelas em número incontável. A forma de cão cresceu a ponto de englobar o céu de um lado a outro. Abaixou até a terra e Sam foi engolfado pela forma. Uma palavra despertou em sua mente e ecoou por toda a paisagem, silenciosa mas clamorosa. Magia.

Ele estava com medo.

Voltando-se, ele correu. Por quilômetros, parecia, certamente mais distante do que a superfície limitada do pequeno platô permitiria. Um dragão erguera-se diante dele, sua forma tremeluzendo e fundindo-se através de diversas formas. Às vezes estava coberto com penas como a serpente Tessien; em outras, era um dragão oriental, uma longa, sinuosa forma com um par de pernas em lugar de asas e longas barbilhas caindo como um bigode sobre sua boca dentuça. Na maioria das vezes era o poderoso, grande e escamoso dragão ocidental. Suas asas abriam-se sobre suas costas e o ensombreamavam quando ele ficava de pé sobre as patas

traseiras e avançava para ele com as patas dianteiras. Era o terror, a força e o desconhecido e usava o manto da morte.

Um frio gelado perpassou Sam, fazendo-o tremer por dentro. Ele fugiu da garra do dragão e passou por sua cauda chicoteante. O animal voltou-se e seguiu.

Perguntas surgiam na mente de Sam, uma mente curiosamente separada do corpo em fuga que, de certa forma, conseguia ficar à frente do monstro devorador. Ele tinha morrido e ido para o inferno? Estava condenado a perseguir demônios pela eternidade? Ele poderia correr para sempre? Ele queria isto?

Em seu bolso, o dente fóssil batia no ritmo da velocidade de sua mente. Perguntas. Perguntas. Ele precisava de respostas. Ele pensou saber uma resposta quando Cão falou com ele pela primeira vez. O que estava acontecendo não era real. Era o sonho de um homem morrendo. Ele não precisava correr.

Quando este pensamento lhe ocorreu, o dragão o alcançou e as garras dele passaram pelo corpo de Sam. Este gritou e caiu com o rosto, esticado, desossado. Nenhum sonho lhe causara aquele tipo de dor. Por outro lado, ele parecia estar intacto.

Ele se levantou, observando o dragão voltar-se e começar a correr para cima dele. As pernas de Sam sentiam-se muito fracas para carregá-lo, mas ele desejava correr. Teria Begay se sentido assim quando Tessien se abatera sobre ele para matá-lo?

Afastando o desejo de fugir, Sam procurou sua arma, somente para descobrir que ela não estava ali. O Narcojato e seu coldre tinham sumido. A única coisa nele que se aproximava de uma arma era o dente. Ele o apanhou no bolso e o brandiu com a aproximação do dragão.

- Venha, seu verme. Não estou correndo mais. Venha e me pegue, se você puder.

O dragão atacou devagar, sua bocarra escancarada. A labareda foi expelida para atingir Sam. Este sentiu a pressão e inalou a emanção sulfurosa do hálito do dragão, mas não se queimou. Nem inalou a combustão como fizera quando o feiticeiro Rory tinha lhe lançado bolas de fogo na floresta do Tir.

Detendo sua corrida, o dragão parou diante dele, hesitando enquanto batia as asas lentamente. Parecia estar esperando. Sam baixou o dente.

- Qual o problema? - ele zombou. - Não pode me ferir se eu o encarar?

Ele obteve a resposta quando o monstro lançou uma pata, fazendo três sulcos de agonia em seu peito. Como reação, Sam ferrou a pata que se retraía com o dente. O dragão ergueu-se numa explosão de asas e envolveu Sam, arrebatando-o e quase o retirando do chão.

O dragão começou a circundá-lo. Com cada passada mais larga, sua forma se alterava, tornando-se menos réptil e mais um pássaro. Na quarta volta, o animal tinha se transformado numa águia gigantesca, suas penas luzindo à luz das estrelas. Raios surgiam em torno do grande animal à medida que ele circulava. Ele se inclinou em direção a Sam, mergulhando a cabeça em reconhecimento, antes de se inclinar de novo para se afastar. O pássaro levantou-se e ficou mais alto, mais alto, sumindo de vista a uma velocidade incrível. Sam ficou observando até perder a forma escura entre as estrelas.

O dente estava pesando em sua mão, de modo que ele o colocou de novo no bolso. Quando fez isto, viu que era verdade que se encontrava no círculo de sonhos. Tudo isto não passara de um pesadelo de febre?

- Bom começo.

Sam voltou-se e viu Cão sentado a seu lado. Ele se sentou perto do animal. Se aquilo fosse um sonho, aparentemente não tinha acabado ainda.

- Começo? Pensei que eu estivesse destinado, ou algo assim, a morrer.

Cão fez o seu curioso dar de ombros canino.

- Todos os mortais morrem, mas você vai esperar ainda. Você tem uma vida a levar e coisas a fazer. Você já está no início do caminho.

- E suponho que você estará bem ao meu lado.

- Digamos que não seremos mais estranhos.

- Ou menos.

Cão ficou olhando curiosamente para Sam.

- Talvez você devesse ligar para o meu primo.

Sam riu. Cão parecia estar rindo também. Ele colocou o braço em torno do animal, que se chegou para mais perto, uma quente e confortante presença que encheu as narinas de Sam com o cheiro familiar de cão. Sentindo-se mais à vontade do que jamais se sentira em um ano, Sam recostou-se com o braço ainda em torno de Cão e logo adormeceu.

## 36

Logo que ele deu sinal de se mexer, ela deixou de lado a refeição e curvou-se para checar as funções vitais dele. O pulso estava firme e muito mais forte agora e suas pupilas normais. Ele estremeceu quando ela lhe abriu as pálpebras; este era um bom sinal. Logo ele estaria acordado. Ela se acomodou, fora da linha de visão imediata dele. Despertar cheio de curativos e sob um pára-sol já seria desorientador demais sem a imagem peluda dela sendo a primeira coisa que ele visse.

Levou diversos minutos, mas ele abriu os olhos, piscando rapidamente, confuso. Quando começou a querer se levantar, ela estendeu a mão e a colocou sobre o ombro dele para forçá-lo a ficar imóvel.

- Calma, querido - ela disse com a voz mais calma possível. - Você teve uma experiência dura e não deve se mexer ainda. Você quase morreu.

Sem se virar para olhar para ela, ele disse:

- Pensei que tivesse morrido.

- Você deveria ter morrido com tantos ferimentos. - Ela se moveu para onde ele pudesse vê-la. Para sua surpresa, os olhos dele permaneceram plácidos, a expressão calma. O tamanho dela era intimidador o suficiente, mas a maioria dos normais reagia às suas presas e garras como se ela fosse devorá-los no ato. Ela sempre achara esta reação divertida. Este homem estava reagindo como se estivesse em estado de choque, embora o tratamento que ela lhe dispensava devesse acabar com qualquer motivo

físico para isolamento. Ela esperava que o espírito dele não tivesse fugido para muito longe para ser curado; ele era desejado em todo lugar. - Você teve sorte por eu ter encontrado você. Se você tivesse ficado exposto muito mais, meu feitiço de cura não teria ajudado.

-Feitiço de cura? - ele perguntou com voz fraca.

- É, feitiço de cura. É o que nós, xamãs, fazemos quando atendemos uma pessoa doente ou ferida. Não pense que, alguém como você, se recupera somente com antibióticos. -Ela levantou uma das mãos com uma seringa hipodérmica. -Embora eles ajudem. Fique quieto agora que isto só vai doer um pouco.

Ele nem se mexeu quando ela enfiou a agulha. Ficou ali olhando para ela, seus doces olhos cor de avelã pensativos e curiosos, mas calmos como um lago na montanha. Ele esperou até que ela tivesse retirado a seringa e a colocado em sua bolsa antes de falar, a voz agora mais forte.

- Quem...é você?

- Delicado companheiro - ela disse. - Meu nome é Jacqueline. Sou o que você provavelmente chamaria uma pé-grande.

O rosto dele se franziu. - Nunca ouvi falar numa pé-gran-de branca. Ou que pudesse falar.

- Puxa, puxa, nós somos provincianos. Recebemos o certificado de espécie senciente do Conselho Consultor das Nações Unidas para metaumanos em 2042. O augusto organismo não considerou nossa incapacidade de usar linguagens humanas uma barreira, e nossos delegados nem tinham a linguagem de sinais Perkins-Athabaskan para se basearem. Desde então, alguns de nós têm se beneficiado das vantagens da tecnologia. - Ela afastou o pelo da parte traseira, feito uma juba, para mostrar uma brilhosa conexão de dados. Uma saliência permanente e um par de fios estavam ali sobre sua pele escura e se enfiavam em direção ao pescoço. - Este é um trabalho rotineiro. Um sintetizador de fala Renraku ligado a um sistema inteligente Mitsuhamas capaz de tradução entre conceito simbólico e expressão verbal. O software tem um subprograma de manipulação de idioma que é um tanto idiossincrático, mas ajuda a aparar as arestas. Na verdade, acho que é muito mais aceitável socialmente dizer "Passe os legumes" ao invés de "Mim comida quer". Você não concorda?

"Quanto á cor do pelo, você pensa que todos nós temos pelo escuro como aqueles caipiras das florestas costeiras? Isto seria terrivelmente enfadonho e não estaria de acordo com as expectativas razoáveis da biologia adaptativa. Para o norte, no Yukon, onde nasci, o pelo branco é comum. Útil para camuflagem na neve, suponho."

Ele pareceu satisfeito com a resposta dela. Diversos minutos se passaram em silêncio. Ela estava contente de verificar astralmente o progresso da cura dele.

- O que você está fazendo aqui?

- Cuidando de você, meu garoto.

Um lampejo de irritação cruzou o rosto dele.

- Não. Como você chegou aqui?

- A mesmíssima resposta, na verdade. Eu estava cuidando de você. - Ela observou o aborrecimento dele mudar para uma preocupação suspeita. A guarda emocional dele estava baixa, reduzida pelas drogas e encantos dela. Lê-lo era muito fácil.

- Por quê? - ele indagou.

Ela sorriu para ele, lembrando-se de não deixar muitos dentes á mostra.

- Digamos que era um negócio.

- Caçadora de recompensa - ele disse em tom ácido.

- Agora você está tirando uma conclusão maldosa. Quanto a como eu vim parar aqui, eu prefiro não entrar em detalhes.

Os olhos dele endureceram.

- É, está bem. - ela disse em tom conciliador. - Estou apenas fazendo o meu trabalho. Até os pés-grandes têm de trabalhar para viver, você sabe. Faço o que meu chefe manda, e meu chefe mandou eu encontrar um sujeito que se chama Mobile. Disse que queria este sujeito vivo e saudável. Que ele tem algumas coisas a dizer ao Mobile.

- Para quem você trabalha?

- Genomics. - Ela sorriu interiormente pela confusão que ele demonstrou.

-Mas esta...

- Eu sei, querido. Como você sabe que soubemos de você?

- O que vocês querem comigo?

- Este é um assunto complicado, e acho que vou deixar meu chefe explicar. - O olhar amargo de Sam fez com que ela decidisse acrescentar: - Digamos que ele é do tipo possessivo e que as suas, digamos, investigações chamaram um pouco a atenção dele. Antes de agir, ele gostaria de saber se você tinha outra informação que pudesse lhe ser útil. Ele pareceu acreditar que você pode ter, digamos, interesses coincidentes com os deles neste assunto. Ele quer bater um papo, e então, me mandou buscá-lo.

"Eu demorei um pouco para localizar você em San Francisco e quando identifique sua, ah, residência, você tinha partido no blindado do sr. Begay. Que infortúnio que o verme emplumado o tenha localizado antes. Mas a sorte é instável e ela me deixou encontrá-lo antes daqueles mercenários. Eles certamente o teriam levado ao sr. Drake, se não o tivessem matado no ato.

"Então agora que você já se recuperou um pouco, você e eu vamos viajar a Quebec. Vou levá-lo para conhecer meu chefe."

- Aguardo isto ansiosamente - ele disse com um sorriso que não chegou aos olhos dela. - Mas agora você tem um pouco de água?

Ela apanhou um cantil e segurou a cabeça dele para que bebesse.

- Não beba demais a princípio - ela disse, cautelosa.

Ele ficou quieto por algum tempo, mas acordado. Ela lutou para lhe dar um sedativo a fim de que fizesse a viagem de modo mais confortável. Finalmente as pálpebras dele começaram a se fechar quando ele sucumbiu à exaustão.

- Você vai cantar a canção curativa de novo? - as palavras dele eram suaves e confusas.

- Se for preciso.

- Quero estar acordado quando você cantar.
- Sim, claro.

Ele murmurou sua satisfação pela resposta dela, depois fechou os olhos e dormiu.

Isto foi bom, pois precisava de repouso. Seria preciso mais um dia antes que estivesse salvo para levá-lo para o helicóptero. Além disso, ela não estava certa se queria que ele ouvisse sua canção curativa.

Enquanto fazia sua magia, Jaq conseguira uma indicação do poder de Sam. A aura dele era forte, reagindo e mudando defensivamente durante as ministrações dela. Mas sentiu que a atividade era instintiva e ainda não direcionada. A descoberta despertou sua curiosidade, pois nem o dossiê nem os registros da Renraku o mencionavam como tendo poderes mágicos. Mais curioso ainda era que ele levasse um estojo com chips de instrução destinados para alguém seguir o caminho da magia hermética. O fato de sentir o potencial dele parecia indicar mais a tendência de um caminho xamânico.

Satisfeita por ele estar profundamente adormecido, Jaq lhe deu uma nova dose, um tranquilizante. Ela não queria que ele acordasse até que tivessem chegado ao seu destino. Depois de se certificar que ele estava bem coberto, caminhou até a extremidade do platô e contemplou aquelas terras áridas. Ela queria pensar sobre isto.

Jaq retirou o fictício sintetizador de fala, puxando a ponta da fita adesiva, depois ajeitou a juba. Da sua sacola, apanhou as fotos destinadas ao estojo de chips de Verner. As velhas fotografias estavam manchadas e amassadas devido à sua exposição à tempestade e à lama, mas as novas fotos em sua embalagem plástica estavam em boa forma. As imagens eram, em sua maioria, fotos tiradas a esmo, com uns poucos retratos formais de diversas vindimas. Pareciam ser fotografias comuns de família, uma crônica de pessoas e fatos que fizeram parte da vida de Verner. Teriam de ser analisadas, obviamente, em busca de dados ocultos.

Afastando as fotos, ela apanhou o estojo de chips e o virou em suas mãos. Este também seria analisado, mas suspeitava que, da mesma forma que com as fotos, nada importante seria encontrado. Pelo menos nada escondido. Entre os chips de instrução havia uma Bíblia. A maioria dos

magos, independentemente de sua tradição, tinham pouco a ver com uma religião organizada.

Havia ainda o Narcojato, uma arma de pacifista. Não uma escolha comum entre shadowrunners, mas este era novato no submundo. Ele era um sujeito curioso, cheio de contradições. Uma personalidade assim era raramente previsível ou confiavelmente controlada. Verner não parecia uma peça apropriada para o jogo do patrão dela.

## 37

A nota dizia: "Vá até a porta no fundo e aguarde." Sam caminhou na direção em que a enfermeira tinha apontado, o corredor vazio e tranquilo. Com sua fraca iluminação e chão de cimento, rústico, escuro, o local parecia longe da alta tecnologia. Ele passou por algumas portas, a maioria grande o suficiente para a passagem de um caminhão, embora algumas fossem do tamanho de sua sala de recuperação que parecia uma cela. Nenhuma porta tinha qualquer inscrição e as câmeras de vigilância penduradas no teto em claros globos de plástico o desencorajavam. Seus passos ecoavam nas paredes largas, marcando um ritmo firme. Se seu passo estava um pouco mais lento do que o habitual, isto era porque seu flanco ainda estava endurecido e os músculos fracos pela falta de uso. O tecido rústico das novas roupas esfregava-se ali, e os músculos das suas pernas sentiam-se flácidos. O tornozelo não o incomodava mais, mas ele caminhara pouco nos últimos dias.

Enquanto ele ficava deitado recuperando-se de sua experiência penosa, os únicos visitantes de Sam tinham sido uma médica e duas enfermeiras. Ele soubera pouco deles, pois falavam apenas francês e pareciam não entender seu inglês ou japonês. O único sinal de Jacqueline tinha sido um bilhete pedindo que ele fosse paciente e se recuperasse. Se as palavras não estivessem escritas no papel, pensaria que ela fazia parte de seus estranhos sonhos na rocha crua do morro.

A primeira coisa que fez ao acordar foi sair da cama para tentar os controles da porta. O fato de eles não serem manipuláveis o aborreceu, mas

estava muito fraco para tentar fugir. Para onde ele iria? Sam não sabia nem onde se encontrava. E a única roupa no quarto era uma camisola de hospital que não serviria para viajar.

A médica e as enfermeiras tinham sido eficientes e solícitas, mas não lhe deram qualquer informação. A linguagem deles era uma prova circunstancial de que estava em Quebec, mas nada definitivo. Não se alteraram quando ele mencionou isto. Quebec ou Genomics, ambas as palavras que teriam sido compreensíveis mesmo que o restante não tivesse sido. Teria Jacqueline mentido quando disse que o levaria para a Genomics, alegando que era seu empregador? Onde quer que ele se encontrasse, o equipamento médico no quarto e a atenção que recebera eram de alto nível. Ele rapidamente recuperara suas forças.

Em algum momento do segundo dia, uma das enfermeiras lhe trouxe uma bandeja com um leitor de dados e os poucos pertences que Sam carregava com ele no Little Eagle. Estes incluíam o Narcojato, que fora limpo e lubrificado. A munição fora removida. Era angustiante ver como ficaram suas antigas fotografias, mas quando tudo isto acabasse ele iria mandar restaurá-las.

Nada estava faltando no estojo de chips, cujo conteúdo era a alternativa para não ficar olhando para as paredes. Ele releu passagens da Bíblia que o tinham confortado no passado, mas agora ele via estranhas interpretações para elas e ficou imaginando o que Cão acharia delas. Pensamentos sobre Cão fizeram cem que ele voltasse a pensar em magia, e assim, ele começou a mexer nos chips de instrução do professor.

Algumas descrições da experiência astral despertaram perturbadoras memórias de seu sonho no platô. Cautelosamente, temendo o sucesso, ele experimentara os exercícios de projeção astral. Sua primeira tentativa lhe proporcionou uma sensação aérea enquanto as cores da sala mudavam, da mesma forma como acontecera no platô. Pelos textos, ele esperara poder passar além das paredes do quarto, mas continuou exatamente sobre a cama, incapaz de se mover.

No meio de um dos exercícios, a médica entrou no quarto. Ela parecia cheia de uma luz verde que, exceto por uma falta de definição no dedo indicador da mão direita, brilhava por toda a pele dela. A presença dela trouxera Sam de novo ao estado de vigília, fazendo com que visse que

o dedo dela estava com esparadrapo. Ele guardara sua força e experimentara depois, mas nunca conseguiu aquele estado enquanto outra pessoa estivesse no quarto.

Agora, quando ele se aproximava da grande porta dupla que marcava o final do corredor, ficou imaginando se suas percepções astrais tinham sido apenas novas alucinações. Se fossem poderes reais, elas poderiam capacitá-lo a ver o que o esperava do outro lado. Que mal teria em tentar de novo?

Ele se compôs e desejou a mudança. A luz se alterou e a mudança de cor começou, então tudo voltou ao normal e Sam subitamente ficou deitado no chão. O resultado lhe trouxe de volta memórias do mago anão na sala de guardas de Laverty e do guarda-costas mago de Sato. Ambos pareciam adormecidos, dando a Sam a impressão de que estavam indiferentes ao trabalho deles. Agora ele percebeu que eles podiam ter estado trabalhando, afinal de contas, utilizando projeção astral enquanto seus corpos pareciam dormir. Ele se levantou, caminhou até a parede do corredor e recostou-se nela. O texto do exercício não tinha advertido que ele poderia perder o controle de seus músculos, recomendando apenas estar deitado para exercitar. Agora ele sabia por quê. Seguro, ele tentou novamente.

Depois que as cores mudaram, ele fixou seu ponto de referência na porta, hesitando um momento antes de prosseguir. Sua visão escureceu por uma fração de segundo, e então, ele já estava percebendo a sala além das portas. Ou pelo menos pensando que estava.

A área imediata era uma antecâmara que se abria num espaço maior. Nas paredes havia pinturas de grande beleza, seu conteúdo emocional variando bastante. O atrativo daquelas imagens e as esculturas vibrantes que ficavam abaixo das pinturas, a princípio o distraíram, mas assim que sua vista tocou no ocupante proeminente, não teve olhos para mais coisa alguma. Atrás de uma parede transparente azul e entronado numa base de ouro, prata e jóias, havia um dragão.

O animal parecia feito de cristal dourado que reluzia poder a cada movimento. Distorções de luz como pequenas auroras cintilavam no ar acima da cabeça dele. O dragão estava conversando com uma figura alta, cabeluda que Sam reconheceu logo como sendo Jacqueline, embora ela parecesse diferente. A pé-grande carregava uma bolsa de ombro enfeitada e

um amuleto de desenho intrincado em volta do pescoço. Ao lado dela lampejava uma aura menor. Sam não tinha tempo de registrar mais, porque a pé-grande curvou-se como se tivesse recebido ordens. Com a conversa encerrada, Sam temeu que o dragão de alguma forma pudesse vê-lo se a atenção do animal se voltasse na sua direção. Ele temeu ser descoberto, pois sua espionagem poderia ser entendida como falta de cortesia, na melhor das hipóteses. Ele sabia que as mudanças aconteciam e não queria comprometer sua posição junto a seu aparente anfitrião, qualquer que fosse esta posição. Além disto, sua nova capacidade era um bem, tanto mais potente se ele o mantivesse em segredo. Ele retrocedeu.

Sam estava no meio do corredor quando as portas se abriram e uma atraente mulher com cabelo alourado saiu dali. Ela usava uma roupa normal de trabalho, mas o colar era idêntico ao amuleto de Jacqueline.

- Ah, monsieur Verner - disse ela. - Pode entrar.

No rosto dela não havia nada de reconhecimento nem sinal algum de que ela percebera a intromissão dele. Ele assentiu e caminhou, passando por ela, imaginando que tipo de jogo seria este.

No momento em que Sam transpôs o portal, seus olhos foram atraídos pelo dragão. As escamas douradas do animal brilhavam, parecendo refletir e se fundir com a riqueza de sua base. O longo pescoço do monstro estava arqueado e seu queixo repousava num tesouro perto da extremidade da base onde se encontrava. Ele parecia adormecido.

Sam chegou mais perto, caminhando lentamente. Das flutuantes auras não havia qualquer sinal, mas ele suspeitou que qualquer que fosse a magia que elas representavam, esta não tinha desaparecido. A parede azul também era invisível, mas percebeu um zunido enquanto caminhava. Olhando para baixo, percebeu uma faixa com símbolos arcanos incrustados no chão.

Junto ao dragão, Sam ficou realmente consciente do tamanho do animal. A cabeça dele era maior do que seu comprimento, e diversos dos dentes que avançavam sobre os lábios escamosos eram maiores do que a mão de Sam. Era o primeiro dragão ocidental do qual ele se aproximava, mas algo sobre ele era conhecido. Sam classificou como algo comum à condição de dragão, pois seu odor era similar ao odor de Tessien. Ele deu

mais uns poucos passos para perto, parando quando sentiu a respiração saindo pelas narinas do dragão e sacudindo a leve fazenda da sua calça. A presença do animal era opressiva e Sam queria fugir, escapar do grande predador. Ele se manteve de pé, mas seus joelhos sentiam-se fracos e suas pernas lânguidas.

Ele deveria falar? O que se diz a um dragão?

Os olhos se abriram, olhando-o com aqueles olhos cor de opala.

- Sou Lofwyr.

Era como se os ouvidos de Sam tivessem escutado palavras, mas ele reconhecia que a voz do dragão estava apenas em sua cabeça. Não tinha percebido isto antes, mas Tessien falava do mesmo jeito. Esta criatura, porém, era muito mais ameaçadora do que a serpente emplumada. Isto preocupava Sam. Ficava diante dele quase dormindo, enquanto Tessien tinha destruído um blindado com chama e magia. Ele engolia a saliva nervosamente, depois esperou que sua voz saísse firme.

- Chamam-me Mobile - disse ele.

- Este eles não são muitos, Samuel Verner. - A diversão flutuava no ar. - Embora eu espere que o número deles aumente.

Surpreso pela atitude do animal e pelo uso do seu nome verdadeiro, Sam esqueceu parte de seu medo.

- Sabe quem eu sou?

- Obviamente.

O dracomorfo tinha a vantagem do conhecimento, enquanto Sam estava no escuro. Como este animal viera a saber alguma coisa sobre ele? Estimulado por seu aborrecimento, ele perguntou:

- O que quer comigo? Por que me trouxe aqui?

- Você está aqui porque desejo ajudá-lo.

Ajuda era a última coisa que Sam esperaria de um dragão.

- Por quê? Nós nunca nos encontramos antes.

- Meus motivos são coisa minha. Como Jacqueline lhe informou, temos um interesse mútuo nos negócios da Genomics Corporation.

A menos que a criatura pudesse ler sua mente, a negativa seria o caminho mais seguro.

- Não tenho qualquer interesse na Genomics.

- Você tinha um tecnauta fazendo perguntas sobre os negócios e o pessoal da empresa.

- O que você tem a ver com isto? - Sam perguntou com uma arrogância que realmente não sentia. - Você é um tira? Vai me acusar de roubo de informações ou alguma coisa assim?

- Tão beligerante. - A expressão do dragão permaneceu plácida. Se é que aquele sorriso fixo, cheio de dentes, pode ser chamado de plácido. Sam sentia a desdenhosa tolerância da criatura. - A. A. Wilson, um empregado da Genomics, parece ser alguém que interessa a você em especial.

-E daí?

- Verner, você não é uma criança. Deixe de jogos. Normalmente eu não aceitaria sua curiosidade, mas sua bisbilhotice me alertou para uma injustiça contra mim e contra os meus.

"O doutor Wilson tem feito uso sem autorização dos recursos e do pessoal da Genomics num projeto dele. Embora uma iniciativa assim às vezes seja admirável, ele não teve o discernimento de confidenciar a mim os êxitos dele. Como seu benfeitor, eu o apoiei, simbolicamente o vesti e alimentei e agora ele demonstra sua gratidão dando a outro os frutos de seu trabalho. Conhece o sr. Drake?"

Demais, Sam pensou.

- Posso ver que conhece.

Sam relaxou os músculos do rosto, percebendo que não seria preciso alguém que lesse os pensamentos para ver sua raiva. - Você quer que eu o ajude a trazê-lo á justiça? Ele tem mortes pelas quais deve responder.

- A morte é a única resposta para a morte, Samuel Verner.

Embora tenha sido você quem provou de sua perversidade extrema, foi a mim e aos meus que ele causou danos até agora. Fizesse ele o que fez, eu reagiria e o oprimiria abertamente.

Mas uma solução que me satisfaça não é necessariamente uma solução satisfatória para você.

- Qualquer ação direta de minha parte seria difícil de justificar nos tribunais do seu mundo. Ele não cometeu crime algum contra mim. Ele roubou de mim ou matou algum dos meus? Até agora ele só tirou vantagem de uma pessoa desleal que enfrentará seu próprio ajuste de contas na plenitude dos tempos.

"Se, de um modo premeditado ou por acaso, todas as provas de má utilização dos recursos da Genomics só me levam ao doutor Wilson. O doutor foi enganado por uma língua mentirosa ao acreditar que ele trabalha em seu próprio interesse. No final, o doutor Wilson será devolvido à Terra e eu serei privado dos benefícios que busquei.

"E presunção deste conspirador acreditar que pode fazer sua festa com um rebanho que eu alimentei. E acho este maquinador e sua presunção...ofensivos." O desprezo pairava no ar.

Estou informado de que você também acha este sr. Drake ofensivo. É aqui que nossos interesses mútuos se juntam."

- Então você quer que eu faça alguma coisa contra Drake. - Sam percebeu a concordância do dragão e achou que sabia o que Lofwyr queria que ele fizesse. - Não vou matá-lo para você.

- Compreendo. Se o matasse, seria por você.

- O que você deseja?

- Tenho ainda de determinar a natureza exata dos planos do senhor Drake. Acho isto irritante. O que desejo é que você continue seus esforços contra o senhor Drake, que descubra o esquema dele e me relate tudo.

- Por que Jacqueline não faz isto? Ela me pareceu muito boa para achar coisas e ela já está na sua folha de pagamentos. Por que eu?

- Você é um jogador inesperado.

Jogador? Pessoas sofreram e morreram, mas esta criatura parecia pensar que tudo fazia parte de algum jogo. Os dragões não viam os Humanos como nada mais que simples peças para serem movimentadas sobre um tabuleiro?

O dragão estendeu uma pata e esfregou as garras em seu tesouro. Sam entendeu o gesto como a resposta do animal contra qualquer recusa.

- Você fará o que eu pedi?

Sam tinha medo de dizer não e temia dizer sim. Ele precisava encontrar um modo de sair desta situação sem aborrecer o dragão.

- O que ganho por fazer seu trabalho sujo?

- Muito dinheiro e uma nova identidade, do que você precisará para encontrar sua irmã e fazê-la voltar ao estado anterior dela.

- Como sabe sobre ela?

- Pesquisa, Samuel Verner. Certamente você entende o valor de uma boa pesquisa.

- E quando tudo isto acabar, eu paro de trabalhar pra você?

- Se você considerar isto adequado. Posso ser um empregador generoso, como Jacqueline poderá lhe dizer.

Desde que você seja um bom samurai, cego a tudo, menos às ordens, Sam suspeitava.

- E se eu matar Drake? Você tem assassinos a seu serviço?

- Como você resolve suas diferenças com o senhor Drake será assunto exclusivamente seu. Eu pedi apenas informação. Quando o assunto estiver resolvido e se você não tiver se comprometido com as autoridades locais, depois que tudo estiver concluído, então você pode me contactar através do código de comunicação que receberá na saída. Posso fazer seu novo caminho mais fácil, Samuel Verner.

As palavras sem voz do dragão deixavam claro que a ajuda dele seria mais do que simplesmente mundana; uma oferta de ajuda mágica de um dragão não era um fato corriqueiro. Por que toda figura poderosa que Sam encontrava desejava lhe ensinar magia? Ele não queria aprender. Queria apenas ser ele mesmo. Será que não podiam ver isto?

- Não preciso da sua ajuda.

A descrença entre eles aumentou, depois dissipou-se em divertimento.

- Este senhor Drake que você procura derrotar não è o que parece. Você verá que é um inimigo fantástico.

- Tenho outros recursos.

A descrença voltou quando as pálpebras do dracomorfo penderam, meio cerrando as órbitas líquidas.

- Muito bem. As providências foram tomadas para você voltar a Se atile.

- Não concordei em trabalhar para você.

- Você fará meu trabalho.

Os olhos fecharam. Ele fora dispensado.

## PARTE 3

### É perigoso aqui fora

## 38

O dr. Andrew A. Wilson estava sentado à sua mesa lendo a carta de apresentação. Como ele esperava, Sam preparou sua própria imagem na ficha de identificação da companhia que ia em anexo. O cabelo louro bem aparado e a barba recém-cultivada emolduravam um rosto estreito com olhos cor de amêndoa bem tranquilos e com expressão de um leve enfado. Ele perdera peso, mas isto não o afetara. O que mostrava do temo que usava era um corte conservador, de média gerência. O homem da foto parecia ser um bom funcionário.

O que não mostrava era o princípio de rudeza e de esperteza que Sam adquirira durante sua recente provação. Ele esperava que isto fosse o bastante para conduzi-lo por esta pequena charada do mundo empresarial.

Enquanto a mulher que conhecera como Jacqueline o levava ao jato que o traria aos domínios da Genomics, ela lhe disse que a carteira de identidade só duraria um dia. Enquanto isto, ele seria Samuel Voss, um contador da Genomics com missão de investigar os livros da equipe do dr. Wilson.

- Pura rotina, doutor.

Wilson assentiu, mas sua expressão era impertinente quando retirou o disquete do seu console de mesa.

- Parece tudo estar em ordem, sr. Voss. Espero que a demora não o tenha aborrecido.

- De maneira alguma - Sam disse com um leve sorriso. Esperava que esta fosse a resposta correta para um contador que fica de pé enquanto um superior da empresa demonstrava desprazer pela interrupção. Teria sido o correto na Renraku, mas ele não conhecia as sutilezas do protocolo empresarial da Genomics.

- Ótimo. - Wilson parecia satisfeito. - Providenciarei para que lhe designem uma estação de trabalho.

- Acredito que minhas ordens especificavam que eu deveria trabalhar em sua sala, dr. Wilson.

- Isto é totalmente fora de questão.

- Sua estação proporciona o acesso mais direto aos arquivos de sua equipe, senhor. Existe ainda a questão da confidencialidade. Tenho certeza de que o vice-presidente Fleureaux...

- Está certo. Está certo. Não é preciso perturbar o vice-presidente. - Wilson estendeu a ficha de identidade e o disquete de apresentação. - A estação fica ali no canto.

- Ótimo, senhor - Sam disse, enquanto apanhava seus documentos. Ele se dirigiu à estação de trabalho e colocou sua pasta no chão. Arrumando-se, ele indicou a trava eletrônica -O senhor poderia fazer a gentileza?

De mau humor, Wilson se levantou e se aproximou de Sam na estação de trabalho. O diretor de pesquisa pegou a trava eletrônica, escondeu-o da visão de Sam e digitou o código de acesso. Quando o computador soou demonstrando estar pronto, Wilson afastou-se para permitir que Sam se sentasse e, depois, posicionou-se junto ao ombro esquerdo do outro. Com as mãos repousadas levemente sobre o teclado, Sam olhou para Wilson.

- Senhor, preciso lhe lembrar que o Decreto de Direitos dos Empregados em Empresas Internacionais de 2035 afirma categoricamente

que o administrador só pode olhar os registros financeiros pessoais do empregado depois de assinar um formulário 3329-11 e de fornecer provas de má conduta, transgressão, associação criminosa ou deslealdade por parte do empregado?

- O senhor vai olhá-los.

- Dr. Wilson, eu sou um contador público. A Seção 35.22 do Decreto especifica explicitamente as revisões periódicas de dados até o nível de segurança verde como parte de uma legítima revisão de remuneração. Tais revisões podem se realizar a qualquer tempo por uma convocação do representante de remuneração do empregado, devidamente eleito ou não, mais de uma vez por ano pela administração. Adicionalmente, em certas jurisdições, departamentos do governo nacional podem requerer estas revisões para fins de verificação do recolhimento correto do imposto, permissão de trabalho, residência e de outros requisitos. Além do quê...

- Chega - Wilson o interrompeu. - O senhor vai demorar?

- É uma verificação mínima. Nada mais que duas ou três horas.

Wilson franziu os lábios e bufou pelas narinas dilatadas.

- Mande minha secretária me chamar quando o senhor acabar. Estarei no Laboratório Três.

- Muito bem, senhor. Tenha um bom dia.

Sam conseguiu segurar o riso até que Wilson tivesse deixado a sala. Ele não fazia a menor idéia do que continha a Seção 35.22 do decreto, mas aparentemente Wilson também não sabia. Pelo modo como os olhos do doutor o fitaram enquanto Sam fazia uma recitação prosaica do capítulo e de seu conteúdo, duvidava que o diretor de pesquisa fosse verificar tudo o que ele dissera.

Sam não perdeu tempo para ir ao assunto. Como a estação de trabalho era um pouco diferente daquela a que estava acostumado, levou alguns instantes se familiarizando. O terminal de Wilson não tinha cabo para ligação de conexão de dados, o que deixou Sam satisfeito. Fazer esta ligação teria sido arriscado, e agora Sam não tinha de se preocupar sobre tomar esta decisão.

De seu estojo ele apanhou o cartucho que fora outro presente de Jacqueline. Como a carteira de identificação, este também tinha um limite de tempo embutido. Ele suspeitava que tivesse outras limitações embutidas também. Colocando-o na ranhura, o ligou. Começou imediatamente a abrir arquivos à medida que seus programas faziam o trabalho de um tecnauta experimentado. Quando todos os registros financeiros de Wilson correram pela tela, Sam reconheceu diversos trabalhos que ele e Squivo fizeram em San Francisco. Os registros do médico mostravam o dinheiro de Drake. Ou pelo menos o chip de Lofwyr o fazia acreditar. O dragão poderia estar utilizando-o, duplicando as informações que Sam já dispunha para fingir que esta incursão nos arquivos de Wilson confirmavam a conexão do médico com Drake.

Com estes pensamentos, Sam percebeu que talvez estivesse começando a compreender a vida nas sombras, mas a paranóia levava a pessoa mais longe.

Quando Sam direcionou o chip para os arquivos de dados de Wilson, a tela se encheu obsequiosamente com listas de documentos. Nenhum deles era arquivos de pesquisa seguros, mas isto não foi uma surpresa. A generosidade de Lofwyr não se estendeu a revelações sobre o trabalho de Wilson.

Sem mais curiosidade, Sam acessou o arquivo pessoal do diretor de pesquisa. A maior parte era rotineiro, mostrando o firme progresso da carreira de Wilson, com apenas uma ou duas reprimendas por extrapolar o orçamento em projetos pequenos. Nada indicava nem insatisfação da empresa com Wilson nem com seu trabalho. Mesmo assim, Sam percebeu que Wilson tinha relatado diversas tentativas de suborná-lo e tentativas de agentes da United Oil de retirá-lo da Genomics por seu trabalho com organismos programados por genes. Se Wilson estava trabalhando fora da empresa, isto ainda era segredo para seus patrões.

Mais do que nunca, Sam queria conhecer a natureza da pesquisa do médico. Tentou novamente, especificando que o chip procurava arquivos de pesquisa, mas tudo o que ele obteve foi mensagens de "instruções não aceitas". Utilizando certos truques que Squivo lhe ensinara, ele colocou um programa de passagem forçada no terminal e o aplicou ao chip de Lofwyr. A abordagem alternativa retirou as limitações do chip e colocou seus

programas de penetração à disposição dele. Sorrindo de satisfação, ordenou que o chip duplicasse suas rotinas num cartucho limpo. Mas quando o colocou no console, ele mal conseguiu abortar quando o chip piscou a mensagem "tentativas de cópia apagarão todos os dados". Ele respirou; valera a pena tentar. Se tinha de fazer alguma coisa com o abridor de latas de Lofwyr, teria de ser hoje.

Ele enviou o chip atrás da pesquisa de Wilson.

Uma hora de insistências e de trabalho o levou a um depósito de dados intitulado "Padrão de Copiagem". Continha o único arquivo de todos os tamanhos que deu positivo à palavra-chave "albinismo". O depósito era enorme e bem fechado. Sam levou mais uma hora para abri-lo, algo somente possível com as capacitações do chip de Lofwyr.

O tempo estava passando. Ele procurou numa verificação rápida, passando por longas seções de documentação técnica e de dados experimentais, assim como de cálculos confusos, muitos dos quais ele percebeu serem fórmulas mágicas. Isto não era de surpreender, pois Wilson era um mago. Mas relacionar magia com técnicas biotecnológicas controversas parecia intrinsecamente errado a Sam.

Quando ele avançou para "Resultados de Testes de Campo", quase imediatamente ficou assustado. As experiências de Wilson envolviam seres sencientes e, apesar dos eufemismos clínicos, era claro que todos os experimentos resultaram na morte dos sujeitos. Cheio de terror e também da necessidade urgente de conhecer tudo aquilo, Sam chamou um registro visual ligado ao "Organismo 5: Copiagem de Modelo Completo". Cinco era o número mais alto na série.

O que viu só aumentou o seu medo. O Organismo 5 de Wilson era vagamente humanóide, e sua pele sem características era totalmente branca. Tão branca quanto aquela do albino que estava com a equipe de Hart na noite de sua fuga da aqui-sede da Renraku. Diante de seus olhos, a coisa se aproximou e abraçou um homem amarrado a uma superfície vertical. O que ele viu a seguir o encheu de horror. Enquanto observava, a coisa insinuava extrusões na carne de sua vítima, que reagia com uma dor lancinante. Sam estava contente por não haver som no registro. Enquanto isto, a carne do Organismo contorcia-se e moldava-se até se transformar numa cópia fiel do homem que jazia sem energia. Sam vomitou no chão de Wilson.

Wilson, através das artes arcanas e científicas, criara algo demoníaco, um ser que podia roubar a forma de alguém. Fora por isto que o albino não partira com Hart. Tinha tomado a forma de alguém da arquise. A Renraku convivia com um traidor que pensava ser um empregado fiel. Agora ele sabia por que ele e Hanae, e a maior parte da equipe de Hart, foram traídos pelos guardas de fronteira do Tir Tairngire. O arquiteto deste complô queria estar certo de que ninguém estaria vivo para relatar o ocorrido.

Drake saberia que Sam ainda estava vivo? Se soubesse, continuaria tentando assassiná-lo. Talvez a violenta destruição do blindado tenha feito Tessien, instrumento de Drake, acreditar que Sam e Begay tivessem morrido. Jacqueline insinuara isto. A afirmação de Lofwyr de que Sam era um "jogador imprevisto" também confirmava a noção. Se Drake acreditava que Sam estava morto, esta pequena vantagem poderia permitir que Sam chegasse a Drake primeiro.

Sam olhou para a sujeirada que fizera. Ele jamais poderia explicar isto se estivesse aqui quando Wilson voltasse, o que poderia acontecer em poucos minutos. Sam tinha de sair, depressa. Ele detonou o chip de Lofwyr, na esperança de que a saída abrupta pudesse estragar o precioso arquivo de Wilson. Enquanto retirava as provas de sua presença, percebeu uns poucos cartuchos como selo de propriedade da Genomics. Ele os jogou dentro do estojo. Antes de se encaminhar para a porta, se limpou do melhor jeito que pôde. Se parecesse muito deslocado ou muito apressado, nunca sairia do prédio.

- Pode me dizer onde encontro o dr. Wilson? - ele perguntou à secretária.

- Ele saiu numa pressa tão grande, sr. Voss... Posso localizá-lo e chamá-lo para o senhor.

- Não é preciso. Já acabei por aqui e deixei um bilhete para o doutor em sua sala. Não é nada urgente. Não precisa incomodá-lo.

Sam saiu caminhando pelo corredor, desejando que pudesse correr até a pista de pouso. Sentia-se sujo, como se estivesse caminhando, por um esgoto ao invés de andar por entre paredes brancas e o chão limpo da Genomics. Queria ficar limpo novamente. Cada parada nas estações de

segurança era uma agonia, na expectativa de um alarme. Não houve qualquer alarme, mas não relaxou de novo até muito tempo depois de o jato de Lofwyr ter decolado.

## 39

- Estou lhe dizendo, Crenshaw, não gosto disto. -E eu estou dizendo a você para calar-se.

- Mas é perigoso aqui fora - Addison reclamava. - Eu preferia estar de volta em meu cubículo, a Diretoria Especial. Sei como cuidar de gelo.

Ainda era muito cedo e a maior parte da vida selvagem ainda não tinha saído dos buracos malcheirosos em que se escondia durante o dia, mas Addison grudava-se a ela como se temesse que os próprios prédios delapidados pudessem tentar mordê-lo. Ela não gostava da Favela Puyallup também, mas sabia o suficiente para não mostrar medo perto de um predador. No mínimo, deveria haver vários observando de becos ensombrecidos ou de janelas escuras, de vidros quebrados. O nervosismo de Addison poderia denunciá-los como gente de fora, como alvos. Se isto detonasse um ataque, a proximidade dele poderia dificultar-lhe resposta dela. Ela poderia se machucar.

Crenshaw o empurrou pelo ombro e aumentou a distância. Ele piscou, surpreso.

- Apenas fique calado. Continue falando e será perigoso. Se este negócio der errado por sua causa, você pode tentar ir andando até a arquise.

- Desde aqui?

- Não se preocupe. Você não conseguirá sair de Puyallup. Ele se apressou em obedecer.

Um quarteirão á frente eles chegaram ao destino, uma espelunca chamada Olafs. O letreiro zumbia e estalava, enquanto as letras ainda acesas lutavam para se juntar ao já apagado "a". Junto á porta estavam duas

peessoas com chips de cabeça. Um murmurava uma litania sem sentido das sensações que rodopiavam por seu cérebro desconjuntado, enquanto o outro folheava o folhetim piegas de sempre. Crenshaw passou depressa, e depois teve de puxar Addison das mãos vorazes do mendigo.

A barulheira que passava por música era alta, mesmo antes de Crenshaw abrir a porta. Uma vez lá dentro, o barulho era ensurdecedor. Mas ela sabia por que os clientes gostavam daquilo deste jeito. Evitava que ouvissem o vomitar na mesa ao lado ou uma briga na cabine lá atrás. Mais importante: nenhuma conversa podia ser ouvida.

Ela acostumou os olhos e viu que, como nas ruas, a frequência era esparsa. Teria resolvido seu assunto e partido muito antes que os frequentadores habituais tivessem chegado. Isto estava bom; os frequentadores habituais de lugares como este tendiam a ser valentões que pensavam ser donos das ruas e que esperavam ser tratados como reis. Eram irritáveis e arrogantes, e a maioria deles cheirava mal.

Addison caminhava junto a ela, que passou pelo par e se dirigiu à sala dos fundos. O atendente do bar segurou o cartão-moeda que ela jogou e curvou-se para apertar o botão que abriu a porta.

Uma vez dentro da pequena sala e com a porta fechada, o nível de ruído diminuiu. No teto, um pequeno ventilador girava de modo ineficiente, empurrando um ar pesado e cheio do odor daquela multidão. Um cheiro mais ácido, mais fétido vinha das paredes descascadas e dos móveis estragados. Crenshaw atravessou a sala e ficou de costas para a parede que ficava de frente para a porta de entrada. Addison a seguiu, olhando de modo nervoso os ocupantes do lugar.

Um dos quatro orks que quase enchiam metade da sala fez uma imitação da linguagem de corpo do tecnauta. Os companheiros dele explodiram numa gargalhada. O divertimento não atingiu os dois normais que estavam na outra metade da sala, que se sentavam tão longe dos orks quanto um do outro. O que estava mais próximo da porta era magro, quase cadavérico, com um brilho metálico debaixo da manga da camisa e dos protetores implantados sobre seus olhos. O outro não tinha equipamento bioeletrônico aparente e parecia tão nervoso quanto Addison. Os dois normais observaram Crenshaw e esperaram.\*Ela esperou também que o riso dos orks parasse.

- Boa noite. Sou Johnson e este é meu sócio, sr. Smith. O sr. Smith fará cobertura e pesquisa na Matriz como for necessário. Ele servirá também de contato caso algum de vocês deseje passar informações fora dos encontros marcados.

O homem magro resfolegou.

- Muito bem. Devia saber que você era o sr. Johnson. Soube que você tinha chegado e a descrição batia com a sua. Pensei que você tinha subido na vida, A. C. Quer se arrumar ou está buscando emoção como os ricos fazem?

- Prazer em vê-lo também, Ridley - ela mentiu.

Ela não gostara dele quando trabalhava para a Mitsuhama e nada mudara desde então. Mas gosto nada tinha a ver com isto, lembrou a si. Tratava-se de negócios e ele era bom nisto. - Braço novo?

Ridley mexeu o braço direito e bateu com a cobertura amarelada e sedosa da folha metálica que era sua pele.

- Tinha outro dono. Yak tentou me ferrar com ele, mas não era rápido o bastante. Eu o arranquei para compensar pelo problema que me causou. Uma bela peça e então fiquei com ele.

- Você é bem rápido com ele? - perguntou um dos orks.

- Experimente, dentuça.

A ork mostrou os dentes e se levantou da cadeira, puxando uma faca medonha da bainha da bota. Ela não foi adiante porque o maior dos orks a segurou pelo colarinho e a jogou de volta na cadeira.

- Mantenha a conversa amistosa, Sheila.

Sheila não respondeu, mas os olhos dela prometiam a Ridley um acerto de contas.

- Você é o responsável? - Crenshaw perguntou ao grande ork.

- É isso aí, sr. J. Sou Kham e essa galera é o melhor grupo de luta deste lado de Seattle.

- Não vai se gabar da cidade toda? - Ridley zombou.

- Não se deve fazer muita publicidade - Kham disse, o que fez os outros orks se alvoroçarem de novo.

- Fiquem quietos - Crenshaw ordenou. Ela se voltou para o normal que não tinha dito coisa alguma ainda. - Estou contente por se juntar a nós esta noite, sr. Markowitz.

- Chega de falsa cortesia, Johnson. Vamos logo com isso. Quanto mais cedo eu me arrancar daqui deste lixo, melhor pra mim.

- Tá de bola cheia, Markowitz - disse Ridley. - Ouvi sobre o sequestro de Clemson. Tudo muito nobre, tenho certeza, mas assassinato é assassinato.

Markowitz começou a falar, mas depois deu apenas de ombros quando se voltou para Crenshaw novamente.

- Podemos ir logo com isto, Johnson?

Antes que ela pudesse responder, a porta se abriu para deixar entrar uma figura atarracada com andar pomposo. Vestido em roupa de couro cujo modelo indicava placas de armadura escondidas, o pigmeu descansou sua mão nas coronhas de duas Ares Predator iguaizinhas. Um dos orks sussurrou: - "Greerson" - e o recém chegado sorriu de modo contido. Ele deu um passo em direção ao que falara, que se levantou e recuou do pigmeu. Greerson apoderou-se da cadeira vaga, virou suas costas para a porta e sentou-se, dobrando as costas da cadeira contra a madeira gasta.

- Você está atrasado - disse Crenshaw.

- Já discutiram o assunto? - Greerson perguntou.

- Vamos discutir.

- Então não estou atrasado.

Crenshaw esperou um instante para restabelecer seu controle. - Nenhum de nós é gente nova nas ruas - disse lentamente - e vocês todos conhecem o esquema. Vamos ter que deixar nossas diferenças de lado até que este serviço esteja acabado e todos vocês pagos. Até lá quero trabalho de equipe.

Greerson olhava o grupo com um sorriso de escárnio. -Solte a bomba, Johnson. Dê os alvos e a data de entrega. Se você tiver bastante

neoienes você terá o que deseja. Não preciso de nenhuma ajuda.

- Todos aqui têm habilidades valiosas, Greerson. Alguns em áreas onde sua própria habilidade considerável não chega. - Crenshaw ignorava o olhar do pigmeu. Ela puxou um punhado de cópias impressas de arquivos de sua pasta e as deu para que Addison as distribuísse. - O sr. Markowitz já determinou que o principal alvo voltou a Seattle nos últimos dias. Há fotos e dados pertinentes do arquivo dele na empresa. Não se iludam com o rosto inocente de Verner. Ele tem andado pelas sombras desde que chegou à cidade. Não sabemos qual o tamanho do seu círculo de contatos, mas com certeza ele conseguiu contatos muito quentes com acesso a gente muito forte. É por isto que preciso de um grupo feito vocês. O único dos seu associados que conseguimos identificar é um local, um tecnauta elfo com o nome de guerra Squivo.

- Squivo? - Kham perguntou.

- Isso mesmo.

- Esta ação não é contra o grupo de Tsung, é?

O nome da conhecida shadowrunner evocou memórias desagradáveis, mas Crenshaw as manteve escondidas sob uma expressão serena. - Até onde eu saiba, não. O elfo trabalha com ela?

- Às vezes.

- Suspeito que o elfo está operando sozinho desta vez.

- Se não estiver, eu e os rapazes estamos fora.

- Eu também - disse Ridley. - Não vou contra Tsung e o grupo dela sem apoio mágico.

- Deixe eles de fora agora, Johnson - Greerson disse. - Eles não têm coragem para o serviço, de modo que fico com o seu orçamento todo e faço isso sozinho.

Antecipando uma explosão, Crenshaw interrompeu aquilo, falando alto e depressa.

- Você provavelmente poderia pegar Verner e Squivo sozinho, Greerson, mas a extensão desta operação ainda não está bem definida. Num ponto, estava envolvido um dracomorfo. Se ele ainda estiver, o grupo de

Kham, eu acredito, dará o poder de fogo necessário. Se Kham tiver de se retirar por causa do envolvimento de Sally Tsung, eu aceitarei a decisão dele, desde que ele me dê tempo suficiente para garantir uma substituição do poder de fogo.

Kham pigarreou, depois falou quando estava certo de contar com a atenção de todos.

- Eu e a galera não somos covardes, não temos medo de Tsung, veja bem. Ela e eu temos um acerto de trabalho.

- Entendo - disse Crenshaw. E ela entendeu. Ela viu o rosto de Kham sobre uma H&K 227 num Comutador Boeing de propriedade da Renraku. Ela viu o rosto junto ao de Sally Tsung. Ela lembrava de Kham agora; ele fazia parte do grupo que a sequestrara e que abusara dela. Ele obviamente não a reconheceria. Ou não dera importância, se reconheceria. Ela o faria dar importância, mas o caso de Verner estava na frente. Kham teria de esperar sua vez de pagar pelas indignidades que ela sofrerá. Mas se pudesse torcer as coisas de modo a que as conexões de Tsung se voltassem umas contra as outras, ela se aproximaria mais para ajustar as contas com os demais também. - Mas se o elfo está trabalhando sozinho você não tem nenhuma reserva contra isto?

- Não. Nunca gostei daquele gnominho espertalhão.

- E você, Ridley?

Ridley dobrou os braços. - Acho a mesma coisa. Mas se Tsung estiver envolvida...

- Você não tem objeções pessoais?

- Não. Mas a magia...

- Se observarmos uma oposição significativa com magia ativa, eu arranjaré as contramedidas.

- Um bom mago é um mago cheio de chumbo - disse Greerson. - É a melhor contramedida que eu conheço. Superioridade mágica através de poder de fogo maior.

- Greerson levantou uma boa questão - disse Crenshaw. -Vamos todos ter isto em mente. Um mago não pode lançar um feitiço se você o

matar primeiro.

## 40

As direções do tecnauta dos elfos foram acertadas, mesmo que sua descrição da destinação final não tenha sido. Squivo disse que era uma loja antiga, mas o letreiro anunciava como uma loja de penhores e oferecia dinheiro para cartão-moeda e tíquete de empresa. Sam viu o relógio de cuco esculpido cheio de ornamentos na madeira que Squivo dissera estar numa janela com grades. Os ponteiros estavam fixos em duas horas. Se este era o lugar, este era o sinal de que Cog, o intermediário, estava lá dentro e aberto para negócios.

Quando Sam entrou, não ouviu qualquer sineta nem viu qualquer dispositivos de vigilância, mas tinha certeza de que sabiam que ele estava ali. Contornando várias ilhas de tralhas, ele se dirigiu ao balcão dos fundos onde, abrigado numa das extremidades -e protegido por uma máquina registradora real, um velho mirrado estava sentado lendo a *Intelligencer* do mês anterior.

- Com licença, vi o relógio na janela. Está á venda? Olhos cinzas o observaram atrás de antiquados óculos equilibrados precariamente na ponta do nariz, sob sobrelhas que denotavam ocupação.

- Eu o vendi ontem. Não viu o cartaz?
- Pensei que pudesse dar um lance maior.
- Tem que falar com o dono.
- Está certo. Tenho que falar com o dono.

O velho esticou a mão por sob o balcão. Com um forte ruído uma porta na parede dos fundos ficou semi-aberta. Sam pensou ter ouvido também um ruído mais leve da porta da frente, um ruído de lingueta se fechando. O cuidado do empregado do intermediário era condizente. Os que

atuavam nas sombras deviam tomar precauções. Lembre-se: agora você é um deles.

- Entre - o homem apontou. - Sente-se e espere.

Sam passou pela porta, não vendo outra entrada ou saída do cubículo de paredes nuas. A única peça de mobiliário era uma cadeira com estrutura de aço forrada com almofadas macias, lisas. Quando ele se sentou, a porta se fechou, aparentemente sozinha, e ouviu o cadeado ser colocado. Sons da rua filtravam-se até a loja, mas nada perturbava a tranquilidade deste local. Sam aguardou pacientemente por cinco minutos, contados em seu relógio. Depois, esperou mais dez impacientemente antes que uma voz lhe falasse.

- Não conheço seu rosto. Quem é você?

Sam não conseguiu discernir a fonte da voz, mas tinha certeza de que era processada eletronicamente para mudar suas características. A pessoa atrás daquela voz não podia ser outra se não Cog.

-Mobile.

- Amigo de Squivo?

- Isso mesmo.

O intermediário ficou em silêncio por um instante.

- Você é tido como morto.

Em resposta, Sam simplesmente deu de ombros, certo de que o indagar incorpóreo poderia ver seu gesto. Se o intermediário soubesse que Sam estava morto, talvez Drake tivesse sabido também.

- Você tem prova de quem você diz que é? Sam deu de ombros novamente.

- Squivo disse que você era uma boa conexão.

- Agora sei que você está mentindo.

- Squivo disse que você diria isso.

Um leve risinho. - Talvez você seja Mobile. Se for, você mostrou ser muito resistente. Talvez possamos fazer negócio. O que posso fazer por

você até você estabelecer sua bona fides! - Preciso de algum dinheiro e de um lugar para ficar. E preciso de uma SINA.

- E em troca?

Sam apanhou seus bens de valor no bolso da roupa e os exibiu um a um. Uma identidade no nome de um Edward Vinson. Um cartão-moeda com o selo de Samuel Voss. Um par de chips de dados, retirados de uma pequena firma de pesquisa genética que fica ao norte daqui.

- Este último é uma aquisição recente?

Sam sorriu por dentro com o vestígio de interesse que surgiu pelas palavras moduladas.

- Muito.

- Coloque tudo sob a cadeira.

- Devo confiar isto a você?

- Squivo disse que eu era uma boa conexão.

- É, ele disse. - Para Cog Sam era um estranho, possivelmente de alguma empresa ou apenas um cavador a fim de dar um bom golpe. O intermediário queria verificar o material, mas não oferecia segurança alguma. Confiança só se formava com confiança, e alguém tinha de dar o primeiro passo. Sam não queria confiar numa voz sem cara, mas sua necessidade pesava mais que a cautela. Ele colocou o estojo dos chips e as carteiras no chão e os empurrou para baixo da cadeira.

- E agora?

Não obteve resposta. Depois percebeu que isto era a resposta. Curvou-se para olhar sob a cadeira e viu que seus pertences tinham desaparecido. Levantou-se e preparou-se para esperar.

Lofwyr tinha fornecido a identidade de Edward Vinson. Ao passá-la adiante, Sam estava abrindo mão de um recurso potencialmente útil. O ficcional Vinson tinha uma casa em Seattle, um confortável e não exigente espaço para pesquisa na Matriz com a Aztecnológica e um Símbolo de Identificação Natural que permitiria a Sam uma fácil passagem pela maior parte do metroplexo. Sem esta SINA, Sam seria barrado em alguns dos lugares onde esperava caçar Drake. Mas, com ela, Lofwyr provavelmente

poderia monitorar tudo o que Sam fizesse dentro da Matriz pública, seguindo sua utilização de instalações e observando quaisquer transações que Sam fizesse usando a identidade. Até Vinson evaporar ele poderia abrir portas, mas a evaporação era uma boa possibilidade depois de Sam ter usado o chip de Lofwyr para ter acesso aos arquivos de pesquisa da Genomics. Ele fizera isto mesmo sabendo que o dragão se oporia. Para punir Sam, Lofwyr poderia fazer Edward Vinson desaparecer, deixando-o sem qualquer apoio num dos pontos de checagem da Lonestar ou em algum balcão de segurança de empresa.

Confiança e cautela em guerra novamente.

O dragão ajudara Sam porque queria alguma coisa de Sam. E quando Lofwyr tivesse isto, o que aconteceria? Uma recompensa em dinheiro, segurança, ensinamento e ajuda para encontrar sua irmã. O dragão manteria sua palavra?

Se Lofwyr fosse confiável, a oferta dele se manteria depois que tivesse apanhado Drake, tivesse ou não usado a SINA de Vinson. Se Lofwyr confiasse nele, não haveria problema. Se Lofwyr não confiasse nele, o dragão poderia considerar a venda da identidade por Sam como um roubo de propriedade. Quem pode saber o que um dragão pensa?

A cautela recomendava que seria melhor criar dificuldades para quem quisesse segui-lo, inclusive Lofwyr. A cautela sugeria que ele estava mais seguro se seus benfeitores não conhecessem seus planos e ações. A cautela o advertia a não acreditar em pessoa alguma fora ele mesmo. Fora por isto que Sam fora até Cog. A voz da cautela era mais insistente do que a da confiança.

Agora, esperando aqui na pequena sala sossegada, ele estava tendo outras idéias. Lofwyr não lhe fizera mal algum. Por que Sam estava tão relutante em confiar no dragão? Suas experiências com Tessien o tinham indisposto contra todos de sua raça? Ou estava simplesmente reagindo á natureza estranha do animal? Sam não gostava de pensar que poderia se render tão facilmente a este preconceito.

Ele fora criado dentro do princípio de que toda criatura senciente tinha alma e que a alma era o que as separava dos animais. Mas em seu encontro com Lofwyr, Sam sentira uma fria rudeza, como se a humanidade

fosse seu brinquedo. Será que os dragões pensavam que somente eles tinham alma? Eles acreditariam em alma realmente?

Seu pai o ensinara a julgar cada pessoa individualmente, mas o velho Verner nunca cruzara com um dragão. As Nações Unidas reconheciam pelo menos três tipos de dracomorfos como seres inteligentes e portanto capazes de plenos direitos sob as leis internacionais, mas isto não significava que os dragões pensassem e agissem como os humanos normais. Quem poderia jamais conhecer ou entendê-los?

Um leve chiado do alto-falante escondido interrompeu suas ruminções.

- Minhas desculpas pela demora, Mobile.

Sam mentalmente voltou a assumir a atitude das ruas.

- Então eu sou quem eu disse?

- Digamos que eu não discuto sua alegação desta vez e que podemos fazer negócio. Suas ofertas parecem legítimas, embora o sr. Vinson seja um construto um tanto transparente.

Lofwyr fosse ou não confiável, Sam duvidava que ele tivesse lhe dado instrumentos inferiores.

- Você sabe tanto quanto eu que a identidade é boa, Cog. Mas nada dura para sempre, certo? Você pode querer passá-la.

- Entendo. Isto reduz o valor dela.

- Qual a sua oferta?

Houve uma leve hesitação, como se Cog tivesse sido derrubado pelo súbito golpe baixo de Sam.

- Dê uma olhada sob sua cadeira.

A mão de Sam foi tateando e encontrou um envelope. Abrindo o rústico selo de plástico, ele retirou um curriculum de Charley Mitchner, um aposentado por invalidez. A outra folha dizia "2.000 neoienes", datilografado. O curriculum pareceu bom a Sam. Um tipo comum e totalmente anônimo. Um João Ninguém era tudo de que precisava, mas a oferta em dinheiro estava muito baixa.

- Você pode melhorar, Cog. Havia mais dinheiro no cartão-moeda.
- Tenho despesas de transação, Mobile.
- Eu também tenho despesas e preciso de equipamento.
- Bem, por que você não disse isto?

No final, Sam saiu da loja de penhores como Charley Mitchner, ex-empacotador da Natural Vat e portador da SINA 555-405-6778-9024. Um leitor de dados portátil e um rastreador de escutas pesavam no bolso de sua roupa. No outro, havia uma caixa de munição para o Narcojato e um pedaço de papel com o endereço de sua nova residência, uma toca num antigo centro de relocação no lado oeste de Bellavue, perto da Favela Redmond. Seu bolso estava polpudo com 3.330 neoienes. Ele colocou 50 para acessar à Matriz pública para deixar uma mensagem para Squivo na caixa-postal pré-acertada.

Squivo debruçou-se na escada da saída de incêndio e suspirou. Ele não precisava de ouvidos bioeletrônicos nem de sua audição de elfo para captar os sons ritmados e a respiração entrecortada que vinham da toca pela janela aberta. Os dois lá dentro saberiam que ele estava esperando. A audição amplificada do Fantasma Que Caminha Por Dentro teria captado Squivo subindo a escada. O elfo suspeitava que o samurai urbano podia monitorar também as interpelações dos sentinelas de sua tribo nos dois extremos do beco.

O beco era típico da Favela Redmond - uma passagem malcheirosa, suja num local cheio de pestes urbanas. As encardidas paredes de tijolos das construções da vizinhança e o concreto com lixo espalhado não mereciam ser contemplados. Squivo voltou sua atenção para a entrada do beco, onde o tremeluzente brilho de um anúncio de neon lançava um colorido de arco-íris enlouquecido sobre os três guardas.

Os moradores do local deviam achar as roupas de couro sintético pintadas, com plumas e franjas do trio, uma visão rotineira, pois este pedaço pertencia à Sociedade da Lua Cheia. Como a maioria das gangues da Favela, eles forneciam soldados, proteção e o que era considerado lei e ordem nesta parte pobre e esquecida das empresas. Ao contrário de outras gangues e freelancers que utilizavam as modas indígenas, os membros da

Sociedade realmente tinham sangue indígena. A Sociedade da Lua Cheia era o braço forte da tribo urbana do Fantasma Que Caminha Por Dentro.

A tribo não tinha nome, pelo que Squivo sabia, sendo seus membros uma mistura de heranças, de Salish a Blackfoot e navajo. A maioria era de jovens desertores das terras tribais, atraídos pela cidade grande e pela vida agitada dos brancos e amarelos. Alguns eram nascidos e criados no metroplexo, seus ancestrais há muito tendo abandonado os sonhos bucólicos dos integrantes tribais que comandam as Terras do Conselho. Apenas uns poucos eram velhos o bastante para lembrarem dos campos de concentração das primeiras décadas do século; e estes eram a fonte do punhado de hábitos ancestrais que a tribo seguia.

O Povo do Fantasma, como a maioria dos integrantes tribais da América do Norte, tinha perdido muito de sua herança. Sob o disfarce de combater um agente terrorista rebelde e perigoso, o antigo governo dos Estados Unidos tentou exterminar os vermelhos. Isto os condenara aos "centros de reeducação," destinados a acabar com a cultura indígena e com a identidade racial. O terror só terminou quando os líderes da unificação tribal levantaram a maré de magia para acabarem com a dominação dos tiranos. A força da Grande Dança do Espírito devolveu a liberdade e a terra, assim como criou uma nova ordem na América do Norte.

Mas os povos tribais sofreram mais do que fisicamente. Muito da sabedoria já recolhida com sacrifício pelos antropólogos e preservada pelos historiadores tribais, sucumbiu nos expurgos. Eles foram obrigados a reconstruir sua herança a partir das memórias e dos contos de pessoas antigas. As tribos urbanas eram um legado da perda.

As tribos da cidade eram ligadas pela cor da pele e aparência e não por afiliações tradicionais, e vestiam-se numa mistura de estilos retirados da indumentária tradicional, roupas dos brancos, reconstrução errônea e do puro capricho. Eles podiam ser a nova face do homem vermelho, como o Fantasma acreditava, ou podiam ser um beco sem saída, rejeitos das tribos autônomas das terras do Conselho. O que quer que fossem, esta localidade era a casa deles; eles a tinham tornado relativamente segura para seus próprios membros e para qualquer um que respeitasse o domínio deles.

Aqueles três na entrada do beco eram os valentões que dominavam as sombras e os espíões e escutas que se misturavam aos tijolos até que seus

olhos parecessem estar por toda parte. Eram bons no que faziam. Tinham de ser. Ou eram bons ou morriam.

Como se sentisse o olhar de Squivo, o líder dos três voltou-se lentamente e olhou para o elfo lá em cima. Squivo não lembrava o nome do garoto, mas o ódio em seu rosto revelava como a rua fora dura antes que a tribo urbana o aceitasse.

Querendo o respeito que as pessoas davam ao Fantasma, conhecido por toda o metroplexo e além como um guerreiro quase que inigualável, este guerreiro de rua tentava imitá-lo adotando os tecno-dogmas e os bioeletrônicos do indígena mais velho. Ele já usava as faixas vermelhas de guerreiro pintadas no braço como uma insígnia de sua coragem letal nas guerras que eram os campos de batalha das tribos. Mas a visão perfeita daqueles olhos de cromo não podia deixá-lo ver que a dureza e a malícia das ruas não eram o suficiente para fazer um líder. Enquanto se ativesse a seu ódio, seria um marginal, um cego á sabedoria que tornou o Fantasma Que Caminha Por Dentro o chefe de seu povo.

Um mão sobre o ombro de Squivo interrompeu sua fantasia. Virando-se, ele viu Fantasma de pé diante dele, suando e cheirando a sexo. A roupa esfarrapada, cheia de contas, e lustrosa de transpiração, realçava a musculabilidade de sua constituição esguia. Seus dedos dobrados escondiam o leve contorno das tampas de indução em suas mãos, mas a falta de sua habitual faixa na cabeça expunha as quatro protuberâncias na têmpora esquerda de Fantasma. A aparente naturalidade era uma sutileza de estilo e de estratégia que o marginal, com seus olhos de cromo e vistosos implantes de músculo, esquecera.

Os olhos escuros de Fantasma cintilavam e ele sorriu, mostrando dentes desiguais.

- Praticando sua fidalguia, elfo?

- Discrição é sempre bem vinda em assuntos relativos ao belo sexo, Samurai urbano.

- Dê só um minuto a ela.

- Certo, sr. Lâmina. - Não era que ele nunca tivesse visto Sally nua antes, mas o Fantasma podia não saber deste fato. Ele acenou com uma das

mãos na direção geral dos sentinelas. - Seus guerreiros me deixaram passar sem dizerem nada que você e Sally estavam ocupados.

- Não é da conta deles.

Não, mas eles deveriam saber.

- Talvez tenham pensado em se divertir à minha custa, esperando que você reagisse violentamente por minha intromissão.

O Fantasma olhou para seus soldados.

- É... Jason até pode. Ele não me conhece a metade do que ele pensa. Vamos entrar.

O Fantasma foi na frente, pela janela, movendo-se lentamente, sem dúvida alguma para impedir que Squivo visse alguma coisa até que o indígena tivesse certeza de que Sally estava decente. O elfo sorriu atrás do indígena e o seguiu.

Sally Tsung estava de pernas cruzadas na espuma que servia de cama. A camiseta da Universidade de Seattle estava em seu corpo, praticamente transparente em seu contato com a pele úmida. A camiseta seria mais do que suficiente para cobrir uma mulher mais modesta, mas a posição de Sally a tinha levantado acima da cintura, revelando a calcinha azul escuro. A tatuagem de um dragão sinistro alongava-se por seu braço, repousando o queixo sobre a mão que jogava o cabelo louro para trás. Ela estava tão despenteada e suarenta quanto o Fantasma, mas era bela.

- Squivo - disse ela, seu rosto se iluminando com um sorriso de boas-vindas. - O Fantasma disse que era você. Não vejo você... quanto tempo faz?

- Não faz muito tempo - o Fantasma interveio. Sally lhe dirigiu um olhar de raiva simulada.

- Faz muito tempo. Está muito ocupado para procurar os velhos amigos?

- É verdade, Beldade, que tenho andado ocupado.

- E agora você está livre. - Ela ficou de pé. - Isso é bom! Ouvimos um boato de que o Concrete Dreams vai aparecer para tocar no Clube

Penumbra esta noite. Não é verdade, é claro, mas deve ficar cheio. Você devia aparecer para uma grande jogada nas ruas.

Squivo ficou tentado, mas tinha outras coisas na cabeça. - Isso com certeza vai ser uma uma beleza, Lady. Uma pena que eu vá estar em outro lugar.

- Negócios? - Sally perguntou com uma leve curiosidade.

- O nome Samuel Verner faz você lembrar de alguma coisa?

- Claro. Foi o cara que nos deu a dica quando a Seretech tentou nos pegar por assassinato naquela incursão na Renraku no ano passado. - A gargalhada de Sally acabou num sorriso malicioso. - Não, não me lembra nada.

- Soube dele recentemente - Squivo disse.

- Ele sobreviveu voltando à Renraku? - o Fantasma perguntou. - Ele era um bravo cara pálido apegado à lealdade.

- Tolice, mais provavelmente. Se não se livraram dele, devem congelá-lo. Um funcionário de pequeno escalão sem esperança. Amém. - Sally apanhou uma barra de soja do banco que servia de mesa. Enquanto comia, ela acrescentou á sua avaliação. - Que cara estúpido.

Squivo olhou para o Fantasma para ver como recebia a observação. Fantasma^ que era mais jovem do que Sally, manteve sua expressão/rigidamente neutra. Squivo sabia que isto significava desacordo, mas o indígena não manifestaria isto. Coisa de homem indígena. Sentindo um descomum pesar pelo samurai, Squivo disse:

- Acredito que ele tenha mais ou menos a sua idade, Lady Tsung.

- Não vamos entrar em assuntos pessoais, Squivo - ela cortou.

O elfo lhe deu o seu mais apaziguador sorriso.

- Não quis ofender, Beldade. Só quis dizer que a primeira impressão pode estar errada.

- Você está querendo dizer que há alguma coisa sobre ele que devemos saber? Alguma coisa sobre aquele caso da Seretech?

- Não. Isso já está enterrado. Quanto ao que você pode querer saber sobre ele, eu não saberia dizer. Você sempre foi a melhor juíza do que você precisava, ou queria, para conhecer qualquer um.

- Squivo. - A voz de Sally tinha um tom de advertência, mas ainda estava suave. A voz dela revelou que tinha despertado o interesse dela.

- O que eu venho dizer é que ele deseja se encontrar com aqueles com quem fez a incursão um ano atrás.

- Então é um negócio! - Sally sentou-se, seus olhos arregalando-se como se uma nova avidez tomasse conta de seu rosto. - Ele mudou o nome dele para Johnson?

- Não exatamente.

- Não seja reticente, Squivo.

- Muito melhor, Beldade, que ele explique tudo a vocês.

## 41

Crenshaw fez suas saudações formais de cortesia na porta e novamente quando se aproximou da cadeira dele, mas o cenho franzido de Sato não lhe dava um bom presságio. Embora a cadeira fronteira estivesse vazia, a expressão dele indicou para que ela não a ocupasse. Ela colocou uma chip sobre a mesa baixa e permaneceu de pé. Sato apontou para o estojo e levantou uma sobrancelha.

- O relatório da noite, Sato-sama - ela disse.

Sato ficou quieto por vários segundos, olhando para o estojo, depois então voltou seu olhar para a linha do horizonte de Seattle visível pelas janelas. A voz dele era fria.

- Vou encontrar algo mais encorajador do que os outros empurrados a mim na última semana?

Provavelmente não, ela pensou. Ele vivera sempre com sua reputação de dominador, colocando muitos departamentos da Renraku

América sob seu controle. Até agora deixara um intocado, embora Crenshaw suspeitasse que aquele fosse o principal motivo para sua visita.

- Todos os departamentos de construção e de implementação registram suas metas atingidas segundo seu cronograma revisado.

- Não esperava menos. Não há nada novo na Diretoria Especial, então? - Ele tomou o silêncio dela como confirmação. - Aquele projeto é o ponto crucial. O avanço e o bem-estar da Renraku dependem de seu sucesso.

Avanço e bem-estar para você, Crenshaw corrigiu internamente. Ela usava esta dissimulação muito frequentemente. As palavras eram úteis; podia-se chegar a elas obliquamente para evitar embaraços, ou diretamente para distrair a atenção. Ela escolheu suas próximas palavras cuidadosamente.

- O presidente Huang relata que os resultados do último teste são encorajadores, Kansayaku.

Sato virou a cabeça para olhar para ela, as brilhantes íris de ouro de seus olhos contraídas em meros anéis em torno de suas pupilas dilatadas. Por um instante pensou que ele estivesse furioso, mas as palavras dele afastaram o seu medo.

- Os resultados dos testes são encorajadores há mais de um ano. Esta falta de progresso não é mais aceitável. Huang e sua equipe têm de mostrar resultados.

Aliviada, ela viu uma oportunidade começando a se delinear.

- Tenho certeza de que em breve alguma coisa surgirá, Kansayaku.

- Ah, sim. Alguma coisa acontecerá. - O súbito sorriso de Sato como um tubarão disse-lhe que ele não esperaria mais.

- Talvez haja alguma coisa que eu possa fazer pelo Kansayaku...

- Talvez, sim. - Ele compôs suas feições numa expressão mais calma, com a aparência empresarial. - Perdi a paciência com o laborioso Huang e aquela harpia estridente. A Diretoria Especial não é tão especial que possa continuar a desperdiçar recursos. Eles devem chegar aos

objetivos determinados em seus mandatos ou então admitir o fracasso. Está na hora de eles encontrarem algum incentivo.

- Eu compreendo, Kansayaku.

- Sei que você compreenderia, Crenshaw-san. Já investimos muito na busca do sonho deles. A Renraku vive e morre no mundo da realidade, e um sonho que não pode se tornar real não merece mais de um dólar americano. Espero resultados logo.

- Hai, Kansayaku - ela se curvou para a parte traseira da cabeça dele quando a porta se fechou. Ignorando os olhares ocultos dos guarda-costas e da equipe de Sato, ela caminhou pela ante-sala sem dizer coisa alguma. Deixa que eles fiquem imaginando o que ele a incumbira de fazer.

Na verdade, Sato lhe dera licença para continuar. Ela já estava tentando descobrir um indício com um ou mais membros da equipe IA. No momento em que ela colocara Addison na função, Crenshaw não estava segura de como poderia usar este indício. A única idéia dela fora a de saber alguma coisa sobre algum membro da equipe que pudesse usar como chantagem contra o que quer que eles estivessem escondendo. Agora ela viu uma oportunidade melhor. Quanto mais pudesse controlar o fluxo de dados sobre o progresso da equipe, mais poderia se fazer aparecer perante Sato. No tempo certo poderia fazer parecer como se tivesse motivado quaisquer êxitos ao mesmo tempo que se dissociando de qualquer fracasso. Da mesma forma como se comportara com Sato até agora, esta era a tarefa que contaria. Se ela a realizasse, cairia nas graças de um homem poderoso o suficiente na Renraku para conseguir o que realmente desejava.

Desde que conseguira casar a data de intromissão nos registros do Nível 6 com a partida de Samuel Verner da arqui-sede, Crenshaw ficou sabendo que ele fazia parte de alguma espionagem industrial do projeto IA. A qualquer dia a equipe que colocara atrás do rastro dele chegaria com a prova definitiva de que precisava. Com o apoio de Sato, poderia embrulhar sua vingança no mesmo saco.

Uma vez tendo descoberto Verner e seus amigos das sombras, ela poderia se concentrar no que buscara desde o caso Manila. A gratidão e a influência do Kansayaku chegariam até ela por isto. Ele tinha o poder de

fazê-la voltar ao escritório central e de lhe conferir uma ocupação tranquila até a aposentadoria.

Logicamente que com um homem feito Sato nada era certo. Ele teria sempre mais de um ângulo sobre uma situação e sobre outras pessoas em relação aos seus objetivos. Mas tinha uma vantagem. Ela seria a vitoriosa assim que conseguisse seu trunfo.

Tentar conseguir alguma coisa sobre Cliber continuava a ser uma frustração. A crescente impaciência de Sato significava que Crenshaw deveria concentrar-se nas linhas de investigação mais promissoras, mandando Addison verificar as amantes de Huang e Hutten. Ele não tinha obtido muito ainda, mas logo conseguiria.

Huang era um sujeito constante e regular em seus hábitos, mas a esposa dele era falsa. Pelo menos a identidade dela era. Addison estava tentando descobrir a verdadeira identidade. Crenshaw estava certa de que a mulher se tornaria uma agente de alguma fonte externa, buscando cooptar o presidente. E se não fosse isto, os motivos da leviana para esconder sua identidade poderiam ser suficientes para convencê-la a se tornar agente de Crenshaw. Usar uma amante para manipular um homem era um jogo comum.

A situação de Hutten parecera menos promissora a princípio. Ele não tinha uma amante fixa, mas variava seus horários e suas amantes aleatoriamente. Um ativo interesse nas vantagens do Nível 6 parecera fora de perspectiva para ele, mas por isso mesmo levantando as suspeitas dela. Com a ajuda de Markowitz, Addison pudera olhar bem fundo para justificar sua suspeita. Todas as damas do neoplayboy Konrad Hutten tinha afiliações com/uma companhia chamada Congenial Companions. Addison ainda estava investigando os proprietários através de um labirinto de disfarces e fachadas falsas.

As perspectivas de um motivo para chantagem estavam melhores ainda agora que ela tinha autorização para a caça. Muitas coisas ficariam mais fáceis, inclusive a velocidade de pesquisa. Esta oportunidade era a melhor oportunidade em anos e não iria jogá-la fora. Nem mesmo os mais obscuros objetivos de Verner sobre o projeto iriam detê-la.

\*\*\* Fantasma, Squivo e Sally chegaram juntos. Squivo sorriu e chegou mesmo a abraçar Sam, depois o empurrou para inspecioná-lo cuidadosamente. Puxou a barba que crescera desde San Francisco.

- Isso ficou muito bom, sr. Mobile. Está bem para ser o cavaleiro de um romance.

Fantasma deteve-se durante a performance do elfo, um meio sorriso estampado. Sam ficou surpreso de ver a expressão tão amistosa do indígena.

- Bem-vindo de volta às sombras, cara pálida - disse ele, apertando o braço direito de Sam. Embora o indígena fosse menor, Sam jamais se igualaria a ele em força sem os recursos cibernéticos. Ele jamais queria estar na pele de quem fosse apanhado de modo hostil pela força do samurai.

Sally afastou-se e observou, nitidamente avaliando, a nova aparência de Sam. Ele ficou pensando o que ela acharia. A última vez em que se encontraram, ele fora um simples terno aos olhos dela, nascido e criado numa empresa. Agora usava um colete blindado e roupas de rua dele mesmo. A barba, ele sabia, fazia com que parecesse mais velho.

O que chamou atenção nele sobre ela foi o fato de estar a mesma, embora parecesse muito diferente. Sam percebeu agora que a magia dela deve tê-lo intimidado tanto que mal percebera sua beleza antes. Como se pode dar atenção a belos seios e a curvas convidativas quando se sabe que uma mulher pode transformar um cão-demônio num pedaço calcinado de carne com o simples toque da mão? Ela o tinha aterrorizado e fascinado ao fazer aquilo.

Agora que a magia não era mais algo estranho a Sam, conseguia ver Sally mais como uma mulher. Hanae era bela, mas não tinha a sensualidade que emanava da maga urbana quando ela caminhava.

- Obrigado por virem - disse de modo meio hesitante.

- Squivo me deixou curiosa. Qual o assunto? Sam deu um sorriso fraco, nervoso.

-Eu pretendia explicar isso uma vez só. O ork não vem?

- Kham, o cérebro de músculos, foi avisado do encontro, sr. Mobile. Para garantir sua chegada, achei bom fazer ele acreditar que íamos encontrar um contato de empresa.

- Ele vai chegar quando bem entender - disse Sally, ajeitando-se confortavelmente na única cadeira com encosto do porão. - Espero que valha a pena por meu tempo.

Sam estava perdido. Não sabia como falar com este pessoal e não queria começar a contar sua história. Não estava seguro de que conseguiria contá-la duas vezes. Os runners espalharam-se pelo porão, aparentemente mais à vontade com o silêncio da espera do que ele.

Kham, o ork, apareceu poucos minutos depois. Ele saudou seus companheiros runners ruidosamente antes de perceber Sam, quando então o humor do ork mudou de repente e tornou-se frio. Kham murmurou alguma coisa à mão estendida de Sam e sentou-se numa cadeira que ficava num canto do ambiente. Ele olhou de modo ameaçador para Sam, depois dirigiu a Sally um olhar que Sam interpretou como confusão misturada com suspeita. Ainda olhando para Sally, o ork perguntou: - Então, qual é a parada? - Hesitante a princípio, Sam contou-lhes a história de seu crescente desencantamento com a Renraku, sua partida da arqui-sede e tudo que acontecera desde então. O relato levou mais tempo do que esperara, com algumas novas duplicidades para definir ou postular em cada detalhe. Ele terminou com a descoberta de que Drake conseguira colocar um impostor na arqui-sede sob o disfarce da extração de Sam e de Hanae. Estes eram os fatos. Ele também lhes falou sobre seus sentimentos, esperando que isto ajudasse a persuadi-los de que a causa dele era correta. Quanto a seus embates com a magia e a morte, falou mais pela necessidade de falar do que por causa de sua relevância.

Algumas coisas não contou. Uma delas foi a natureza daquele impostor. Sam mal acredita no doppelganger e ele vira a prova. Como poderia lhes contar que um ser mágico fora criado num laboratório científico e mandado para se infiltrar na Renraku, assumindo o lugar de um funcionário leal? De alguma forma aquilo parecia mais insano do que a conversa de pesadelo com Cão. Se tivesse contado a eles sobre o doppelganger eles o teriam tachado como louco por causa dos sofrimentos por que passara nas terras áridas. Ele não podia ser ridicularizado; desejava e precisava da ajuda deles.

Quando Sam finalmente terminou o relato, o ork foi o primeiro a falar.

- Deixa eu entender isso direito. Você quer que a gente ajude você a queimar este Drake só porque ele está agindo contra a Renraku e uns corpos no caminho foram fritos? -Kham fez uma careta e depois olhou para os demais runners. -Amiguinho, seus miolos estão assados.

- Kham, eu acredito que Drake também é responsável pelas outras mortes que me seguiram desde que eu deixei a Renraku. Não havia preço pela minha cabeça. Eu não levei nada deles e não os atingi ao deixar a arqui-sede. Trabalhei durante anos para a Renraku e eles eram minha família e o meu lar. Quando penso no que este impostor pode fazer a eles, me preocupa. Não posso ficar parado e deixar o plano de Drake destruir a companhia.

- Então conte isso a eles e deixe que se virem.

- Eles jamais acreditariam em mim se é que me escutariam. Além disso, não posso apresentar prova alguma ou o nome do impostor.

- Eles ainda possuem você - disse Fantasma.

- Não - Sam cortou. - Isto é pessoal.

- Vingança eu compreendo.

- É mais que isto - Sam insistia. - Deter este plano faz com que eu pague qualquer débito que eu ainda tenha com a Renraku. Poderei acertar tudo.

- E quanto a eles? Vão entender assim?

Sam não sabia, mas isto não importava. Ele tinha de fazer o que julgava ser o certo. - Eles terão de fazer sua própria avaliação.

- Você se porta como um homem. - Fantasma cruzou os braços no peito. - Vou ajudar você.

- Uma decisão abrupta, sr. Lâmina, considerando que você tem tão poucos dados sobre o oponente - Squivo observou. Como o Fantasma não respondeu, o elfo deu de ombros e voltou-se para Sam. - Para esclarecer, então. Seu objetivo agora é apenas deter o plano de Drake?

- Não. Eu quero que Drake pague por seus crimes.

- E quanto à perigosa sra. Hart?

- Sim, e aquela serpente? Eles estão fazendo um belo trabalho de acabar com as pessoas. Eles não são maus também?

Sam olhou para todos os shadowrunners. Ele sabia que Tessien tinha matado e que Hart estava muitíssimo envolvida neste plano que incluía assassinato a sangue-frio. Isto não os desculpava, mas Sam sabia que não poderia esperar conseguir tanto. Eles pareciam muito impressionados pela reputação de Hart e de Tessien.

- Eles são apenas instrumentos de Drake. Se forem à justiça, melhor ainda, mas é Drake quem eu quero.

Squivo mexeu-se, seus músculos relaxando. Sam entendeu isso como um sinal de que tinha falado bem. Quando Sally assentiu, teve a certeza de que os conquistara.

- Se você conseguir pegar Drake antes que os outros dois saibam que você não está morto, eles poderão não ser problema algum. Hart é uma profissional. Se a fonte de renda sumir, irá para outro lugar e a serpente irá com ela. Hart sabe que não há porcentagem em causas nobres ou vingança. Pelo menos ela não tem uma cláusula de guarda-costas no contrato dela.

- Espero que você esteja certa, Sally.

- Com medo deles, amiguinho? -Sim.

- Muito esperto - Sally comentou. - Não conheço esse Tessien, mas qualquer dragão é um problema e este que é parceiro de Hart não vai virar churrasquinho. Hart é uma runner das melhores. Eu não gostaria de cruzar o caminho dela.

- Mas se Drake for o único alvo, você ajudará? Sally resfolegou e sacudiu a cabeça negativamente.

- Ouça bem, meu novato feiticeiro. Vou ajudar você a encontrar o seu rumo. Vou colocar você no nosso pequeno meio-mundo. - Ela sorriu convidativamente. - Posso até ajudar você a esquecer esta confusão, se você achar que pode aguentar a pressão.

Sam franziu o rosto.

- Não é este o tipo de ajuda que eu quero.

- É do que você precisa - ela disse, entre séria e provocante.

- Quero que você me ajude a pegar Drake - Sam insistiu.

- Verner, agora você está nas ruas. Um corpo tem de ser prático. Você quer andar nas sombras com a gente. Vou lhe dar uma chance. Você demonstrou algumas possibilidades. Possibilidades interessantes. Mas se você for comigo, deve ter em mente o princípio mais importante. Nada por nada. Sua proposta não oferece nada.

- Sally tem razão. Não há nenhum neoiem nisso. Está fazendo a gente perder tempo. - O ork levantou abruptamente e sua cadeira caiu. Ele olhou para a porta. - Tenho meios mais lucrativos de gastar meu tempo.

- Kham - Sam chamou. O ork o ignorou, abriu a porta e caminhou em direção à escuridão do saguão.

- Ele é livre para fazer suas próprias escolhas - Sally disse suavemente, suas palavras quase abafadas pelos passos de Kham descendo a escada frágil. - Faça suas próprias escolhas, Verner. Posso lhe dar um momento muito agradável esta noite.

Sam sentiu Squivo se enrijecer a seu lado e olhou para ver o elfo observar o Fantasma. O rosto do indígena estava calmo e tranquilo. O que quer que estivesse acontecendo, ele falaria com Squivo depois. Sam queria a ajuda de Sally porque a magia que não sabia como manipular era uma segunda natureza para ela. As habilidades dela podiam ser a vantagem que necessitava para pegar Drake. Se fosse com ela esta noite, talvez pudesse convencê-la. Sam tentou manter sua voz natural.

- Parece interessante.

Sally sorriu exultante. - Ótimo. Esquina de Harrison e Melrose às nove. Esteja armado e pronto para a ação. - Ela se levantou da cadeira, num balançar de franjas de couro, e tomou o caminho da porta que Kham deixara aberta. - Vejo você mais tarde, feiticeiro.

Sam ficou com Squivo e Fantasma. Ele já sabia que o elfo estava comprometido e Fantasma dissera antes que estava no negócio. Sam não estava certo de que eles três seriam o suficiente.

- Fantasma, você acha que posso persuadi-la a ajudar?

- Ela tem a cabeça dela, cara pálida.

A sala ficou gelada, varrida pelo murmúrio de Fantasma. O indígena parecia perturbado, mas alguma coisa no rosto dele dizia a Sam para não fazer perguntas. Ele decidiu falar de negócios, esperando que o calor da discussão acabasse com aquele frio. Isso funcionava com Hanae.

- Squivo, você descobriu mais alguma coisa sobre Drake?

- Na verdade, ele é um homem misterioso. Descobri o suficiente para saber que não é uma pessoa mais real que o sr. Johnson que oferece ajuda empresarial. O verdadeiro nome e a verdadeira natureza dele permanecem encobertos, mas soube que ele usa o primeiro nome de Jarlath.

- Que nome é este? - Sam perguntou.

- Não sei - Squivo admitiu.

Fantasma caminhou até a janela. Brilhos do neon que piscava percorriam suas feições como pintura.

- E você tem certeza de que Hart e a serpente trabalham para ele?

- Eles disseram que sim.

- Soube que eles estavam envolvidos em deter uma incursão contra um armazém da United Oil.

Sam ficou satisfeito.

- Então pode ser um lugar para se começar. Se estes dois estiverem lá, talvez isto signifique que Drake trabalhe para a United Oil.

## 42

As lâmpadas de vapor de sódio nos prédios lançavam uma iluminação dura, áspera. Pegos por sua claridades, diversos objetos grandes e pequenos lançavam suas sombras alongadas na noite que cercava a tudo. Luz e sombra eram dois mundos separados.

Sam sucumbiu à escuridão, olhando com trepidação as ilhas de luz. Ele já vivera no outro mundo, onde a luz representava segurança. Quantas

vezes sacudira a cabeça pesarosamente pelas depredações dos terroristas e criminosos que violavam a segura vida empresarial. Agora ele era parte do outro mundo, a terra das sombras que sobreviviam das partidas das empresas ou do que poderia ser retirado do arrogantes desperdício das empresas. Sam já estivera seguro em sua armadura de racionalidade científica, acreditando que se a magia não era uma impostura, algum obscuro princípio físico ou biológico poderia explicá-la. Agora outros estavam lhe dizendo que ele era um mago, assim como suas experiências fantásticas. Isso tudo ainda o assustava, mas o atraía e fascinava igualmente.

O fascínio e o alarme da magia eram afins com o que ele sentia por Sally. Na noite passada, ela lhe mostrara usos de magia que jamais pudera imaginar e seu coração disparava só de pensar. Sally era diferente de qualquer mulher que já conhecera. Ela era tão bela, vibrante e excitante quanto era aterrorizante.

Em quê ele se metera?

O armazém da United Oil, uma parte de sua mente o lembrava ironicamente. Aqui, na sombra de um dos muitos reservatórios em forma de cogumelo que formavam a área de tanques. Agora, esperando pelo Fantasma Que Caminha Por Dentro voltar de seu reconhecimento. Estava tudo quieto e fora assim desde que eles cruzaram a cerca do perímetro. Sam não sabia se devia se sentir aliviado por passar sem problemas pela segurança externa ou preocupado com o fato de as equipes de segurança da United Oil estarem à espera deles, rindo da tola confiança dos invasores.

Squivo estava certo de que tinha anulado a segurança do perímetro. Foi fácil, ele disse quando lhes deu o sinal de avançar, através de um telecomunicador, lá fora na rua. Ele pareceu tão confiante, o que era bom para Ele não ia entrar fisicamente com Sam e Fantasma.

Uma vez lá dentro, o trabalho ficou mais difícil. A estratégia de segurança da United Oil não enfatizava um perímetro impenetrável. Em vez disto, concentrava a segurança nos prédios em si. Cada estrutura tinha seu próprio nível de contramedidas, a extensão e a complexidade variando de acordo com o conteúdo da estrutura e da facilidade com que o invasor poderia afetar ou remover estes conteúdos. Squivo estava esperando dificuldades na passagem pelas ContraMedidas de Invasão do prédio-alvo. Eles estavam confiando nele para cuidar dos alarmes, mas não saberiam se

ele tivera êxito até o momento em que tentassem entrar no prédio. Não conseguiram chegar a um acordo sobre uma forma de sinal que não alertasse a segurança da United Oil. Uma vez dentro do prédio, poderiam se comunicar com relativa segurança através do sistema de computador. Mas então, Fantasma e Sam teriam acionado quaisquer alarmes funcionais quando cruzassem a barreira de segurança do prédio.

Sam sabia que Squivo era bom neste tipo de coisa, mas não podia relaxar. Ele enxugou as mãos suadas no tecido grosso de seu macacão.

O edifício-alvo ficava no outro lado do estacionamento de veículos, sua fachada igual à dos demais armazéns enfileirados. Com seus tijolos gastos, vidros sujos e esquadrias enferrujadas, as únicas características de distinção eram os números apagados de sua numeração em série. Nenhum cartaz indicava que aquele era o escritório da segurança.

Eles esperavam que as medidas de segurança física fossem leves, mas os planos que obtiveram com Cog mostravam um alarme a cada entrada, exceto uma. Esta porta poderia ser aberta livremente, a qualquer tempo do dia e da noite, sem disparar um alarme. A porta era a ligação entre um recinto cercado que tinha o comprimento do lado sul do prédio e uma série, de cercados dentro das paredes do prédio. Estes cercados eram os locais onde ficavam as cocatrizes, para-animais aterradores que poderiam calcinar a carne com um simples toque.

Sam pensou em fazer uma caminhada astral para ver quantas cocatrizes havia, e para se certificar de que todas elas estavam do lado de fora. Ele temia o que poderia acontecer se alguma não estivesse. Confrontados nos estreitos recintos de seus abrigos, os para-animais teriam todas as vantagens. Os homens iriam se atravancar, as distâncias seriam muito pequenas para um disparo eficaz e os animais eram muito rápidos.

Olhando para a porta, Sam ficou onde estava, firmemente preso a seus sentidos mundanos. Sally o advertira de que as criaturas poderiam perceber presenças astrais e poderiam afetar o corpo astral dele de modo tão fatal quanto seu corpo físico. Talvez ela o estivesse apenas tentando assustá-lo para que não fizesse a incursão, mas, se Sally falou a verdade, as criaturas apresentavam uma ameaça maior ainda a seu ser astral do que a seu ser físico. Ele aprendera que o corpo astral era de certa forma um

reflexo da essência da pessoa. Poderia a essência da pessoa ser outra coisa que não sua alma?

Fantasma subitamente estava ao lado de Sam, quase arrancando um grito dele. O indígena esperou uns poucos segundos enquanto a respiração de Sam voltava ao normal, depois tocou em seu braço.

- Vamos. A patrulha móvel acaba de começar sua ronda. Não vai voltar aqui antes de uns dez minutos.

Eles se moveram rápida e quietamente, mantendo a cobertura dos veículos. Pararam alguns metros adiante, longe da área cercada. Sam lambeu os lábios, sentindo o gosto gorduroso da maquiagem escura que ele usava para eliminar os reflexos.

- Talvez você devesse fazer o disparo.

- A arma é sua. Sua alma, sua palma. - O rosto de Fantasma estava imperceptível. - Você dispara.

- Certo. - Resignado, Sam levou a mão ao cinto e retirou o pente. Tateando um pouco no escuro, ejetou o pente da pistola e o substituiu pelo que apanhara no cinturão. Teve o cuidado de colocar o pente vazio dentro de um bolso.

- Pegou o pente certo, cara pálida?

- Deve ser - Sam respondeu contrariado. Se o indígena esperava que Sam fizesse aquilo, devia ter pelo menos a decência de esperar que ele fizesse correto. - Você é que tem os olhos bioeletrônicos. Não pode ler o rótulo?

- Trinta e dois cc de Somulina com dez grãos de alfa-dexoriladrina - Fantasma recitou. - Certifique-se de que você guardou o outro pente antes de passarmos por qualquer guarda. Qualquer humano que tomar esta dosagem não vai ver o dia amanhecer.

- Eu sei, eu sei. - O indígena o estava tratando como uma criança. - Quer ser tocado por uma dessas coisas?

O sorriso deformado, cheio de falhas de dentes do indígena, reluziu num fugaz raio de luz.

- Você acha que eles são rápidos demais para tocarem num fantasma?

- Não sei. Você quer descobrir se eles podem ser atingidos da pior forma?

- Não - Fantasma respondeu seriamente.

- Certo. - Sam ficou satisfeito por ter marcado um ponto. - Vou trocar de pentes depois que tivermos passado dos abrigos deles.

Arma pronta, Sam apontou para a cocatriz que dormia mais perto, que não parecia mais que um punhado de terra escura. A pistola saltou um pouco em suas mãos acompanhando o suave movimento da propulsão do ar comprimido da cápsula. As plumas do alvo agitaram-se levemente antes que o monte escuro retomasse seu movimento suave, medido de antes.

- Acha que eu acertei?

- Se você tivesse acertado só de raspão ela estaria fazendo um barulho dos diabos. Isso faz dormir ou você perde tudo. -Fantasma fez uma pausa. - Vamos descobrir quando entrarmos. - Dispare o resto.

A Narcojato Lethe disparou mais quatro vezes, lançando seus dardos soníferos contra mais quatro cocatrizes. Sam mudou o pente e disparou mais cinco vezes. Outra mudança de pente foi necessária antes que atirasse contra as duas últimas. Cada disparo tinha o pequeno óbvio efeito do primeiro.

- Todos?

- Pelo que eu vejo, sim.

- Vamos - disse o Fantasma, indo na frente.

O portão tinha um trancar com teclado simples, mas podia ser mais do que o suficiente para retardá-los até que a patrulha aparecesse. Fantasma afixou um interceptador ao teclado. A caixa fez, um ruído e os dígitos correram por sua tela. Em menos de dois minutos, os números da combinação se fixaram e a tranca se abriu. Eles ouviram uma gargalhada alta de um dos guardas ao ouvir a piada de um companheiro.

Com a descoberta marchando em sua direção, eles entraram no recinto cercado. Sam estava com medo de que um ou mais dos animais

pulasse em cima deles, mas nada se moveu. O cercado estava malcheiroso com um odor bolorento que fez Sam se lembrar vagamente da serpente emplumada Tessien, mas menos forte. Sam ficou pensando se o cheiro era das penas, das escamas, da combinação de ambas, ou simplesmente o cheiro da magia. Um a um ele recolheu os dardos com um pegador de três pontas, com todo o cuidado para que a pele dele não tocasse em parte alguma dos animais. A tarefa não deveria ser de fato demorada, mas o medo, aumentado pela aproximação da patrulha de segurança, fazia com que seus dedos se atrapalhassem. Ele não queria deixar dardos vazios junto ao recinto cercado como prova de que o sono dos basiliscos fora forçado.

Recuperado o último dardo, ele se juntou ao Fantasma na passagem para a área de alojamento dos animais. A mão esquerda do indígena portava uma submetralhadora Ingram neuroconectada e a mão direita repousava contra a porta de vaivém. Meneando positivamente para Sam, ele a empurrou, mantendo-a aberta enquanto escutava. Fantasma, fazendo um gesto de cabeça, mandou que Sam andasse e deixou que o outro segurasse a porta. O indígena penetrou na profunda escuridão das cocatrizes.

Sam aguardou na porta, seus óculos de visão noturna incapazes de penetrar a escuridão das partes mais escondidas da área do alojamento dos animais. Uma luz vinda de longe formava a silhueta do Fantasma movendo-se cuidadosamente pela área; ele estava se dirigindo à parede transparente que separava os alojamentos da área dos tratadores. Uma movimentação no escuro fez Sam ficar paralisado. Pelo menos uma cocatriz estava ali dentro com eles. O Fantasma também ouvira, e se virará para ver a explosão de penas e a fúria de escamas que se abatera sobre ele.

De pé na entrada, sem desejar se envolver com o animal e sem desejar mais ainda abandonar o Fantasma, Sam observou o indígena desvencilhar-se do primeiro ataque. A criatura ficou sobre duas pernas robustas, cheias de garras e virou-se rapidamente. A cabeça bicuda do animal procurava o homem que invadira seu alojamento. Caminhou para a frente, sibilando e batendo sua cauda. O Fantasma circulou cautelosamente, tentando manter espaço suficiente para a manobra. Sua segunda Ingram estava na outra mão; ele segurava as duas armas adiante do corpo mas não atirou.

O ruído, Sam compreendeu, os denunciaria. Sam levantou sua própria arma, mas não conseguiu encontrar um alvo limpo à medida que o animal e Fantasma começaram uma dança em caracol de ataque e defesa. Defendendo-se com as armas e desvencilhando-se dos ataques do para-animal com velocidade incrível para o alojamento, depois para a escuridão e da área escura para o centro. Mais cedo ou mais tarde, ele tropeçaria ou escorregaria.

Sabendo que atingir o Fantasma poderia ser fatal, Sam disparou o Lethe, mas os dois combatentes continuaram sua ação frenética. Ele só tinha mais dois tiros no pente e os guardas estavam se aproximando. Sam disparou novamente. A cocatriz pulou alto, jogando a cauda contra o Fantasma. O samurai mergulhou e jogou-se para o centro aberto do recinto. A criatura pousou pesadamente, quase caindo. Virou-se e deu um passo na direção do Fantasma antes de cair no chão.

Sam ingressou de vez no recinto e soltou a porta. Recostou-se contra a parede, respirando pesadamente. Eles tinha chegado perto do desastre; ele viu seu primeiro dardo preso ao cinto do Fantasma.

Quando a respiração de Sam diminuiu, ele ouviu a patrulha passando lá fora. Os guardas não deram qualquer indicação de que estavam conscientes da presença de invasores quando prosseguiram sua ronda. Teriam mais meia hora antes que os guardas voltassem ao prédio.

Embora Sam e o Fantasma estivessem do lado de dentro das paredes do prédio da segurança, ainda estavam isolados do restante da estrutura. Da posição em que se encontravam dentro do alojamento dos animais, podiam ver a área de treinamento, onde os amestradores mantinham suas correias rígidas, luvas grossas, isoladas e agulhões para controle. Uma porta fechada prometia acesso ao restante do prédio. O acesso deles à área dos tratadores era bloqueado por um portão de acesso fechado, seu cadeado inatingível através do plástico transparente. A menos que Squivo tivesse liberado o portão através do sistema, não poderiam passar dali.

Fantasma tocou em Sam e apontou uma câmera de segurança virando-se na direção deles. As lentes giravam enquanto os focalizava, um equipamento de olho mecânico para ver mais nitidamente. Estariam presos ali? Squivo cuidara de assumir o controle dos sistemas de segurança do prédio. Fantasma acenou para a câmera e a luz piscou três vezes de acordo

com o sinal combinado entre eles. Antes que Sam tivesse registrado o terceiro piscar, Fantasma estava a meio caminho da porta. Sam o seguiu, atrapalhando-se com o pente de sua Lethe.

Eles caminharam cautelosamente pelo corredor, sabendo que umas poucas pessoas ainda estariam no prédio. Já que Squivo estava de vigia, eles não acionariam alarme algum, mas precisavam tomar precauções a fim de evitar se encontrar com o pessoal da United Oil. Eles se dirigiram para os escritórios, evitando a sala do monitor principal, a ala da casema e a sala de treinamento. Fantasma deteve-se de repente antes da porta aberta na área de recepção, depois saltou rapidamente e acenou para que Sam se movesse e olhasse para dentro.

A luz que saía pela abertura não provinha de uma lâmpada esquecida, como ele esperara. Um homem estava trabalhando num terminal na área da recepção, bloqueando eficazmente o acesso aos escritórios internos. A camisa de mangas curtas do homem não era do corte rígido militar dos uniformes do pessoal da segurança, de modo que provavelmente ele fosse apenas um funcionário burocrático tentando ganhar pontos com o chefe por trabalhar além de seu horário.

O Fantasma bateu na sua Ingram com a mão, apontando para Sam e depois para o homem. Sam sacudiu a cabeça. Eles não sabiam em que o homem estava trabalhando; uma interrupção poderia acionar os alarmes, especialmente se ele estivesse interligado a uma cadeia. Squivo não poderia interceptar as reações de pessoa alguma que estivesse em comunicação com o funcionário. Sam apontou para o Fantasma e para o homem antes de cruzar seus próprios punhos diante de si. Fantasma assentiu, entendendo, e entrou na sala.

Um reflexo na tela do computador deve ter traído a aproximação do indígena. Antes que o Fantasma pudesse segurar a cadeira para afastar o funcionário do teclado, o homem voltou a cabeça. Seus olhos se apertaram quando ele percebeu que estava diante de um invasor e lançou a mão para o casaco dobrado sobre a mesa. O Fantasma segurou rapidamente a cadeira, frustrando a tentativa do homem, batendo com a Ingram na mão esquerda no punho do burocrata. A violenta ação deixou à mostra a arma em um coldre que estava escondido na roupa. Prendendo o punho do homem à

mesa com uma das armas, Fantasma forçou para cima o queixo do funcionário com o cano da outra Ingram.

- Má noite para trabalhar até tarde, sr. Terno - ele disse.

O homem olhou para ele.

- Se quer se machucar é só fazer um movimento. Coopere e todos ficarão felizes. Você, eu e a United Oil. Afinal de contas, eles não terão que pagar uma conta alta de lavagem de tapete ou de procura de novo funcionário.

O homem não disse coisa alguma, mas abriu os dedos da mão presa e relaxou os músculos do braço. O Fantasma deixou que ele se arrumasse e se afastasse da mesa.

Sam entrou na sala, fechando a porta antes de ir ver a tela do terminal. - Você tem uma prioridade alfa no sistema. - Sam pegou o crachá do refém e leu o nome dele. - Sr. Fuhito. Vai nos perdoar se tiramos vantagem de sua posição no sistema.

Fuhito conseguiu falar.

- Vocês não conseguirão sair dessa. Vocês sabem quem é o diretor das forças de segurança de nossa companhia?

O Fantasma sorriu e chegou mais perto de Fuhito novamente, colocando a boca da sua Ingram da mão direita na altura dos olhos do homem.

- O grande dragão chamado Haesslich. E ficaríamos muito impressionados se ele estivesse aqui. Mas não está. Estamos somente você e nós, de modo que talvez você pense em seu futuro e colabore.

- Não vou comprometer meu empregador.

- Não é preciso, sr. Fuhito. - Sam olhou nas lentes da câmera de segurança. - Squivo, você pode entrar por esta porta de acesso?

O monitor sob a câmera estivera mostrando uma pacífica vista do estacionamento de veículos, mas subitamente apagou-se. Palavras formadas na tela preta. "Não. Muito bem fechada. Peguem o que puderem daí."

- Certo. - Sam apanhou a cadeira e sentou-se ao teclado. Fuhito não estava conectado, o que era bom. Um acesso manual á Matriz era aceitável; era mais lento, mas menos doloroso do que pelo neuroterminal. Se aqui dentro fosse tão duro quanto lá fora, ele iria precisar de toda sua energia. A dor de cabeça que sentiria se fizesse a conexão iria pesar contra.

Ele estava a ponto de rejeitar o arquivo em que Fuhito estivera trabalhando quando percebeu um nome familiar: Andrew A. Wilson. Percorrendo o arquivo com súbito interesse, a surpresa de Sam aumentou quando ele o leu. O documento era um plano para uma extração hostil de Wilson por operadores da United Oil. A fonte da ordem de extração não estava relacionada, mas Sam sabia quem era a única autoridade mais alta que poderia aprovar estas ações. Estas mesmas autoridades saberiam se Wilson já estivesse trabalhando para os interesses da United Oil. E se ele estivesse, qualquer extração não seria hostil. Se Drake estava com a United Oil, seu acerto com Wilson era desconhecido de seus superiores. Seria Drake um trapaceiro, então? Ou ele não tinha qualquer ligação com a United Oil e a incursão deles aqui era totalmente inútil?

A resposta deveria estar no banco de dados. Sam fechou o arquivo e fez uma busca por referências de Drake, Hart ou Tessien. Nada. Dedos colocados sobre o teclado, ele tentava pensar no que fazer em seguida.

- Vocês estão procurando informação sobre Katherine Hart - Fuhito disse. Ele deve ter visto a tela de onde se encontrava. Sam girou a cadeira para vê-lo.

- Está certo. Queremos saber para quem ela trabalha, dentre outras coisas. Ela está envolvida em algo que queremos deter. Pode nos ajudar?

Fuhito ajeitou-se, tendo tomado uma dura decisão.

- Vou lhes dizer para quem ela trabalha.

- Pensei que você não fosse comprometer sua companhia - disse o Fantasma.

- Não vou. A cadela elfa e o verme dela trabalham diretamente para Haesslich. Estão sob contrato pessoal dele.

- Verme significa Tessien? Fuhito assentiu.

- Por que está nos contando isto?

- Hart é uma ameaça pior à segurança da United Oil do que vocês dois. O dragão dá segredos a ela, uma mercenária cavadora de dinheiro de lealdade duvidosa. A presença dela é uma afronta à nossa organização de segurança, um insulto à companhia.

- Por que não diz isto a seus chefes? - Sam perguntou. Fuhito manteve um silêncio taciturno. Ou ele já tinha feito isto e fora ignorado ou tinha medo. - Tudo bem, então. E sobre Jarlath Drake?

- Não sei de coisa alguma sobre Jarlath Drake algum. Ele é outro dos aventureiros de Haesslich?

- Nós fazemos as perguntas, cara - o Fantasma advertiu.

Fuhito virou-se para ele com súbito interesse.

- Preciso saber sobre este Drake. Vocês têm de me dizer se ele é uma ameaça à segurança da United Oil.

O fantasma riu baixo.

- Calma, Tigre. A única ameaça para você agora somos nós.

Bufando, Fuhito respondeu:

- Vocês não são ameaça. Vocês não sairão daqui vivos.

O Fantasma guardou uma das suas armas e dirigiu-se para Fuhito, passando a mão aberta pelo rosto do homem. Cachos de cabelo caíram no chão. As pontas dos dedos do indígena foram pousar de leve sobre o pescoço do homem, marcando o curso de sua jugular. Sam pôde ver Fuhito empalidecer e seus olhos se arregalarem de medo. O sorriso do Fantasma era curto e duro; nenhum dente aparecia.

- Já tentou matar um fantasma?

A situação se alterou quando o monitor de segurança soou e as palavras "Tempo, tempo, tempo" passaram pela tela. Fantasma afastou-se do trêmulo Fuhito e dirigiu-se para a porta. Sam se levantou, apanhando sua arma, e apontou a Lethe para o homem da United Oil.

- Foi muito instrutivo, sr. Fuhito, já passou da hora de ir para a cama. - ele disse, puxando lentamente o gatilho. O dardo atingiu o alvo e Fuhito se sacudiu, sua expressão mudando de surpresa para desprezo

enquanto ele caía. Fantasma o amparou antes que ele batesse no chão. Os dois runners ajeitaram Fuhito na mesa, curvado para que desse a impressão de que tinha dormido. Quando eles fecharam a porta, o programa de monitoramento da extensão de inatividade dos arquivos de segurança tinha apagado a tela, tirando Fuhito do ar.

Enquanto eles corriam pelo corredor de volta ao compartimento dos animais, Fantasma sussurrou:

- Acho que você perdeu a invisibilidade. Ele vai soltar a língua com Haesslich de manhã.

- Discordo. Vi muitos do tipo dele no Japão quando estava na Renraku. Eles são leais à companhia, mas preocupados também com a honra pessoal. - Eles estavam no estacionamento de veículos antes que Sam tivesse oportunidade de dizer mais. - O sr. Fuhito é realmente o major Fuhito, o segundo homem de segurança de Haesslich - disse ele. - Ser pego por dois runners que entraram e saíram de seu domínio sem disparar um único alarme o envergonhará profundamente. Eu não o chamei pela patente, de modo que vai pensar que não sabemos quem ele é. Ele deve se basear nisso para achar que não diremos nada sobre quem pegamos. Se nenhum de nós falar, nada aconteceu aqui hoje. Gente desse tipo acha fácil levar as coisas assim.

"Fuhito deve ser ambicioso, motivo pelo qual trabalha até tarde da noite. Ele quer subir no mundo, mas quer o mundo dele arrumadinho. Haesslich e seus agentes pessoais são uma verdadeira dor de cabeça, muito imprevisíveis. Gente assim perturba o mundo de um homem como Fuhito. Ele quer todos eles longe do seu mundo e este é um tipo de serviço que podemos fornecer de várias maneiras. Se eliminarmos os agentes de Haesslich, se os expusermos ou se simplesmente estragarmos seus planos, embaraçamos Haesslich.

"O major vai procurar um modo de usar o embaraço do Dragão em seu próprio proveito. Se Drake estiver envolvido com Wilson e Haesslich, mas os grandões da United Oil não souberem nada sobre isso, acho que o major pode obter o que deseja. Se as operações privadas de Haesslich complicam uma operação da United Oil comprometendo uma aquisição lucrativa como Wilson, o Dragão não marcará pontos com os executivos da United Oil. Com o prestígio de Haesslich se esvaindo, o de Fuhito aumenta.

Nós, trabalhando para expor a operação de Drake, faremos parte do trabalho de Fuhito para ele, fazendo com que fique mais fácil para ele tomar o emprego de Haesslich. Não, o senhor Fuhito ficará muito caladinho sobre a gente.

"Pelo menos agora sabemos que podemos caçar Drake sem entrar no lado errado da United Oil." Sam olhou ao redor.

- Agora como saímos daqui?

- Não precisa transpirar, cara pálida. Apenas me siga.

## 43

Hart estava de pé junto ao alojamento dos cocatrizes. Os animais pareciam apáticos, mas ainda era cedo e o dia encoberto.

Ela própria sentia-se um pouco indolente e gostaria de voltar para a cama. Era um bom dia para dormir. Os negócios raramente permitiam que se tivessem hábitos preguiçosos, e os negócios de hoje com Haesslich a tinham convocado com Tessien para checar a segurança no armazém. Ele não dissera exatamente por que, mas queria as coisas trancadas. Ela suspeitava de algum tipo especial de embarque estivesse chegando nos próximos dias.

Tessien chegou com sua habitual tempestade de areia. Irradiou sua própria irritabilidade na resposta ao cumprimento dela. Sim, ela pensou, um excelente dia.

Tessien era muito grande para entrar no prédio da segurança, de modo que fariam a reunião aqui fora. Ela conjecturava por quanto tempo a luta do major Fuhito para equilibrar polidez japonesa, honras da empresa e preocupação pessoal com os visitantes os faria esperar. O armazém ainda estava começando a operar e não havia muita atividade. Hart observou as cocatrizes caminharem dentro do espaço deles.

- Elas estão drogadas.

- O quê?

- Elas tiveram seus sentidos adormecidos artificialmente. - Tessien passou para Hart suas preocupações. A serpente não gostava de se explicar.

Não havia motivo algum que a fizesse pensar que a United Oil poderia drogar todo o conjunto de seus animais de guarda. Alguma coisa acontecera e Haesslich gostaria de saber o quê. Se ela pudesse resolver o problema antes de o levar ao dragão, poderia ^ganhar um bônus. No mínimo isso colocaria suas relações de trabalho num curso melhor. Ela não esperaria real gratidão de parte do monstro, mas ele poderia aprender a apreciar o profissionalismo dela um pouco mais.

E era hora de ser profissional. O major Fuhito e um trio da segurança estavam descendo as escadas da frente. Em contraste com seus assessores caprichosamente uniformizados, Fuhito parecia ter dormido vestido. Tinha os olhos cansados e seus movimentos eram lentos. Quando se aproximaram dela e da serpente, Hart observou que o caminhar do major não era o costumeiro. Na curta explosão de palavras que passava por sussurro entre os dracomorfos, Tessien confirmou o que ela tinha concluído.

- Ele também foi drogado.

Depois dos cumprimentos formais, ela pegou Fuhito pelo braço e o levou para junto de Tessien, colocando a massa do dracomorfo entre eles e os ajudantes de Fuhito. A cauda de Tessien pôs fim às tentativas dos ajudantes de o seguirem.

- Bem, major - ela disse com um sorriso - o senhor gostaria de falar sobre isso comigo ou prefere falar diretamente com Haesslich?

Fuhito piscou feito alguém que tem fotofobia e é exposta à luz subitamente.

- De que a senhora está falando?

- Da invasão da noite passada, logicamente.

O rosto de Fuhito se crispou. - Como soube disto?

- É meu trabalho saber de coisas assim - ela disse docemente e o observou maquinando uma resposta. Se ele não tivesse ficado meio zozzo com o que os invasores injetaram nele teria escondido melhor.

- Não fiz nada que compromettesse a United Oil - disse ele.
- Não o acusei de coisa alguma, major. O que eles queriam?

A lentidão dele em responder a preveniu de que ele estava prestes a dizer uma mentira ou uma meia verdade.

- Estavam à procura de Jarlath Drake. Drake. Mas o major estava escondendo alguma coisa. Uma súbita suspeita espocou.

- E quem eram eles?

- Dois homens. Um indígena, intensificado, e um caucasiano com uma conexão de dados. Havia também um tecnauta que eles chamavam Squivo.

Squivo também. Ela sentiu que a suspeita dela se refletiu em Tessien.

- O caucasiano era louro com olhos castanhos claros? Altura e constituição medianas e conexão de dados na têmpora direita, quatro pequenas cicatrizes na mão direita e uma barriguinha?

- Tudo confirmado, menos o peso. Ele era magro. - A voz de Fuhito estava menos enrolada agora e seus olhos cintilavam com pensamentos. - Seu suspeito tem barba?

Não quando ela o vira pela última vez. Mas a descrição e os detalhes eram muitos. Muitos. As atividades que ele desenvolvera deviam ter feito com que perdesse peso, e tivera tempo para deixar crescer uma barba natural. Deveria haver outros homens que se encaixassem na descrição, mas quantos viriam aqui atrás de Drake? O invasor tinha de ser Verner. Era uma virada de acontecimentos muito infeliz, mas ela só podia culpar a si por não verificar pessoalmente a morte descrita pelo dracomorfo.

Verner tinha escapado duas vezes da morte. Tinha de haver algo mais do que simplesmente sorte. De qualquer forma Verner a tinha enganado. Ele era mais esperto do que imaginara.

Ou Tessien mentira para ela? Não parecia haver razão para que a serpente agisse assim. Os quatro anos de sociedade deles foram mais que satisfatórios para ambos. Ou pelo menos pensava assim. Ela tinha certeza de que Tessien não a traíra no Tir, mas talvez tivesse mentido. Se a

sociedade deles não era mais importante a serpente poderia estar usando esta oportunidade para se livrar dela. A falta de outras tentativas não era um bom indicador de que ainda podia confiar no dracomorfo. Talvez Tessien estivesse apenas esperando uma boa oportunidade. Embora jamais Tessien a tivesse traído antes, ela decidiu, com pesar, que jamais confiaria na palavra da serpente outra vez.

- Ele não deve descobrir - Tessien anunciou assim que compreendeu as implicações.

O pensamento da serpente foi igual ao dela. Quaisquer que fossem seus problemas com Tessien, ambos tinham um problema chamado Samuel Verner. Mesmo que ele não fosse tão esperto quanto ela começava a supor, Verner era algo ainda não resolvido que poderia complicar a ela e a Tessien. As coisas não resolvidas devem ser resolvidas, de um modo definitivo, permanente. Desta vez não o subestimaria.

Sabendo que Fuhito tinha observado o silêncio dela, escondeu suas preocupações e sorriu para ele. - Major - disse, mantendo um tom suave - não temos de trabalhar isoladamente aqui. Contarei a Haesslich sobre a noite passada se o senhor me disser tudo o que sabe sobre seus visitantes. Seu pequeno segredo embaraçador estará a salvo.

O sorriso de Fuhito pareceu um pouco predador demais para ser um sorriso de alívio. Ela deveria ter cuidado com o que ele lhe dissesse.

## 44

Estava na metade da manhã quando eles voltaram à nova residência de Sam. O tráfego estava leve nas ruas, mas as calçadas estavam moderadamente apinhadas. Crianças corriam entre os pedestres, brincando de jogos que pareciam ter regras modificadas. Vendedores apregoavam de suas barracas e dos veículos estacionados. Umhas poucas lojas ainda estavam no processo de retirar as grades antes de abrirem. Grupos de pessoas se reuniam em volta de mercadores atrasados e cochichavam enquanto

esperavam. A multidão era tão variada que um elfo, um indígena e um caucasiano caminhando juntos não pareciam deslocados.

Fantasma segurou o braço de Sam e o puxou para baixo do toldo de uma barraca de talharim. Zonzo de cansaço, Sam não podia pensar numa reclamação justificável quando Squivo e Fantasma se sentaram em dois bancos perto do balcão. Sem entender, Sam se sentou no banco vazio entre os dois.

- Problema? - Squivo perguntou. Fantasma assentiu.

- Acho que sim.

O dono da barraca fez cara feia, querendo que eles pedissem ou fossem embora. Squivo jogou um cartão-moeda para ele e pediu três pratos. Assim que o velho e encurvado vendedor virou-se para o fogão, Fantasma inclinou a cabeça para o prédio onde Sam morava.

- Do outro lado da rua tem um cachorro latindo para um pigmeu.

Sam e Squivo olharam. O animal foi fácil de identificar. Rigidamente parado, o animal latia insistentemente para uma figura pequena com um casaco longo todo cheio de remendos e bem esfarrapado. Os pedestres passavam ao largo da cena. Reagindo finalmente, o mendigo brandia uma garrafa de modo ineficaz contra o animal, que investia contra a mão ameaçadora mas não atingia seu alvo. O cachorro latiu mais algumas vezes e depois foi embora quando o esfarrapado de cabelos grisalhos deu uns passos apressados na direção dele.

- Um refugio da sociedade, arruinado e sem casa. Você identificou um verdadeiro problema do nosso mundo, sr. Alarme Falso.

- Os desabrigados não carregam armas último modelo. Sam e Squivo olharam novamente, observando o homem esfarrapado voltando ao abrigo da fachada de uma loja. Sam não viu coisa alguma, mas Squivo deve ter visto.

- Nossa mãe! Você está certo.

- Duas Ares Predator? - Fantasma perguntou.

- Podem ser. Você é o especialista, sr. Lâmina. Seja qual for o modelo, elas estavam emparelhadas.

- Como você o identificou?- Sam perguntou.

- Um dos meus sentinelas estava naquela sacada. Sam sentiu o ódio na voz do Fantasma.

-E você acha que...

- O pigmeu o pegou. Meu garoto não sairia voluntariamente.

Sam deu outra olhada. O mendigo não parecia perigoso, a não ser para o senso de propriedade de alguém.

- O que você acha que ele está fazendo ali?

- Esperando por você, sr. Mobile - Squivo respondeu.

- Ele e os companheiros dele com certeza já agiram.

- Agiram... - o estômago de Sam se comprimiu. - Sally deveria estar ali.

O Fantasma voltou-se para olhar para Sam. Os olhos dele se apertaram, enquanto lâminas cromadas bem afiadas saíam e entravam de suas unhas. Era a falta de expressão no rosto do homem com quem ele compartilhara a aventura da noite anterior que assustava Sam. O homem a quem ele confiara a vida parecia\*agora prestes a tirá-la.

As lâminas desapareceram quando Fantasma se virou no banco e começou a andar, bem diante de Squivo. O elfo levantou com os braços abertos para deter o movimento de Fantasma. Squivo os dobrou em volta do indígena antes que o samurai de rua pudesse agir. O elfo estivera imaginando a manobra de Fantasma.

- Discrção, Fantasma. Agir às cegas não vai ajudá-lo. -Por um instante o indígena pareceu pronto para lutar com Squivo também. Depois, a tensão desapareceu dos músculos de Fantasma e Squivo afrouxou seus braços. - Nós nem sabemos o que aconteceu.

Squivo virou o Fantasma, fez com que ele se sentasse no banco novamente a seu lado. Debruçando-se sobre o balcão, o elfo disse:

- Sam, sua magia pode ajudar.

- Que magia? Não conheço feitiço algum.

- Projeção astral. Você pode inspecionar o prédio e a varanda. Se houver alguém hostil lá procurando você não vai esperar por isso. Todos que sabem que você tem magia são amigos e viriam e conversariam.

- Greerson - o Fantasma murmurou.

- O quê? - Sam perguntou.

- Quem? - Squivo indagou.

- Greerson. O pigmeu caçador de recompensas. Ouvi dizer que ele joga o jogo da emboscada.

Squivo e Fantasma trocaram olhares.

- Você o conhece? - Squivo perguntou. Fantasma sacudiu a cabeça.

- Ouvi falar nele. O mais importante nanico da costa.

- Bem, sr. Mobile, parece que sua morte não é mais tida como uma certeza em alguns círculos. Parece também que o reconhecimento da área não é uma conveniência, mas uma necessidade. Não podemos ter certeza de que Greerson não ficou sabendo sobre seus associados também. Já que nenhum de nós pode caminhar de modo invisível perto dele, devemos fazer a outra melhor coisa. Somente sua presença astral pode entrar lá e nos fazer saber se nossas suspeitas são corretas. E mais importante: você pode verificar se lady Tsung está sendo mantida prisioneira em sua casa.

O último argumento de Squivo foi definitivo. Se Sally estivesse prisioneira, eles tinham de saber tudo que pudessem para resgatá-la.

- Tudo bem. Vou tentar.

- Este é o bravo cavaleiro errante.

Sam não se sentia um cavaleiro. Sentia-se mais como um escudeiro sem treinamento, prestes a ser colocado na armadura e lançado à batalha sem uma espada.

- Eu disse que tentaria, mas não sou muito bom nesse troço. Metade disso me parece alucinação e não tenho certeza de que sempre possa dizer qual a metade em que estou.

- Mas você vai tentar. - Ao lento gesto de assentimento, Squivo acrescentou: - Só podemos contar com o melhor de você.

Sam fechou os olhos, tentando esquecer o ruído da rua e se concentrar. O barulho não iria desaparecer, mas a passagem de veículos começou a ganhar um ritmo. Quanto mais ele tentava, mais sua cabeça ficava pesada. Não deu em nada, apesar do esforço dele. Ele tentou de novo. Desta vez, quando o espasmo veio, percebeu que estava de pé. Agora tanto a cabeça quanto seu corpo sentiam-se leves, abertos e claros, quase flutuando. Ele abriu os olhos e se olhou. Tudo parecia normal, exceto pelo fato de todos os seus equipamentos e pertences, menos o dente fóssil de boa sorte, pareceram meio imateriais. O dente era real e sólido como carne.

Sam se voltou para dizer alguma coisa a Squivo e ao Fantasma, mas os viu dando atenção à pessoa com o rosto caído sobre o balcão - ele mesmo. Vendo aquilo, Sam percebeu que conseguira, de modo mais completo do que antes. Desta vez ele estava consciente de sua presença no espaço astral, assim como sabendo que seu próprio corpo estava ali quieto, aguardando seu retorno. Era uma constatação libertadora, estimulante, profundamente perturbadora.

Pela primeira vez ele estava vendo astralmente uma cena que era familiar. Pelo menos pensou que fosse. O mundo em torno dele tinha ficado estranho; as cores mudaram, prédios pareciam destruídos e as pessoas tinham um brilho pobre contra o fundo urbano. Bem próximos, os fogos que iluminavam Squivo e o Fantasma queimavam brilhantemente mas tinham áreas escuras, a do samurai de rua mais do que o do elfo. A aura do homem do balcão era embaçada com um verde doentio por cima que cheirava - não era a palavra certa, mas ao menos apropriada - mal.

Sam caminhou em direção ao pigmeu que chamara sua atenção. Aproximando-se dele, ele pôde ver o brilho que se sobrepunha à imagem de maltrapilho e soube, sem saber como, que o pigmeu era sadio. A aura dele não tinha o "cheiro" do vendedor de macarrão e não havia mancha na cor que estaria presente se o pigmeu fosse o viciado em substância que ele fingia ser. Ainda mais que a do Fantasma, o brilho desta pessoa tinha um borrão e era coberta de lugares escuros, mortos -as marcas, Sam percebeu, de muitas extensões bioeletrônicas.

A aproximação de Sam era um teste para ver se ele realmente estava invisível a este observador. Ele foi direto para a linha de visão do falso

mendigo, mas não houve qualquer reação. Satisfeito, Sam voltou-se e atravessou a rua.

Era um bruxuleante rodopiar de pessoas brilhantes e de máquinas ensombrecidas, lampejos tremulantes de luz de fontes desconhecidas e a súbita, fugaz presença de movimento nos limiares de sua percepção. O registro cada vez maior de entrada de estímulos sensoriais fez com que fosse mais depressa para o outro lado da rua. Ele entrou no prédio, longe do alvoroço da vida, sentindo-se aliviado em chegar ao vestíbulo desocupado. Ele aguardou um minuto para se refazer antes de prosseguir.

Sem saber como chamar um elevador astral, ele pegou a escada, entrando pela porta que sua mão não podia tocar. Depois de alguns vãos, percebeu que não podia ler as placas indicativas do número de cada andar. Ele podia vê-los e perceber um sentido de identidade, mas as palavras estavam ininteligíveis. Ele deveria ter contado os andares. Começou a enfiar a cabeça na porta de cada andar, à cata de marcas e estragos que indicassem seu próprio andar. Ele só precisou tentar algumas poucas vezes Sam caminhou lentamente até sua porta. Sem precisar da chave, entrou pelo pano da porta. O apartamento fora revirado. Todas as coisas quebráveis foram quebradas, todas as coisas rasgáveis, rasgadas, e qualquer coisa abrível, aberta. O que ele tinha de pouco valor fora levado ou destruído, mas quanto a Sally não havia qualquer sinal.

- Ela não chegou aqui - disse uma voz que ele reconheceu.

Sam voltou-se para encarar quem falara. - Cão, o que você está fazendo aqui?

- Conversando com você.

Cão levantou a cabeça e deu um largo sorriso canino. Sam achou a resposta rápida nada divertida.

- Sei disso. Quis dizer, por que você está aqui.

- Você tem muito a aprender.

Outra vez, não, Sam pensou. Talvez estivesse louco. Pessoas cansadas podiam sofrer de alucinações e comida ruim poderia trazer sonhos ruins. Talvez ele tivesse chegado em casa da excursão e apagado de sono para acabar com sua exaustão.

Ele se colocou diante de Cão.

- Logo vou acordar. Você terá ido e Sally estará aqui. Este é apenas um pesadelo paranóico.

- Perto do alvo, homem. Isso é um sonho, tudo bem, mas isso não o torna menos real. E a paranóia é boa também. Completamente saudável, às vezes. Talvez você gostasse de aprender uma cantiga.

- Tenho de estar sonhando - Sam disse levantando-se. - Há um assassino na minha porta e mais dois me caçando onde quer que eu vá, estou me escondendo de um dragão e meu fiel companheiro astral quer me ensinar uma cantiga.

- Bem, uma cantiga é bom, mas não é o que você precisa neste momento. Estava pensando numa cantiga mais poderosa.

Com isto, Cão começou a cantar, e a próxima coisa que Sam ficou sabendo foi que Squivo o estava obrigando a beber um amargo chá verde. O troço tinha um gosto horrível, mas ele o bebeu, agradecido a algo que fosse real e substancial.

- O que o reteve por tanto tempo? - O elfo perguntou. - Sally não leva esse tempo para fazer um reconhecimento astral. Pensamos que eles poderiam ter apanhado o seu espírito.

- Tive uma conversa com um ... - Percebendo como isso soaria ridículo, Sam deteve-se. - Não foi nada.

O Fantasma inclinou-se junto ao rosto dele.

- O que você viu?

Escondendo um sorriso histérico, Sam formulou as palavras que o indígena gostaria de ouvir. - Alguém vasculhou o lugar, mas Sally não estava lá. E provavelmente vocês estão certos sobre o pigmeu. Ele está cheio de fios e cromo.

- Hora de relocalizar - o Fantasma anunciou.

Pelo que eles puderam observar, o pigmeu, atento à sua vigilância, jamais percebeu os três recentes fregueses do vendedor de talharim.

Relocalizar significava a casa do Fantasma. Significava também um pouco de comida e várias horas de sono para os runners exaustos. Quando Sam voltou a si, estava faminto. Havia comida e ele devorou parte daquilo para acalmar seu estômago. Tanto Squivo quanto Fantasma tinham estado ocupados enquanto ele dormira. Tinham entrado em contato com Sally, que lhes garantiu que estava bem e que ninguém a tinha incomodado. O membro da tribo do Fantasma que ficara vigiando o porão desaparecera e estava presumivelmente morto. Este era definitivamente o estilo de Greerson, segundo o rumor das ruas confirmando a presença do pigmeu em Seattle. Uma mistura de tranquilidade e de agitação nas informações culminou com a comunicação de Squivo de que havia um jantar beneficente no Club Voyeur.

- Então você acha que Drake pode estar neste jantar hoje? - Sam perguntou de modo preocupado.

- Realmente. É o tipo de coisa que atrai a amante dele, Nadia Mirin, e ela respondeu positivamente ao convite. Por isso, concluo que irá também. Se for mesmo, devemos podar-nos aproximar e plantar alguns equipamentos eletrônicos nele. Um sinalizador ou um dedo-duro, talvez.

- Estes equipamentos não me importam. Quero ir lá. Quero vê-lo outra vez sozinho.

- Atirar no escuro não seria brilhante - Fantasma disse. -Esta é uma postura de tolo.

- Especialmente no Club - Squivo disse gravemente. - O proprietário é notoriamente implacável com relação a violência em seu clube. Este não é o lugar para criar caso, exceto para negociação. Ou seja, a menos que se tenha poder suficiente para se derramar sobre as águas agitadas.

- Não quero conversar e não estamos prontos para lutar. Tudo o que eu desejo é olhar - Sam garantiu a eles.

- Pensei que você quisesse que ele o considerasse morto.

- Ele não precisa me ver.

- Diga, por favor, sr. Mobile, o que se passa na sua cabeça?

- Olha, não estamos preparados para pegá-lo até que tenhamos mais dados. Acho que posso conseguir alguns dados para nós se simplesmente

der uma olhada nele. Quando uso a projeção astral, posso ver as coisas sobre as pessoas.

- Que tipo de coisas? - Fantasma perguntou de modo suspeito.

Sam não sabia como explicar aquilo, já que nem ele mesmo compreendia.

- Bem, as pessoas têm uma espécie de brilho em volta delas. É muito distinto, de modo que posso reconhecê-lo astralmente. Isso pode ajudar. Vocês sabem, mesmo que ele estivesse com um disfarce ou coisa assim. Então há um equipamento bioeletrônico; ele muda o brilho, o embaça, uma coisa assim. Acho que posso dizer como se modificou. Isso nos daria uma idéia do que podemos esperar dele.

- Parece bom - disse Squivo.

- Pensei que você não acreditasse nesse negócio de magia - disse o Fantasma.

- Digamos que estou pensando melhor. - Ele deu um sorriso fraco, acrescentando silenciosamente: ou ficando completamente louco.

Sam conseguira uma mesa de onde poderia ter uma boa visão da mesa reservada por Mirin e o convidado dela. Ele não se preocupava em Drake o reconhecer por causa da virtude especial do Club Voyeur. A mesa de Sam estava no Hall Inferior, separado do Hall Superior por uma parede do mais fino Transparex de sentido único. No Club Voyeur, os ricos e poderosos jantavam sem serem importunados por aqueles das classes inferiores, enquanto simultaneamente estavam á mostra para a edificação daquelas mesmas pessoas. Sam pensou que somente a vaidade e a arrogância fariam alguém voluntariamente tomar parte de um evento no Hall Superior. O Club Voyeur era um baluarte da consciência de classe, do magnífico saleiro de platina na forma de um antigo navio que ficava embutido no Transparex até os garçons, cuja arrogância só poderia ser quebrada por um bom suborno. A comida, logicamente, era soberba.

O plano de Sam já sofrerá uma mudança para pior. O microfone de longo alcance escondido em sua valise não conseguia penetrar a barreira entre os dois halls. Ele não ouviria coisa alguma das conversas do outro lado. Ele não se achava, porém terrivelmente desapontado. Provavelmente

não iriam dizer muita coisa significativa. Além disto, esta noite ele estava confiando em seus olhos.

Sam estava na entrada quando os objetos de sua atenção chegaram. Nadia Mirin parecia melhor ainda em pessoa do que nas fotos das colunas sociais. Atraente como era, sua beleza não podia fazer com que Sam deixasse de olhar para seu acompanhante de terno escuro. Era Jarlath Drake, penteado e vestido de modo perfeito, da mesma forma como Sam o vira numa garagem da Favela.

No momento em que eles se sentaram, o maitre se aproximou da mesa deles. Sam não conseguia ouvir as palavras do homem, mas a postura de desculpas e os movimentos de mão eram claros. Indicando um cômodo perto da entrada, o maitre retirou Drake dali, enquanto um bando de garçons se abateu sobre Mirin para mantê-la entretida.

Drake reapareceu num dos muitos recantos do hall de multiníveis. Aqueles pequenos espaços eram destinados a fornecer privacidade, retirando seus ocupantes de vista. Mas Drake escolhera um bem na linha de visão de Sam. Era uma oportunidade fortuita que Sam não desejava perder. De modo experimental, ele direcionou o microfone para aquele ponto e ficou gratificado ao captar as palavras do maitre.

- ... cavalheiro aguardou sua chegada, senhor. Ele disse que tinha uma mensagem para lhe entregar pessoalmente e recusou-se a ir. Nós, logicamente...

- Deixe-nos a sós - Drake disse, interrompendo o chefe dos garçons.

- Certamente, senhor - ele disse com uma inclinação do corpo.

Drake penetrou mais no recinto e inclinou-se sobre o para-peito de bronze. Ele olhou pela janela as luzes do metroplexo. Ele estava totalmente fora da visão de todos que ocupavam o saguão do Hall Superior.

O portador que o seguiu era um homem grande, muito musculoso que se movia com a cadência do rude que sabia que era perigoso. Seus olhos cromados, ouvidos bioeletrônicos móveis e o cabelo cortado em faixas eram o estilo das ruas, em contraste com o traje de seda que ele vestia. Embora feito de material caro, o terno não era bem acabado o suficiente para esconder o óbvio volume sob a axila esquerda do homem. Outro dos empregados externos de Drake, Sam concluiu.

- Problema, sr. Drake - o homem disse, suavemente como se temesse a resposta.

Drake suspirou e continuou olhando a cidade pela janela.

-Fala.

O mensageiro estava obviamente desconcertado pela atitude desligada de Drake. Ele hesitava, relutante em começar. Deviam ser realmente más notícias, concluiu Sam.

- Wilson - o homem começou. - Um tipo de inspetor apareceu e o assustou. Ele está com medo.

Drake voltou-se lentamente para encarar o mensageiro.

- Você está querendo me dizer que perdeu a pista do doutor?

O homem ficou mais nervoso ainda. Os olhos dele desviaram-se do rosto de Drake, depois voltaram, deslizando pela expressão pétrea e foram repousar no colarinho de Drake.

- Bem, é isso. Ele está de fato difícil, o senhor sabe. Ele... A fala do homem foi cortada quando a mão de Drake voou e agarrou o outro pela garganta. Ele levantou o homem, ficando rapidamente vermelho. As mãos do homem batiam contra o braço de Drake e os pés dele agitavam-se de modo ineficaz. Calmamente, sem revelar tensão pela força de manter um homem suspenso e se debatendo com apenas uma das mãos, Drake falou calmamente com ele.

- Você foi incubido de não deixar acontecer nada com o doutor até que eu estivesse preparado para cuidar dele. Se você o perdeu, você fracassou profundamente.

Relaxando o aperto da sua mão por um instante, Drake permitiu que o homem segurasse o braço que o apertava, apoiando-se o suficiente para não se sufocar.

- Foi um acidente.

Era certamente a coisa errada a dizer. Os olhos de Drake se apertaram e, com uma virada no punho, ele agarrou o pescoço do homem. O mensageiro tossiu uma vez, cuspidando sangue, depois ficou inerte. Drake

soltou o corpo e o ficou olhando por um instante. Ele levantou o braço e lambeu pequenas gotas de sangue na manga de seu terno intacto.

O maitre voltou para saber a causa da leve comoção. Ficou paralisado com o que viu, sua pose desfeita pelo resultado da súbita, letal violência de Drake. Drake passou rapidamente por ele de volta à sua mesa de jantar.

- Limpe isso, por favor. Ele sofreu um acidente.

Sam sabia que Drake não era um homem que não hesitaria num assassinato, mas jamais imaginara que sujasse as próprias mãos. Drake era mais perigoso do que imaginara e estava obviamente equipado para uma lesão corporal. Lofwyr não dissera que o homem era mais do que aparentava? O assassinato do mensageiro demonstrou que o homem era obviamente amplificado. Sam se congratulou pelo sucesso do reconhecimento da noite. Mas a noite não acabara; chegara a hora de ver quantos equipamentos bioeletrônicos Drake possuía. Sam podia não ter condição de dizer o que a amplificação de Drake fazia, mas conhecer sua extensão permitiria que os runners avaliassem a oposição. Quanto mais pudessem descobrir dos segredos escondidos de Drake, mais certamente eles o derrotariam no fim das contas.

Sam centrou sua concentração, achando a mudança para o espaço astral mais fácil desta vez. Ele olhou pelo restaurante. Como sempre, as percepções modificadas o confundiam inicialmente e ele se achou inseguro sobre a localização da mesa de Mirin. Depois ele a encontrou. A aura dela era forte e vibrante, tornando-a mais bela ainda. Quando Sam voltou-se para o acompanhante dela, ficou chocado ao ver o que se sentava enrolado na mesa ao lado dela.

Suas asas feito as de morcego estavam dobradas de forma bem apertada nas costas, cuja parte superior farpada dava início a seu longo, sinuoso pescoço. A cabeça em forma de cunha tinha uma boca larga cheia de dentes afiados, e uma cauda com farpas igualmente afiadas agitava-se em torno da cadeira onde se sentava. Era um dragão em miniatura, sua imagem pulsando com força e violência numa cintilação que não tolhia nenhum de seus movimentos, mas que parecia contê-lo de algum modo estranho. A atenção de Sam estava voltada para uma garra de ouro que repousava sobre a mesa. Uma garra usava um anel esculpido na forma de

um homem com características muito familiares, Jarlath Drake. Então era verdade que Drake era, realmente, mais do que ele parecia. Ele não era um homem, afinal de contas. Drake não trabalhava para Haesslich; ele era Haesslich!

Sam, ainda um mago novato e pouco à vontade com a força, voltou para o seu corpo, recuando para seus sentidos mundanos que o serviam tão bem. Do outro lado do restaurante um homem tranquilo, de cabelos pretos, jantava de modo imperturbável com sua amiga.

Já não havia dragões demais nesta vida?

Ele não sabia o que fazer a seguir, mas uma coisa era certa. Ele tinha chegado bem longe.

## 45

Ele já vira aquilo antes, mas hoje a visão pareceu estranha a Squivo. O temido e renomado samurai urbano Cria Fantasma, conhecido pelos associados mais íntimos como Fantasma Que Caminha Por Dentro, estava fazendo café de soja na pequena área que servia como cozinha da toca. Talvez fosse alguma coisa de uma leve falta de jeito nos movimentos do indígena, ou a forma como ele continuamente esticava a cabeça como se ouvisse um sinal. Quando o Fantasma deixou o balcão com uma caneca em cada mão, Squivo viu uma terceira caneca perto do bule. No passado, o Fantasma preparava a refeição apenas para Sally, deixando o elfo cuidar de si.

- Obrigado - Squivo disse, apanhando a caneca que lhe foi oferecida.

O Fantasma abaixou-se para se sentar de pernas cruzadas no chão. Por vários minutos eles ficaram assim, sentados em silêncio, bebendo o fumegante café de soja. Depois o Fantasma disse:

- O que quer que ele seja, é bravo. - O Fantasma sacudiu a cabeça. - Quer caçar um Dragão para julgá-lo por assassinato.

- Você parece não estar mais seguro. Quer pular fora? O Fantasma olhou para ele sem expressão.

- Querer não tem nada a ver com isso.

Isso é mentira, Squivo pensou. Tem um querer que tem muito a ver com isso. Squivo não seria o primeiro a externar isso.

- Sam compreenderia. A situação não é a que parecia quando você concordou em ajudá-lo a agarrar Drake.

- E aonde isso me levaria, elfo? Eu dei minha palavra diante de testemunhas. Não me importa que um bando de bandidos e de ladrões baratos de rua que se chamam samurai pense que a última novidade em cromo e más atitudes é tudo que eles precisam. O velho japonês compreendia a diferença quase tão bem quanto meus ancestrais. Um guerreiro deve ser um homem honrado. Mantém a palavra e é mais forte do que os outros, especialmente no coração.

- Embora você possa ser apenas um samurai urbano, Fantasma Que Caminha Por Dentro, você é um homem de honra e um guerreiro.

-Sou?

- Mesmo os antigos samurais eram primeiramente homens.

O indígena tranquilamente colocou sua caneca de lado. Uma das lâminas de sua mão surgiu de sua bainha de ecto-mielina. Ele esfregou a agulha de aço contra o piso, deixando finas rebarbas de plástico em seu curso.

- E quanto a você, elfo? Por que não correu para as árvores?

- A honra não é propriedade exclusiva do samurai, urbano ou qualquer outro - Squivo disse no que ele esperou que fosse um tom de voz suficientemente irritado.

- Nunca foi uma real preocupação sua também.

O Fantasma o conhecia muito bem. Podia jurar que ele estava fazendo aquilo pela emoção, como fizera no passado. O Fantasma não acreditaria nisso também. Squivo não conseguia admitir que não estava certo das suas razões para fazer aquilo.

O Fantasma desdobrou as pernas e levantou-se do chão.

- Estão chegando - disse ele. Ele se dirigiu para a janela, debruçando contra a parede com estudada indiferença.

O Fantasma estava certo. Depois de um instante o riso veio lá do beco. Sally entrou pela janela primeiro. Embora vestida com um traje brilhante que estava muito longe de sua roupa blindada habitual de incursão, estava com o seu coldre e a ponta da bainha do punhal saliente na cintura. A espada mágica ficou presa no peitoral, mas Sam correu para soltá-la. Um instante depois ele entrou. Quando se dirigiu para ela, Sally empurrou o braço dele, deixando apenas que os lábios dele roçassem o rosto dela. Até então Sam não percebera que Squivo e Fantasma estavam ali. Ele cumprimentou os dois com um sorriso acanhado.

Squivo também sorriu. Somente a polidez manteria as coisas civilizadamente. O fantasma ignorou Sam e falou com Sally.

- Veio ajudar?

- Ajudar com o quê? Quer ajuda na cozinha? - Sally perguntou com um belo sorriso.

- Ele precisa de ajuda - o Fantasma cortou, apontando Sam com um movimento da cabeça.

- Ah, não. - Ela jogou um beijo para Sam, depois caminhou pelo cômodo para se jogar sobre um colchonete. Ela se apoiou num cotovelo e enfiou a espada mágica na bainha. - Acho que ele está indo bem.

As narinas do Fantasma se destenderam.

- Ele não contou o que descobriu?

Ela mexeu com a cabeça para jogar a trança para as costas. - O que você quer que eu faça a respeito?

Squivo viu Sam olhar para um lado e para outro, seu olhar se alternando entre os dois, desconcertado com a sutileza daquela situação subliminar. Ele parecia pronto para falar, mas a reação seguinte do Fantasma fez com que ele mudasse de idéia.

- O que você faz é uma droga que é assunto seu. Não me afeta. Mas se você não fizer vai afetar a ele. Provavelmente vai matá-lo. Esta ação não

é mais contra um sr. Johnson qualquer.

- O que faz você pensar que posso fazer alguma diferença?

- Você tem a magia que ele ainda não pode dominar. Droga, mulher!  
Há dragões envolvidos agora.

- Já havia dragões antes.

- Não podemos enfrentar os dragões sem a magia.

- O míssil é tão bom quanto uma bola de fogo.

- Kham está tomando sua frente. Você poderia chamá-lo e então teríamos uma chance.

- Kham está agindo feito adulto, ao contrário de certas pessoas. Ele é um sujeito crescido e pode fazer as escolhas dele.

O Fantasma calou-se com a resposta e foi para a janela. Squivo pensou que o indígena iria embora, mas o Fantasma voltou-se. Quando falou, seu tom de voz estava mais tranquilo, assumindo um jeito de pedido.

- Você sabe que nós três não temos condições de pegar Haesslich. Se o tecnauta que ele colocou na Renraku é ou não uma operação de trapaça, o Dragão ainda é o cabeça da segurança da United Oil em Seattle. Isso vai dar a ele uma fonte de recursos infernal.

- Mas isso o exporia a seus superiores - Sam objetou, pronto a falar agora que o assunto era sobre negócios.

- Não necessariamente - Sally disse. - Ele é um velho verme muito esperto. Ele pode agir de certo modo para fazer parecer que você estava atrás dos bens da UniOil e assim justificar o uso das forças da companhia.

- Mesmo sem as equipes de segurança da UniOil, há o outro dragão e Hart - o Fantasma frisou.

- Se eles ainda estiverem trabalhando com ele - disse Sam.

- Algum motivo para acreditar que não estejam?

- Greerson - disse ele. - Se Haesslich ainda tivesse Hart e Tessien, por que mandaria Greerson atrás de mim?

- Ninguém disse que ele mandou Greerson.

- Lady Tsung, sabe alguma coisa? Há mais algum jogador no jogo?

Sally deu de ombros.

- Possivelmente. É possível também que Greerson estivesse trabalhando para Haesslich todo o tempo e você não tivesse percebido até agora. Mesmo se eu ajudar, mesmo se eu persuadir Kham e sua equipe a jogarem, vocês vão enfrentar uma verdadeira encrenca. Vai precisar de muita briga para tirar Haesslich da parada.

- Então você vai ajudar. - O Fantasma transformou a pergunta numa afirmação.

Sem dizer nada, Sally ficou de pé e se dirigiu para a cozinha, onde se serviu uma caneca de café de soja, bebendo metade da quantidade que ela servira. Segurando a caneca com as duas mãos ela ficou pensando algum tempo.

- E quanto a Lofwyr? - ela indagou a Sam. - Ele mandou você fazer esse trabalho sujo. Talvez ele lhe desse uma ajuda, ou pelo menos financiasse parte desta festa.

- Posso perguntar - Sam disse.

Para Squivo isso pareceu como se Sam não estivesse de fato certo se poderia. Ele tentaria porque Sally lhe pedira. O elfo conjecturou o que Sally esperava tirar dessa.

- Bem-vinda ao grupo, Lady Tsung.

- Não tenha tanta pressa, Squivo. Vamos esperar e ver se aquele verme espertalhão de Quebec vai colocar o dinheiro onde está a pança dele. Se ele puser, eu jogo.

## 46

Jacqueline anotou a linha pela qual estava chegando a chamada. Era uma separada para Verner. Ele devia ter finalmente descoberto a natureza do

seu oponente. Enquanto inicializava a operação, ela verificou o calendário. Dois dias antes da previsão.

Ela disparou o simulador que apresentaria sua persona de Karen Montejac num espaço de meio segundo, só o tempo suficiente para que o programa do simulador ajustasse os movimentos faciais da imagem às palavras dela.

- Sim, sr. Verner - disse ela, abrindo a linha.

Ela tinha de dar crédito ao sujeito. Ele foi rápido em esconder a surpresa ao ser chamado quando a linha foi aberta.

- Quero falar com Lofwyr - disse ele.

- Sinto muito, mas ele não pode atender no momento. Posso transmitir algum recado?

- Quero falar com ele diretamente - Sam insistiu. - Diga a ele que é sobre nosso contrato.

- Quer cancelar?

- Não. - A confusão e a aflição dele eram evidentes aos olhos experientes dela. - Olha, preciso apenas falar com ele. As coisas são diferentes do que ele disse que seriam e quero falar sobre Drake.

- Entendo - ela respondeu com fria eficiência de secretária. - Um dos nossos árbitros entrará em contato. Às seis da tarde hoje, em sua atual localização?

- Ah, sim. Às seis está bom.

- Muito bom, então. O senhor verá o sr. Enterich.

- Mas você não sabe onde estou.

- O sr. Enterich já tem a informação, senhor, e tenho certeza de que poderá conseguir uma resposta satisfatória para qualquer reivindicação que o senhor possa ter. Alguma coisa mais, senhor?

- Não, acho que não.

- Então tenha um bom dia, sr. Verner. - Ela desligou antes de explodir numa gargalhada. Ela adorava quando o otário não fazia a menor idéia do que estava acontecendo. Controlando sua alegria dela, ela abriu

uma linha para Lofwyr. A cabeça de escamas douradas surgiu na tela e o dragão fixou o olhar nela. - Verner deu notícias, Senhor. Vai encontrar o sr. Enterich sobre o caso Drake às seis, hora de Seattle.

O Dragão permaneceu ali somente o tempo suficiente para pronunciar sua opinião. -Satisfatório.

Crenshaw assentiu e Ridley chutou a porta. A esquadria se estilhaçou e uma parte foi arrancada, levando a placa do cadeado, ainda resitando preso a ela. A porta se abriu para revelar um cômodo protegido do sol da tarde por pesadas cortinas. A iluminação vinha de duas lâmpadas vermelhas em bocais baratos colocados no chão.

Assustado, um homem gordo nu levantou-se da cama. A companhia dele, uma mulher asiática pequena, ficou onde estava, com os olhos arregalados de surpresa e também sem roupas. Ela não tinha escolha; estava amarrada à cama com as pernas e braços abertos.

Crenshaw deixou que Ridley e Markowitz entrassem na frente dela. O detetive parou junto à porta, mas o outro avançou, segurando o homem nu quando ele corria para apanhar as roupas.

- Agora, não, John - Ridley disse, agarrando o homem pelos cabelos e puxando a cabeça dele para trás. E sorriu quando o homem se curvou, gritando de dor. - Você não deve ir embora antes de sermos apresentados.

Ridley puxou o homem para cima de novo e lhe deu dois socos na barriga. O homem se curvou, sem ar e começando a vomitar. Ridley puxou os cabelos do homem, forçando-o a se afastar dele. Quando o homem já não tinha mais o que vomitar, Ridley o jogou contra a porta. O homem se arrastou, com as mãos dobradas na cintura.

- Quer isso? - Ridley zombou, segurando as roupas do homem. Seu riso ecoou no saguão, enquanto o homem corria. - Ah, sim. Um homem de verdade.

- Você não precisa fazer isso - Markowitz disse.

- Ah, não? - Ridley lhe dirigiu um olhar inocente. Você fez o dossiê, Marky. Você sabe como ele joga duro. Com mulheres, é claro. Talvez ele tivesse tentado nos levar junto. Quer dizer, ele poderia ter machucado A. C. Eu estava apenas tomando umas medidas de precaução.

- Você está doente, Ridley - Markowitz disse.

- Pelo menos não preciso amarrá-las para ter uma garota. E quanto a você, Marky? Já conseguiu sem cordas?

- Parem com isso, vocês dois. Estamos aqui a negócio. -Crenshaw voltou-se para a mulher. - Viemos conversar com você, Candy.

Candy esticou o pescoço, tentando soltar a tira com os dentes, mas Crenshaw deu-lhe uma bofetada e colocou a tira que a prendia fora do alcance da mulher.

- Ainda não, querida.

- Não tenho nada para falar. - Os olhos de Candy chispavam de raiva, mas ela se mantinha quieta. - Vocês estão me custando 500 neoienes, e se n3o se mandarem agora, Alfie vai mandar os grandalhões dele atrás de vocês.

- Deixe ele tentar, garota. - Ridley levantou os braços e dobrou os punhos. Nove centímetros de lâmina de aço-cromo saíram de uma bainha, brilhando na luz vermelha. - Eu como valentões no café da manhã, depois saio para fazer uma refeição de verdade.

Crenshaw sentou-se na beirada da cama.

- Você entende, Candy. Em seu jeito tosco, meu associado disse uma verdade. Não temos necessidade de temer os valentões do seu amigo Alfie, já que podemos nos proteger. Você, por sua vez, não tem ninguém para protegê-la contra nós. Você não vai precisar disso, porém, se nos disser o que queremos saber.

Candy crispou o rosto e virou a cabeça.

- Sabemos que você estava vendo um administrador de empresa chamado Konrad Hutten.

Não houve reação.

- Sabemos também que você trabalha para a Congenial Companions, que arranjou sua ligação com Hutten. Quem é o seu chefe, Candy?

- Vá verificar no Hall de Registros.

Crenshaw assentiu para Ridley. Ele se dirigiu para a lateral da cama onde Candy pudesse vê-lo. Abaixando-se, ele passou uma lâmina pelo rosto dela. O sangue jorrou pelo corte que ele fez.

- Reconsidere, menina, ou você perderá algo muito caro a você.

- Sente em cima de sua lâmina.

- Má resposta, menina. - O braço de Ridley lampejou, cortando o punho da mulher. A mão dela caiu no chão, enquanto jorrava sangue do punho. Ela começou a gritar.

- Ridley! - Markowitz inclinou-se para a frente, sendo detido por uma lâmina ensanguentada cuja ponta estava a menos de um centímetro do seu olho direito.

- Isso é negócio, cara. Quer sentir o gosto também? -Ridley perguntou com os dentes apertados.

Crenshaw os ignorou e falou com a mulher.

- Você vai sangrar até morrer a menos que me diga o que eu quero saber. Agora, para quem você trabalha?

- Você não vai me deixar morrer? - a voz de Candy tremia. Ela estava quase entrando em estado de choque.

- Claro que não, querida. Para quem você trabalha?

- Ajude-me primeiro - ela pediu.

- Não, querida. Você tem que falar primeiro.

Candy começou a chorar, sua respiração irregular e difícil.

- A cadela elfa - ela sussurrou. - Chama-se Hart.

- Este é o nome que eu ouvi antes. Você devia ter falado logo, Candy. Não havia necessidade de você se machucar. -Crenshaw se levantou. - Markowitz, cuide do braço dela e depois chame uma DocWagon.

Markowitz deu um último olhar para Ridley e passou perto deste para chegar à cama de Candy. Com movimentos rápidos, ele soltou a tira de pano que estava livre e a amarrou no braço de Candy, fazendo um torniquete. Quando ele fez isso ela já tinha desmaiado.

- Você não precisava mutilá-la - disse ele.

- Chega de barulho, Marky. - Ridley bateu com uma das agulhas em seu braço de cromo. - Gente assim tem sempre crédito. Ela pode comprar tecnologia. Poderão torná-la mais rápida, mais forte, melhor!

O riso selvagem de Ridley fez o estômago de Crenshaw se revirar. O homem estava no limite e tinha de ser vigiado. Se fosse o caso, ela poderia enviá-lo contra Hart. Ele provavelmente não conseguiria agarrar a elfa, mas certamente o tiraria de junto de Crenshaw.

## 47

A esquina era como uma centena de outras no metroplexo a esta hora do dia. Correndo por ali passavam assalariados e mulheres de empresa, todos tentando chegar em casa antes que a vida noturna da cidade tomasse conta das ruas. Ou então estavam por ali para se juntar a esta mesma vida noturna. A primeira leva de seres noturnos já saíra. Chipirados viciados em quimicália e os que têm conexão de dados na cabeça estavam perambulando atrás das próximas ações, enquanto roqueiros brilhantes moleques convencidos passavam a caminho da próxima cena. A única coisa que tomava esta esquina diferente era o Mitsubishi Nigthsky preto, andando devagar para parar junto ao meio-fio.

As portas da limousine que davam para o lado da calçada se abriram. Uma ork corpulenta desceu e assumiu uma postura rígida e vigilante. O uniforme cinza que usava fora feito para aumentar sua presença já considerável. Pela porta aberta Sam pôde ver que o motorista usava um uniforme igual; ele também era um ork.

A porta traseira revelou um interior frio, escuro. Uma mulher, que ele reconheceu como a secretária de Lofwyr, sentava-se num banco de armar que ficava de costas para a divisão que separava o compartimento sibarítico de trás do centro de controles da frente. Em frente a ela sentava-se um homem cujo rosto não lhe era familiar. O homem, tão à vontade que só poderia ser o proprietário do veículo, era esguio e bem vestido. Cinquentão

e bem distinto, ele usava seu cabelo grisalho num corte antiquado. Quando sorria, um brilho de ouro surgia entre seus dentes.

- Por favor, entre, sr. Verner - o homem disse. - A calçada não é local para tratar de negócios.

Sam passou os dedos pelo cabelo, um sinal para o Fantasma de que o contato chegara. Ele ouviu o som da motocicleta do indígena dando a partida, mas o ruído do tráfego rapidamente abafou o som. O Fantasma estava pronto para segui-lo, pois eles previram a possibilidade. - Espero que esteja tudo bem.

Sam entrou no Nightsky e se sentou no luxuoso banco de couro. Sem que ninguém tocasse, a porta se fechou silenciosamente e a paisagem do lado de fora da janela começou a se mover. Sam não sentira a ork voltar ao banco dela ou o carro começar a andar. Ele se voltou para seu anfitrião. - O senhor é o sr...

- Enterich. - Ele estendeu a mão.

Sam começou a estender a mão, mas deteve-se, olhando para o anel de prata que o homem usava. Era esculpido na forma de um Dragão. Haesslich usara um Dragão de prata quando apareceu como o sr. Drake.

- Está admirando meu anel. Uma obra requintada, não acha? É uma herança de família que data, eu acredito, do século catorze. A imagem é uma espécie de trocadilho. Você entende, eu tinha antepassados ambiciosos. Pensavam que a imagem de um dragão que expele fogo era uma insígnia melhor para uma família empreendedora do que um remador de lago emplumado.

- Não entendi.

- Um dragão, sr. Verner. - Sam ainda devia parecer perplexo, pois seu anfitrião acrescentou: - O dragão que expele fogo era chamado antigamente na língua inglesa drake. Em alemão, Entendi significa pato macho.

Sam deu um risinho nervoso.

- Acredita no destino, sr. Verner?

- Não costumava.

- O que sugere que agora acredita.

Sam já não tinha mais certeza, mas o que este homem queria saber?

- Por que pergunta?

- Pareceu reagir muito fortemente ao meu anel. Talvez tenha tomado meu anel ou meu nome como um símbolo. Muitas pessoas têm esta crença hoje em dia. Parte do renascimento das magias, suponho.

- Não - Sam disse. - Não tomei como signo de nada. - Exceto pela possibilidade de você ser um dragão.

- Ah, então é um prazer negociar com um homem racional. Acho que isto vai tomar as coisas muito mais fáceis. Agora podemos discutir sua reivindicação a Lofwyr?

- Antes de passarmos a isso, permite que eu telefone a meus associados para dizer a eles que tudo vai bem? Eles não esperavam que eu fosse apanhado.

- Eu entendo, sr. Verner. Karen, faça uma ligação para o nosso convidado.

- Ah, tenho o meu próprio - Sam disse, mostrando a cabeça.

Sam recostou-se, colocando a cabeça voltada para a frente, sobre o peito, a posição que ele vira sendo adotada por usuários deste tipo de ligação. Fechou os olhos como se estivesse se concentrando para enviar os comandos para a chamada. Mas em vez disso, concentrou-se em penetrar no espaço astral.

A transição se deu rapidamente e ele abriu seus olhos astrais para olhar para o sr. Enterich, que surpreendeu Sam por ainda aparecer como um homem. Quando Sam se voltou para Karen, viu o ser peludo que ele conhecera como Jacqueline, a pé-grande. Então a visão dele não se enganara e ele ainda podia penetrar em ilusões. Como precaução, ele checkou os orks no banco da frente, embora cheios de equipamentos bioeletrônicos. Deixando a pose de fazer uma ligação, ele voltou ao ambiente mundano. - Tudo resolvido - disse ele.

O sorriso do seu anfitrião foi aconchegante. - Ótimo. Agora vamos voltar às suas preocupações sobre os acordos com Lofwyr?

- O senhor já expressou parte disso. Agora foi a vez de Enterich parecer confuso.

- O que é?

- Que Lofwyr sabia que Drake era Haesslich. O senhor disse isso e eu nunca lhe disse.

- Não teve a intenção de duplicidade, sr. Verner. Lofwyr sugeriu que nem tudo era o que parecia ser com o sr. Drake. Deixando que o senhor descobrisse este fato sozinho e demonstrando determinação continuada em prosseguir, deu certeza ao dragão de que o seu esforço valia a pena a ajuda dele.

- Então o que ele planeja fazer?

- Lofwyr deixa o planejamento com o senhor. O envolvimento dele diretamente neste assunto não é político.

- Então ele espera que eu agarre Haesslich sozinho? -Sam estava incrédulo. O que fazia um dragão pensar que um humano poderia realizar, se o próprio dragão tinha medo de se envolver?

- Não há necessidade de ficar tenso, sr. Verner. Posso lhe dizer com segurança que Lofwyr não espera que o senhor agarre Haesslich diretamente ou sem apoio. Quando o senhor tiver preparado seus planos, contacte-me. Se o seu esquema mostrar uma chance razoável de sucesso, podemos arranjar certos recursos para ajudar no esforço. Discretamente, é claro.

- Que tipo de recursos?

- Suprimentos, equipamento e dinheiro são os mais fáceis de serem obtidos, desde que suas necessidades estejam dentro de limites razoáveis. Pessoal adicional não especializado também pode ser arranjado. Enquanto isso, por favor aceite os serviços de minha assistente, Karen Montejac, como uma ligação e uma conselheira.

Sam olhou para a mulher que ele sabia ser uma pé-grande e uma maga. Ela sabia que ele sabia?

- Algum problema se eu lhe telefonar, Jac?

- Eu acharia encantador - ela disse, sorrindo alegremente.

# 48

-Jenny?

- Bem aqui, chefe. - A resposta da tecnauta veio do terminal de Hart.

- Alguma coisa sobre Candy?

- Nada de novo. Ela ainda está sedada e ainda não identificamos ninguém que batesse com a descrição dos assaltantes dela. Foi bom ela ter conseguido cobertura de substituição no seguro.

- Eu não mandaria ninguém para aquela coisa depois do que fizeram com a primeira garota. Candy estará ótima daqui a alguns meses.

- Hei, chefe, acha que eles a atacaram porque era uma mensageira?

- Isso tem me preocupado. Ela é a única que esteve na aqui-sede duas vezes.

- Ela era uma garota ocupada antes de a senhora a convocar - Jenny disse. - Talvez tenha sido alguma coisa pessoal.

- Vamos esperar que sim. Continue de olho.

- Afirmativo.

Hart voltou a estudar os arquivos que o major Fuhito tinha lhe fornecido sobre runners conhecidos. Ofereciam pouca esperança, mas continuou olhando em busca de alguma pista que a levasse a Verner através dos associados dele. Ninguém caminhava sozinho pelas sombras; mas como podia haver tão pouco sobre o nome que eles tinham? Este Squivo era quase como uma sombra, mas qualquer tecnauta tão bom quanto o arquivo dele indicava seria evasivo. Ela acabara de ler o arquivo pela décima vez quando Jenny a interrompeu.

- Chefe, não sei se o ataque contra Candy foi pessoal. Alfie tem companhia lá embaixo.

- Que tipo de companhia?

- Uma mulher dizendo se chamar Alice Crenshaw insiste em vê-la.

- Crenshaw? Segurança da Renraku?
- Quantas pode haver?
- E ela deseja ver o proprietário, certo?
- Não foi bem assim, chefe. Ela chamou a senhora pelo nome.

Isto era problema. A vice-chefe de segurança da Renraku ir até o inimigo conversar não era absolutamente um procedimento padrão.

- Jenny, você ainda pode pegar a mensageira desta noite?
- Afirmativo.

- Mande ela dizer à coisa que a ação de amanhã à noite será a final. As coisas estão fervendo.

Crenshaw seguiu o guia pela escada. Ela não estava preocupada indevidamente. A segurança física no prédio não era suficiente para impedi-la de sair se Hart se mostrasse difícil ou instável. Não que ela esperasse uma reação assim. Pelo que ela soubera, esta Hart era uma profissional completa, mercenária até a alma. Crenshaw tinha confiança de que ela poderia ser razoável com a elfa.

O grandalhão da Califórnia Livre abriu a última porta e entrou.

- Obrigada, Ralphie - disse ela, passando por ele. –É Alfie.

Ela o ignorou, tentando formar uma impressão pelo aperto de mão da internacionalmente renomada Hart. Hart estava sentada, mas era óbvio que era alta, como a maioria do gênero dela. Ela tinha também a pele lisa, rosto oval e feições delicadas, astutas que os homens, os normais e os elfos igualmente, apreciavam tanto. Se Hart estava um pouco do lado das magricelas, esta também era uma preferência popular. Crenshaw lembrou-se que Hart tinha de ter miolos. Jamais teria durado tanto assim no negócio.

Hart não fez qualquer menção de se levantar ou de saudar sua visitante. Ela simplesmente recostou-se em sua cadeira com um olhar de calma expectativa. As mãos estavam fora da visão, atrás da mesa. Crenshaw puxou uma cadeira de cromo e plástico em frente à mesa, ignorando a poltrona que já havia ali. Hart ainda não dissera coisa alguma.

Crenshaw escolhia suas palavras com todo o cuidado.

- Antes que você faça algo do qual nós duas vamos nos arrepender, deixe que eu lhe diga que só vim aqui para conversar. Achei que deveríamos poder nos olhar olho no olho, uma profissional olhando para outra profissional. Também me senti obrigada a lhe dizer que meus associados que estão por perto não aceitariam tranquilamente qualquer demonstração de violência.

- Eles estão preparados para dragões? - Hart perguntou suavemente.

- Como?

- Tenho um amigo emplumado aqui por perto que também, como você diz, não aceitaria tranquilamente a violência.

- Ah, a serpente que ajudou você a extrair Samuel Verner da arquise. Bom. Se tivermos um empate de músculos podemos ir direto aos negócios. - Hart inclinou a cabeça, o que Crenshaw tomou como uma concordância. - Como está o sr. Verner?

- Eu não saberia dizer.

Uma admirável "blefada", Crenshaw pensou.

- Vamos, Hart. Sei que você e ele estão trabalhando juntos.

- Então sabe mais do que eu.

- Quer me dizer que Samuel Verner não está por trás deste complô para subornar um membro da Diretoria Especial da Renraku?

Hart franziu o rosto.

- Não gosto de tomar seu trabalho mais fácil, Crenshaw, mas Verner é alguém que eu gostaria de ver fora de cena. Ele tem sido um problema para mim.

Crenshaw achava interessante uma debandada entre os runners, mas nada incomum. - Quer você admita ou não estar trabalhando com Verner, seu próprio envolvimento é nítido. Eu soube também que você atraiu Konrad Hutten, embora tenhamos de determinar ainda que tipo de poder você tem sobre ele.

- Se você descobriu um elo fraco em sua corrente, por que simplesmente não o corta?

Crenshaw estava gostando da interação. Uma oponente digna era raro. Se este jogo iria levar sua vida para cima, tal oposição admirável o tomaria duplamente admirável.

- Tenho meus próprios interesses, Hart. Contanto que não haja qualquer brecha na segurança da Renraku, posso esperar e cuidar de cada aspecto da situação de cada vez.

"No momento, estou interessada em Samuel Verner. Você disse que também gostaria de vê-lo longe de você. Talvez neste momento possamos ser aliadas ao invés de adversárias."

Os músculos faciais de Hart se contraíram um pouco, o que Crenshaw tomou como um sinal de que a elfa estava conjecturando sobre as possibilidades. Soube que estava a meio caminho do que queria quando Hart perguntou:

- O que você sugere?

- Já que Verner está nos trazendo tantas dificuldades em sua atividade nas sombras, talvez possamos persuadi-lo a entrar no mundo das luzes. Sei que ele está envolvido numa tentativa contra a Diretoria Especial, mas você disse que Verner não faz parte da sua operação. Qualquer que seja o caso, nenhuma de nós quer que ele toque no projeto. Você porque o deseja para si; eu porque pertence à minha empresa.

"Se ele acreditasse que poderia ter o que deseja e ficar longe de você ao mesmo tempo, ele não aceitaria?"

- Possivelmente - Hart admitiu rapidamente. - Mas o que eu ganho com isso?

- O óbvio. Sua concorrência está eliminada.

- Enquanto você acaba com minha operação. Crenshaw sorriu.

- Ah, não. Pelo menos não totalmente. O dr. Hutten é um membro ativo do projeto. Você terá outras chances.

- Enquanto você observa cada passo dele.

- Eu não prometi que as coisas iriam ser fáceis.

A operação de Hart tinha se tomado definitivamente mais difícil agora que alguém da Renraku sabia dela. A elfa achou que Crenshaw deixaria que tanto ela quanto Verner fossem à arqui-sede contactar Hutten. Hart preveria a armadilha de Crenshaw, mas o associado dela, Verner, não. A elfa poderia lançar Verner aos lobos proverbiais, escapando na confusão e tentando levar Hutten com ela. Era exatamente o que Crenshaw faria no lugar dela. Não era nada certo, mas que outra escolha» Hart tinha? O grande problema dela era Crenshaw saber da operação para subverter Hutten. Com a segurança em alerta máximo, a única chance de Hart realizar a extração seria durante a confusão em torno da captura de Verner.

- Crenshaw, sua oferta é péssima. Mas você não me deixa muita escolha. Verner tem que sumir, e depressa. Há ainda a questão de quando. - Hart colocou o dedo sobre a tela do terminal que estava sobre a mesa dela. - Nosso homem ia se encontrar com... comigo amanhã à noite, uma espécie de relatório de desenvolvimento. Já que você está de olho nele, suponho que você vá cancelar.

Bom contra-ataque, Crenshaw pensou. Hart estava tentando acelerar os preparativos de Crenshaw, sem dúvida esperando que ela esquecesse algo ou deixasse alguma coisa solta que pudesse desemaranhar a armadilha da Renraku o suficiente para dar a ela espaço para se mover livremente. Bem, Sato estava forçando uma resolução também. Crenshaw ficaria igualmente feliz em ter o paradeiro de Verner o mais cedo. Além disto, Hart poderia também cometer um erro com tanta afobação. - Não, de modo algum. O que precisamos é arrancar Verner das sombras num lugar onde possamos acabar com ele.

- Você não tem medo de que nosso homem fuja? Crenshaw sorriu para mostrar a sua confiança. - O projeto fez muito pouco progresso - ela mentiu. Se você o arrancar agora, conseguirá praticamente nada por todo o seu esforço.

Crenshaw tinha certeza agora de que Hart estava com garantias para tentar arrancar Hutten. Se Hart pensava que poderia pegar Crenshaw desprevenida, a elfa seria menos cuidadosa em seus preparativos. A armadilha de Crenshaw estaria pronta para entrar em ação, e ela estaria mais do que pronta para a elfa. Depois de terem acabado com Verner, Hart seria a próxima. Se a elfa fosse capturada ou morta não importava para

Crenshaw. Em qualquer dos casos, Crenshaw teria o crédito por revelar o traidor, eliminando o renegado e detendo a notória shadowrunner Hart.

- Há um pequeno furo no seu plano para se livrar de Verner - Hart disse. - Ele não pode aparecer a menos que saiba do encontro.

- Não há dificuldade - disse Crenshaw. Eu poderia deixar que você falasse com ele, querida, mas então eu tenho de manter a farsa de continuar acreditando em você. - Isso pode ser arranjado.

Hart ficou aliviada quando a porta se fechou atrás de Crenshaw. A mulher era uma manipuladora de primeira, mas as ferroadas da outra confirmaram os temores de Hart. Crenshaw sabia demais e era possível que o restante da segurança da Renraku soubesse menos. Hora de salvar-se a tempo. Ela realizaria a coisa esta noite se achasse que podia ser feita.

Agora Verner aparecera novamente. Todos os esforços dela fracassaram para localizá-lo e aqui estava Crenshaw oferecendo a isca para atraí-lo. A mulher parecia obsecada com ele, incapaz de aceitar a negativa de Hart de que não tinha ligações com o homem. Crenshaw poderia até pensar que Hart estivesse mentindo para encobrir Verner. Bem, isto agradava Hart. Deixe que Crenshaw tire todas as conclusões erradas. Isto daria a Hart todo o tempo de que precisava.

Ela sabia que Crenshaw esperaria que fizesse uma tentativa de retirar a coisa na noite seguinte, embora Hart não estivesse segura se a mulher sabia sobre a coisa que eles tinham plantado na Diretoria Especial. A força de Crenshaw estaria aguardando para colocar o pobre e desorientado dr. Hutten dentro do abraço quente da Renraku enquanto, ao mesmo tempo, dispendo de alguns incômodos shadowrunners. Hart já enfrentara e vencera armadilhas mais elaboradas e bem-feitas do que esta. Na verdade, a cumplicidade de Crenshaw a colocaria dentro do círculo da segurança. Depois disto, tinha de se preocupar apenas consigo. A segurança da Renraku estaria esperando que ela agarrasse o homem lá dentro, mas ela não tinha a menor intenção de fazer isso. Hart queria apenas os dados.

Esta era agora sua grande preocupação. Ela esperava que a cadela Crenshaw estivesse blefando quando disse que a equipe não obtivera muito êxito, porque Haesslich ficaria muito infeliz se o brinquedo dele não tivesse nada para lhe dar. Os relatórios preliminares do doppelganger tinham sido

todos otimistas, aludindo a tudo o que o dragão esperara. Se Crenshaw estivesse falando a verdade, aquela coisa devia estar jogando seu próprio jogo. Wilson lhes garantira completa lealdade da coisa, mas ela já se enganara antes. Hart lembrava-se do terror quando ela se escondeu no box do chuveiro com a coisa se mexendo logo ali perto. A coisa quase a agarrara ao invés de Hutten porque Wilson calculara mal o tempo de reação da coisa às drogas. Haesslich sugerira que ele sabia alguma coisa sobre o doppelganger que o doutor Wilson não sabia, mas a peste não compartilhara o segredo com Hart. O dragão insistira apenas em que a coisa jamais o trairia. Isto significaria que a coisa a trairia?

Valeria o risco? Haesslich estaria pronto para vê-la morta porque ela sabia sobre os seus planos. Por tudo o que ela soubera, ele jogava duro com subordinados que fracassassem, sem importar com quem estivesse errado. Continuar trabalhando para o velho verme parecia oferecer menores possibilidades de sair desta viva.

Deixar Verner cair na armadilha resolveria muitos problemas. Com os acertos adequados, ela poderia certificar-se de que ele fora morto. O doppelganger também. Nem mesmo Haesslich poderia culpá-la se a segurança da Renraku acabasse com o brinquedo dele. O contrato dela para proteger o investimento do dragão nesta operação estaria encerrado.

Verner de fora, a utilidade do doppelganger estava concluída. Crenshaw conhecia o núcleo do projeto IA. Se Verner caísse na armadilha, a Renraku poderia abocanhá-lo e manter os segredos deles. Se Hart fosse, ela poderia dar um jeito de arrancar os dados. Caso Hart conseguisse entregar o doppelganger e os dados a Haesslich ou se a coisa permanecesse dentro da arqui-sede depois da noite seguinte, esta ação estava chegando ao fim.

Ela se recostou, avaliando as chances e ponderando como poderia sobreviver.

# 49

A luminosidade acizentada de antes da aurora começou a se filtrar através das cortinas grossas do apartamento térreo que o Fantasma escolhera para a reunião de estratégia. De todos eles, somente Karen Montejac ainda parecia inteira, mas Sam sabia que era somente uma ilusão. Ele imaginava se os demais tinham percebido.

- Mais alguma idéia? - ele perguntou.

- Sim - disse Sally, esfregando os olhos. - Dormir.

- Realmente, sr. Mobile. Este parece ser o melhor plano. Já repassamos isso o bastante. A menos que surja alguma coisa nova, nossa única opção é tirar Hutten da arqui-sede.

- E eu ainda digo que entrar e tentar arrancá-lo de lá é muito perigoso - o Fantasma disse com a voz arrastada.

- Eu sei, Fantasma - Sam disse. - Eu sei. Mas não há outro jeito. Hutten é a prova de que precisamos contra Haesslich.

O Fantasma dobrou os braços sobre o peito e franziu o rosto.

- Você quer acabar com esse cara, acabe. Fisicamente. Antes que ele pegue você. Muito arriscado ir na arqui-sede.

- Não é essa maneira como eu quero fazer - disse Sam de modo cansado. - É uma questão de justiça, não de vingança. Haesslich não é um runner sem dados. Foi escolhido para viver no mundo empresarial assumindo um emprego de diretor de segurança da United Oil. Ele conseguiu até uma SINA. Quando assumiu esse emprego, tornou-se parte da sociedade e está sujeito às leis da sociedade. Pretendo que ele pague todas as culpas sob as penas da lei. Dentro da lei. Não fora dela.

O Fantasma deu de ombros e virou o rosto. O silêncio na sala ficou mais intenso. Sam olhou para Squivo em busca de apoio, mas o elfo não o encararia. Ele sabia que era melhor do que tentar Sally. Ele estava começando a se sentir abandonado quando Jaq pigarreou.

- Vocês estão conscientes de que pode não haver alternativa para matar o dragão? Nenhum dos planos que analisamos oferece uma oportunidade razoável de sucesso para obter de modo seguro a prova que vocês desejam. A sanção pode ser a única maneira de deter Haesslich.

Sam olhou para ela, imaginando o rosto contornado de pelos atrás da máscara loura de Karen Montejac. Outro rosto, o de Lofwyr, se esconderia atrás das palavras dela? Matar era uma prerrogativa do estado. Qualquer indivíduo que assumisse este direito com as próprias mãos estava cometendo assassinato, e o assassinato era um pecado. Sam não estava preparado para acrescentar este à lista que a alma dele acumulara nos últimos dias.

Senhor, por que fez isso tão difícil?

Os demais não acreditavam que houvesse esperança de levar o dragão a qualquer outra justiça que não fosse a própria rude justiça deles. Eles estavam muito errados? Ele sabia o que Haesslich era. Ele temia o que ele poderia fazer se seguisse seus esquemas. A alma de Sam valia mais do que as almas sem número que seriam marcadas ou destruídas se Haesslich fosse deixado vivo?

Ele estava exausto. Talvez exausto demais. A solução deles era a mais fácil. Matar o dragão e pronto. Mas seria uma solução moral?

E se fossem matar o dragão, como fariam isso? Ele vira Tessien destruir o blindado de Begay, e Tessien era menor, presumivelmente menos poderoso do que Haesslich. Iria ser preciso muito poder de fogo. Qualquer coisa que ferisse o dragão mataria também as pessoas que estivessem perto. Se inocentes morressem, Sam e os demais seriam tão maus quanto Haesslich. Fora o Fantasma que sugerira matar o dragão. Ele era o guerreiro; ele entendia de armas e de táticas. Talvez o Fantasma pudesse arquitetar uma forma de pegar o dragão sem envolver outras pessoas.

Quando Sam se voltou para o lugar onde o Fantasma estava de pé, o local estava vazio. O indígena estava acocorado perto da porta, uma Ingram em sua mão direita. Os demais tinham espantado a letargia e estavam prontos para a ação. Sam apanhou sua própria arma.

Depois de ouvir um instante, o Fantasma anunciou:

- Kham está vindo.

Com um suspiro de alívio, Sam largou sua arma. Um instante depois Sam ouviu o ruído de pés na escada de madeira. A porta se abriu e Kham, com fôlego curto, entrou na sala.

- Está atrasado, sr. Presa.

- Squivo - Sam repreendeu. - Que bom que você decidiu aparecer, Kham.

- Não se precipite, amiguinho - o ork disse de mau humor, passando por ele em direção a Sally. - Apenas recusei um convite para uma festa na qual vocês podiam estar interessados. Uma porção de gente da Raku, rapaziada do heavy metal. Vão celebrar a chegada de alguém importante.

- Quando? - Sally perguntou.

- Onde? - Sam perguntou.

Kham deu um olhar mal-encarado para Sam e novamente se dirigiu a Sally.

- O avião para Sea-Tac desce às onze. Última parada na arqui da Raku, onde esperam que o convidado de honra embarque.

Squivo assoviou.

- O grande verme chama, e os filhotinhos vão correndo. Ai vão os conspiradores. A Renraku caiu no esquema deles. Eles devem pegar Hutten.

- Talvez - Sam disse. - Fiquei sabendo que as empresas às vezes esperam até que um fugitivo tente embarcar num avião que vai para fora antes que ajam para pegá-lo de volta. O embarço adicional pode tornar um renegado mais tratável. Se estiverem esperando no aeroporto, podem não saber que ele está indo para o dragão. Podíamos agir lá.

Kham deu uma gargalhada.

- Ora, os vermelhos da Raku estão esperando no aeroporto, tudo bem. Esqueça. Não precisam de muita luta e de artilharia pesada para um rato de laboratório fraco.

- Se eles estão preparados para o dragão podemos fazer com que o peguem. Vamos deixá-los dançar com o verme. Se sobrar alguma coisa depois dos tiros, então talvez você possa se satisfazer. Se a Raku está

preparada para o dragão não há como pegar Hutten no aeroporto - disse o Fantasma.

- Então teremos de pegá-lo em algum outro lugar - Sam anunciou. - Esta é a nossa chance. Quando ele estiver fora das paredes da arqui-sede teremos uma chance melhor de pegá-lo porque a segurança dela não estará mais no nosso caminho. Kham, como exatamente você descobriu isto?

O ork jamais teve chance de responder.

Disparos de armas automáticas romperam pelas cortinas, fazendo uma linha na parede interna. Kham estava no caminho daquele trajeto mortal. Caindo sobre a mesa, ele gemeu de dor e de surpresa.

Um segundo depois, as cortinas perfuradas curvaram-se para dentro sob o impacto do furacão cromado de um assassino. Sally estava curvada quando o invasor irrompeu na sala. Abrindo caminho entre o tecido que o impedia com suas agulhas duplas, ele se lançou sobre o ork. O Fantasma fez um disparo com sua Ingram, mas as balas voavam no espaço vazio.

Kham debateu-se na mesa e virou-se a tempo de ver o rosto do assassino, que ia na direção dele.

- Ridley, seu louco...

- Engula esta, dentuço - Ridley gritou quando se lançou pelo braço levantado e na carne da coxa de Kham. O ork gritou e caiu no chão numa poça de sangue. Ridley nem olhou para seu oponente caído antes de pular a mesa.

Sam não tinha dúvidas sobre o próximo alvo do homem das lâminas; podia ver sua própria imagem refletida nos olhos espelhados. Ele partiu para sua arma, sabendo que mesmo que conseguisse acertar no selvagem, a droga não provocaria efeitos antes que Ridley o destroçasse.

O tempo parecia passar com uma lentidão cruciante. Sam viu Ridley cair e absorver o choque com os joelhos dobrados. No mesmo instante, Sam viu o Fantasma atrás dele, erguendo sua Ingram. Sally recuperando-se da colisão inicial com o homem das lâminas, também estava se levantando, bem na linha de fogo do Fantasma. A mão de Sam fechou-se no cabo da Lethe. Ridley avançou, levantando um braço com uma ponta prateada

mortal. Houve um zumbindo nos ouvidos de Sam enquanto ele observava a lâmina sangüinária começando a descer.

O braço de cromo atingiu o alvo, mas não em Sam. Jaq gritou de dor quando afastou o braço fatal da cabeça de Sam com seu próprio braço. Ridley, desequilibrado, recuou, voltando seus olhos para a salvadora de Sam.

O atraso era tudo de que Fantasma precisava. Primeiro uma, depois a outra das suas Ingram mandaram projéteis no corpo meio de metal do homem das lâminas. Ridley rodou com a força do impacto, mas a maioria das balas do Fantasma não atingiu a carne. Cintilando e sangrando, Ridley voltou-se novamente contra Sam, uma expressão feroz no rosto. Os próximos disparos do Fantasma deixaram o homem das lâminas contorcendo-se espasmodicamente contra a parede. Ele rico-cheteou, deixando uma mancha de sangue, e caiu no chão.

Uma arma já embainhada e uma faca Bowie de 25 centímetros substituindo-a em sua mão, o Fantasma ajoelhou-se perto do assassino aniquilado.

- O dentuço não vai falar agora. - Ridley cuspiu sangue, mas sorriu.  
- Nada mau para um índio, chaco. Aposto que não pode fazer com o meu rosto.

- Você não está em condição de lutar.

- Vão me reconstruir, troglo-amante, e então vou comer o seu coração.

- Para reconstruir você vão precisar de um cérebro - o Fantasma disse suavemente enquanto enfiava a lâmina pelo queixo de Ridley, perfurando o tecido macio até chegar na base do crânio dele. O homem das lâminas deu outro espasmo.

O fedor de excremento que tomou conta foi mais forte do que o odor da pólvora gasta. A sala estava quieta de novo.

- Mais algum?

- Havia dois no saguão - Squivo disse, guardando sua metralhadora de mão Sandler. - Tiveram o fim de toda carne.

- Carro e motorista na rua - Sally disse. Uma segunda explosão sublinhou as palavras dela. - Agora que está tudo calmo de novo, vou tirar uma soneca. - Ela se recostou na parede, colocou a cabeça sobre o peitoril e fechou os olhos.

Sam caminhou até o outro lado da mesa, onde Jaq estava cuidando de Kham. O ork estava muito mal. Havia sangue por toda parte.

-Ele...

Jaq sacudiu a cabeça.

- Ainda não. Sua armadura deteve as balas. Os ferimentos não vão incomodá-lo muito. O braço está quase partido, e os grandes músculos da perna, cortados. Ele vai ficar um bom tempo no hospital.

- Você não pode fazer nada?

- Não faço milagres. Ele precisa de um médico, e um dos bons.

- Aqui está a lógica do nosso mundo - o Fantasma disse. O único sinal de seu feito recente era o sangue que cobria sua mão. A faca não podia ser vista.

- O que você quer dizer? - Sam perguntou.

- O pessoal do Kham não irá com a gente se ele estiver de fora. Sem esses caras extras, não há como resolver isso.

- E a sua tribo? - A imediata expressão dura do Fantasma disse a Sam que ele dissera a coisa errada.

- Eles não têm nada com isso.

O Fantasma tinha razão, é claro. Os guerreiros não arriscariam suas vidas por alguém que não era membro da tribo deles. O Fantasma não ia impedir Sam de continuar perguntando, mas os seguidores do indígena não sacrificariam suas vidas para satisfazer uma idéia de justiça branca, especialmente ignorando o bom conselho do chefe deles.

Havia, porém, outros que tinham de fato um interesse na questão em causa e que não tinham necessidade da aprovação do Fantasma. A ajuda deles implicava em todo um novo conjunto de obrigações, mas Sam não via

outro jeito de conseguir a força de que precisava a tempo de aproveitar a vantagem da saída de Hutten.

- Bem, Jaq - disse ele, - parece que vamos precisar do seu pessoal.

## 50

O garoto ebúrneo com a capa brilhante corria ao longo dos caminhos pulsantes dos computadores do controle de tráfego aéreo do metroplexo. Ele corria sem erros, em direção a um destino que ele visitara antes. Num lance de escadas e passando por uma porta lustrosa ele seguia, abrindo seu caminho entre a hierarquia dos subsistemas e passando por barreiras como se elas não estivessem ali. Chegando finalmente ao centro de comando, ele enfiou uma das mãos na corrente de dados e deixou um comando atrás. Depois foi embora, passando por contramedidas que jamais souberam que ele esteve ali.

O transportador no aeroporto da Aztecnológica chegaria atrasado na pista da Mitsuhama. Em seu lugar, um Comutador Boeing Federado com a marca da Aztecnológica aterrissaria na Pista 23 da Renraku, precisamente no horário, às 22h 42 min.

Uma parada no transmissor controlador pertencente a Hadley, deixou claro que o sinal de lançamento prosseguiu com o tráfego regular entre o inocente sr. Hadley e seus motoristas de táxi itinerantes. Com aquele sinal, o plano de Sam entrou em ação. A equipe de sequestro seguiu para seu destino e precisava estar lá para se encontrar com eles. O garoto ebúrneo abriu seu manto e se lançou no céu escuro da Matriz, pairando em direção à grande pirâmide negra da Renraku.

Ele circundou a construção cautelosamente, procurando qualquer indício de que o sistema não estivesse na situação normal. Não vendo coisa alguma após três passadas, ele pousou perto da mesma porta dos fundos que usara durante a expedição com Sam. Entrou com o código que roubara e ficou aliviado ao ver o nó calmo. Em seu excitação, esquecera de ativar seu programa de máscara e fez isso somente agora. Depois descansou por

um instante, considerando o melhor caminho para os sistemas de segurança que monitoram a Pista de Aterrissagem 23.

A arqui-sede ainda estava sendo construída. Era de se imaginar que certos sistemas de segurança tivessem de ser instalados durante a construção. Instalação significava planos, e para Squivo, planos significavam um mapa. Ele percorreu um caminho através dos monitores de manutenção dos elevadores até os sistemas usados pelos instaladores e seguiu suas linhas até o plano central.

Squivo entrou num processador auxiliar e ficou satisfeito com o fato de que o padrão da energia que pulsava nas paredes era o que ele buscava. Os dedos digitaram instruções de exibição quando o garoto ebúrneo agitou suas mãos em pseudo-místicos gestos. Um mapa do sistema de controle para os monitores de segurança piscou, mostrando sua existência. Outro gesto, e a imagem correu e se expandiu, destacando a junção intermediária entre a localização corrente e os processadores auxiliares que vigiavam os nós escravos de segurança que guardavam a Pista de Aterrissagem 23. Ele observou a pista e deixou seu trabalho manual se dissolver em nada.

Dois nós mais adiante, ele percebeu uma estranha translucidez nos constructos. Tudo parecia como se tivesse recoberto por uma camada profunda, quase feito espelho, polida. O garoto ebúrneo deteve-se e olhou seu próprio reflexo nas paredes do centro de mensagem. O circuito pulsante característico da imagem do constructo da arquitetura parecia estar recuando, desaparecendo sob o brilho das superfícies refletivas.

Virando-se para fugir, o garoto ebúrneo ficou frente a frente com uma garota de marfim, ambos com o rosto sem feições, o manto dela brilhando como se fosse feito de diamantes.

- Por mim havia esperança de sua volta.

Squivo não conseguiu achar o que dizer.

Os dedos voaram, procurando as inicializações do programa correto para fugir do nó, enquanto a cabeça do garoto ebúrneo virou-se em busca de uma saída. Uma mão bateu na tecla escape, mas os espelhos ficaram mais brilhantes ainda.

- Por mim havia desejo de sua companhia - a garota disse, sua voz mais sedutora do que qualquer uma que Squivo já ouvira de uma mulher de

carne e osso. Ela estendeu uma das mãos para acariciar o rosto dele. - Vem.

E eles estavam em algum outro lugar.

O novo constructo tinha paredes com uma infinidade de espelhos negros, cada um sendo um pequeno segmento das paredes, chão ou do teto. Não havia entrada ou saída aparentes. A garota de marfim, seu esguio corpo de elfa escondido nas dobras do seu manto, estava quase invisível onde se encontrava no centro do cômodo. Tudo o que ele podia ver com nitidez era a cabeça dela com uma forma elegante. Embora a cabeça não tivesse nem cabelos nem características definidas, Squivo estava fortemente convencido da beleza e da feminilidade dela. Ela era uma sereia eletrônica, atraindo a alma dele, atração para seus impulsos, uma parte afastada pela carne mas aqui, e pulsando.

Se ele pudesse se mexer e segurá-la em seus braços.

- Ele não está todo lá, você sabe - uma nova voz disse. Squivo de repente tomou consciência de outra persona no constructo. No lado extremo do cômodo havia outra figura feminina, seus contornos esmaecidos e refratados como se estivesse dentro de um cubo de gelo. Ela parecia estar usando roupa de couro de ciclista, no entanto feita de cromo e não de couro sintético preto. O longo cabelo platinado dela caía num dos lados de seu rosto, encobrindo a lente esquerda de seu óculos de sol.

- Quem é você, Branca de Neve?

- Meus amigos me chamam Jenny. Você deve ser Squivo.

- Culpado, Lady Jenny. Você tem alguma idéia de onde estamos ou de quem é ela?

-Ela?

- Nossa encantadora anfitriã.

- O circuito da sua interface está ruim, Squivo. Encantadora não é bem a palavra que eu usaria para o mais astuto bolo de carne que já vi.

Squivo ouviu tudo aquilo olhando o tempo todo para a anfitriã. Não era uma manifestação comum da Matriz.

- Acho que meus circuitos estão muito bem. Jenny, começo a suspeitar que estamos diante da história.

- Ótimo. Só quero ir para casa.

- Casa - uma adorável voz de contralto disse, mas Squivo suspeitou que Jenny ouviu uma voz masculina, um baixo.

Um painel de espelho da parede se iluminou, um branco brilhante que mostrou a imagem de Holly Brighton, uma estrela internacional do sensorama.

- Fico muito feliz por vocês se juntarem a mim esta noite - o rosto de Holly disse, diante de sua imagem congelada.

Outro painel na parede oposta acendeu e um homem velho, fraco, estava de pé num palco nu com cortinas.

- Temos um show realmente grande para vocês esta noite - ele anunciou enquanto a imagem ficava imóvel.

Um terceiro painel se acendeu. Desta vez era um jovem com olhar intenso e uma aparência que parecia chique na virada do século. Ele estava numa espécie de sala de conferências e apontava para um quadro e dizia:

- O Mal, puro e simples, via...

Os demais painéis se iluminaram, imagens aparecendo e sumindo com uma velocidade espantosa. Squivo não conseguia entender nada daquilo até que, depois de alguns poucos instantes, elas reduziram a velocidade. Cada painel piscava sua própria série de imagens das câmeras de segurança da arqui-sede e dos canais internos de difusão. Uma reduziu mais, mostrando foto a foto, até deter-se na imagem de um vôo. Outra parou também na mesma cena. Uma terceira se seguiu e uma quarta, até que todas congelaram na mesma imagem. Cercando-o por completo como se os espelhos tivessem milhares de imagens da Pista de Aterrissagem 23.

# 51

Na Pista de Aterrisagem 23, Crenshaw estava ficando um tanto nervosa. Eram 10h38min e nenhum sinal de Verner.

- Addison - ela chamou no comunicador - algum sinal de penetração na Matriz?

Levou algum tempo para que ele respondesse.

- Acho que não. Uns poucos sinais no sistema, mas não parece um tecnauta inimigo. Nada passou pelos algemas em torno da pista.

- Chame assim que alguma coisa aparecer. Crenshaw desliga.

A equipe de Sam estava entrando num jogo muito profundo que no momento devia ter um tecnauta a postos observando. Seria o tecnauta de Sam tão bom a ponto de se desvencilhar do gelo da arqui-sede e de Addison também?

Ela saiu no pátio de aterrisagem onde poderia esticar o pescoço para verificar o que acontecia. O vento jogava seu cabelo no rosto, mas o cabelo não se acomodava quando ela o ajeitava e tomava a cobrir os olhos dela. Um pequeno ajuste reduziu o reflexo e deixou que visse o pequeno grupo observando a pista no calor e segurança da sala protegida com transparax. Sato estava de pé, junto ao peitoril de metal, as mãos cruzadas para trás. À esquerda dele ficavam seus guarda-costas especiais e à direita Marushige e Silla. Crenshaw franziu o rosto devido à indesejável presença do diretor de segurança. Somente ela deveria aparecer nesta ação de hoje.

Uma equipe de pessoal de terra com uniformes brancos saiu da sala de controle de operações, rumando para suas posições. A nave deveria estar se aproximando. Uma leve agitação perspassou pelos passageiros que aguardavam atrás do portão de embarque. Expectativa, ela pensou, mas não aquela de turistas ansiosos pelas férias. Exceto Hutten, todas as pessoas eram agentes de segurança da Renraku, que substituíam os verdadeiros passageiros do avião por ordens de Crenshaw. Eles foram avisados para esperarem os runners antes da aterrisagem ou durante o pouso.

E onde estavam aqueles runners, afinal de contas? As informações que Crenshaw recebia do monitor de tráfego aéreo da arqui-sede davam conta apenas da aproximação do avião da Aztecnológica. A patrulha de perímetro de terra estava observando apenas um tráfego normal. O esquadrão duplo de Samurais Vermelhos de prontidão dentro do prédio bloqueava eficazmente qualquer tentativa de aproximação que o pessoal de Verner pudesse fazer de dentro, partindo-se da premissa de que tivessem penetrado na arqui-sede anteriormente.

Ela caminhou até o grupo que estava no portão de embarque. Hutten estava perto do meio. A tênue iluminação da pista colocava as feições dele em alto-relevo, conferindo-lhe um aspecto selvagem que ela jamais observara. Adequado, pensou. Ele estivera agindo como um urso arrancado de sua hibernação no meio do inverno desde que se aproximara dele naquela manhã para dizer que Hart estava preocupada em ele ir ao encontro. Apesar das garantias de Crenshaw de que ela fazia parte da operação de Hart, ele provavelmente temia algum tipo de farsa. Tinha razão, logicamente. Mas ele não era o alvo esta noite. A vez dele chegaria mais tarde.

- O avião já vai chegar. Podem relaxar.

Hutten olhou para os demais passageiros que esperavam e colocou a pasta junto ao peito. Ele se curvou um pouco e sussurrou para Crenshaw:

- Alguns deles estão armados. Deve haver alguma coisa errada.

- Não se preocupe. Estamos em 2051. Qualquer pessoa com juízo carrega uma arma. Relaxe. - Ela falou suavemente. - Aí vem o avião.

O ruído dos motores tomou conta de tudo quando o avião inclinou as asas, modificando sua configuração retilínea de vôo, fazendo o motor entrar em ritmo de pouso. Ao ver as paredes inclinadas da arqui-sede da Renraku brilhando, Jacqueline sentiu a expectativa da ação iminente.

Com a aprovação de seus companheiros de ação, Sam dividira o grupo em dois. O grupo de Jaq estava encarregado de agarrar o substituto de Hutten antes que ele entrasse no avião. Ele não deveria chegar ao aeroporto e à emboscada da segurança que esperava por ele e por seu responsável. Enquanto ela e Sam estavam acertando questões de armamento com Enterich, foram informados de que Haesslich não estaria no aeroporto. O

dragão deixaria a operação por conta dos agentes dele, deixando a entrega dos bens para um local que para ele era mais seguro - uma parte deserta dos armazéns da United OU. Sam manifestou seu alívio ao ouvir a informação, pois isso significava que ninguém que estivesse por perto ficaria ferido quando ele enviasse o outro grupo atrás de Haesslich. O plano era confrontar o dragão, enquanto Hart e Tessien cuidariam da desapontada presença da Renraku no aeroporto. Ele considerava esta uma justiça menor.

Ela viu as horas no relógio da sacada. O outro grupo estaria no lugar determinado agora. A decisão de Sam de dividir o esforço do grupo a preocupara a princípio, mas isso fora resolvido de um modo satisfatório. Embora Sam não fosse estar no grupo de ataque, ela arranjava um modo de acertar as coisas. Se tudo o mais falhasse, haveria a magia.

Jacqueline verificou se todos os seus companheiros estavam prontos. Apesar da desaprovação do Fantasma por uma ação envolvendo a arqui-sede, cinco membros de sua tribo foram voluntários em querer ir. Eles eram muito calmos, veteranos lutadores das ruas que pareciam ferozes com sua pintura de guerra. Ela achou que seriam bons na luta, apesar de a presença deles não afetar de modo significativo o plano. A maioria era pouco modificada; apenas o líder deles, chamado Jason, podia ser um problema. Ela gostaria que houvesse mais tempo para compreender todas as suas modificações, mas preferiu que ele ficasse com o Fantasma. Jason não era tão brilhante nem tinha a consciência do chefe dele, mas ela teria de ficar de olho.

Tsung também. Sendo a outra única maga na operação, era um problema em potencial. Até agora a maga se comportara bem, aparentemente sem saber que a imagem de Karen Montejac era uma ilusão.

Se Tsung suspeitasse, ela investigaria com profundidade e descobriria o segundo feitiço. Estragaria tudo se soubesse da outra ilusão que Jaq usaria no pessoal da Renraku. Era desejo do chefe dela que Verner fosse acusado da ação na arqui-sede. O feitiço que faria Jaq parecer Sam executaria isso perfeitamente. Como Sam cuidara apenas de negócios com Karen Montejac, Tsung ficou satisfeita que a última conquista dela estivesse a salvo de invasões e dera pouca atenção a Jaq. Que delícia era a arrogância e o exclusivismo humanos. Com frequência isso tornava a vida de Jaq mais fácil.

Uma vez estando certa de que haveria algum tipo de luta, Jaq achou político acertar alguns números com sua própria tropa. Ela trouxera apenas cinco de seus próprios mercenários, sem contar a equipe de fusores que comandava a aeronave. Todos tinham experiência de guerra empresarial e as devidas modificações adequadas para suas especialidades. Profissionais amadurecidos, eles se adaptaram bem num grupo razoável. Sem gostar de subterfúgios, eles se recusaram a usar as roupas de couro sintético e a pintura de guerra dos tribais, mas logo desistiram da resistência, pilheriando sobre o que as pessoas não fazem por causa de dinheiro. Eram bons soldados. Dez mercenários profissionais teriam acabado com os guardas da pista de pouso da Renraku mesmo com um mínimo de disparos. Um ataque misto de esfarrapados índios da interurbe seria um choque psicológico menos eficaz. Jaq esperava que ela não perdesse muitos dos mercenários caros.

- Chegada prevista para um minuto - o piloto anunciou pelo alto-falante da cabine.

Ruídos e estalidos encheram a cabine enquanto as armas eram checadas. Tsung sorriu e fez um sinal de positivo com o polegar para Jaq, que respondeu ao gesto. Depois então a maga colocou o fone.

- Squivo - ela disse. Depois de um instante, repetiu o nome dele. E franziu o rosto. - Ele deveria estar no lugar para bloquear o acesso à pista de pouso.

- Talvez ele esteja muito ocupado para responder - Jaq sugeriu.

- Não estou gostando disso.

- Goste ou não, estamos envolvidos.

As luzes de pouso do aparelho se acenderam.

As luzes de aterrissagem se acenderam ao longo da pista, revelando a poeira levantada pelos motores à medida que ele descia. Uma mulher com uniforme branco caminhou para o cone projetado pela luz do bico, acenando indicativos vermelhos de direção. Ela ficou dirigindo o APDV para uma posição mais central no círculo de pouso.

Crenshaw aumentou sua compensação de visão para olhar além do brilho que envolvia o aparelho. O sol asteca que marcava o avião como

pertencente ao serviço aéreo da Aztecnológica, luzia na cauda. A porta da cabine abriu-se assim que as rodas tocaram no solo, e uma turba saiu.

- Verner - ela disse em voz alta, reconhecendo a primeira pessoa que desceu pela escada curta. Ele mordera a isca, a história que plantara com a ork.

Havia outras pessoas, incluindo uma mulher vagamente familiar que não era Hart. Crenshaw esqueceu qualquer coisa sobre a identidade da mulher depois que reconheceu diversos rostos dentre os indígenas que saíam do aparelho. Ela não sabia os nomes daqueles rostos, mas os conhecia muito bem. Um deles, o que tinha olhos espelhados, era o líder, o que a violara depois que o traidor e os outros tinham saído para a incursão. Este era um prêmio extra. Se ele sobrevivesse à armadilha, ela e ele teriam um pequeno encontro, mas agora ela estava com a força.

- Chegaram - Crenshaw disse no comunicador. - Pegue-os. Pegue-os. Todos.

Ao lado dela, Hutten se enrijeceu e olhou para ela com olhos arregalados, escuros.

f& f& f& Jaq conduziu seus mercenários para fora do aparelho, espalhando-os para estabelecer um círculo e proteger o avião contra um ataque de qualquer direção. Para qualquer espectador, eles pareceriam uma tropa de índios chefiados pela maga Tsung e o novo amante dela, o renegado Samuel Verner. Quando os mercenários assumiram suas posições, as pessoas que aguardavam atrás do portão de embarque reagiram à invasão, mas não era o pânico frenético de uma multidão. Em vez disso, elas se dividiram em pequenos grupos sacando armas enquanto se movimentavam. Era, como Jaq temera, uma armadilha. O rápido sequestro se transformaria numa batalha.

- Código Alfa - ela gritou. Em torno dela, os mercenários colocaram em ação o plano de contra-ataque. Rawlings, o especialista em armamento pesado, acertou sua mira e segurou o rifle de assalto. Quando o lançador de granada lançou uma delas contra o terraço de observação, uma chuva de concreto e de vidros se lançou sobre a pista de pouso. Um grito de morte

penetrou nos ouvidos de Jaq quando um fragmento perdido caiu junto aos motores do aparelho.

Jaq sorriu. Não haveria atiradores de tocaia aproveitando a posição privilegiada do terraço. À esquerda dela, outro dos mercenários lançou granadas de fumaça, arremessando nuvens de fumaça negra contra o centro de controle. Figuras fugindo com macacões brancos protegeram-se daquela vaga negra. O restante dos mercenários disparou sobre os supostos passageiros.

Tsung correu e abaixou-se ao lado dela.

- Que droga afinal você pensa que está fazendo?

- É uma armadilha - Jaq disse calmamente. - Os passageiros são todos da segurança. - não está vendo a armadura deles?

Tsung deu uma olhada.

- Droga!

- Agarre Hutten - Jaq ordenou, apontando para o homem alto entre os corpos espalhados. - Vamos dar cobertura.

Tsung acenou para que Jason e os demais índios fossem em frente. Com eles um pouco à frente elas os seguiu abaixada.

Jaq sorriu. Uma ação bem violenta.

O chamado de Crenshaw chegou quase que tarde demais. Os invasores abriram fogo assim que pessoal dela começou a se mover. Uns poucos caíram no primeiro ataque e mais tombaram no concreto quando as explosões atingiram a face da arqui-sede.

- Não! - Hutten gritou ao lado dela. - Não!

- Abaixese, seu estúpido - Crenshaw ordenou, colocando a mão no ombro dele para empurrá-lo.

Com uma facilidade insuspeitada, ele se soltou do aperto dela. Então a outra mão dele surgiu, segurando a roupa dela e a armadura que havia por baixo, enquanto seus dedos a seguravam com firmeza. Levantando-a do chão, os olhos dele assumiram uma expressão selvagem. Traidora! Não

deixarei que você faça isso. Agora não. Agora não! Ele me prometeu uma vida só minha.

Crenshaw lutou na mão dele. Agarrando-se ao braço dele, ela lançou um golpe no cotovelo dele. Quando a mão dela atingiu uma superfície firme, ela sentiu um choque de dor. Hutten não era modificado; sua loucura devia ter contraído os músculos dele num espasmo além de um limite que pudesse atingi-lo. Não havia tempo para isso. Até agora os invasores tinham mantido os disparos longe deles, temendo atingir seu tesouro, mas mais cedo ou mais tarde um atirador de elite poderia arrancá-la dos braços de Hutten. Até mesmo os músculos enrijecidos por um espasmo não poderiam agir se fossem dilacerados; ela esticou as lâminas de sua mão e as esfregou pelo ante-braço de Hutten.

O sangue jorrou pelo tecido cortado, mas o aperto que ele mantinha nela jamais diminuiu. Ela atacou novamente e mais uma vez, sem se importar em fazer picadinho do braço dele antes de ele ir. A manga da roupa estava em farrapos e ela via o estrago que estava fazendo. Mas então o medo de ela ser atingida pelos disparos chegou em um nível de terror quando percebeu que os ferimentos nele estavam fechando quase que tão rapidamente quanto eram feitos.

Ele não era um humano!

O pânico ameaçava acabar com ela, mas ela lutava para vencer aquilo. Hutten rosnara quando ela o cortara. Se aquilo significava que podia sentir dor, ele não era invencível. Ela lançou o pé na virilha dele, sabendo que ele deveria ter pelo menos alguma coisa feito homem.

Hutten gritou de dor e de surpresa. Ele dobrou a cintura, o suficiente para que o segundo chute de Crenshaw atingisse a parte lateral do joelho dele. A perna se curvou e os dois caíram. Crenshaw rolou e ficou agachada.

O antagonista dela caiu esparramado, segurando os geni-tais. Um dos pés sobre o meio-fio da área de espera. Sem hesitar, ela pulou com força sobre ele, satisfeita em ouvir o ruído de ossos quebrados.

Não, nada de invulnerável.

O tiroteio continuava violento em tomo deles. O olhar dela deteve-se no terraço de observação em chamas. Aquilo seria um problema. Ela

tinha de minimizar a própria exposição, tanto aos disparos quanto às repercussões. Ela se curvou sobre Hutten, que se contorcia.

- Você ganhou esta, quem quer que você seja - ela disse, puxando a faca da bainha na parte de trás do pescoço. A linha de monofilamento transformada em cume cortaria quase qualquer coisa, mesmo o cordão de poliaço que prendia a pasta de Hutten à faixa com cadeado em torno do punho dele. Ele aplicou a lâmina ao braço dele e sorriu com o grito lancinante dele.

Soltando a mão ferida da faixa ainda presa com o cadeado, ela partiu para a extremidade da pista, mantendo-se abaixada o suficiente para que as cercas da área de embarque servissem de proteção. A porta de serviço que era seu destino a levaria de volta à arqui-sede sem passar pelo tiroteio, que se intensificara com a chegada atrasada das reservas de Samurais Vermelhos.

Crenshaw estava atingindo o controle da porta quando algo a atingiu por trás. Ela caiu em cheio no concreto, arrastando-se dolorosamente no chão áspero. A alça ensanguentada da pasta escapuliu de seus dedos e deslizou ao largo dela para ir parar, balançando, na extremidade da pista de pouso. Ela rolou para lutar com qualquer runner que a tivesse atacado, mas então ficou enrijecida.

Hutten, sem dentes, agarrava seus tornozelos com um aperto violentamente forte. Ele colocou suas mãos, que não mais sangravam, sobre a tíbia dela. Enquanto ele agarrava sua perna, dizia:

- Vamos começar agora.

Crenshaw não gritou até ver que as extremidades quebradas do osso surgiram em sua pele. Indiferente à dor, ela se afastou para trás, batendo na cerca que evitou que caísse. O frenético movimento dela virou a pasta e esta escorregou, passando pela cerca que protegera Crenshaw pouco antes.

Hutten moveu-se com maior rapidez do que ela imaginou possível, em vez de atacá-la de novo, ele se debruçou no peitoril e gritou. Ela voltou a cabeça a tempo de ver a pasta atingir uma projeção num nível mais inferior e abrir-se, espalhando ao vento restos de cassetes e chips. Hutten desmaiou, curvado sobre a cerca.

Um pequeno impulso seria o bastante para jogá-lo do outro lado. Quando a mão dela tocou no tornozelo dele, ele voltou a si e a jogou longe. Crenshaw sentiu o gosto de sangue de seu lábio rompido. Ele se abaixou, a agarrou pelos cabelos e a jogou contra a parede, prendendo um dos braços contra a superfície dura.

- Esta foi minha passagem para a vida - ele gritou no rosto dela.

Apesar da perna dela e da velocidade dele, Crenshaw tinha certeza de que ainda podia fugir se ele ficasse cego. Ela estendeu as lâminas na mão livre e levantou o braço para atacar, mas conseguiu apenas sentir as lâminas penetrando na palma de sua própria mão, pois ele fechou a mão dela. Pálido, mas imensamente forte apesar de seu tamanho infantil, a nova mão dele triturou os ossos dela.

Ele a torceu novamente e a balançou sobre o abismo. Num último ato de desafio, ela cuspiu no rosto dele. Ele limpou o sangue e o cuspe do rosto com uma língua que parecia extraordinariamente comprida antes de abrir a mão.

Ela caiu, sabendo que atingiria a velocidade terminal antes que batesse numa projeção. Não haveria tempo suficiente para evitar. Ela esperava que apagasse antes de se chocar.

## 52

Uma parede piscou, suas imagens da batalha na Pista de Aterrissagem 23 substituídas por um detalhe de uma mulher correndo e sendo perseguida por um homem cambaleante que se movia com velocidade estranha. Quando ele se aproximou e os dois lutaram, uma pasta foi lançada por sobre a grade da plataforma. Ela se chocou contra uma projeção e se abriu, lançando ao vento painéis de circuitos e chips de computador.

A escuridão tomou conta dos sentidos de Squivo quando o manto de sua anfitriã levantou-se espontaneamente, encobrindo a ela e a tudo que o

cercava. Um gemido sobrepujou os sons do tiroteio e por sobre toda a cacofonia ele ouvia a voz dela.

- Perdido. Por mim, sem esperança. Foi. Fugiu. Por meu difuso ser, foi.

Ele voltou a enxergar, mas ela tinha desaparecido.

O louco caleidoscópio começou novamente, imagens correndo pelas telas. Em poucos segundos o tumulto vacilou, quando painéis individuais ficaram escuros ou cintilaram num branco rígido. Grupos de painéis ficaram com as imagens paralisadas em blocos, cruces ou em triângulos. Cada figura geométrica mostrava uma cena diferente, mas todos os painéis de um mesmo formato mostravam uma mesma imagem. Um mostrava um homem com olhos de ouro lutando para se soltar dos restos de uma sala em chamas cheia de corpos. Outro mostrava um pequeno cubículo onde um tecnauta emaciado estava deitado esparramado sobre o teclado, a carne perto da conexão de dados escurecida. Um terceiro, que Squivo tomou como sendo uma retransmissão, era uma janela no centro de monitoramento de tráfego aéreo da Renraku onde a equipe estava sentada casualmente. No fundo da cena, Squivo pôde ver pilotos da força de reação em sua sala de preparação bebendo, comendo e jogando cartas. O relógio de parede deles mostrava o horário atual. Havia outras cenas de outras partes da arquisede também. E estas também não mostravam alarme. Então os painéis do chão se congelaram ao mesmo tempo, voltando à Pista 23, onde o avião de Tróia estava decolando.

A granada de mão cintilou no flanco esquerdo da arquisede da Renraku. Três dos guardas secretos foram queimados até virar cinza, e dois ultra-impacientes Samurais Vermelhos foram lançados para trás, em chamas, para a posição deles na entrada do prédio.

- Bom lançamento, Tsung - Jaq disse.

Tsung acenou em resposta e apontou para os guardas remanescentes no campo de pouso. Jaq assentiu e dirigiu seus mercenários para abrir fogo. Tsung precisava de cobertura para agarrar Hutten.

O alvo dela caíra numa luta com uma das guardas da Renraku. Jaq não esperara que a guarda saísse no alto, mas ela saíra. Por um instante,

bem dito. Depois Hutten a caçou e a jogou da plataforma. Agora ela estava lá, parecendo aturdida.

Quando Sally o alcançou, a reação inicial dele foi cautelosa. Ela disse alguma coisa a ele, mas com a confusão do combate Jaq não pudera ouvir. Devem ter sido palavras de efeito do tipo "Estamos aqui para salvá-lo", porque Hutten olhou para o avião, assentiu e partiu em direção ao aparelho. Sally e os indígenas fizeram uma retirada com muito esforço.

. O momento é este, Jaq decidiu. Ela espalhou pó do seu pote ao vento e começou a cantar. Observando o progresso de Hutten e dos runners, ela tentou ritmar o feitiço de modo que o tempo fosse perfeito.

Escombros, lixo, pedras espalhados pela plataforma como folhas de outono antes do vento. Bagagens empurradas sobre rodas ou de cabeça para baixo para levantar uma parede diante do comutador. Ela já estava com um metro de altura quando Hutten a transpôs. Chegara aos dois metros quando Tsung, devido à perseguição, passou por ela. Três dos indígenas caíram antes que ela pudesse conduzi-los pela nuvem de fumaça até a área protegida.

Então, Jaq já tinha colocado Hutten a bordo e chamara seus quatro mercenários remanescentes. Ela estava fechando a porta quando Tsung a viu.

- Espere por nós - Tsung gritou, correndo para o avião. Jaq deu a ordem de decolar. - Desculpe, Tsung. Tenho uma entrega para fazer. Divirta-se com os samurais.

Tsung e os indígenas pularam no trem de pouso do comutador quando o APDV levantava da pista. Um dos indígenas, Jason, agarrou-se, mas uma manobra rápida do piloto o deixou solto. Jaq viu o indígena cair com força e ficar estupefato. Tsung ajoelhou-se ao lado dele, gesticulando com as mãos brilhando. Seus olhos estavam fixos no comutador enquanto ele subia.

Jaq murmurou seus feitiços de defesa para proteger o aparelho e o piloto, sentindo as energias passarem por ali e irem para outro lugar. Jaq voltou-se e viu Hutten esparramado no chão da cabine. Os mercenários estavam se afastando com repugnância quando a pele dele começou a borbulhar e a escorrer.

- Divirta-se você, cadela - a voz de Sally se fez ouvir na linha do rádio.

Squivo se viu capaz de mover-se novamente, mas temia que o retorno de sua anfitriã mudasse aquilo. De um modo que ele não saberia como descrever, ele ainda sentia a presença dela. Ele queria correr, desconectar-se enquanto podia, mas vira o comutador decolar e o pessoal do Fantasma ficar para trás. Eles precisavam de ajuda. Ele tinha de sair daqui se quisesse fazer algo construtivo.

Voltou a encontrar Jenny desaparecendo num dos painéis, que ficou escuro antes que pudesse perceber a imagem que estivera apresentando. Então esta era a saída. Raciocinando que a imagem poderia se referir à posição na Matriz, ele avançou para o bloco que tinha nove imagens do tecnauta morto.

Ele era propriedade da companhia e o equipamento dele estaria vinculado ao acesso rápido. Seria um bom lugar para se começar. Squivo caminhou em frente e se viu na segurança de controle do subprocessador da Pista 23.

Ele não poderia ter pedido uma localização melhor.

Acessando os registros da câmera, ele apanhou uma cópia da batalha e a juntou ao código de avanço que deveria enviar quando o grupo tivesse apanhado Hutten. Ele a enviou pela ligação até o monitor de emissão e a mandou com prioridade de transmissão. Sam pelo menos ficaria sabendo o que acontecera. Talvez pudesse imaginar.

Um forte defensor de material de apoio sempre que possível, Squivo preparou sua memória ativa para aceitar o registro da imagem. Quando tentou o acesso de novo, obteve um erro de mensagem. Uma verificação rápida mostrou que o arquivo fora apagado desde que o acessara pela última vez. Cauteloso, ele deixou o nó.

Era um salto curto para o sistema de computador da pista. Ele ativou o serviço e acionou o monitor do neuroterminal para ver os resultados de seu artesanato. Pressionada pelo avanço dos Samurais Vermelhos, Sally foi rápida em aceitar a oferta anônima de uma rota de fuga. Ela e os indígenas se esconderam no segmento descendente da plataforma. Pularam para o

primeiro subnível e Squivo enviou a ajuda e a selou para evitar uma perseguição direta.

- Sally, você está bem? - ele perguntou pelo sistema de chamada de manutenção.

- Squivo! Onde você estava afinal, diabos?

- Não há tempo. Siga a seta de descida para a Pista 19. O código 7723 abre a tranca. Vou dar um jeito.

Ele pôde ouvi-la chamando-o até que cortou a linha, mas ele tinha de se manter movendo. O tec bloqueou todas as portas de acesso ao subnível antes de se dirigir para o processador do centro de controle da Pista 19. Um toque hábil expediu uma autorização para um helicóptero de empresa e escalou um piloto para comandá-lo. Ele rotulou o pedido com a designação de Código Laranja para manter a boca do fusor fechada enquanto ele pensasse que era uma legítima operação secreta da companhia. A nota que deixou sobre o que fizera dispararia quando Sally utilizasse o código que lhe dera. Ela precisaria saber o que esperar antes de deixar a localização da manutenção em direção à pista. Ele percebeu que deveria ter acrescentado uma autorização para armamento no helicóptero e estava prestes a fazer isso quando as paredes do nó começaram a se tornar translúcidas. Ele fugiu outra vez.

Ele correu para um nó-escravo que cuidava do controle do clima de um conjunto de escritórios no nível de lojas, esperando que a pequena segurança o deixasse menos visível. Ele desejava voltar e se certificar de que Sally e os rapazes tinham se saído bem, mas estava com receio de voltar a qualquer dos lugares em que estivera. Ele não tinha movimentação suficiente para lidar com este fantasma na máquina. Ele sabia que chegara até onde pudera quando as paredes começaram a se tornar prateadas. Enquanto ainda podia, desconectou-se.

-Boa sorte, Sally.

Sam olhou pela janela do helicóptero, sem realmente ver as cercas e prédios ao redor. O sinal de partida do Fantasma viera havia quase meia hora. No momento, ele teria levado seus companheiros de tribo pelo perímetro dos armazéns da United Oíl. Sam se surpreendera com o número de voluntários que o seguiu depois que dissera que faria aquilo sozinho. Mas não foram muitos para Enterich suprir com armas. Sam não sabia como teria impedido que qualquer dos guerreiros seguisse o Fantasma, mas teria tentado se não houvesse armas e armaduras em número suficiente. Mesmo bem equipados, os riscos eram grandes.

As coisas ainda estavam calmas, o que ele entendeu como significando que estava indo tudo bem. Mais corpos entrariam do que da vez em que ele e Fantasma tinham feito sua incursão na instalação, mas este grupo não tentaria entrar em prédio algum. Deviam estar bem seguros. Com Squivo dando cobertura na parte da operação referente à arqui-sede, eles estavam confiando numa tecnauta que Enterich fornecera para vencer os alarmes do perímetro. Ela deveria ser muito boa; o local onde o helicóptero pousara era perto o bastante, de modo que Sam teria ouvido qualquer tiroteio ou alarme. A única coisa que restava a fazer era esperar o sinal de que Sally e Jaq tinham conseguido pegar Hutten na arqui-sede. E preocupar-se.

Não era o melhor dos planos, mas ele ficara encorajado quando o lugar-tenente do Fantasma e quatro de seus companheiros decidiram participar. Sam estava aliviado por Sally contar com outro apoio além dos mercenários de Jaq. A turma de Jason não seria a escolha de Sam, mas não tinha escolha. Qualquer pessoa a mais era melhor do que confiar totalmente na boa vontade do agente de Lofwyr.

Pela quarta vez na última meia hora, ele checou a pasta no banco ao lado dele para ver se os circuitos estavam na ordem de operação. Squivo deveria fazer um registro em trídeo do sequestro para que Sam exibisse quando confrontasse o dragão. Seria sua prova de que Hutten estava escondido em segurança, um trunfo para negociar com Haesslich. Todos estavam certos de que Haesslich desejaria negociar para ter de volta seu

precioso doppelganger em segurança, mas ninguém acreditava que o dragão aceitaria os termos de Sam. Sam não estava tão certo de si, mas não via outra saída. Ele devia tentar resolver isto de uma forma que deixasse sua consciência dele limpa. Se Haesslich não o ouvisse, então seria à maneira do Fantasma.

A unidade emitiu um sinal sonoro e o alarme indicava que recebera o sinal codificado de Squivo. Era isso. O sequestro fora feito. Sam fechou o transmissor assim que a mensagem terminou.

- Indramin - ele disse em voz alta, sabendo que o fusor estaria ouvindo. O fusor não estava a bordo, pois Sam não queria que pessoa alguma a mais corresse o risco de enfrentar o dragão. Indramin deveria estar pilotando o helicóptero por remoto-fusão. - Hora de ir.

Os motores do aparelho se ligaram e os rotores começaram a girar. Com um solavanco, o aparelho decolou, e Sam estava a caminho de enfrentar Haesslich.

O espião que Hart colocara nos calcanhares de Crenshaw a levava a Greerson, que foi surpreendentemente fácil de se convencer de que ela também estava trabalhando com Crenshaw. O pigmeu, por sua vez, a levou ao ponto de encontro com Verner, onde eles observaram Sam dividir o grupo em dois. Pela conversa entreouvida pelo aparelho de longo alcance, ela soube que um dos grupos ia para a arqui-sede sequestrar Hutten. Os tolos iam cair direitinho na armadilha de Crenshaw, mas talvez poupassem Hart da dor de cabeça de ter de tirar a cadela da Crenshaw.

Ela estava contente por ter se decidido a dizer que estava tentando invadir a arqui-sede. As chances de êxito eram muito poucas. As chances de uma penetração na Matriz não eram nada melhores. Mas se Jenny não pudesse penetrar na Matriz da arqui-sede e apanhar uma cópia dos dados do IA do doppelganger, o plano de Haesslich não daria em nada. Depois do ataque desta noite, a coisa Hutten seria bem trancafiada, se sobrevivesse. Então Haesslich não obteria coisa alguma. Ela não gostava de pensar em como o verme engoliria este desapontamento.

Hart ficara intrigada quando Verner se separara do Cria Fantasma e seu grupo. Sentindo que Verner executaria um plano complicado, ela pediu a Greerson que acabasse com Sam assim que ele estivesse sozinho. O

pigmeu concordou em esperar até que pudessem descobrir o que ele iria fazer, confiante em que poderia pegar Verner em qualquer lugar que quisesse. Seguindo Verner, eles gastaram quase uma hora observando-o sentado no helicóptero escuro. Quando o som do motor do aparelho se fez ouvir, levado pela brisa, Hart ficou confusa. Ninguém viera se juntar a Verner, e agora ele estava partindo. Qualquer que fosse seu plano, devia estar sendo executado neste exato momento. Sem transporte aéreo, ela e o pigmeu não poderiam segui-lo. Mas se queriam cuidar dele, teria de ser agora. Hart conjecturou se ela jamais descobriria o que ele iria fazer.

- Ele tem transporte aéreo - disse Greerson, afastando o binóculos.

Hart olhou o céu, procurando a fonte do ruído do motor. Ela finalmente identificou a sombra mexendo-se que era o helicóptero. Estava voando apagado.

- Você sabe, lady elfa, pensei por um momento que você tinha alguma coisa. Droga, você pode até ter, mas mesmo suas pernas compridas não conseguem seguir o helicóptero. A velha A. C. vai parir uma metavaca se nem você nem Verner aparecerem, mas pelo menos eu vou ganhar a recompensa pela cabeça dele. - Greerson ajustou o cabelo e pegou o lançador de mísseis que preparara assim que eles tomaram posição. Hart impediu o movimento com um toque na mão do pigmeu.

- Vamos ficar mais tempo na cola dele. É um direito nosso.

- Como quiser - o pigmeu disse, dando de ombros. - Desde que o gravatinha não veja o sol nascer está bom para mim.

Hart acionou o transreceptor dela.

- Tessien. Ele está num helicóptero apagado indo na direção sul ao longo da zona portuária, em direção a nós. Ele é todo seu.

O vôo foi curto, bem rente ao chão, mas isto agradava a Sam. Menos tempo para sentir medo. O helicóptero sobrevoou baixinho o perímetro da cerca da United Oil e desceu lentamente num espaço aberto perto das docas. Não houve desafios, nem alarmes, nem disparos. Os informantes de Enterich deviam estar certos sobre Haesslich gostar de negociar reservadamente. Isto estava dentro dos padrões do dragão de querer o mínimo possível de testemunhas. Mesmo uma conexão circunstancial fora o suficiente para que ele ordenasse o assassinato de Hanae e de Sam.

Assim que os rotores do aparelho pararam, Sam vestiu seu casaco longo, colocou a pasta pendurada num dos ombros e saiu. Caminhando longe do helicóptero, ele colocou a pasta no chão e olhou ao redor. A área parecia deserta. Haesslich, na forma humana ou na forma de dragão, não estava visível em lugar algum.

Ele aguardou. Atrás dele, as hélices do helicóptero pararam de girar, mas o som distante de um jato podia ser ouvido e ele se virou para olhar. Movendo-se entre as estrelas como uma forma escura em direção ao Sound. Quando se aproximou, ele distinguiu um corpo grande, sinuoso no meio de um parte de grandes asas e viu que era um dracomorfo.

Ele estava sobre o mar quando Sam percebeu que este não podia ser Haesslich. Não era um dragão ocidental, mas uma serpente emplumada. Uma pata traseira com garra desdobrou-se de sua posição encolhida quando a serpente se dirigiu para o lado dele.

Subitamente, a serpente verificou a aproximação e elevou-se. Sam entendeu por que quando uma forma escura, maior do que a da serpente, ergueu as grandes asas membranosas. Mesmo com a pouca luz, Sam não teve dúvida de que esta segunda criatura era um dragão ocidental. Ele cruzou o caminho feito pelo outro ser.

Um silvo, um rufar, o choque de corpos maciços e os dois passaram um pelo outro, uma chuva de penas suspensas no ar. O vôo da serpente tornou-se errático, suas asas batendo de modo irregular. O dragão ocidental fez uma curva bem aberta e voltou num mergulho. Desta vez, Sam viu as garras que haviam sido enfiadas no flanco da outra. A serpente gritava de agonia e contorcia-se, tentando evitar que a boca se abatesse sobre ela.

Quando a boca se fechou no pescoço da serpente, a fera enfraquecida respondeu envolvendo seu corpo em torno do dragão ocidental. Os dois começaram a cair. A dez metros do chão, o dragão ocidental libertou-se da serpente, as asas batendo violentamente para se manter no ar. A serpente mortalmente ferida continuava sua queda, depois bateu no concreto das docas com uma força que estremeceu tudo.

O outro a agarrou, rasgando-a com as garras e dilacerando-a com a boca.

- Heart! - a serpente gritou de modo lamurioso, pouco antes de o dragão ocidental romper sua garganta.

O vitorioso ergueu a cabeça, a língua de fora para limpar o focinho. Quando a pata tocou na serpente mas não obteve reação, o monstro voltou suas costas para o cadáver e marchou em direção a Sam.

- Haesslich - disse Sam.

- Boa noite, homenzinho.

Ali, sob o aterrorizante olhar do monstro, Sam começou a pensar o que o levava a tentar isto. Um dragão era imprevisível, pelo menos para a lógica humana. Como ele poderia pensar em obter alguma coisa de alguma pressão que ele tentasse aplicar?

- Por que matou Tessien? Pensei que estivesse na sua folha de pagamentos.

O desprezo tomou conta de Sam.

- Estava, mas quem falha não me serve. Os que mentem me servem menos ainda, que foi o que ele fez quando me relatou sua morte. Vai ser, porém, uma boa refeição.

- Ele cometeu um erro, e então você o matou? E agora vai comê-lo?

- Claro. A associada dele vai ter um fim igual quando chegar com minha entrega.

- Não vou deixar isto acontecer.

- Mas você não pode deter isto, homenzinho. - O divertimento que isso provocou ao dragão foi percebido por Sam.

- Pensei que você seria um problema quando nos vimos pela primeira vez, mas não foi o que aconteceu. Você se meter nos meus negócios foi totalmente ineficaz. Eu não devia jamais ter me preocupado.

Sam detestava este monstro arrogante e queria desesperadamente humilhá-lo. O que Haesslich fizera, o que ele planejara fazer, era errado, mas o dragão parecia não saber disso. Sam não tinha mais dúvidas sobre o que deveria fazer. Esta noite, a ameaça de Haesslich seria detida.

- Você devia se preocupar - ele disse. - Sei que sua operação na arqui-sede foi feita sem a aprovação ou o conhecimento de seus chefes na United Oil. Eles não vão ajudá-lo agora. Não faz parte do interesse deles proteger um assassino que usa seus bens para fins próprios. Assim que a prova se tornar pública, a UniOil ficará satisfeita em ver você pegar a pena máxima da lei. Sua arrogância parece não ter limite, dragão, mas as pessoas não são brinquedos para o seu divertimento nem vão virar as costas para assassinato.

"Vim aqui esta noite para lhe oferecer uma chance de se render. Entregue-se à polícia e pare com a matança. Você pode conseguir o perdão da corte. Mas mesmo que você não se entregue voluntariamente, ainda assim será levado a julgamento.

- Improvável - Haesslich respondeu, seu divertimento aumentando.

Exatamente a resposta que Sam esperava. O que ele não esperara foi o tom velado na voz emocional do dragão. Fome. Os joelhos dele ficaram trêmulos; ele não pensara em ser devorado. Ele sentiu sua decisão vacilar, mas então se lembrou de Hanae e de Begay. Eram pessoas boas cujas vidas foram ceifadas pelo capricho deste monstro. Ele sabia muito pouco sobre os outros que foram mortos naquela noite no Tir, mas isso fazia aumentar o número de mortes praticadas por ordens de Haesslich. Esta noite seria o fim. Sam se ergueu em toda sua altura, esticando o pescoço para encarar o dragão. As presas de Haesslich reluziam sob o luar.

- Você vai me matar agora? - Sam perguntou, com uma calma que surpreendeu até a ele. - Não sou uma grande refeição, mas você vai se entalar.

Sam sentiu uma vibração peculiar no tom emocional do dragão. Ele achou que deveria ser o riso do dragão.

- Sua morte não é mais necessária. Vou ter o que eu quero quando Hart me trazer hoje. Você e suas ameaças não têm o menor sentido, mas o seu blefe me diverte.

- Você está enganado, dragão. Seu plano não está concluído esta noite, está sendo exposto. - Sam deu um toque no balão do visor de dados. - Observe.

Uma imagem cheia de fantasmas da cena na Pista de Aterrissagem 23 se projetou na parede de um dos prédios das cercanias. O Comutador Boeing Federado com a marca da Aztecnológica estava descendo.

Hart sentira a morte de Tessien. Ouvir seu nome sendo chamado tocara-a profundamente, dizendo-lhe que jamais a serpente emplumada a trairá, que sua suspeita fora sem propósito. Lágrimas correram de seus olhos, enquanto ela ficou olhando Haesslich conversar com Sam. Ela ouvia em um estado de choque silencioso enquanto seu equipamento de longo alcance captava cada palavra. Ela estremeceu quando Haesslich pronunciou a sentença de morte dela.

- Parece que você está fora de ação, gata - Greerson disse, revelando que não acreditara de fato na história de Hart trabalhar para Crenshaw. As implicações da fracassada duplicidade de Hart não pareciam importantes agora. Greerson agachou-se aos pés dela, montando um rifle com mira telescópica. - Mas eu ainda tenho um contrato para o cara. Não acha que você gostaria de fazer um para o verme grandalhão? Aquele lançador vai fazer dele um alvo fácil como um helicóptero.

Depois que Verner tiver caído, ficarei contente em abrir negociações.

Hart não tinha muito interesse em morte no momento.

- Qual o ponto?

- O ponto são os negócios, lady elfa. Sempre os negócios. Hart olhou aquele monte de carne que fora Tessien, o único ser em quem ela estivera perto de confiar nos últimos dez anos. Agora estava morto. Morrera chamando por ela, mas ela falhara muito antes disso com aquela infundada suspeita.

Tessien estava morto. A raiva tomou conta dela, transformando-se em fúria. Era culpa de Verner? Ela deveria detestá-lo por estar vivo enquanto Tessien estava morto? Ou ela deveria lançar toda a sua fúria contra Haesslich por dilacerar a garganta da serpente? Ou deveria se odiar por ter mandado Tessien atrás de Sam, colocando a serpente na rota do mortífero Haesslich?

O tríteo portátil de Verner continuava a mostrar sua história na parede. Mostrou Verner, que ela seguira a noite toda e que possivelmente

não poderia estar presente, liderando os invasores na Pista de Aterrissagem 23. A armadilha de Hart se transformara em um sequestro e fuga numa batalha total. Imagens de morte e de destruição lançavam seus reflexos no homem e no dragão. Na parede, Crenshaw lutava com o doppelganger. Hart colocou a mão no ombro de Greerson. - Acho melhor você dar uma olhada.

Greerson colocou seu binóculos no lugar a tempo de ver o doppelganger lançando Crenshaw da plataforma de aterrissagem. - Ah, droga! - Ele se sentou e soltou um suspiro explosivo. - Lá vai meu pagamento. - Começou a desarmar o rifle.

- O que você está fazendo?

- O que parece, lady elfa? Guardando tudo. Este trabalho acabou. - Ele colocou as partes da arma na sacola. - Tem certeza de que não quer acertar o dragão? Já que estou aqui, poderia fazer um preço bom.

Ela sacudiu a cabeça.

- Posso fazer um desconto para profissional.

- Acho que se isso deve ser feito, tem de ser pessoal. Greerson sacudiu a cabeça e passou a mão pela barba. - Coisa pessoal é mau negócio, lady elfa. Posso sair por onde entramos?

Ela assentiu, voltando seu olhar novamente para o confronto abaixo deles. Ela ouviu o ruído dele saindo e depois se esqueceu dele por completo.

Haesslich não gostou nada do que viu. Se ele percebera a imagem de Sam na tela, a confusão de imagem foi tragada pela paixão do dragão. Sua raiva aumentou até se tornar algo palpável em torno de Sam. E tudo isto por causa da falha de um plano. Novamente a arrogância do monstro confundiu Sam.

Enquanto ele olhava a gravação, a visão de sua própria imagem era um quebra-cabeças, embora sem importância no momento. Ele estava vendo homens morrerem. Alguns morreram tentando fazer o bem; outros morreram tentando exercer sua função.

Shadowrunner ou gente de empresa, eles estavam mortos. Ele se observava traindo e abandonando Sally e os demais, percebendo de repente que o Sam Verner que ele estava vendo devia ser um disfarce de Jacqueline.

O que deveria ter sido um sequestro relâmpago, deixando os guardas da Renraku surpresos e desarmados para reagir, fora transformado numa orgia de morte, destruição e traição. Tudo ligado aos planos de Haesslich, suas tentativas de aumentar seu poder, riqueza e influência, terminara em morte. Mas a única coisa que o dragão viu foi que ele fora contrariado.

A irritação de Haesslich sentia-se no ar. Observando o monstro rugir sua fúria, Sam percebeu que não aguentaria viver muito mais. O dragão não podia saber que Sam fora traído por agentes de outro dragão, nem se incomodaria.

O dragão esticou o pescoço para trás e urrou, labaredas saindo de seus dentes numa advertência da tempestade de chamas que estava para vir. Sam esperou que o fogo não fosse mais rápido do que a mandíbula. Morte pela morte, Lofwyr dissera, mas o dragão não tinha se referido neste sentido. Morrer é fácil; é o próximo passo que fica complicado, Cão dissera. Bem, o próximo passo estava em outras mãos. Haesslich colheria o que ele estava prestes a plantar.

Uma canção começou a ecoar pela cabeça de Sam; era cantada pela voz trêmula do Cão. Que hora imprópria para ficar com uma melodia na cabeça. A vida dele não estava para se extinguir de um momento para outro? Bem, ele ouvira aquele pessoal maluco não sentir dor alguma. Ele começou a cantar junto.

Haesslich abaixou a cabeça, os lábios para dentro dos dentes. Não passa de um consolo ver sua mente reagindo com medo antes que o seu corpo queime.

- Vamos logo, verme - Sam gritou de modo estouvado, suas palavras parecendo se encaixar nos espaços da melodia. -Venha e me pegue se você puder.

Quando o dragão lançou seu bafo de fogo, Sam afastou-se para trás, o jato o envolvendo em chamas. O suor escorria, evaporando-se imediatamente. Abaixo de seus pés, o asfalto derreteu e borbulhou. Dentro do fogo, ele estava protegido pelo feitiço do canto.

Com a violência do dragão sendo o sinal, o Fantasma e seus tribais abriram fogo de suas posições escondidas. Haesslich rugiu, mais de surpresa do que de dor, lançando chamas no céu. Desdobrando seus

poderosos membros traseiros, ele se lançou na noite, gigantescas asas abertas e batendo no ar.

O dragão rapidamente ganhou altitude, escapando dos projéteis lançados contra ele. Depois, com uma súbita asa em cima e outra embaixo, ele mergulhou em direção ao grupo maior dos que o atacavam.

Ao verem aquilo, alguns dos tribais de Fantasma fugiram, mas o líder samurai permaneceu firme, com o braço sobre o parapeito. Até o seu carregador fugiu, deixando o pacote de munição nos pés do Fantasma. A leve caixa de metal pulou do saco de pano que havia em seu corpo e rolou no telhado quando o cinturão se desenrolou para alimentar o apetite voraz de sua pequena metralhadora Vingador.

O dragão esquivou-se e rolou para evitar a corrente de projéteis que buscavam suas costas, mas cada manobra só o forçava a gastar mais tempo tentando atingir seus atacantes. O Fantasma girou a metralhadora para seguir cada manobra, sempre mandando mais projéteis contra o monstro, que não conseguia evitar por completo os disparos do indígena. Cheio de ferimentos, pedaços de pele arrancados, Haesslich tentava desorientar o atirador em cima do telhado.

Então Haesslich partiu para outro mergulho, novamente surpreendendo o Fantasma, cujos projéteis cortavam a noite a vinte metros do monstro. Ferido além de qualquer resistência, o dragão de repente caiu do ar como uma pedra, direto nas águas escuras do Puget Sound. As águas se fecharam sobre ele e Haesslich desapareceu.

## 54

Sam ajoelhou no asfalto, o calor se irradiando pelo tecido de sua roupa. Espalhadas em torno dele, as pontas de seu casaco longo estavam queimadas e escurecidas. Ao lado dele, a unidade de trideo era um monte de lixo.

Morte pela morte, Lofwyr dissera. E a frase do grande dragão dourado acontecera. A morte de Haesslich pagara a de Hanae, mas não fora

como Sam planejara. Ele queria uma justiça adequada, mas em vez disso conseguiu vingança. Qualquer ataque à pessoa dele era o sinal para que o Fantasma e seus tribais abrissem fogo, lançando uma emboscada da qual Haesslich não pôde escapar. O dragão levava a morte em si ao tentar matar Sam. Morte pela morte Sam esperara morrer aquela noite, oferecendo sua vida para que o dragão fosse pego num de seus crimes. Isso não era justiça, que um assassino fosse morto numa tentativa de assassinato?

Sam estava exausto, mas não havia tempo para descansar. Ele resolvera a questão com Haesslich, mas as pessoas que arriscaram suas vidas para ajudá-lo ainda não estavam salvas. Jaq abandonara Sally na arqui-sede. Se Sally fora apanhada viva, ele tinha de encontrar uma forma de libertá-la. Ele conjecturava se o Fantasma tinha visto a gravação da luta na Pista de Aterrissagem 23; teria sido de um ângulo difícil. Se não tivesse visto, tinha de ser informado.

Sam tinha de deixar a UniOil antes que alguém aparecesse fazendo perguntas embaraçosas. Os rugidos do dragão e os disparos deviam ter colocado a segurança da United Oil a caminho. Ele observou o telhado de onde o Fantasma tinha derrubado o dragão. Estava vazio. O Fantasma deveria estar retirando os homens para o ponto de encontro; ele sabia fazer isso muito bem. Tudo o que Sam tinha a fazer era entrar no helicóptero e fazer a fusora de Jaq pilotar o aparelho e levá-lo para o lugar de onde ele viera. Cautelosamente, ficou de pé e caminhou até o aparelho. Quando estava lá dentro, jogou-se no banco.

- Hora de ir embora, Indramin.

Não houve resposta. Nem voz. Nem motor ligado.

Lá fora uma sirene começou a tocar.

As luzes começaram a se acender ao longo do pátio enquanto a sirene soava lugubramente. Hart olhou para o beco que lhe dava uma visão do escritório de campo da segurança e viu guardas fortemente armados saindo. No meio deles ela identificou a armadura pessoal de combate do major Fuhito. As docas não eram o ambiente normal dele; ele só vinha aqui quando tinha o que fazer. O bastardo ambicioso deve ter ficado observando o chefe dele e de um um jeito de estar aqui esta noite. Era provável que a própria ordem de Haesslich de ficar de folga que o tivesse despertado. Ele

obviamente estava à espera de problemas também, pois estava com a armadura.

Hart observou Verner sair do helicóptero e olhar ao redor em busca de um caminho a seguir. A galera dele já tinha desaparecido na noite. Ele estava sozinho.

Ela poderia indicar a ele o caminho de saída, mas por que faria isto? O que ela lhe devia? A morte de Tessien. A de Haesslich também. Este pensamento a perturbou um pouco. A lei não dizia que uma vida por uma vida era uma situação de equilíbrio?

Os guardas iriam apanhar Verner se ele não tomasse o caminho correto. Um rato feito Fuhito não o trataria com gentileza, especialmente quando percebesse que Verner era um renegado de empresa. Ela odiava Verner o suficiente para deixar que Fuhito o apanhasse? Ele se mostrara um runner habilidoso e cheio de recursos. Ou talvez ele fosse apenas um sujeito de sorte. De qualquer modo, Hart já vira mortes o bastante aquela noite. Ela não tinha coração para vê-lo desaparecer.

Ela correu para a extremidade do telhado e o viu agarrado à parede, verificando o outro lado antes de dobrar a parede. O assovio dela chamou sua atenção. A cabeça se ergueu e a mão foi para trás do longo casaco para deixá-lo manusear sua arma. Ela estendeu a mão.

- Sem ressentimentos, Verner. Eram apenas negócios, mas o contrato acabou.

Ele não respondeu, mas pareceu relaxar um pouco. Ela lhe deu um sorriso e desceu lentamente para ondular a corda que balançou em direção à estrada.

- Venha, deixa eu lhe mostrar a porta dos fundos.

Ela observou a luta no rosto dele, enquanto percebia que estaria perdido sem a ajuda dela. Hart podia ver também que não confiava nela, pelo que ela não podia culpá-lo.

Um chiado como o de chaleira ergueu-se do prédio seguinte. As cocatrizes estavam soltas e os guardas em ronda.

Verner subiu na corda.

Sam observou Hart caminhar para ir embora. Desde que ele soubera o nome dela, imaginou que ela fosse uma assassina de coração duro, mercenária. Ela não tentara matá-lo antes? Mas em vez de deixá-lo aos guardas e às cocatrizes, ela o tinha salvo. Pensar que tinha esperado que ela tivesse se metido em dificuldades com os Samurais Vermelhos no aeroporto. Mais do que pela pele dele, Sam estava aliviado de que ela não tivesse se envolvido com os Samurais.

Estava bem claro que Hart tinha suas próprias preocupações e sua própria agenda. Haesslich a teria iludido da mesma forma que Lofwyr fizera com ele? Quais seriam os motivos dela? Quando Sam a indagara, ela o cortara, dizendo para que se calasse.

Sozinho agora, ele olhou para o céu. Apareceram nuvens para encobrirem as estrelas. Logo choveria.

Tudo de que ele precisava agora era...

Um latido veio da direção que Hart tomara. Quando Sam voltou seu olhar para aquele lado, viu um cão vir correndo da escuridão de um beco. O animal estava mais magro e mais sujo de viver e de comer nas ruas, mas Sam imediatamente o reconheceu como Inu. O cão deve ter fugido da arqui-sede, mas depois dos acontecimentos desta noite, Sam mal parou para pensar como o animal devia ter aparecido de repente aqui e agora.

Inu estava sozinho, de modo que talvez Kiniru estivesse ainda na arqui-sede. Era bom que fosse assim. Os akita jamais aprenderam a viver sozinhos; ela era dependente das pessoas como ele fora certa vez em sua empresa. Mas Inu era um ser das ruas e jamais esqueceria isto.

Sam abaixou-se, sorrindo, e deixou que o animal o lambesse com seu cumprimento entusiasta. Depois de uns breves momentos de reconhecimento, os dois foram andando pela rua novamente a caminho de resgatar Lady Tsung.

Jaq observou a equipe dela mascarar as janelas do computador. Em breve, o sol prateado seria substituído pelo verde e dourado da MCT de Mitsuhamma Computer Technologies. Sem verificar o número de registro do aparelho, nenhum observador poderia dizer que o computador não era de um membro legítimo da frota da Mitsuhamma. A equipe dela era boa nesse tipo de coisa.

Os mercenários foram pagos, com um bom acréscimo ainda por cima. Eles se saíram muito bem, de modo que os empregaria novamente no futuro.

Enquanto o comutador estava sendo preparado, dois operários estavam fazendo um caixote para acomodar a unidade de estabilização. Um container seria muito menos suspeito e mais fácil de passar pela alfândega do que uma unidade de estabilização ativa com um doppelganger morto. Quando o barulho dos martelos deles parou de repente, Jaq voltou-se e os viu olhando para o sr. Enterich.

- É o bastante por agora, rapazes - ela disse, avançando. -Parada para um café.

Os operários largaram suas ferramentas e sumiram. Enterich entrou na base do caixote pelo lado que ainda estava aberto. Olhou. -Morto?

- Frio e duro, cortesia de Sally Tsung.

- Eu estava na expectativa de adquirir o que quer que Haesslich tivesse enviado.

- Bem, ele não conseguiu isso - ela disse nervosamente. - Conseguimos um conjunto de três habilisofts que foram colocados num chip intradérmico. As observações preliminares mostraram que eram compêndios de parâmetros de arquitetura de computadores. Não há dúvida de que eles permitiam que o constructo simulasse ter a experiência do verdadeiro Konrad Hutten.

Enterich não mostrou interesse.

- Os chips são muito bem projetados. Não são únicos, mas acho que posso encontrar mercado. A venda deve cobrir parte das despesas da operação.

Enterich olhou para ela com olhos frios, diretos.

- O doppelganger era o objetivo desta operação. Vocês deviam me trazê-lo vivo.

- Não foi minha culpa. Tsung lançou um feitiço contra ele quando pensei que ela estivesse indo atrás do avião. Não pude protegê-lo. - Esperava que ele não ficasse muito bravo. -Talvez possa se aprender alguma

coisa com o corpo. A unidade de estabilização deve manter as células intactas o suficiente para testes de ADN. Os laboratórios de pesquisa da Genomics são bons nisto.

- Vamos esperar que você esteja certa - ele disse, curvando-se para olhar para a unidade.

Jaq também se aproximou para dar uma olhada. Ela franziu o rosto, percebendo que alguma coisa não estava correta. Então, ela descobriu um embaçado na superfície das placas de visão. Ela verificou os monitores; a unidade estava funcionando dentro dos parâmetros operacionais. Aquela droga devia estar estável, mas o corpo estava se decompondo.

O punho de Enterich esmurrou a unidade, mandando uma chuva de lascas contra o Transparex. Jaq se afastou. O chefe dela estava muito infeliz.

## 55

Quando Sam se juntou ao Fantasma e a seus companheiros de tribo no ponto de encontro, descobriu que a bela Lady Tsung não precisava de resgate algum. Ela estava no rádio.

- Onde está você? - Sam perguntou, sem se preocupar com quem ouvisse a preocupação manifesta em sua voz.

- Subindo - ela disse com uma gargalhada. - Squivo alugou um helicóptero para nós com um piloto muito cooperador. Estaremos nos aproximando de Hillary dentro de uns vinte minutos.

- Vou ver se Cog tem um carro para esperar - o Fantasma interrompeu. - Vocês estão bem?

- Veloz, Papa Léguas e Olhos de Águia juntaram-se a seus ancestrais - a voz de Sally era sóbria agora. - O restante de nós ainda está andando. Não seria mal se Cog colocasse uns remédios no carro também.

- Pode deixar - o Fantasma garantiu.

- Ótimo! Vejo vocês em breve. - Ela desligou.

Sam jogou a cabeça para trás e suspirou. A segurança de Sally acabou com a preocupação dele sobre ter de lidar com a Renraku novamente. O tríteo que Squivo tinha apanhado das câmeras da segurança da arqui-sede mostrava Sam liderando os invasores. Ele não tinha idéia de como Jaq conseguira aquela farsa, mas o que isto interessava? No que tocava à Renraku, fora Sam quem comandara o ataque contra a Pista 23. Graças à traição de Jaq, todas as suas ligações foram destruídas.

Sua condição como inimigo da empresa agora estava assegurada, o que significava que ele não poderia negociar a libertação de Sally. Libertá-la significaria fazer outra incursão e Sam agradecia a Deus que isso não fosse necessário. Já houve muito estrago e muitas vidas perdidas.

Qualquer que tenha sido o preço, Sam sabia que o tinha pago. Sally e os demais eram a sua família agora; sua primeira lealdade era para com eles. Ele deixara o casulo da empresa para trás, para sempre. Quando abriu os olhos, o Fantasma estava olhando para ele.

- Como você conseguiu sair das docas, cara pálida?

- Hart me ajudou. Não sei por que, mas ela fez isso.

- Então Haesslich deve estar morto.

- Nós dois o vimos cair no Sound. Não o vi voltar à tona. Você viu?

- Estávamos muito ocupados nos esquivando do calor da UniOil para ver alguma coisa além da saída.

Sam ficou preocupado com o tom reservado do Fantasma.

- Vocês tiveram problemas? -Não.

A negativa do Fantasma foi refutada pelos gritos dos seus companheiros de tribo. Todos disputaram o direito de recontar à parte mais difícil da fuga deles, mas o que importava era que o Fantasma fora vital para o sucesso. A agitação continuou até que Squivo aparecesse.

O elfo parecia abatido, mas ainda estava sorrindo. Ele e o Fantasma se cumprimentaram, batendo um no ombro do outro. O prazer iluminou os rostos deles, mas não disseram palavra alguma. Depois Squivo voltou-se

para Sam, segurando-o pelo ombro e o sacudindo. Inu latiu de modo defensivo até que Sam o acalmasse.

- Sr. Mobile, estou satisfeito em ver que você está aqui de novo com a gente. As circunstâncias conspiraram para liquidar com o seu plano, mas parece que tudo acabou bem. Mas por favor não me peçam para entrar de novo nos limites da Matriz da Renraku.

- Pensei que você ousaria em qualquer sistema. Qual o problema? Suas habilidades estão diminuindo?

- Não é a perda da minha capacidade o que eu temo. É o que se esconde naquela gelada pirâmide negra.

- E o que é isso, afinal?

- Uma inteligência artificial que está além do controle deles.

- O quê? Squivo, o que você está dizendo?

Squivo falou sobre sua captura e sobre a sala de espelhos, sua voz se tornando apagada enquanto ele descrevia o constructo de persona que ecoava o dele próprio. Ouvindo a história do vôo e da fuga do elfo, Sam provavelmente teria desacreditado naquilo se fosse contado por outra pessoa. Parecia outro Fantasma na história da máquina.

- Tem certeza de que era verdadeiro? - ele perguntou.

- Verdadeiro como qualquer coisa sob o céu de elétrons -Squivo confirmou em tom sério.

- Bem, não foi bom o suficiente para segurar Squivo. Você saiu, não foi?

- Nisso você fala a verdade. - O modo do elfo alterou-se do desânimo, transformando-se em verdadeiro prazer quando Sally entrou à frente dos invasores sobreviventes.

Sam a agarrou num abraço, enquanto Inu pulava em torno deles, latindo. Ele a beijou, deliciando-se no calor do corpo dela. Ela correspondeu ao beijo como se fosse o último beijo que receberia. Quando os dois se separaram, os tribais se juntaram ao redor, ansiosos para ouvirem o relato dela. Enquanto falava, Sam olhava ao redor, procurando o Fantasma, mas ele desaparecera, fazendo jus ao apelido.

Os invasores contaram suas histórias de heroísmo, seus gritos e cumprimentos, mais uma expressão de alívio por terem sobrevivido a mais uma incursão nas sombras.

- A festa é por minha conta - Sally anunciou de repente. Entre os vivos, Squivo inclinou-se e cochichou para Sam:

- As festas de vitória da lady são uma lenda.

- Que vitória? A morte não é pagamento pela morte. Só faz o ciclo prosseguir.

- Sr. Mobile, a espada da justiça castigou os culpados. As sombras de Hanae, Josh Begay e daqueles runners que trabalhavam para Hart compreendem a justiça do que foi feito.

- E esta é a vitória?

- Ah, não - o elfo riu, arrastando Sam atrás dos shadowrunners que iam saindo. - Nossa vitória é a única verdadeira. Sobrevivemos.

Na porta do prédio, Sam parou, observando Sally conduzir os runners pela rua numa parada maltrapilha, arruaceira. Estavam sujos e ensanguentados e tinham perdido bons amigos, mas sorriam. Estavam exuberantes, jubilosos por terem desafiado a morte e vencido.

Quando vários dos tribais começaram a entoar um canto, o som ecoou na cabeça dele, trazendo trechos da canção do Cão. Ele percebeu que as palavras eram um hino á vida, uma celebração de possibilidades. A canção o encheu de uma alegria a que ele se negara. Horas atrás olhara para a boca da morte, embora não tivesse sido tragado por aquela escuridão. Ele sobrevivera para voltar às sombras, onde a vida se equilibrava num fio da navalha.

Agora Sam compreendeu a alegria dos runners. Ele estava vivo! Morte e escuridão não o tinham apanhado hoje e isso era causa mais do que suficiente para a celebração. Ele se sentia livre. Seu sangue circulava e não podia mais hesitar. Afastando-se de Squivo, ele seguiu pela rua com uma dança rústica, cujos passos ia inventando à medida que caminhava. Inu corria em tomo dele, latindo seu próprio excitação.

- Venha, Squivo - Sam chamou. - Não é legal desapontar a lady.

- Por nada no mundo - Squivo respondeu, sacudindo a cabeça. Com as longas passadas de sua perna comprida, o elfo passou por Sam e começou a corrida para chegar perto de Sally.

O cão, é claro, ganhou.